



*Inglaterra, os seus parentes, seus relacionamentos, seu uile de qual... considerações*

*Muriel Wooley*

*Hotel da Copa  
Caldas da Rainha  
17. Dezembro 1946*

...sseia, apreciando boa música, ante anos, foi a Banda de Maria 5, sob a chefia com o sr. tenente Escôto, que as delicias da pleiade dos iadores, dos namorados e illidão que esquecia os seus stos íntimos, no arruamento ante e irrequieto do velho te. a vez desaparecida, mas deixado alraç de si um de aprêço e de salidade, leve de forma alguma ser luida por um conjunto in, sem que a Cidade perca nceito que se firmou. ifiamos em que as entida- ue têm a seu cargo a reso- dêsse problema, tudo farão ue a solução seja a melhor, onsequirem, como desejam,

## Ecos da Guerra

### Os emigrados em Caldas da Rainha

Inesperadamente automoveis estrangeiros começaram a parar nas ruas da cidade, enquanto muitos outros, atulhados de bagagem, se dirigiam para o sul. Os últimos actos da guerra, reflectiam-se assim na vida portuguesa, trazendo até ás nossas provincias tranqüilas, o éco dos últimos acontecimentos internacionais. Os hotéis ficaram cheios de estrangeiros: austriacos, ingleses, franceses, americanos, belgas e holandeses.

das, fornecendo-lhes alimentação, distribuindo-lhes alojamentos, amáveis, atenciosos, humanos. Logo nasceu o elogio á terra portuguesa, o reconhecimento á gente portuguesa e ao seu governo, que mantinha em paz e em ordem um País num dos raros recantos da Europa, felicidade só bem compreendida pelos que tiveram de percorrer as longas caminhadas por terras de exílio. Gente estranha, de todos credos políticos e de todas as reli-

Carolina Henriques Pereira

«Isto é o meu país [...] as Caldas a minha terra».

## Refugiados da Segunda Guerra Mundial nas Caldas da Rainha (1940-1946)

Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, orientada pela Doutora Irene Maria de Montezuma de Carvalho Mendes Vaquinhas, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2017



# Faculdade de Letras

«Isto é o meu país [...] as Caldas a minha terra».

## Refugiados da Segunda Guerra Mundial nas Caldas da Rainha (1940-1946)

### Ficha Técnica:

|                               |   |
|-------------------------------|---|
| <b>Tipo de trabalho</b>       | Dissertação de Mestrado   |
| <b>Título</b>                 | «Isto é o meu país [...] as Caldas a minha terra».<br>Refugiados da Segunda Guerra Mundial nas Caldas da Rainha (1940-1946)   |
| <b>Autor</b>                  | Carolina Henriques Pereira  |
| <b>Orientador</b>             | Doutora Irene Maria de Montezuma de Carvalho<br>Mendes Vaquinhas  |
| <b>Júri</b>                   | Presidente: Doutora Maria Alegria Fernandes Marques<br>Vogais:<br>1. Doutor Álvaro Francisco Rodrigues Garrido<br>2. Doutora Irene Maria de Montezuma de Carvalho<br>Mendes Vaquinhas |
| <b>Identificação do Curso</b> | 2º Ciclo em História  |
| <b>Área científica</b>        | História  |
| <b>Especialidade/Ramo</b>     | História Contemporânea  |
| <b>Data da defesa</b>         | 11 de julho de 2017   |
| <b>Classificação</b>          | 18 valores  |



## Sumário

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Agradecimentos</b> .....   | <b>5</b>  |
| <b>Resumo</b> .....   | <b>7</b>  |
| <b>Abstract</b> .....   | <b>8</b>  |
| <b>Introdução</b> .....   | <b>9</b>  |
| <b>Siglas e abreviaturas</b> .....  | <b>19</b> |
| <b>Capítulo 1 – (Re)pensar o fenómeno de refúgio: a assistência aos refugiados no segundo quartel do século XX</b> .....                | <b>21</b> |
| 1. A multiplicidade no apoio internacional aos refugiados .....   | 27        |
| 1.1. A Conferência de Evian (1938) .....  | 27        |
| 1.2. As organizações de auxílio internacional e o papel das entidades consulares: trabalho desenvolvido.....                            | 28        |
| 2. O caso do Cônsul Aristides de Sousa Mendes (1885-1954): uma figura prezada ou contestada?.....                                       | 32        |
| <b>Capítulo 2 – Portugal, rota de passagem e plataforma de esperança</b> .....  | <b>41</b> |
| 2.1. O «paraíso» lisboeta em contraste com o cenário apocalítico da Europa .....  | 48        |
| 2.2. As «residências fixas» .....   | 52        |
| <b>Capítulo 3 - Caldas da Rainha: de cidade termal a porto de abrigo</b> .....  | <b>56</b> |
| 3.1. O abastecimento nas Caldas da Rainha (1942-1945) .....   | 60        |
| 3.2. Espaços habitacionais dos refugiados nas Caldas da Rainha .....  | 63        |
| 3.3. Os estrangeiros vistos pela imprensa periódica: o caso da <i>Gazeta das Caldas</i> .....   | 66        |
| <b>Capítulo 4 – «Isto é o meu país, eu considero as Caldas a minha terra»: algumas histórias de vida de «turistas acidentais»</b> ..... | <b>71</b> |
| 4.1. Regime de rotação e estadia forçada .....  | 71        |
| 4.2. Estrangeiros na «residência fixa» das Caldas da Rainha: quem eram e de onde vinham? .....  | 77        |
| 4.3. Querelas entre refugiados e caldenses (1943) .....   | 98        |

|  |            |
|--|------------|
| <b>Capítulo 5 – Refugiados e caldenses: hospitalidade e sociabilidade .....</b>  | <b>101</b> |
| 5.1. O desporto como estratégia de convivência: o caso dos torneios de ténis .....   | 101        |
| <b>Conclusão .....</b>   | <b>112</b> |
| <b>ANEXOS .....</b>  | <b>116</b> |
| <b>ANEXO 1 – Fotografias e documentos relacionados com a presença de refugiados nas Caldas da Rainha (1940-1948) .....</b> | <b>116</b> |
| <b>ANEXO 2 - Lista da Relação dos Estrangeiros e Refugiados nas Caldas da Rainha (1930-1960) .....</b>                     | <b>136</b> |
| <b>Fontes e estudos .....</b>  | <b>211</b> |
| <b>Fontes Manuscritas .....</b>  | <b>211</b> |
| <b>Fontes Impressas .....</b>  | <b>212</b> |
| <b>Fontes disponíveis online .....</b>   | <b>213</b> |
| <b>Estudos.....</b>  | <b>215</b> |

## Agradecimentos

O estudo que se apresenta é o culminar de um percurso que se materializa a partir de um esforço comum o que me leva, desde já, a agradecer a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a sua realização. Os agradecimentos estendem-se, ainda, a tantos outros que não nos foi possível particularizar.

Antes de mais, agradeço profundamente a todos aqueles que comigo partilham laços de amizade. Aos meus colegas de licenciatura e mestrado, em particular, ao Sr. Hermínio Coelho de quem guardarei sempre boas recordações e a quem estarei eternamente grata, bem como à colega de sempre, Daniela Peres. Aos meus amigos de infância, Joana Faria, João Vale e Matthew Fernandes. À Patrícia, à Beatriz, à Vanessa e à Francisca o meu sincero agradecimento pelas partilhas dos últimos anos.

Agradeço ainda, a nível institucional, à Sra. D. Conceição França da FLUC pela amizade e empenho constante na procura de bibliografia. Estendo este agradecimento a todos os funcionários da Biblioteca Municipal das Caldas da Rainha, com particular incidência, à Leonor Laranjeira e à Sra. Dra. Aida Reis, assim como aos responsáveis pelo grupo de estudos Associação Património Histórico das Caldas da Rainha, sobretudo, à Sra. Dra. Isabel Xavier e à Sra. Dra. Joana Vitorino. À Câmara Municipal das Caldas da Rainha, na pessoa do seu presidente, por ter consentido a consulta da documentação necessária. O meu reconhecimento aos técnicos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, do Arquivo Distrital de Leiria, da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, do Centro Documental de la Memoria Histórica (Salamanca) e ao diretor do Clube de Ténis das Caldas da Rainha pela ajuda incansável na pesquisa e pela disponibilização das fontes.

A minha absoluta gratidão aos meus mestres. Aos professores com quem contactei diariamente ao longo do meu percurso e que me ensinaram o rigor e a exigência fundamentais à concretização de trabalhos desta natureza. Neste plano, destaco o Prof. Doutor Saul Gomes, o Prof. Doutor João Gouveia Monteiro, o Prof. Doutor Rui Bebianco e, ainda, o Prof. Doutor Hans-Richard Jahnke pela amabilidade na tradução do alemão para o português de um artigo do jornal «Aufbau». Em particular, agradeço do fundo do coração à minha orientadora, Sra. Prof. Doutora Irene Vaquinhas, por quem tenho uma enorme estima e admiração. O meu sincero agradecimento pela partilha constante de

conhecimentos, pelas oportunidades e pela confiança que sempre depositou em mim. A sua erudição e o seu empenho enriqueceram este trabalho.

Agradecimentos especiais seguem para a minha família. Aos meus irmãos, João Diogo e Vítor Hugo Pereira e às minhas cunhadas, Tânia Simões e Guida Cepas, pelo apoio e paciência demonstrados ao longo da minha vida. Um especial agradecimento pelo tempo dispensado a ouvir as minhas dúvidas e os meus receios. Aos meus pais, Maria Goreti e Vítor Carlos, por todo o amor e estima. À minha tia-avó, Maria Regina de Jesus Rosa, por ter sido o meu pilar e que tanto deu para que o meu sonho se tornasse realidade. Ao Filipe Monteiro, por ser o companheiro de todas as horas e pelos árduos ensinamentos de ténis.

À Lorena Sofia, minha pequena bibliófila, dedico este estudo. Que o amor que tem aos livros perdure e que a partir deles aprenda todos os sonhos do mundo.

## Resumo

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) legou à Europa um cenário de ruína e de devastação sem precedentes no mundo contemporâneo. Durante o conflito, a população considerada «indesejável» fora empurrada para uma espiral de terror à qual se impôs uma única solução: a fuga. Como consequência deste premeditado infortúnio, o continente europeu viu-se inundado de deslocados que almejavam, acima de tudo, a sobrevivência. As perseguições e os perigos constantes incitaram a evasão massiva de populações dos seus países de origem - onde eram, a partir de então, considerados *personae non gratae* – para outros países europeus e não-europeus. Portugal foi palco neutro e seguro destes acontecimentos e a localidade das Caldas da Rainha, à semelhança de outras zonas do litoral e centro, despiu o seu papel de cidade termal e assumiu-se como porto de abrigo de centenas de refugiados judeus e não-judeus. A presença de refugiados nas Caldas da Rainha deu-se a partir de 1940, data em que esta cidade se tornou «residência fixa» de estrangeiros fugidos da guerra.

No presente estudo, analisa-se o papel das organizações internacionais de auxílio e das entidades consulares – com destaque para o cônsul de Bordéus, Aristides de Sousa Mendes – que ajudaram, direta e indiretamente, os refugiados e privilegiam-se as relações interpessoais destes com os caldenses, desde logo, a partir de determinadas atividades partilhadas, como foram os torneios de ténis realizados entre agosto e setembro de 1943. Por outro lado, as histórias pessoais destes refugiados, arrancados à força dos seus lares, são o tema central deste trabalho. Quem eram? De onde vinham? De que fugiam? Como foram recebidos pela população caldense? São estas as perguntas às quais procurámos dar resposta. Apesar de não ter sido possível resgatar a memória de todos os refugiados, foi possível reconstituir algumas histórias encerradas no tempo. Desta análise resultou, sobretudo, um primeiro contributo científico respeitante aos refugiados da Segunda Guerra Mundial nas Caldas da Rainha, cidade que se transformou significativamente com estes «turistas acidentais».

Palavras-chave: Refugiados; séc. XX; Segunda Guerra Mundial; Portugal; «Residência Fixa»; Caldas da Rainha.

## Abstract

The Second World War (1939-1945) bequeathed Europe with a scenario of unprecedented ruin and devastation in the contemporary world. During the conflict, the population considered «undesirable» was pushed into a spiral of terror for which a single solution prevailed: escape. As a consequence of this premeditated misfortune, the European continent found itself flooded with displaced people who, above all, were seeking survival. Persecutions and constant dangers incited populations to flee from their home countries *en masse* - where they were, henceforth, considered *personae non gratae* - to other European and non-European countries. Portugal was both a safe and neutral stage for such events and the town of Caldas da Rainha, as was the case with other coastal and central areas, discarded its role as a spa and proved itself to be a safe haven for hundreds of Jewish and non-Jewish refugees. The presence of refugees in Caldas da Rainha occurred as from 1940, a time when this town became a «permanent residence» for foreigners escaping the war.

The present study consists of an analysis of the role of international aid organizations and consular entities - with an emphasis on the consul of Bordeaux, Aristides de Sousa Mendes - which directly and indirectly helped refugees, and right from the beginning, interpersonal relationships were favoured between the latter and the people of Caldas da Rainha («caldenses»), through some shared activities, such as the tennis tournaments held between August and September 1943. On the other hand, the personal stories of these refugees, torn from their homes, are the central theme of this work. Who were they? Where did they come from? What were they running from? How were they welcomed by the people of Caldas da Rainha? These are the questions we tried to answer. Even though it was not possible to recapture the memory of all the refugees, we were able to reconstruct some stories that were locked in time. This analysis resulted, mainly, in a first scientific contribution concerning World War II refugees in Caldas da Rainha, a town which was significantly transformed by these «accidental tourists».

Keywords: Refugees; 20<sup>th</sup> century; World War II; Portugal; «Permanent Residence»; Caldas da Rainha.



## Introdução

O tema dos refugiados judeus e não-judeus provenientes do continente europeu na sequência da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) tem sido explorado em larga escala, nas últimas décadas, pelos mais variados autores internacionais e nacionais, cujos estudos permitiram que se fosse construindo uma narrativa sólida e consistente quanto à fuga, passagem e permanência de milhares de pessoas por toda a Europa durante este período. O cenário apocalíptico que se vivia na Europa levou a que milhares de pessoas fugissem dos seus países e abdicassem forçosamente da vida que idealizaram, indo ao encontro de refúgio e de asilo em lugares seguros e, sobretudo, em países onde a guerra ainda não havia penetrado. Em muitos casos, estas pessoas foram obrigadas a fugir ainda antes de rebentar a guerra pois eram perseguidas e alvo de vexames públicos, ordenados pelas chefias totalitárias e fascistas. Ao mesmo tempo, outras viram na fuga o único meio de sobreviverem ao alastramento do conflito, uma vez que muitas haviam sido desprovidas das suas identidades – passando a designar-se «apátridas» - e, com isso, tornaram-se *personae non gratae*, indesejáveis aos olhos dos governos da maioria dos países europeus que se queriam ver livres delas o mais rápido possível.

Portugal foi um dos países que, de forma permanente, tentou impedir a entrada e estada destes refugiados que considerava serem um inconveniente político, mas sobretudo, uma ameaça socioeconómica. Por conseguinte, e devido ao facto de esta ser uma temática vastíssima que integra o universo da História europeia do século XX e incorpora, em simultâneo, todo um contexto de refúgio à escala global, o nosso objeto de estudo centrar-se-á no caso português, mais especificamente, na análise da presença de refugiados nas Caldas da Rainha, localidade balnear e termal da região centro que carece de um estudo aprofundado nesta matéria pois acolheu centenas de refugiados durante este período<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> A cidade das Caldas da Rainha tem uma longa história e uma vasta ligação a fenómenos de refúgio, inclusive, anteriores ao que nos propomos estudar. No início do século XX, nos anos de 1901 a 1902, esta cidade acolheu cerca de 300 refugiados Boers que estiveram instalados no Hotel Termal, nos Pavilhões do Parque e, ainda, em casas particulares, na sequência da Guerra Anglo-Boer (1899-1902). Veja-se, a este propósito, o artigo publicado na *Gazeta das Caldas*, da autoria de Carlos Cipriano, intitulado «Os refugiados Boers nas Caldas da Rainha no princípio do séc. XX» (*Gazeta das Caldas*, 15/05/2015, p. 23-26) e ainda, mais recentemente, o escrito de Luís Pedro Cabral na revista *Visão História* relativo aos refugiados sul-africanos que chegaram a Portugal, em 1901 (*Visão História* nº 32, p. 24-25). Outro escrito que versa esta temática é da autoria de João B. Serra, «Boers nas Caldas», publicado em SERRA, João B.

Recentemente, publicámos um pequeno artigo intitulado «A presença de refugiados nas Caldas da Rainha durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)» (2016) nos *Cadernos de Estudos Leirienses* nº 8, revista que tem como objetivo primordial a divulgação e publicação de trabalhos que versem sobre a região alargada do distrito de Leiria e alguns territórios limítrofes, como é o caso específico de Ourém. Este texto havia sido desenvolvido na sequência de um trabalho a apresentar a uma unidade curricular do nosso primeiro ano de mestrado e foi orientado pela professora e historiadora Irene Vaquinhas. Até à sua publicação existiam apenas algumas referências à presença de refugiados nas Caldas da Rainha (em obras reconhecidas, artigos científicos e de divulgação) e um catálogo elaborado com base numa exposição-colóquio intitulada *Marcas da II Guerra em Caldas da Rainha* (1998), publicado pelo Património Histórico, constituído, sobretudo, com recurso a jornais, revistas e testemunhos orais de portugueses e refugiados. Porém, é por se ter consciência do quanto falta estudar em relação a esta «residência fixa» que nos propomos a elaborar este trabalho.

Não obstante, o nosso estudo é devedor do labor científico e intelectual de muitos autores que têm investigado e escrito sobre o tema. Salientam-se, nesta área de estudo, os trabalhos produzidos nos últimos anos por Eberhard Axel Wilhelm, que incidem particularmente nas relações culturais germano-madeirenses, incluindo estudos acerca da presença de refugiados alemães na ilha da Madeira. Veja-se, a título de exemplo, o artigo «17 anos de exílio na Madeira. Um casal alemão refugiado de Hitler chegou cá há 50 anos» (1987), no qual o autor explora a presença de um casal alemão que esteve refugiado no Funchal ao longo de dezassete anos, mantendo, no entanto, o anonimato do casal a pedido deste; veja-se o caso do texto da autoria da historiadora alemã Christa Heinrich, «Preservar do esquecimento. Refugiados na região de Coimbra e da Curia» (1995), no qual esta analisa a presença de refugiados polacos e de algumas famílias nessas zonas de «residência fixa». Curiosamente, um casal de refugiados que esteve e permaneceu em Coimbra – Paul Stricker e a portuguesa Adelaide dos Santos (Stricker) – tinham residido anteriormente, entre 1942 e 1943, nas Caldas da Rainha; tal como, um pequeno livro de José Caré Júnior com o título *Ericeira 50 anos depois...os refugiados estrangeiros da 2ª Guerra Mundial* (3ª ed., 1998), no qual o autor procura analisar e compreender a presença

---

– *21 anos pela história: Caldas da Rainha, estudos, notas e documentos*. Caldas da Rainha: Património Histórico, 2003, p. 561-564. Nas Caldas da Rainha estiveram ainda refugiados alemães detidos durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

de refugiados na região da Ericeira; e ainda, o trabalho da historiadora Irene Vaquinhas, intitulado «Huyendo de la Guerra Civil: los refugiados españoles en Figueira da Foz (1936-1939)» apresentado no XII Congreso de la Asociación de Historia Contemporánea (2015) e publicado em atas, relativo a refugiados espanhóis fugidos do conflito civil em Espanha que se fixaram na Figueira da Foz.

A par destes estudos destacam-se dezenas de obras de carácter geral, de artigos, de catálogos de exposição e de livros de memórias de diversos autores que se têm dedicado, nas últimas décadas, a este tema. Contudo, torna-se fundamental destacar alguns dos trabalhos levados a prelo por alguns destes autores para que melhor se compreenda qual o papel e a importância que assumiram na construção desta memória de refúgio, no fundo, da memória comum europeia.

A obra do historiador alemão Patrick Von Zur Mühlen, *Fluchtweg Spanien-Portugal: die deutsche Emigration und der Exodus aus Europa 1933-1945* (1ª ed. alemã, 1992), publicada recentemente em português - *Caminhos de fuga Espanha-Portugal. A emigração alemã e o êxodo para fora da Europa de 1933-1945* (2012) -, revelou-se um trabalho de extrema importância para a compreensão da(s) rota(s) de fuga e de passagem de refugiados provenientes da Alemanha nazi que atravessaram as fronteiras de França, Espanha e Portugal, desde a ascensão de Hitler até ao término da guerra, em busca de auxílio – em grande parte atribuído pelas diversas organizações de apoio internacional - procurando a sobrevivência. Todavia, este trabalho não representou um estudo consistente da presença de refugiados no país. Antes procurou explicitar os caminhos de fuga utilizados. Como refere João Paulo Avelãs Nunes, historiador e autor do prefácio a esta edição portuguesa, este trabalho é igualmente indispensável pois trata-se do «(...) primeiro estudo de natureza historiográfica sobre o relacionamento — activo e passivo, directo e indirecto — do Estado Novo e de Portugal com o Holocausto»<sup>2</sup>.

Fritz Teppich, jornalista alemão de ascendência judaica e combatente da resistência antifascista, publicou uma breve autobiografia, em jeito de livro de memórias, intitulada *Um refugiado na Ericeira* (1999). Nesta obra, o autor narra a sua passagem pela «residência fixa» da Ericeira, descrevendo as dificuldades que sentiu ao chegar a Portugal («gente como eu, sem um tostão, que tinha conseguido através de muitas dificuldades

---

<sup>2</sup> MÜHLEN, Patrik von zur – *Caminhos de fuga Espanha-Portugal. A emigração alemã para fora da Europa de 1933-1945*. Coimbra: IUC, 2012, p. 9.

chegar a Portugal, era exceção. A maioria chegara antes de 1941/42 com vistos de trânsito; mais tarde, vieram outros por muitos caminhos ínvios, pela mão de ‘profis’ e a troco de muito dinheiro»<sup>3</sup>) e os conflitos que teve com a polícia política que o conduziram ao Aljube, onde viria a travar amizade com figuras proeminentes do PCP, como foi o caso do comunista Joaquim Pires.

A dissertação de mestrado de Ansgar Schaefer, *Portugal e os refugiados judeus provenientes do território alemão (1933-1940)*, finalizada em 2000 e publicada em 2014 pela Imprensa da Universidade de Coimbra, concretiza um esforço de análise da presença de refugiados alemães em Portugal. À época tratou-se, como refere o autor, do «primeiro estudo académico monográfico, escrito em língua portuguesa, sobre a temática da percepção e recepção dos refugiados alemães em Portugal antes e durante os primeiros anos da 2ª Guerra Mundial»<sup>4</sup>. Este é um estudo notável que analisa dois elementos fulcrais e que marcaram a realidade deste período: o universo da concessão de vistos e as inúmeras dificuldades sentidas no quotidiano pelos refugiados na sua obtenção. A travessia de fronteiras e o projeto apresentado pelas organizações judaicas a Salazar, propondo uma colonização israelita de Angola e fazendo, assim, infletir o número de judeus que emigrariam para Portugal, são também temas tratados neste estudo. No entanto, apesar da relevância das inúmeras propostas internacionais para a colonização de territórios portugueses por judeus, esta é uma temática que não exploraremos no nosso trabalho.

Merece especial destaque um outro trabalho, sobretudo pela importância que assumiu no aprofundamento do estudo da presença dos refugiados judeus em Portugal. A obra de que falamos é da autoria da historiadora Irene Flunser Pimentel e intitula-se *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial. Em fuga de Hitler e do Holocausto* (2006). Esta investigação foi de tal modo inovadora que foi distinguida com o Prémio Pessoa, um ano após a sua publicação. Justifica-se a importância que lhe é dada pois esta obra assume-se como o trabalho mais completo e rigoroso, ao nível da historiografia portuguesa, no que concerne ao estudo dos judeus refugiados que por aqui passaram e, em alguns casos, aqui se fixaram e estabeleceram. Poucos anos volvidos desta publicação, esta autora dá ao prelo conjuntamente com Cláudia Ninhos o livro *Salazar, Portugal e o*

---

<sup>3</sup> TEPPICH, Fritz – *Um refugiado na Ericeira*. Ericeira: Mar de Letras, 1999, p. 17-18.

<sup>4</sup> SCHAEFER, Ansgar – *Portugal e os refugiados judeus provenientes do território alemão (1933-1940)*. Coimbra: IUC, 2014, p. 9.

*Holocausto* (2013). Neste trabalho, as autoras não pretenderam focar a sua análise unicamente na presença de refugiados no país, mas antes tentaram inserir Portugal nas problemáticas relacionadas com a guerra e o Holocausto. Não obstante, Irene Pimentel preocupou-se, em ambos os escritos, em «dar voz e corpo» aos refugiados, assumindo a sua presença e descortinando, sempre que possível, as suas histórias pessoais. Estas obras são-nos particularmente fundamentais pois reservam algumas páginas à análise da «residência fixa» das Caldas da Rainha, que nos cabe aqui desenvolver.

Com particular incidência na ligação dos judeus com o período salazarista, indica-se, ainda, como indispensável a obra de Avraham Milgram, *Portugal, Salazar e os Judeus* (2010). Este estudo, traduzido do texto hebraico, foi uma mais-valia pois permitiu aos estudiosos e aos investigadores portugueses contactar com este tema a partir da perspectiva de análise de um dos mais influentes investigadores internacionais do Holocausto. Nesse trabalho, o autor confronta as diversas ligações de Portugal com o povo judeu (desde a sua expulsão em quatrocentos na sequência de um édito de D. Manuel I ao seu acolhimento durante o Estado Novo) construindo, para o período ditatorial, uma visão de um Portugal estruturalmente mais tolerante. Defende que a hospitalidade portuguesa no período salazarista representou um *volte-face* e derivou não somente da aflição da guerra, mas foi, igualmente, um momento em que o país se sentiu na responsabilidade de «reabilitar» os judeus e, em simultâneo, de se penitenciar pelo mal causado pela Inquisição séculos antes. Portugal tinha agora uma oportunidade de se redimir e de acolher os «indesejáveis» da Europa. Contudo, e apesar desta aparente ausência de antissemitismo, nem sempre os judeus foram bem aceites na sociedade portuguesa. Como refere este autor, a crescente proibição da entrada e do estabelecimento no país de judeus não se prendia com a sua «identidade judaica», mas antes com as posições político-ideológicas e de modernidade que advinham dos estrangeiros em geral. Assim, Avraham Milgram remata dizendo que: «a atitude de Portugal para com os judeus no período do Holocausto baseou-se neste critério e não em considerações anti-semitas vigentes em muitos países nessa época [veja-se, por exemplo, o Brasil que era bastante hostil para com os judeus]. Não quero com isto afirmar que o regime de Salazar era isento de anti-semitismo, mas que não foi este que guiou a sua política face aos judeus»<sup>5</sup>. A posição assumida por Portugal em relação aos judeus foi balanceando consoante as circunstâncias e fundamentou-se na constante relação de poderes externos e no interesse nacional,

---

<sup>5</sup> MILGRAM, Avraham – *Portugal, Salazar e os Judeus*. Lisboa: Gradiva, 2010, p. 16.

valorizando, sobretudo, a *realpolitik* acima de tudo o resto e vetando, em diversas ocasiões, o auxílio aos judeus e, inclusive, aos refugiados não-judeus.

O artigo de Susana Chalante, «O discurso do Estado Salazarista perante o ‘indesejável’ (1933-1939)» (2011), analisa a posição e a reação do governo português face à presença de estrangeiros - judeus, russos, apátridas -, rotulando-os de «invasores» e de «indesejáveis». Este é um artigo que parte da análise da legislação e das diretivas e circulares internas produzidas pelo Estado Novo e que contribui, de forma efetiva, para a compreensão do fenómeno de refúgio em Portugal logo após a ascensão de Hitler. Convém, ainda, lembrar o trabalho desenvolvido por Esther Mucznik intitulado *Portugueses no Holocausto* (2012), uma obra que explora histórias pessoais de portugueses vitimados pelo Holocausto - judeus naturais dos países ocupados que haviam preservado a sua ascendência portuguesa – sem nunca esquecer a importância da neutralidade portuguesa, sobretudo, no salvamento dos cerca de 3000 judeus residentes em Portugal e no acolhimento de milhares de refugiados. Siegfried Rosenthal, estrangeiro refugiado nas Caldas da Rainha em 1942, é referenciado nesta obra.

Mais recentemente, Irene Pimentel publicou em coautoria com Margarida de Magalhães Ramalho - autora de duas obras fundamentais que destacam a presença de refugiados em Portugal: *Lisboa uma cidade em tempo de guerra* (2012) e, a nível local, *Vilar Formoso - Fronteira da Paz* (2014), uma obra que prima pela investigação relativa à passagem e à presença de refugiados em Portugal, durante a Segunda Guerra Mundial. Prevê-se que nesta localidade venha a surgir um Pólo Museológico com a mesma designação atribuída à obra desta autora. Este projeto dedicado à passagem dos estrangeiros pelo país não se encontra ainda efetivado, apesar da sua finalização ter sido prevista para o ano de 2016 - uma obra de valor incalculável que explora pela primeira vez, com recurso a documentos inéditos e entrevistas a sobreviventes e seus familiares, a história de um comboio com 293 passageiros judeus vindo do Luxemburgo que, por decisão do governo português, não atravessou a fronteira de Vilar Formoso e, com isso, não chegou ao seu destino: Portugal. Esta determinação do governo de Salazar levou a que estes passageiros tivessem que retornar a França e, em alguns casos, ao palco de guerra. Muitos acabariam as suas vidas em campos de internamento franceses ou noutras paragens, enquanto outros morreriam nos campos de extermínio da Europa. Esta obra é fundamental pois desconstrói a ideia largamente difundida de que Salazar salvou, através

das fronteiras portuguesas, todos os refugiados judeus e não-judeus que a Europa violentou e expulsou durante a guerra.

Nos últimos anos, a par da publicação de diversos estudos e obras que versam este tema têm sido redigidos textos (in)formativos e realizadas conferências, colóquios e exposições com o intuito de preservar a memória histórica associada a este fenómeno e, simultaneamente, consciencializar e doutrinar a população para a tolerância e complacência, sentimentos que tanto caracterizaram a atitude de Portugal face à presença de estrangeiros e refugiados. Recorde-se, de forma concisa, o destaque *Página de História* nº 13 publicado pela *Gazeta das Caldas* - «Caldas da Rainha e os refugiados da II Grande Guerra» (1991) – que reúne relatos de portugueses e de refugiados e congrega diversas notícias referentes à presença de refugiados nessa localidade, publicadas por este periódico ao longo do tempo.

Por outro lado, a exposição promovida pelo Goethe-Institut em vários locais do país, como Lisboa e Coimbra, em 1995 – *Fugindo a Hitler e ao Holocausto. Refugiados em Portugal entre 1933-1945* – inclui-se no quadro dos inúmeros eventos realizados a propósito de Lisboa Capital Europeia da Cultura (1994). Esta mostra contribuiu, de forma positiva, para o princípio de um ciclo de diálogo das relações luso-germânicas e, sobretudo, para a criação de uma plataforma mnemónica que valorizasse a presença de refugiados em Portugal e destacasse a importância assumida pelas «residências fixas» no seu acolhimento. Nas Caldas da Rainha, o grupo de estudos do Património Histórico organizou uma exposição-colóquio denominada *Marcas da II Guerra em Caldas da Rainha* (1998) e, mais recentemente, foi elaborada uma exposição da responsabilidade da Embaixada da Polónia em Lisboa, que esteve patente na Casa do Paço na Figueira da Foz, intitulada *Os Refugiados polacos em Portugal nos anos de 1940-1945* (2016).

Todos estes estudos científicos e de divulgação histórica culminaram num esforço comum de compreender o fenómeno de refúgio na Europa e, essencialmente, de analisar o modo como este se alastrou e fixou durante largas décadas, em Portugal. Como tal, devemos a todos os investigadores que se dedicaram a este tema um sentido e caloroso agradecimento, consciente de que o estudo a que nos propomos só é possível, em parte, devido ao seu valioso trabalho.

## **O objeto de estudo: propostas e problemáticas**

O estudo que aqui se propõe acomoda um desafio pessoal e encontra-se aliado a um desejo constante de analisar uma problemática que destaca a riqueza histórica de uma localidade pertencente à região de Leiria. A nossa *patris casa* - a nossa «pátria», ou seja, a terra de que somos originários -, tal como a definiu o autor de um dos textos da coletânea latino-macarrónica *Palito Métrico* (1746), é o local onde o nosso coração reside e, muitas vezes, é este que dita a predileção e a sensibilidade do investigador na hora de perscrutar e definir diretrizes de trabalho. Mesmo assim sendo, e apesar da ligação afetiva que nos une a esta região, consideramos que a análise que se pretende desenvolver não é de somenos. Antes se destaca como contributo para a construção de um discurso alargado que permita estabelecer uma plataforma de conexão entre as várias «residências fixas» dispersas pela zona centro do país. O estudo deste caso específico – a cidade das Caldas da Rainha - bem como os restantes casos estudados ou a aguardar o seu investigador, permitirá alargar o conhecimento referente à presença de refugiados nesta localidade e, em simultâneo, possibilitará um maior aprofundamento da temática do refúgio no segundo quartel do século XX, em Portugal.

Este trabalho apresenta-se como proposta de estudo e será organizado com recurso a temas que se considera serem cientificamente os mais adequados e estimulantes. Com isto pretende dizer-se que, tal como acontece na realização de outros ensaios, este possui o seu grau de subjetividade pois acaba por privilegiar certos conteúdos e seguir determinadas abordagens, em detrimento de tantas outras possíveis. É um estudo que pretende seguir uma visão holística do fenómeno de refúgio nas Caldas da Rainha, sem nunca esquecer as limitações às quais está sujeito. Desta forma, e pelo facto de se estar consciente das dificuldades inerentes a este trabalho – limitações a nível documental, sobretudo - este deve ser visto como um contributo para a análise e compreensão do fenómeno de refúgio em Portugal. Em simultâneo, visa criar um suporte (i)material para a valorização do acolhimento de refugiados pela população caldense.

Para a realização deste trabalho foi utilizada bibliografia nacional e internacional atualizada, sobretudo, para a parte de contextualização histórica na qual iremos recorrer a análises já feitas por outros autores e a documentos já várias vezes referidos por estes nos seus estudos (caso das Circulares emitidas pelo governo português). Não obstante, para o caso concreto do estudo da «residência fixa» das Caldas da Rainha, utilizaremos fontes do Arquivo da Câmara Municipal das Caldas da Rainha, documentos do fundo do



Governo Civil de Leiria depositado no Arquivo Distrital de Leiria e documentação inédita pertencente ao espólio do Arquivo Histórico da Biblioteca Municipal das Caldas da Rainha. Além destas, utilizar-se-ão fontes disponibilizadas online pelos arquivos americanos American Jewish Joint Distribution Committee e Aristides de Sousa Mendes Foundation. O grosso da documentação consultada é proveniente do Arquivo Histórico da Biblioteca Municipal: são documentos administrativos (caso dos ofícios da PVDE/PIDE, e ofícios e atas camarárias), correspondência recebida e expedida, circulares e normas internas emitidas pelo governo português, autorizações de estadia e de residência, vistos por 30 dias em passaporte, listas manuscritas de estrangeiros para vários períodos e, ainda, três raros testemunhos escritos por caldenses onde se denota uma clara animosidade entre estes e alguns refugiados, permitindo-nos desconstruir a ideia largamente difundida de uma tranquilidade reinante entre os estrangeiros e a população local. Encontram-se, igualmente, documentos referentes à presença de refugiados nesta localidade na documentação do Governo Civil de Leiria (Arquivo Distrital de Leiria), mais especificamente, na correspondência recebida sobre estrangeiros radicados no distrito.

No que concerne à imprensa periódica portuguesa da época, incidir-se-á, sobretudo, na análise do *Diário de Lisboa* (para a primavera/verão de 1940 e 1943), da *Gazeta das Caldas* (desde 1939 a 1950) e do jornal portuense *O Primeiro de Janeiro* (1943) para completar informações recolhidas na documentação e, em simultâneo, para demonstrar de que forma era noticiada a presença dos estrangeiros nas Caldas da Rainha. Faremos recurso, ainda, de um artigo publicado pelo jornal de judeus alemães exilados nos EUA – *Aufbau* - intitulado «Lissabon – 1940. Beim portugiesischen Flüchtlings-Kommissar» («Lisboa – 1940. Uma visita ao Comissário dos refugiados [Augusto d' Esaguy]»), do qual temos acesso a uma tradução realizada, a nosso pedido, pelo Prof. Doutor Hans-Richard Jahnke, docente universitário em Coimbra, e a quem desde já agradecemos penhoradamente. A publicação *American Jewish Year Book* (vols. 42, 43 e 44), que se analisará, é particularmente importante pois apresenta estatísticas anuais que nos auxiliam na tentativa de compreender quantos judeus refugiados se encontravam em Portugal, em determinado ano.

Para finalizar, o trabalho reparte-se em cinco capítulos: num momento inicial incidimos o nosso estudo na contextualização do fenómeno de refúgio na Europa e em Portugal, no segundo quartel do século XX, passando pelas disposições universais que

visaram o auxílio direto e indireto aos refugiados, antes, durante e após o término da guerra, bem como, exploramos, de forma sucinta, a intervenção das organizações de auxílio internacionais judaicas e não-judaicas e o papel assumido pelos cônsules durante este período migratório, focando a nossa análise no cônsul português em Bordéus, Aristides de Sousa Mendes. Numa segunda fase, explorar-se-á a emigração para Portugal e a situação de sobrelotação de Lisboa com a chegada da enorme leva de refugiados vindos da Europa, fugidos de perseguições ráticas e/ou políticas e da guerra. Lisboa era, neste período, um «paraíso triste» devido à guerra e à presença de certos refugiados, como definiu Antoine de Saint-Exupéry no seu texto *Lettre à un Otage* (1943). Esta situação de sobrelotação levou, inevitavelmente, à concentração de centenas destas pessoas em localidades fora da capital – nas zonas de «residência fixa». Nos capítulos seguintes, pretende-se analisar o estudo de caso da «residência fixa» das Caldas da Rainha, cidade que acolheu centenas de refugiados e estrangeiros durante a Segunda Guerra Mundial e que carece, ainda hoje, de um estudo histórico rigoroso. Analisaremos, numa fase inicial, a transição das Caldas de cidade termal a localidade porto de abrigo e o consequente desenvolvimento da cidade com a presença dos refugiados – em questões de aumento populacional da cidade, de abastecimento e de habitação. Por outro lado, explorar-se-ão histórias de vida de alguns deles, bem como, a sociabilidade nas Caldas com a realização dos torneios de *Lawn-Tennis* disputados por estrangeiros e caldenses.

São, portanto, estas as propostas e problemáticas de análise que investigaremos e, a partir delas, propomo-nos realizar um estudo que vise a valorização desta região enquanto local de acolhimento de refugiados e que preserve a memória da presença e da convivência entre refugiados e caldenses, nunca esquecendo o modo hospitaleiro e solidário como estes últimos acolheram os primeiros.

## Siglas e abreviaturas

|            |  |
|------------|--|
| ACMCR      | Arquivo da Câmara Municipal das Caldas da Rainha                     |
| ACNUR      | Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados               |
| ADLRA      | Arquivo Distrital de Leiria  |
| AFSC       | American Friends Service Committee                                   |
| AHBMCR     | Arquivo Histórico da Biblioteca Municipal das Caldas da Rainha       |
| AJYB       | American Jewish Year Book  |
| ANUAR      | Administração das Nações Unidas para o Auxílio e o Restabelecimento  |
| COMASSIS   | Comissão Portuguesa de Assistência aos Judeus Refugiados             |
| CIL        | Comunidade Israelita de Lisboa                                       |
| DL         | <i>Diário de Lisboa</i>  |
| ERC        | Emergency Rescue Committee   |
| FMS        | Fundação Mário Soares  |
| GC         | <i>Gazeta das Caldas</i>   |
| GCL        | Governo Civil de Leiria  |
| HIAS-HICEM | Hebrew Immigrant Aid Society   |
| JOINT      | American Jewish Joint Distribution                                   |
| LBI        | Leo Baeck Institute  |
| MNE        | Ministério dos Negócios Estrangeiros (português)                     |
| OIR        | Organização Internacional para os Refugiados                         |
| ONU        | Organização das Nações Unidas  |
| OPJ        | <i>O Primeiro de Janeiro</i>   |
| PIDE       | Polícia Internacional e de Defesa do Estado                          |
| PSP        | Polícia de Segurança Pública   |
| PVDE       | Polícia de Vigilância e de Defesa do Estado (a partir de 1945, PIDE) |
| USC        | Unitarian Service Committee  |
| SDN        | Sociedade das Nações   |

---

|       |                   |
|-------|-------------------|
| WRB   | War Refugee Board |
| col.  | Coluna            |
| cx.   | Caixa             |
| doc.  | Documento         |
| docs. | Documentos        |
| fl.   | Folha             |
| l.    | Livro             |
| ls.   | Livros            |
| p.    | Página            |

---

## Capítulo 1 – (Re)pensar o fenómeno de refúgio: a assistência aos refugiados no segundo quartel do século XX

Num momento em que a Europa atravessa uma crise migratória à escala global, a temática do refúgio surge como questão premente nas agendas políticas europeias e mundiais. A crise dos refugiados, a que hoje se assiste, despoletou-nos o interesse pelo estudo deste fenómeno, associado não só à fuga massiva de populações de um determinado local para outro, mas igualmente a situações de guerra e de catástrofes naturais, materiais e humanas. Para definir o fenómeno de refúgio é necessário, mais do que explicitar a travessia de fronteiras, clarificar o contexto em que esse mesmo «refúgio» teve origem. Ao longo da história, os conflitos bélicos e os imediatos pós-guerra assumiram-se enquanto principais detonadores das enormes deslocações de populações. Não obstante, o tipo de refúgio ao qual se assiste no século XX é indissociável de fenómenos como o racismo, a xenofobia e, sobretudo, o antissemitismo.

No segundo quartel do século XX, o continente europeu foi palco da maior devastação humana e material de que há memória, atingindo-se um grau de desumanidade sem precedentes. As incontáveis movimentações de pessoas fugidas da discriminação, da guerra, da fome e da pobreza, representam uma parcela de tamanha devastação. Uma grande parte dos afetados por estas calamidades acabaria por se refugiar noutros países da Europa que não os seus por tempo indeterminado. Alguns acabaram por morrer e muitos retornaram a casa no fim do conflito. Contudo, milhares destes refugiados conseguiriam salvar-se atravessando fronteiras cercadas pelo ódio, permanecendo e fixando-se para sempre noutros países europeus e não-europeus (caso da América do Norte e do Sul), não regressando mais aos seus países de origem. Ora porque tinham receio de um futuro ressurgimento do conflito ou então porque se tinham integrado no país em que haviam sido acolhidos. De qualquer modo, o medo tinha-se incrustado de tal forma no quotidiano destas populações que, mesmo no pós-guerra, a incerteza era o sentimento reinante.

O que é certo é que, em poucos anos, o continente europeu, com especial incidência para a Alemanha, produziu um *modus vivendi* onde imperavam sentimentos antissemitas que, rapidamente, geraram ódios exacerbados no seio das populações

nacionais<sup>6</sup>. A ascensão da Alemanha nazi, em 1933, e as consequentes regulamentações discriminatórias e raciais, determinaram o espectro da realidade histórica europeia deste período. Em 1935, na sequência da promulgação das Leis de Nuremberga dá-se um novo fluxo migratório na Europa que só viria a ser numericamente ultrapassado durante os períodos da guerra e do pós-guerra. É difícil saber exatamente, ainda hoje, quantas pessoas deambularam pela Europa entre os anos de 1930 a 1945. Todavia, «calcula-se que, em Maio de 1945 [término do conflito], mais de 40 milhões de pessoas se encontravam deslocadas na Europa, excluindo os alemães que fugiam do exército soviético que avançava para leste e os estrangeiros que eram trabalhadores forçados na própria Alemanha»<sup>7</sup>.

Logo, se se tivesse que contabilizar tanto estes como outros grupos de refugiados, o número crescia de forma exponencial. Para aqueles que pretendiam regressar aos seus países de origem, a situação não se revelara uma tarefa mais simples do que havia sido antes. Por outro lado, o seu regresso permanecia tão penoso como a sua fuga, uma vez que, com o fim da guerra a Europa via-se a braços com um problema de sobrelotação humana que suplantava a capacidade de resposta desta para com todos aqueles milhões de pessoas que imploravam por auxílio. Daí que muitas destas pessoas só tivessem conseguido sair dos seus países de acolhimento e/ou de trânsito alguns meses ou até anos

---

<sup>6</sup> O antissemitismo na Alemanha não era uma novidade da década de 1930, antes remonta a períodos anteriores. Em Berlim, o desenvolvimento do designado «antissemitismo moderno» havido tido a sua origem nos anos de 1870. Nos finais do século XIX, já se distinguiam na Alemanha dois tipos de antissemitismo: o antissemitismo cristão e antiliberal que assumia o seu ódio aos judeus como uma questão meramente de ética social; e o antissemitismo racista nacionalista, que viria a triunfar alguns anos volvidos e que teria como principal representante Houston Stewart Chamberlain. Durante a República de Weimar (1919-1933), apesar dos judeus terem obtido direitos de igualdade civil, assiste-se à instrumentalização política do antissemitismo e, consequentemente, a um agravamento da discriminação racial que se traduziu na saída de milhares de judeus da Alemanha. O fracasso da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, a lenda da «facada nas costas» e a humilhação do tratado de Versalhes, criou a imagem do judeu fraudulento e manipulador, no fundo, o judeu era visto como aquele que «manipulava os fios que controlavam as marionetas nacionais e internacionais do sistema económico e político, onde os Alemães eram os vencidos». ERIKSEN, Trond Berg et alli – *História do anti-semitismo da antiguidade aos nossos dias*. Lisboa: edições 70, 2010, p. 388. Com a ascensão de Hitler, o antissemitismo intensificou-se e a sua instrumentalização levou o ódio à rua e materializou-se através das perseguições, *pogroms* e expropriações. Tudo isto conjugado, permitiu o desenvolvimento de uma cultura antijudaica e antissemita, facilitando a segregação no seio das populações.

<sup>7</sup> *A situação dos refugiados no mundo 2000: cinquenta anos de acção humanitária*. Nova Iorque: ACNUR, 2000, p. 13.

após 1945 e, em grande medida, devido à ação das diversas organizações de auxílio que continuaram a atuar no terreno, em muitos casos, até aos anos de 1950.

Todavia, quando é que a questão do refúgio começa a ser equacionada como um problema de cariz internacional? Se é verdade que a tomada de consciência da questão relativa aos refugiados é já uma preocupação no pós-primeira guerra mundial<sup>8</sup>, pode afirmar-se que só posteriormente esta inquietação se materializa, sobretudo, com a concretização de um projeto internacional de auxílio humanitário que antecederia o que viria a ser o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), criado em 1950.

Ainda antes do estabelecimento e formalização da Organização das Nações Unidas (criada em 1945), os Aliados (incluindo a U.R.S.S.) criaram uma organização de assistência destinada a auxiliar todos aqueles que se encontravam deslocados dos seus países devido, sobretudo, ao embrutecimento e ao alastramento da guerra. A concretização deste projeto, anterior ao fim do conflito, tinha a pretensão de apoiar as pessoas fugidas da guerra e não somente os refugiados. «Detentora de um vasto mandato de assistência para auxílio e reabilitação das zonas devastadas, a ANUAR [Administração das Nações Unidas para o Auxílio e Restabelecimento, 1943] não foi criada especificamente como organização de refugiados. Prestava assistência a todos os que se encontravam deslocados devido à guerra e não apenas aos refugiados que tinham fugido dos seus países»<sup>9</sup>.

Ora, esta dicotomia entre «deslocado» e «refugiado» permanece um tanto ou quanto dúbia, pois torna-se impossível classificar, nominal e numericamente, quais os indivíduos que fugiram da guerra por se sentirem inseguros e com receio de serem apanhados numa espiral de terror e, em contrapartida, saber quem foram os que se viram obrigados a fugir dos seus países e a procurar proteção, leia-se refúgio e/ou asilo, na sequência de *pogroms*, de discriminação racial, das apropriações das suas habitações e

---

<sup>8</sup> A Sociedade das Nações (SDN) foi criada em 1919, na sequência da Assinatura de um Pacto entre nações vitoriosas no pós-primeira guerra mundial e estabeleceu, pela primeira vez, as linhas mestras de uma preocupação internacional latente – a questão dos refugiados – provenientes, na sua maioria, do desmembramento dos velhos impérios europeus. Veja-se, para aprofundamento, os Arts. 22º, 23º (5) e 25º do Pacto da SDN. <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-Internacionais-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-1919-a-1945/pacto-da-sociedade-das-nacoes-1919.html> (consultado a 26/10/2016 às 16h39).

<sup>9</sup> *A situação dos refugiados no mundo 2000...*, 2000, p. 14.

bens, de invasões e/ou de completas destruições das suas aldeias, vilas ou cidades<sup>10</sup>. Tal como é difícil saber, de entre todas estas pessoas, as que possuíam ascendência judaica e as que não. Se se consultarem alguns dicionários oitocentistas e novecentistas é possível observar que as noções de «refúgio» e de «refugiado» não apresentaram alterações substanciais que permitam clarificar esta distinta nomenclatura. Veja-se, a exemplo, a entrada «Refugio» *do Novo Dicionario da Lingua Portuguesa* (1853) da autoria de Eduardo de Faria: «(...) Refugio é uma acolheita, um recurso contra a afflicção, o perigo, um mal presente» sendo que «o asylo é uma protecção, uma defesa contra a força e a perseguição»<sup>11</sup>. Neste caso, o autor utiliza a palavra «asilo» como sinónimo de refúgio, não distinguindo verdadeiramente ambas as aceções. Em 1925, o autor Caldas Aulete, designa o refúgio como o «logar para onde alguém foge ou se retira a fim de estar em segurança»<sup>12</sup> indicando que esse lugar seguro é o asilo. No fundo, estas incertezas prendem-se, sobretudo, com a escassez e as lacunas da documentação para este período, no que concerne à identificação pormenorizada de todos estes indivíduos. Esta reflexão permite chegar à conclusão de que a fronteira entre ambas as definições permanece muito ténue e se apresenta quase como duas linhas assintóticas. Assim, ao longo deste trabalho, utilizar-se-ão ambas as aceções de forma inclusiva, ou seja, «deslocado» e «refugiado» apresentar-se-ão como definição una e ampla, quando se pretender compreender e explicitar este fenómeno.

---

<sup>10</sup> De acordo com a Convenção de 1951 para o Estatuto dos Refugiados, a definição do termo «refugiado» é a seguinte: «Que, em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele». Veja-se, Art. 1º (2), do texto da Convenção de 1951 para o Estatuto dos Refugiados. [http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao\\_relativa\\_ao\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados](http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados) (consultado a 27/10/2016 às 15h41). Porém, mais tarde, o conceito foi alargado para todos aqueles que foram obrigados a deixar os seus países devido à guerra, à violência generalizada e a ameaças aos direitos humanos, após janeiro de 1951. Ver Protocolo à Convenção de 1967. <http://www.fd.uc.pt/CI/CEE/pm/Tratados/Lisboa/conv-genebra%20protocolo%201967.html> (consultado a 27/10/2016 às 20h55). Deste modo, a partir daí todos seriam considerados refugiados, eliminando-se a limitação temporal - «em consequência de acontecimentos ocorridos antes de 1 de janeiro de 1951» (Convenção de 1951, Art. 1 (2) – imposta na Convenção antecessora).

<sup>11</sup> FARIA, Eduardo de – *Novo Dicionario da Lingua Portuguesa*. 2ª ed. Vol. 4. Lisboa: Typographia Universal, 1853, p. 396.

<sup>12</sup> AULETE, Caldas – *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*. 2º ed. Vol. 2. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1925, p. 718.



De qualquer modo, a ANUAR deteve uma importância fulcral no âmbito do repatriamento para os países de origem de muitas destas pessoas espalhadas pela Europa. Contudo, foi a «relutância dos refugiados em voltar para os seus países de origem»<sup>13</sup> no pós-guerra e os conflitos entre os blocos Ocidental e de Leste a propósito de «(...) saber se as pessoas [que estavam a ser repatriadas] deviam ou não ter o direito de escolher o seu país de residência, de fugir à opressão e de exprimir as suas opiniões»<sup>14</sup> que tornariam permeável o agudizar de conflitos internos e externos a esta organização, levando ao seu termo e à sua sucessão por uma outra organização de cariz diferente - a Organização Internacional para os Refugiados.

A Organização Internacional para os Refugiados, criada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1947, assumiu as funções da anterior ANUAR. Porém, e apesar do seu trabalho se limitar a prestar assistência unicamente a refugiados europeus, este foi «(...) o primeiro organismo internacional a lidar de forma integrada com todos os aspetos da questão dos refugiados»<sup>15</sup> e tinha como funções, «(...) o repatriamento, a identificação, o registo e classificação, cuidados e assistência, protecção jurídica e política, transporte, reinstalação e reintegração»<sup>16</sup>, reinstalação essa feita em países terceiros a partir dos países onde estes haviam sido acolhidos. Todavia, a conjuntura neste momento era diferente da situação internacional que havia caracterizado a intervenção da ANUAR. As preocupações fundamentais deste organismo já não eram apenas as de uma política de repatriamento, mas sim de uma política de reinstalação e de aprovisionamento.

Qual era então o principal propósito da OIR? Segundo a Constituição pela qual se regia, o seu objetivo primordial de trabalho era «encorajar e dar assistência de todas as formas possíveis [aos refugiados], visando o regresso rápido ao país da sua nacionalidade ou ao país onde tinham a sua residência habitual»<sup>17</sup>. Todavia, à luz das disposições da Assembleia Geral da ONU, estes deslocados não poderiam ser obrigados a regressar ao seu país de origem. Os sucessivos desentendimentos no âmbito da cooperação internacional, sobretudo, na definição de prioridades e de objetivos que deveriam ser cumpridos sem relutância por parte de todos os países cooperantes, levou à cessação de

---

<sup>13</sup> *A situação dos refugiados no mundo 2000...*, 2000, p. 16.

<sup>14</sup> *A situação dos refugiados no mundo 2000...*, 2000, p. 16.

<sup>15</sup> *A situação dos refugiados no mundo 2000...*, 2000, p. 17.

<sup>16</sup> *A situação dos refugiados no mundo 2000...*, 2000, p. 17.

<sup>17</sup> Referência da Constituição da Organização Internacional para os Refugiados (OIR) retirada de *A situação dos refugiados no mundo 2000...*, 2000, p. 17.

funções deste organismo de apoio internacional aos refugiados. A OIR teria o seu fim em fevereiro de 1952.

Como se viu, apesar do trabalho desenvolvido pelos organismos acima mencionados, até ao findar da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) não existiam verdadeiras disposições universais que visassem o problema internacional das deslocações em massa que se faziam sentir um pouco por toda a Europa. Apesar de terem surgido ao longo da guerra e no pós-guerra organizações dispostas a solucionar o problema do crescente fluxo de refugiados, somente mais tarde é que a questão dos refugiados seria equacionada<sup>18</sup>.

O estabelecimento do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR, 1950)<sup>19</sup> – órgão subsidiário da ONU - e a adoção da Convenção das Nações Unidas relativamente ao Estatuto dos Refugiados (1951)<sup>20</sup> – que constituiu a fonte de trabalho da ACNUR - simbolizam o ponto de viragem. O texto saído desta Convenção foi basilar no auxílio, direto e indireto, às populações refugiadas, na medida em que continha disposições que interessavam ao quotidiano destas pessoas – estipulava alguns direitos dos refugiados em questões como a segurança social, o emprego, a habitação, a educação, a liberdade de circulação e a liberdade religiosa<sup>21</sup>.

No entanto, apesar da existência e importância de todos estes organismos, os refugiados contaram com muitos outros apoios ao longo da guerra. Desde cooperações legais – organizações internacionais de auxílio – a contributos, por vezes, menos legais – auxílio das populações locais (eram desaconselhados e, em muitos casos, proibidos), vistos ilegais passados a troco de dinheiro ou, simplesmente, atos de pura humanidade.

---

<sup>18</sup> Para aprofundar ver a reflexão de LIMA, Maria João e NEVES, José Soares – *Cascais e a 'memória dos exílios'*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 2005, p. 19-20.

<sup>19</sup> O Artigo 2º do Estatuto do ACNUR refere que o trabalho proposto pelo Alto Comissariado «terá um carácter totalmente apolítico; será humanitário e social e, como regra geral, estará relacionado com grupos e categorias de refugiados». Estatuto do ACNUR. [http://www.cidadevirtual.pt/acnur/acn\\_lisboa/a-estat.html](http://www.cidadevirtual.pt/acnur/acn_lisboa/a-estat.html) (consultado a 27/10/2016 às 21h13).

<sup>20</sup> Ver nota 5.

<sup>21</sup> «Tinham sido previstos direitos semelhantes na Convenção de 1933 relativa ao Estatuto Internacional dos Refugiados, primeiro instrumento internacional a referir o princípio de que os refugiados não deveriam ser forçados a regressar ao seu país de origem. Contudo, esta Convenção fora ratificada apenas por oito estados. Um outro instrumento internacional relevante foi a Convenção de 1938 relativa ao Estatuto dos Refugiados provenientes da Alemanha, mas foi ultrapassado pela eclosão da Segunda Guerra Mundial, tendo obtido apenas três ratificações. Contrariamente, é no grande número de ratificações que obteve no mundo inteiro que reside a força da Convenção de Refugiados de 1951». *A situação dos refugiados no mundo 2000...*, 2000, p. 26.

Desta forma, para se compreender o fenómeno do refúgio no segundo quartel do século XX, torna-se imprescindível explorar quer o trabalho desenvolvido por algumas das organizações de auxílio internacionais, quer o trabalho de uma individualidade portuguesa – Aristides de Sousa Mendes - que devido à sua atuação humanitária salvou milhares de refugiados da morte certa<sup>22</sup>.

## 1. A multiplicidade no apoio internacional aos refugiados

### 1.1. A Conferência de Evian (1938)

O agravamento das políticas discriminatórias e raciais da Alemanha desencadearam a intervenção do presidente americano Franklin Roosevelt que propôs a diversos países europeus um encontro onde se discutiria o problema dos refugiados judeus, vítimas destas políticas. O encontro ocorreu numa pequena povoação francesa – Evian –, em julho de 1938. Desde 1933 que a Alemanha pretendia esvaziar do seu território a população que denominava como parasita e, com isso, criar um Estado *judenrein* («livre de judeus»). As suas intenções, como se sabe, mantiveram-se até finais de 1941 e inícios do ano seguinte quando, na sequência da Conferência de Wannsee, um grupo de oficiais nazis delineou a «solução final da questão judaica», ou seja, o extermínio do povo hebreu.

De qualquer modo, esta conferência gozou de pouca importância no espectro alargado do auxílio, na medida em que os países aí representados se mostraram bastante relutantes no acolhimento dessas pessoas recusando, como foram os casos dos Estados Unidos e do Reino Unido, a entrada de mais refugiados nos seus territórios. Portugal nem sequer fora convidado a integrar as deliberações da Conferência, pois a sua função enquanto país de refúgio era vista pelos países ocidentais como marginal e insciente.

---

<sup>22</sup> A sua atuação não foi a única a merecer lugar de destaque na lista dos «Justos entre as Nações», concretizada pelo Estado de Israel. Para o caso português, além do cônsul de Bordéus, Sousa Mendes, foram distinguidos o embaixador de Portugal em Budapeste, Carlos Sampaio Garrido e o Padre e reitor do Colégio Pontifício Português de Roma, Joaquim Carreira. Para aprofundar a atuação do Padre Joaquim Carreira no salvamento de judeus italianos durante as perseguições antisemitas, ver a recente obra de MARUJO, António – *A lista do Padre Carreira. A história desconhecida do português de escondeu refugiados durante a Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Vogais, 2016. Veja-se, igualmente, o catálogo da exposição dirigida por Manuela Franco, intitulada *Vidas Pouçadas. A ação de três diplomatas portuguesas na II Guerra Mundial*. Ministério dos Negócios Estrangeiros: Lisboa, 2000.

Todavia, como refere Avraham Milgram, «(...) não tardou muito a que a Grã-Bretanha e os Estados Unidos recuassem na sua atitude de menosprezo, pois naquele momento de emergência as grandes potências não podiam ignorar nenhuma opção territorial, mesmo que se viesse a constatar que não o era»<sup>23</sup>. O que é certo é que, apesar disso, Portugal recebeu milhares de refugiados a partir de 1933 até ao final da guerra que pretendiam atravessar o oceano, porém, muitos permaneceriam em território português alguns meses após o fim do conflito.

Em certa medida, esta conferência estava destinada ao fracasso. Apesar das críticas tecidas pelos países participantes relativamente ao tratamento dos judeus pela Alemanha, a atitude assumida pelas nações em questão não se diferenciou da atitude alemã, uma vez que, nenhuma – com exceção da República Dominicana – aceitou acolher mais refugiados. Contudo, e dada a posição negativa apresentada pela maioria dos representantes em Evian, criou-se a Comissão Intergovernamental para as Questões dos Refugiados, permitindo a continuidade da resolução do problema. Nesta conjuntura, é já reconhecido a Portugal um inestimável valor no auxílio internacional, passando este a integrar os trabalhos da comissão juntamente com os Estados Unidos e o Reino Unido. Ver-se-á adiante que a posição estratégica de Portugal e a sua atitude para com os refugiados, apesar de algumas situações menos positivas, assumiu um papel preponderante na cena internacional.

## 1.2. As organizações de auxílio internacional e o papel das entidades consulares: trabalho desenvolvido

As organizações internacionais de auxílio aos refugiados destacaram-se enquanto reservatórios de esperanças num universo de invasões que devastavam a Europa. As sucessivas incursões alemãs ao continente europeu arrastavam e deterioravam de forma contínua a situação dos refugiados, provocando saídas massivas e gerando problemas ao nível da sua sobrevivência, subsistência, fuga e acolhimento. Assim, as resoluções tomadas e asseguradas pelas várias organizações internacionais de auxílio – judaicas e não-judaicas – permitiram o acolhimento e o apoio aos milhares de fugitivos que deambularam por toda a Europa, fundamentalmente, nos anos de 1930 a 1945. Muitos

---

<sup>23</sup> MILGRAM, Avraham – *Portugal, Salazar e os Judeus*. Lisboa: Gradiva, 2010, p. 72-73.

destes organismos de auxílio foram apanhados neste processo belicista e, como tal, tiveram igualmente que lutar para sobreviver e continuar a apoiar todos aqueles que necessitavam dos seus serviços. Deslocaram-se e sediaram-se então em países neutros como a Suíça (Genebra) e Portugal (Lisboa).

### Quadro I

Principais organizações nacionais e internacionais de auxílio durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)

| Judaicas                                   | Não-Judaicas                              |
|--|---|
| American Jewish Joint Distribution (JOINT) | American Friends Service Committee (AFSC) |
| Comassis                                   | Emergency Rescue Committee (ERC)          |
| Comunidade Israelita de Lisboa (CIL)       | Quakers                                   |
| Hebrew Immigrant Aid Society (HIAS-HICEM)  | Unitarian Service Committee (USC)         |
|  | War Refugee Board (WRB)                   |

**Fonte:** PIMENTEL, Irene Flunser - *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial. Em fuga de Hitler e do Holocausto*. 4ª ed. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2015

As organizações judaicas JOINT (American Jewish Joint Distribution Committee) e HIAS-HICEM (Hebrew Immigrant Aid Society) atuaram em Lisboa, neste período. Segundo um relatório de atividades desta última organização, «Lisboa tornou-se o único porto neutro importante para a emigração além-mar. É desse porto que os vapores e os aviões partem para a América do Norte e do Sul, para África, etc. É através desse porto que passa, em trânsito, a maioria dos emigrantes da Europa Central e Ocidental. Foi igualmente para Portugal que afluiu da França, durante os trágicos dias de junho de 1940, a maior parte dos refugiados em busca de refúgio»<sup>24</sup>. Este organismo era fundamental porque concentrava e direcionava o movimento migratório desde a saída do país de refúgio até aos países além-mar. Desta forma, sobretudo a partir da primavera/verão de 1940, milhares de refugiados europeus afluíam a Lisboa onde esperariam por uma

<sup>24</sup> Relatório de atividades do HIAS-ICA em Lisboa, 1 de julho de 1940 a 18 de dezembro de 1941. Arquivos HIAS-HICEM, série 1, fita magnética 30, p. 8. Retirado de MILGRAM, Avraham – *Portugal, Salazar e os Judeus...*, 2010, p. 172.

embarcação ou outro meio para prosseguirem viagem até aos países além-mar<sup>25</sup>. É importante não esquecer que muitos refugiados permaneceram em Portugal durante longos meses e até anos, não porque quisessem, mas simplesmente porque não tinham outra opção.

Entre os refugiados legais e ilegais que entraram e se instalaram em Portugal havia igualmente não-judeus (eram, sobretudo, refugiados políticos<sup>26</sup>) - ainda que em minoria relativamente aos milhares de judeus que se salvaram através de Portugal – que recebiam auxílio não de organismos judaicos, mas sim, de representações americanas como os Quakers, Unitarian Service Committee e o American Friends Service Committee. Deste modo, era garantida a salvaguarda e a proteção a todos os que imploravam por ajuda, fossem judeus ou não. Na maior parte dos casos, os cônsules e os diplomatas portugueses e estrangeiros aliavam-se a estas organizações e trabalhavam conjuntamente para um auxílio mais global e eficaz.

No entanto, há autores que consideram que, para o caso português, se assiste a um padrão no comportamento do ministro plenipotenciário de Portugal em Berlim, Alberto de Veiga Simões, para com os judeus vítimas do nazismo. Para este diplomata, os judeus eram categorizados como judeus de primeira e de segunda, o que levou Avraham Milgram a considerar que a sua atuação no salvamento dos judeus refugiados da Alemanha foi «ambivalente». Segundo este autor, o comportamento de Veiga Simões «(...) para com os judeus vítimas do nazismo reflectia distanciamento e ambivalência: ignorou a maioria dos judeus perseguidos pelos nazis e revelou uma extrema sensibilidade perante certos judeus, em geral aqueles que possuíam bens, fama e boas relações com o pessoal

---

<sup>25</sup> Ver Fig. 1 em anexo.

<sup>26</sup> Recorde-se o caso do antifascista alemão Fritz Teppich que veio para Portugal fugido e acabou preso pela PVDE. Depois de ser libertado da prisão, onde contactou com figuras ilustres do PCP como Joaquim Pires Jorge, viveu na «residência fixa» da Ericeira durante algum tempo. Veja-se a seguinte passagem do seu pequeno livro de memórias: «Durante o primeiro trimestre de 1943, foi subitamente comunicado a todos os estrangeiros detidos por entrada ilegal no país, que iriam ser postos em liberdade. Entre os comités de auxílio e o governo chegara-se a um acordo, do qual resultou passarmos a ter residência fixa na Ericeira, uma vila de pescadores, hoje também estância de férias, a uns cinquenta quilómetros ao norte de Lisboa. Os comités tinham-se comprometido a garantir plenamente a nossa estada; o governo recusava qualquer ajuda». TEPPICH, Fritz – *Um refugiado na Ericeira*. Ericeira: Mar de Letras, 1999, p. 25. O que é certo é que, muitos refugiados não-judeus eram sobretudo refugiados políticos, muitos fugidos desde a Guerra Civil de Espanha (1936-1939). Para o caso da «residência fixa» das Caldas da Rainha, que se explorará em particular ao longo deste trabalho, apercebemo-nos da existência de alguns refugiados políticos, se bem que a predominância seja para refugiados judeus em fuga das tropas de Hitler.

diplomático de Portugal na Alemanha»<sup>27</sup>. Não obstante, e apesar da discordância relativa a esta temática entre diversos autores, passaram por Portugal nestes anos milhares de judeus e, para isso, contribuiu a sensibilidade por parte dos cônsules portugueses para a concessão de vistos de entrada em Portugal e para a autorização da passagem por Espanha e, em simultâneo, a cooperação destes com os organismos de auxílio nacionais<sup>28</sup> e internacionais.

Todavia, e apesar da aceitação de Salazar para que estas organizações levassem a cabo as suas responsabilidades em território português, estas tinham que lidar, na maior parte dos casos, com dificuldades gerais, como a obtenção de vistos<sup>29</sup>. A concessão de vistos foi um empreendimento que se foi dificultando à medida que a guerra ia avançando e que os territórios iam sendo ocupados pelas tropas alemãs e seus cooperantes, colocando em risco a estadia dos refugiados.

O regime salazarista não atuava diretamente no auxílio aos refugiados, uma vez que os dinheiros públicos não serviam para pagar as necessidades dos deslocados. Apenas permitia a sua passagem e estadia condicionada no país e, simultaneamente, autorizava os organismos internacionais atuantes em Portugal a prestarem auxílio direto e indireto, leia-se, auxílio burocrático e económico-financeiro. Porém, até esta ajuda tinha que se processar de forma rápida e continuada, permitindo um escoamento planeado e eficaz de todos estes deslocados. O objetivo de Salazar passava por transmitir uma imagem de

---

<sup>27</sup> MILGRAM, Avraham – *Portugal, Salazar e os Judeus...*, 2010, p. 92. Veja-se do mesmo autor o seguinte artigo: MILGRAM, Avraham – Portugal, the consuls, and the Jewish Refugees..., 1999, p. 12-18. Para aprofundar a atuação de Veiga Simões veja-se ainda MADEIRA, Lina Alves – *Alberto da Veiga Simões: esboço biográfico*. Coimbra: Quarteto, 2002, p. 195-196. Nesta última obra, a autora explora a atuação deste diplomata português e contesta fortemente a análise de Avraham Milgram relativamente a esta «ambivalência» e diferenciação em relação aos judeus. Segundo a análise de Ansgar Shaefer, «para esta autora a posição de Alberto da Veiga Simões deve ser entendida como uma reacção às frequentes objecções da PVDE em relação às suas decisões e como tentativa de ganhar a confiança plena do governo de Salazar para obter deste modo ‘manobra suficiente para deferir os pedidos que lhe fosse possível’». SCHAEFER, Ansgar – *Portugal e os refugiados judeus provenientes do território alemão (1933-1940)*. Coimbra: IUC, 2014, p. 177, nota 440.

<sup>28</sup> Para o caso português destacam-se duas organizações nacionais de auxílio: a Comissão Portuguesa de Assistência aos Judeus Refugiados (COMASSIS) e a Comunidade Israelita de Lisboa (CIL). A primeira, sob a direção de Adolfo Benarus e mais tarde dirigida por Augusto d'Esaguy, foi criada em 1933, logo após a primeira vaga de refugiados do regime nazi começar a procurar auxílio em Portugal e terminou a sua atuação em 1941. A segunda é uma comunidade que foi criada no século XIX por um grupo judeus sefarditas que se instalou em Portugal e ainda hoje existe. Para aprofundar o papel da CIL no apoio aos refugiados veja-se MUCZNIK, Esther – A Comunidade de Lisboa e o apoio aos refugiados. *Revista de Estudos Judaicos*. Nº 5 (2001) 70-78.

<sup>29</sup> Ver Fig. 2 em anexo.

Portugal misericordioso e hospitaleiro permitindo ao governo português sobressair no pós-guerra perante outros países europeus que nada tinham feito em prol da sobrevivência destas pessoas e, em consonância, evitar a todo o custo a penetração de ideias vanguardistas e desestabilizadoras num país marcado pelo conservadorismo e pela ordem. Assim, Salazar, a PIDE e o Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE) procuraram reencaminhar centenas de pessoas para «residências fixas» fora da área de Lisboa, sobretudo aquelas que ainda não haviam conseguido vistos ou passagens para abandonarem definitivamente o país<sup>30</sup>.

## 2. O caso do Cônsul Aristides de Sousa Mendes (1885-1954): uma figura prezada ou contestada?

A atuação dos cônsules no salvamento de refugiados é uma temática fundamental para a compreensão do auxílio internacional que se fez sentir neste período. Deste modo, e para o caso português, consideramos essencial abordar o caso de Aristides de Sousa Mendes<sup>31</sup>. A sua atuação enquanto cônsul de Bordéus tem sido explorada de forma intensiva por vários autores nacionais e internacionais. Entre obras e artigos publicados, produziram-se livros de banda desenhada<sup>32</sup>, peças de teatro, documentários e filmes de valor incalculável<sup>33</sup>. A figura de Sousa Mendes liga-se diretamente ao tema central deste

---

<sup>30</sup> Segundo Avraham Milgram, «os únicos países que possuíam linhas regulares com Portugal eram os Estados Unidos, o Brasil, a Argentina, o Uruguai e as colónias portuguesas, e mesmo assim não havia partidas fixas, e o preço era muito elevado em comparação com o período anterior à guerra». MILGRAM, Avraham – *Portugal, Salazar e os Judeus...* 2010, p. 175. As dificuldades em continuar viagem eram uma realidade quer para os refugiados que tinham entrado ilegalmente em Portugal como, igualmente, para aqueles que tinham feito a travessia legalmente. Deste modo, e na sequência das restrições de passagem e estadia por parte das autoridades portuguesas, não é de admirar que muitos refugiados permanecessem em Portugal durante longo tempo.

<sup>31</sup> Apesar de se focar nestas breves linhas a figura de Aristides de Sousa Mendes, não se considera que a sua atuação enquanto cônsul tenha sido única. Veja-se Fig. 3 em anexo. Para aprofundar veja-se nota 17.

<sup>32</sup> RUY, José – *Aristides de Sousa Mendes. Herói do Holocausto*. Lisboa: Âncora Editora, 2005. Este livro tem igualmente uma tradução hebraica.

<sup>33</sup> Muitos foram os estudos publicados nos últimos anos que incidem na figura de Aristides de Sousa Mendes, sendo os seguintes os que merecem especial atenção. Para a historiografia nacional destacam-se as obras de AFONSO, Rui – *Injustiça. O caso Sousa Mendes*. Lisboa: Editorial Caminho, 1990 e AFONSO, Rui – *Um homem bom. Aristides de Sousa Mendes, o «Wallenberg Português»?* Lisboa: Editorial Caminho, 1995. No que se refere à historiografia internacional destacam-se os estudos de MILGRAM, Avraham – *Portugal, the consuls, and the Jewish Refugees, 1938-1941. Shoah Resource Center* (1999) 1-31 e de WHEELER, Douglas L. – *And who is my neighbor? A World War II Hero of*



trabalho, na medida em que, quando adiante se explorar de forma mais aprofundada a situação da «residência fixa» das Caldas da Rainha - para onde eram enviados e onde foram acolhidos refugiados judeus e não-judeus que tinham entrado ilegalmente no país ou aqueles que tinham sido impossibilitados de prosseguir viagem por terem os seus vistos expirados - ver-se-á que muitos esculpem na sua história particular o nome e a presença deste diplomata.

Observadas atentamente as atuações dos diversos cônsules em funções no contexto do conflito fratricida que assolou a Europa e o mundo no segundo quartel do século XX, é possível inferir que na generalidade estes assumiram uma posição mais positiva que negativa. Esta ilação traduz-se em realidade quando nos confrontamos com a importância assumida pelos cônsules portugueses – sobretudo Aristides de Sousa Mendes, do qual se falará ainda que brevemente, e Carlos Sampaio Garrido.

Qual foi então a verdadeira relevância destes cônsules? Segundo Avraham Milgram, a importância dos cônsules portugueses «(...) can be measured by their courage to help Jews deprived of visas to other countries, in the first stage, and by their strategic positions, as neutral consular agents, in the stage of deportations to the extermination camps»<sup>34</sup>. Porém, a coragem demonstrada por estes homens no auxílio aos refugiados (judeus e não-judeus) não agradou ao governo português que, assim que teve conhecimento das mesmas, não mais as tolerou. O caso mais paradigmático é, portanto, o que se refere à desobediência por parte de Sousa Mendes, ao conceder vistos a todos aqueles que recorriam ao consulado de Bordéus em busca de salvamento<sup>35</sup>. Por outro

---

Conscience for Portugal. *Revista de Estudos Judaicos* (1995) 19-35. O documentário televisivo da autoria de Diana Andringa e realizado por Teresa Olga designado «Aristides de Sousa Mendes, o Cônsul Injustiçado» (1992) e a mais recente longa metragem de ficção intitulada «Aristides de Sousa Mendes – O Cônsul de Bordéus» (2012), da realização conjunta de João Correa e Francisco Manso, são outros exemplos da importância que tem sido dada a esta personalidade portuguesa e à sua atuação. Veja-se, igualmente, SCHAEFER, Ansgar – *Portugal e os refugiados judeus provenientes do território alemão...*, 2014, p. 178, nota 443.

<sup>34</sup> MILGRAM, Avraham – Portugal, the consuls, and the Jewish Refugees..., 1999, p. 12.

<sup>35</sup> Veja-se a Fig. 4 em anexo, um dos muitos exemplos de uma página do livro de registos onde Aristides de Sousa Mendes listava as famílias e as pessoas a quem tinha concedido vistos. Nesta página encontra-se listada a família Kaufmann, que recebeu vistos a 24 de maio de 1940, em Bordéus. Esta família acabou por conseguir entrar em Portugal, apesar da tentativa de Salazar de proibir a sua entrada, tendo residido nas Caldas da Rainha até ao final de 1940. Os primeiros a partir foram Max Kaufmann e Friedrich Joseph Koch a partir de Lisboa rumo a Nova Iorque no avião *Dixie Clipper*, em outubro de 1940. Os restantes, Grete née Rothschild Kaufmann e filhos, Annelies Kaufmann e Hans Herbert Kaufmann só partiriam em dezembro desse ano a bordo do navio *Siboney*.

lado, quando este assumiu as funções de cônsul de Bordéus, em 1938<sup>36</sup>, estava longe de imaginar a situação delicada em que se encontraria cerca de dois anos depois.

Quando a França caiu às mãos das tropas alemãs, no verão de 1940, Salazar teve que equacionar toda a *realpolitik* do governo português. Desde logo, viu-se confrontado com a ameaça de uma possível aliança de Franco com Hitler, uma vez que, num momento inicial temia que o chefe de Estado espanhol cedesse às pressões belicistas alemãs na sequência da sua aproximação a oeste e, simultaneamente, preocupou-se com a difícil questão da manutenção da neutralidade do país. Salazar havia declarado e firmado a neutralidade do país logo após a invasão da Polónia pelos alemães (1 de setembro de 1939). No dia seguinte, o *Diário de Lisboa* noticia o seguinte:

«Portugal em face dos acontecimentos. O Governo dirigiu ao país a seguinte nota oficiosa, a propósito dos acontecimentos: Apesar dos incansáveis esforços de eminentes Chefes de Governo e da intervenção directa dos Chefes de muitas nações, eis que a paz não pôde ser mantida e a Europa mergulha de novo em dolorosa catastrophe. (...) não só se lhe não pode ficar estranho pelo sentir [ao acontecimento que desencadeou a guerra], como ha-de ser impossivel evitar as mais duras repercussões na vida de todos os povos. Felizmente, os deveres da nossa aliança com Inglaterra, que não queremos eximir-nos a confirmar em momento tão grave, não nos obriga a abandonar nesta emergencia a situação de neutralidade. O Governo considerará como o mais alto serviço ou a maior graça da Providencia poder manter a paz para o povo português, e espera que nem os interesses do país, nem a dignidade, nem as suas obrigações, lhe imponham comprometé-la. (...) [assinado] O Governo»<sup>37</sup>.

Todavia, com a queda da França a estratégia política de Salazar sofreria um abalo determinado pela nova configuração política europeia<sup>38</sup>. O facto de o estadista ser

---

<sup>36</sup> O ofício vigente neste momento era a Circular n.º 10 de 28 de outubro de 1938. Ainda antes do começo da guerra, Portugal viu-se confrontado com um problema legal: a existência desde 1926, de um acordo entre vários países – caso da Alemanha, Áustria e Itália - que dispensava vistos de entrada no país, sendo livre a entrada desses nacionais. Contudo, com o agudizar dos ideais antissemitas nestes países e, conseqüentemente, a fuga massiva de milhares de judeus e refugiados políticos, Portugal equacionou a resolução deste problema, mas sem revogar o acordo anteriormente estabelecido. Assim, a partir daí, os judeus – que tinham desde 1938, um «J» carimbado nos seus passaportes, por ordem da Alemanha - que pretendessem entrar em Portugal vindos desses países, passavam a necessitar de um visto de turismo que apenas era válido por trinta dias. Como refere Irene Pimentel, «o certo é que o ‘J’ nos passaportes passou a clarificar quem eram os que a Alemanha considerava ‘indesejáveis’». PIMENTEL, Irene Flunser - *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial. Em fuga de Hitler e do Holocausto*. 4ª ed. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2015, p. 75-76.

<sup>37</sup> Fundação Mário Soares, *Diário de Lisboa*, 02/09/1939, fl. 5.

<sup>38</sup> Um exemplo do abalo sentido em Portugal com a queda da França foram as crescentes alterações a nível económico. Até então, Portugal apresentava uma abundância, sobretudo alimentar, incomparável com a situação vivida nos países ocupados e devastados pela guerra. Este clima de acalmia e de abundância era frisado pelos refugiados que se encontravam forçosamente no país. Basta recordar as

absolutamente contrário à aceitação dos «indesejáveis» que deambulavam pela Europa desde a ascensão de Hitler, era uma diretriz assumida da sua política de conservação e manutenção do regime. Porém, com a ocupação da França começam a afluir em massa refugiados vindos dos países ocupados da Europa. Neste momento, Salazar acaba por ceder exclusivamente para agradar aos Aliados e, sobretudo, à sua velha aliada, a Inglaterra e, assim, manter a neutralidade do país. De certo modo, o desejo de manter incólumes os alicerces do regime possibilitaria a salvação de milhares de refugiados por Portugal.

Desta forma, e como refere Avraham Milgram, «nesse momento, a decisão de Salazar de autorizar a passagem de perseguidos e refugiados, em particular tratando-se de cidadãos dos países aliados, baseou-se em considerações de pragmatismo e de estratégia. Salazar ordenou aos cônsules em Espanha e no sul de França, em Bordéus, Baiona, Perpignan, Marselha e Nice e noutras cidades, que emitissem vistos de trânsito aos cidadãos britânicos que tinham recebido uma recomendação do cônsul britânico mais próximo»<sup>39</sup>. Foi nestas circunstâncias que à revelia do governo português e desobedecendo a diretrizes legais – era necessária uma autorização prévia do MNE para a concessão de vistos – Aristides de Sousa Mendes<sup>40</sup>, cônsul de 1ª classe, concedeu milhares de vistos a refugiados de todas as nacionalidades, alegando que «era realmente meu objectivo ‘salvar toda aquela gente’, cuja aflição era indescritível»<sup>41</sup>.

Por outro lado, o regime instituído pela Circular nº 14 - que estabeleceu as instruções em matéria de concessão de passaportes consulares portugueses e de vistos consulares - além de ditar a obrigação de uma autorização prévia do MNE para a atribuição de vistos por parte dos cônsules de 4ª classe – os cônsules não de carreira, ou

---

palavras de Renée Liberman (e Costa) que fugiu do Luxemburgo na sequência da ocupação alemã, em maio de 1940, e entrou em Portugal com vistos concedidos por Sousa Mendes: «(...) de repente caímos no paraíso, nas Caldas da Rainha [só foi para as Caldas em 1942, pois antes havia vivido em Bourges, ainda na França livre] havia de tudo! Era um milagre!». Entrevista cedida à Gazeta das Caldas, em 1991. Não confundir esta Renée Libermann, natural do Luxemburgo, com outra refugiada igualmente luxemburguesa que esteve nas Caldas da Rainha, entre 1940 e 1942, chamada Renée Ermann.

<sup>39</sup> Memorando da embaixada britânica em Lisboa de 24/06/1940. AHD, RC M 779. Informação retirada de MILGRAM, Avraham – *Portugal, Salazar e os Judeus...* 2010, p. 99.

<sup>40</sup> No entanto, os problemas de Sousa Mendes com o MNE começaram ainda antes do enorme afluxo de refugiados no sul de França, quando este concedeu dois vistos a «indesejáveis» estrangeiros – ao casal judeu Wiznitzer e à família do médico republicano espanhol Eduardo Neira Laporte - sem prévia autorização, em novembro de 1939.

<sup>41</sup> FRANCO, Manuela (Dir. Científica) - *Vidas Pouçadas. A acção de três diplomatas portuguesas na II Guerra Mundial*. Ministério dos Negócios Estrangeiros: Lisboa, 2000, p. 96 (Doc. 7 – Defesa de Aristides de Sousa Mendes no processo disciplinar que lhe foi instaurado, datada de 10 de agosto de 1940).

seja, «os mais facilmente subornáveis»<sup>42</sup> - impunha restrições aos cônsules de carreira que, em princípio e excluindo certas categorias, tinham liberdade na concessão<sup>43</sup>. No fundo, a promulgação deste novo regime visou a distinção entre dois grupos de refugiados: os refugiados judeus e os refugiados políticos. Porém, e com o avanço sucessivo das tropas alemãs nos territórios europeus, o MNE foi restringindo a entrada de refugiados no país. Assim, e como bem refere Ansgar Shaefer, «se a Circular nº 14 autorizava os diplomatas portugueses a emitir vistos a pessoas em clara situação de trânsito, reservando os outros casos à arbitragem das Necessidades, o MNE, em ofício de 24 de Maio de 1940 [Circular nº 12], ou seja no dia da capitulação dos Países Baixos, proibia claramente a emissão de qualquer visto de trânsito por parte dos cônsules»<sup>44</sup>.

O ofício de 24 de maio de 1940 informava os cônsules da enorme afluência de pedidos de vistos em passaportes que se faziam sentir nos Consulados de Portugal e instruíam-os a agir perante tal situação. Desta forma, estabelece dois tipos de vistos: os vistos de residência (para aqueles estrangeiros que pretendiam fazer uma estadia mais ou menos prolongada) e os vistos de trânsito (para todos aqueles que apenas pretendiam atravessar o país com destino a outros países). Contudo, as restrições eram cada vez maiores para ambos os casos. O MNE seria muito rigoroso na examinação e na aceitação de pedidos de estrangeiros que pretendessem residir de forma temporária em Portugal e, em consonância, agiria de modo a evitar que «(...) o visto concedido para trânsito possa transformar-se em visto para residência»<sup>45</sup>. Assim:

«Os agentes consulares portugueses só aceitarão pedidos de visto para trânsito no caso do interessado comprovar:

- a) Que o seu passaporte já tem o ‘visto’ do país de destino, e eventualmente os outros ‘vistos’ necessários;
- b) Que já tem a sua passagem marítima ou aérea comprada ou pelo menos reservada.

---

<sup>42</sup> MADEIRA, Lina Maria Gonçalves Alves – *O mecanismo de (des)promoção do MNE: o caso paradigmático de Aristides de Sousa Mendes*. 2 vols. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2013, p. 451.

<sup>43</sup> FRANCO, Manuela (Dir. Científica) - *Vidas Pougadas. A acção de três diplomatas portuguesas na II Guerra Mundial...*, 2000, p. 81-82 (Doc. 1 – Circular nº 14, de 11 de novembro de 1939, Art.º 2 a,b, c e Art.º 5).

<sup>44</sup> SCHAEFER, Ansgar – *Portugal e os refugiados judeus provenientes do território alemão...*, 2014, p. 181.

<sup>45</sup> FRANCO, Manuela (Dir. Científica) - *Vidas Pougadas. A acção de três diplomatas portuguesas na II Guerra Mundial...*, 2000, p. 83-84 (Doc. 2 – Circular nº 12, de 24 de maio de 1940, Art.º 2 a, b).

Os pedidos que não estejam nas condições acima referidas não devem ser transmitidos sequer a esta Secretaria»<sup>46</sup>.

Os cônsules eram então obrigados a selecionar os vistos passíveis de serem enviados ao MNE, aprovando apenas os vistos de trânsito. Ou seja, os vistos a serem apreciados em Lisboa deviam seguir os requisitos expostos neste ofício o que significa que as autorizações só eram atribuídas aos requerentes que estivessem em condições de sair do país, ou seja, àqueles que estivessem munidos de vistos para países terceiros e passagens e/ou reservas marítimas ou aéreas, recorrendo apenas a Portugal como país de trânsito.

No entanto, as restrições impostas por Portugal para a concessão de vistos agravaram-se na sequência da ocupação de Paris, a 14 de junho de 1940<sup>47</sup>. Porém, já desde janeiro que o cônsul português era abordado por centenas de refugiados que solicitavam autorizações de entrada em Espanha que só eram concedidos àqueles que apresentassem vistos portugueses e, esses vistos, eram conseguidos através de Sousa Mendes. O ambiente apocalítico que se vivia em França levou o cônsul a desrespeitar as ordens de Salazar e a conceder vistos portugueses a todos os que os requeriam. Ao todo, este terá concedido milhares de vistos. Contudo, o número exato dos vistos passados por Sousa Mendes - sobretudo depois de deixar o Consulado em Bordéus (cidade que começou a ser bombardeada pelos alemães, a 20 de junho) e se dirigir para a cidade de Baiona e, mais tarde, Hendaia, onde ainda passaria mais vistos à revelia do governo português – é algo absolutamente desconhecido. Até porque, como constata Shaefer, nas cidades de Baiona e de Hendaia, Aristides de Sousa Mendes terá concedido vistos manuscritos não recorrendo, portanto, ao carimbo consular<sup>48</sup>.

Os autores que mais se têm debruçado sobre o estudo da atuação humanitária de Sousa Mendes apresentam posições bastante divergentes, fundamentalmente, em dois

---

<sup>46</sup> FRANCO, Manuela (Dir. Científica) - *Vidas Pougadas. A acção de três diplomatas portuguesas na II Guerra Mundial...*, 2000, p. 83-84 (Doc. 2 – Circular nº 12, de 24 de maio de 1940, Art.º 2 a, b).

<sup>47</sup> A Circular nº 23, enviada pelo MNE às suas missões diplomáticas no dia da entrada das tropas alemãs em Paris, estabeleceu a regra que daí em diante os pedidos de vistos passavam a ser da inteira responsabilidade da PVDE. Não obstante, constituíam exceção alguns casos especiais que podiam ser visados pelo MNE. Deste modo, os cônsules começam a perder toda a sua autonomia para o MNE e para a PVDE. Veja-se para um maior aprofundamento a obra conjunta de PIMENTEL, Irene Flunser e NINHOS, Cláudia - *Salazar, Portugal e o Holocausto*. Lisboa: Temas e Debates-Círculo de Leitores, 2013, p. 430.

<sup>48</sup> SCHAEFER, Ansgar – *Portugal e os refugiados judeus provenientes do território alemão...*, 2014, p. 186.

aspectos: na questão da quantificação dos vistos portugueses concedidos por este diplomata e, ainda, na reflexão acerca da imagem heroico-indulgente criada após a sua morte e posterior reabilitação. A maioria dos autores vê Sousa Mendes como uma figura prezada e um justo merecedor de honorabilidades pelo papel que desempenhou no salvamento de tantos refugiados, todavia, detetam-se em alguns autores posições menos abonatórias a seu favor.

O verdadeiro número de refugiados salvos por Sousa Mendes permanece, apesar de todas as quantificações já efetuadas, uma incógnita. Na sequência de uma leitura atenta de algumas obras que destacam o percurso deste diplomata denota-se uma discrepância, em alguns casos substancial, nas diversas análises elaboradas. Em determinada medida, os autores foram reproduzindo sucessivamente os números apresentados por outros autores na sequência da reabilitação desta figura. Rui Afonso, autor de uma biografia inovadora de Sousa Mendes, inflacionou o número de vistos concedidos por este diplomata a não-judeus e a judeus. No entanto, a sua obra deve ser entendida como uma tentativa de reabilitar e de se fazer justiça à figura em causa, glorificando-o. Contrariamente, autores como Yehuda Bauer<sup>49</sup> e Avraham Milgram apresentam valores mais aproximados da realidade. Sobretudo este último autor, pois procedeu à análise das listas dos vistos emitidos no Consulado de Bordéus, levando-o a concluir que «(...) Sousa Mendes emitiu 2862 vistos entre 1 de Janeiro e 22 de Junho de 1940. A maioria – 1575 – foi emitida a 11 e 12 de Junho, nos últimos dias como cônsul em Bordéus»<sup>50</sup>.

Todavia, considera-se que esta quantificação não é de todo a questão mais relevante. Num momento em que a Europa atravessava uma crise de refugiados sem precedentes – em que a fuga era a única forma de escapatória e de sobrevivência de milhares de pessoas que receavam ser apanhadas pela espiral de terror e, sobretudo, que temiam a sua própria morte e a morte dos seus entes queridos - a atitude humanitária deste diplomata surgiu como reação à passividade e à inatividade de outros diplomatas portugueses e europeus perante uma catástrofe que se disseminava. Porém, será que todos

---

<sup>49</sup> Segundo Ansgar Shaefer, Yehuda Bauer salienta nos seus estudos que Sousa Mendes apenas terá concedido 30.000 vistos a refugiados judeus e desses apenas um terço tinha intenção de viajar para Portugal. A obra onde Bauer explora esta questão é a seguinte: BAUER, Yehuda - *American Jewry and the Holocaust. The American Jewish Joint Distribution Committee, 1939-1945*. Detroit: Wayne State University Press, 1981. Informação retirada de SCHAEFER, Ansgar – *Portugal e os refugiados judeus provenientes do território alemão...*, 2014, p. 186, nota 469.

<sup>50</sup> Veja-se a reflexão e as conclusões a que Avraham Milgram chegou relativamente a esta temática em MILGRAM, Avraham – *Portugal, Salazar e os Judeus...*2010, p. 101.

os diplomatas portugueses cumpriram escrupulosamente as regras impostas pelos regulamentos internos? Terá sido Aristides de Sousa Mendes o único desobediente? Ou será que, em determinados momentos, até os diplomatas mais próximos do regime ousaram, disfarçada e secretamente, desrespeitar as normas impostas?

Como se sabe, outros portugueses integram a lista dos «Justos entre as Nações» por terem salvo judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Contudo, uma análise mais aprofundada nos arquivos do MNE permitiu desconstruir a ideia largamente difundida de que todos os refugiados que passaram por Portugal receberam os seus vistos no Consulado de Bordéus. Em determinadas situações, e como refere Lina Madeira, que estudou aprofundadamente o funcionamento e as nomeações políticas do MNE desde o derrube da monarquia até ao período ditatorial, focando o seu estudo na figura de Sousa Mendes, outros diplomatas portugueses - não incluídos nesta categoria honorífica do Estado de Israel - visaram passaportes a refugiados e, muitas vezes, «nem sempre de acordo com as regras exactas ditadas por Lisboa»<sup>51</sup>. Foi o caso do embaixador de Portugal em Madrid, Pedro Teotónio Pereira, que encarava a questão da concessão de vistos aos refugiados de forma bastante mais elástica que o MNE. Segundo esta autora, fica-se com esta ideia a partir da leitura das *Memórias*, por este publicadas em 1973. Porém, tendeu-se a ilibar os restantes diplomatas e a culpabilizar unicamente o cônsul de Bordéus.

Lina Madeira apresenta na sua tese de doutoramento uma reflexão pouco abonatória da figura de Aristides, contrariamente a outros autores. Esta autora pretendeu levantar o véu que ladeava a figura prezada do cônsul de Bordéus, questionando o seu percurso enquanto funcionário consular. Analisou, portanto, o que estava por detrás da sua quase glorificação, o seu trajeto antes da cristalização de uma imagem atribuída à salvação de milhares de vidas. A sua investigação concluiu que este terá sido um «funcionário prevaricador» que desrespeitou, sempre que pôde, os regulamentos aos quais devia obedecer. E remata dizendo que apesar de se denotar um claro afastamento deste relativamente às diretivas oficiais exigidas, Sousa Mendes foi constantemente «protegido» pelo sistema, devido à sua posição. Porém, com o rebentar da guerra tudo mudaria, «porque em Junho de 1940, a neutralidade do País corria, realmente, perigo. E

---

<sup>51</sup> MADEIRA, Lina Maria Gonçalves Alves – *O mecanismo de (des)promoção do MNE: o caso paradigmático de Aristides de Sousa Mendes...*, 2013, p. 467.

o incumprimento das instruções que lhe eram dadas não lhe permitia continuar a confiar nos seus serviços»<sup>52</sup>.

Ainda assim, a imagem que prevaleceu a seu respeito foi a de um homem prezado e pouco ou nada contestado. Ou seja, apesar de ações pouco credíveis por si empreendidas ao longo da sua carreira consular, anteriores à sua chegada a Bordéus, foi a sua atitude humanitária que prevaleceu sobre tudo o resto, tornando-o no funcionário do MNE português mais conhecido e asseverando a sua memória como um dever de todos.

Recorde-se o judeu alemão Itzhak Stern a parafrasear o Talmude no filme norte-americano *A Lista de Schindler* (1993), dizendo que «quem salva uma vida, salva o mundo inteiro». Oskar Schindler, tal como Sousa Mendes, é responsável pela sobrevivência de milhares de pessoas. E no fundo, o bem que é a vida permite-nos dar-lhes o reconhecimento que lhes é devido. No caso do cônsul português, a sua atuação (mas não só) tornou possível a presença de refugiados em Portugal, possibilitando a sua salvação. Lisboa, uma capital neutra e conservadora transformara-se assim numa porta de salvação e no porto de abrigo da Europa.

---

<sup>52</sup> MADEIRA, Lina Maria Gonçalves Alves – *O mecanismo de (des)promoção do MNE: o caso paradigmático de Aristides de Sousa Mendes...*, 2013, p. 475.



## Capítulo 2 – Portugal, rota de passagem e plataforma de esperança

No primeiro dia do mês de julho de 1940 o articulista do *Diário de Lisboa* e ilustre figueirense, João de Barros, publicava um artigo intitulado «hospitalidade» do qual se extraiu o seguinte excerto:

«Pensa-se na infinita dôr que alastra pelo mundo (...). Alguns chegaram e passaram por aqui, no entanto. E, embora afligisse o triste espectáculo de panico e abandono que nos davam, ofereciam também ensejo a outro espectáculo e, esse, de inefável reconforto: - à prática e afirmação duma das mais limpidas e altas virtudes do povo português, a sua enleante, eficaz e amável hospitalidade (...) todos acorriam no desejo de prestar qualquer serviço, de ajudar aqueles desconhecidos, de auxiliar aqueles perseguidos da sorte, num comovente e apaixonado anseio de fraternidade cristã»<sup>53</sup>.

Neste seu artigo, o autor defende a hospitalidade portuguesa e a sua condigna atuação no acolhimento dos estrangeiros que, na sequência da guerra fratricida que assolava a Europa, aqui encontraram o seu porto seguro e uma plataforma de ligação com o continente americano. No entanto, nem sempre este pequeno território do sudoeste europeu foi reconhecido pela comunidade internacional como país de refúgio<sup>54</sup>. Aliás, nem mesmo quando começou a acolher massivamente foragidos de toda a Europa, este se considerou como tal. Foi, sobretudo, um país de trânsito, salvo raras exceções (caso dos que impedidos de sair com a rapidez que pretendiam, por falta e/ou expiração de vistos ou por inexistência de ligações marítimas, tiveram que permanecer no país alguns meses e até anos em localidades de estadia forçada - «residências fixas»).

A rota ibérica de fuga pelos Pirenéus tornou-se no principal canal de esperança dos refugiados após o armistício de junho de 1940, situação que determinou a ocupação alemã da França. Até ao início da guerra, França havia sido o principal país de

---

<sup>53</sup> Fundação Mário Soares, DL, 01/07/1940, fl. 1.

<sup>54</sup> Como destaca Patrick Mühlen, «Portugal levou bastante tempo a entrar no horizonte da emigração (...). Antes de 1939, os refugiados escolhiam outros destinos, regra geral, mais próximos – França, Países Baixos, Checoslováquia, etc. Mesmo países ultramarinos como os Estados Unidos ou a Argentina eram, antes do deflagrar da guerra, destinos de fuga mais requisitados do que este pequeno país no extremo sudoeste da Europa. Quem, nos primeiros seis anos da ditadura nazi, veio parar a Portugal terá vindo mais por circunstâncias fortuitas, questões de negócios ou relações privadas, e só raras vezes em resultado de uma decisão ponderada com base em informações previamente adquiridas», MÜHLEN, Patrik von zur – *Caminhos de fuga Espanha-Portugal. A emigração alemã para fora da Europa de 1933-1945*. Coimbra: IUC, 2012, p. 179.

acolhimento dos emigrantes, sobretudo alemães, fugidos da repressão e da violência a que haviam sido sujeitos pelas políticas discriminatórias e eugénicas do governo alemão. Como refere Patrick von zur Mühlen, com o rebentar da guerra nos finais de 1939, «(...) começou um êxodo de França para a Grã-Bretanha e outros países ultramarinos que já não tinha comparação com a até aí considerada ‘flutuação normal’ [de emigrantes e refugiados]. O subsequente alargamento da zona do conflito, a crescente dificuldade em prosseguir viagem e as condições internas do país de acolhimento durante a guerra, tanto antes como depois do armistício de Junho de 1940, trouxeram então para primeiro plano o mais importante e, durante algum tempo, único caminho de saída que permanecia ainda aberto: a rota ibérica da fuga pelos Pirinéus, que atravessava Espanha e ia geralmente até Lisboa, ponto a partir do qual se podia depois avançar para outros destinos de refúgio e emigração fora da Europa»<sup>55</sup>.

A partir da primavera/verão de 1940, milhares de estrangeiros fugiram das zonas ocupadas da Europa, atravessaram Espanha e conseguiram entrar em Portugal. «Em Junho e em finais do Outono de 1940, por exemplo verificou-se uma precipitada maré de fugitivos, a que se seguiu um ‘refluxo’ que daria, por seu turno, lugar a uma nova maré crescente. Um outro ponto alto seria atingido com o começo da deportação dos judeus, no Verão de 1942»<sup>56</sup>. Dada a importância desta rota de fuga, a transposição das fronteiras estava repleta de dificuldades e de diversos condicionalismos burocráticos que tornaram mais dolorosa toda a «campanha de evasão»<sup>57</sup>. Esta longa travessia podia durar dias e até meses, sendo que, para que os refugiados conseguissem chegar a território português, necessitavam de ter adquirido, antecipadamente, várias autorizações: primeiramente, os foragidos teriam que conseguir um visto de saída do país ocupado onde se encontravam

---

<sup>55</sup>MÜHLEN, Patrik von zur – *Caminhos de fuga Espanha-Portugal...*, 2012, p. 18.

<sup>56</sup>MÜHLEN, Patrik von zur – *Caminhos de fuga Espanha-Portugal...*, 2012, p. 59.

<sup>57</sup> Tal como refere Irene Pimentel, «de facto, as restrições às entradas de refugiados foram sendo tanto maiores quanto mais numeroso era o afluxo de pessoas que necessitavam de salvar a vida», PIMENTEL, Irene Flunser; MILGRAM, Avraham – *Refugiados na Segunda Guerra Mundial*. In *DICIONÁRIO do judaísmo português*. Coord. de Lúcia L. MUCZNIK, José Alberto R. S. TAVIM, Esther MUCZNIK e Elvira de Azevedo MEA. Lisboa: Editorial Presença, 2009, p. 440. Basta consultar e analisar as circulares internas produzidas pelo Estado Novo para compreender que as políticas de emigração e de acolhimento de estrangeiros foram sendo restringidas e complexificadas à medida que a guerra se alastrava, determinando um maior fluxo de refugiados. Para um melhor entendimento da questão dos estatutos dos estrangeiros em Portugal, antes e ao longo da guerra, reveja-se o capítulo 1 ou consulte-se o artigo de CHALANTE, Susana - O discurso do Estado Salazarista perante o «indesejável» (1933-1939). *Análise Social*. Vol. XLVI (2011) 41-63 (<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1309942602C0oPL0ev9En12LV7.pdf>. (Consultado a 23/10/2016 às 16h00).

e de seguida deviam conseguir um visto de trânsito espanhol, o qual só era concedido aquando da obtenção de um visto de trânsito português que, por sua vez, dependia de uma prévia obtenção de um visto de entrada num país de destino além-mar e de uma passagem de navio para tal efeito. Chegavam de comboio, de camioneta, de carro, de bicicleta ou até mesmo a pé. Pode dizer-se que as etapas de saída legais criavam tantos incómodos aos estrangeiros que, na grande maioria dos casos, a ilegalidade sobrepôs-se à conduta legal.

Tendo em atenção as situações de ilegalidade – que como se referiu anteriormente, se pautou por ser o procedimento seguido pela maioria dos foragidos – é importante destacar os conceitos de «ilegalidade» e «pseudo legalidade» elaborados por Patrick Mühlen, quando se analisa a passagem ilícita de fronteiras. Segundo este autor, ambas se assumem como formas de ilegalidade, ainda que, em termos conceituais se situem em planos de perceção díspares. Tal acontece porque, enquanto milhares de refugiados transpunham clandestinamente e a pé as fronteiras, recorrendo, em alguns casos, ao auxílio de  *passeurs* (guias de fronteira, sobretudo autóctones, que auxiliavam os foragidos e indocumentados na sua fuga pelos bosques e montanhas<sup>58</sup>), outros grupos arriscaram passar as fronteiras com recurso a identificações falsas e, sob o manto da legalidade, sem que os guardas de fronteiras se apercebessem da falsificação dos documentos apresentados. A primeira noção apresentada por este autor pertence ao domínio claro da «ilegalidade», enquanto esta última se pauta por uma «pseudo legalidade»<sup>59</sup>. Contudo, o agudizar das restrições, desde logo com o começo da Guerra Civil de Espanha (1936-1939), surtiu o efeito inverso criando um clima propício ao aumento de passagens ilegais de fronteiras sem o conhecimento das autoridades, «(...) gerando assim o contexto que ia dar azo às posteriores detenções, expulsões e internamentos (...)»<sup>60</sup>. Veja-se o mapa seguinte, onde é possível verificar as principais fronteiras transpostas pelos refugiados fugidos às perseguições nazis e à guerra, sobretudo, a partir de 1940, com destaque para a rota dos Pirenéus (Mapa 1)<sup>61</sup>.

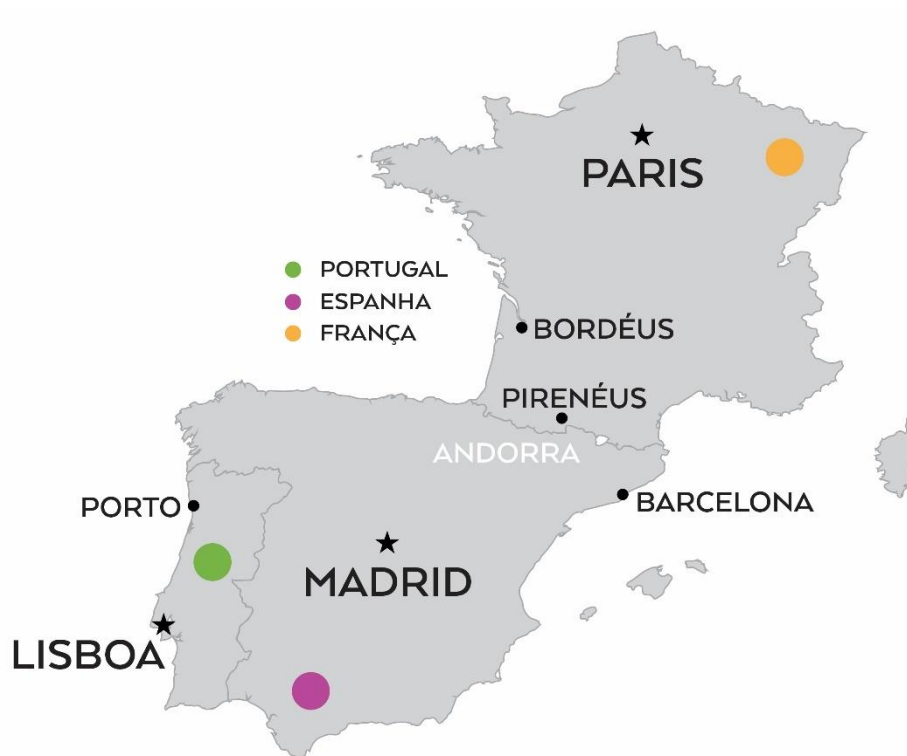
---

<sup>58</sup> Como refere Patrick Mühlen que estudou aprofundadamente este tema, «(...) os guias de fronteira profissionais e comerciais exigiam uma remuneração que dependia da distância e perigosidade do caminho, bem como da capacidade financeira e da disponibilidade dos refugiados», MÜHLEN, Patrik von zur – *Caminhos de fuga Espanha-Portugal...*, 2012, p. 67.

<sup>59</sup> MÜHLEN, Patrik von zur – *Caminhos de fuga Espanha-Portugal...*, 2012, p. 55-67.

<sup>60</sup> MÜHLEN, Patrik von zur – *Caminhos de fuga Espanha-Portugal...*, 2012, p. 126.

<sup>61</sup> Agradecemos, penhoradamente, ao João Diogo Pereira pela elaboração deste mapa e do seguinte.



**Mapa 1:** Principais fronteiras da Europa, com destaque para a rota de fuga ibérica, a partir de 1940

Os campos de internamento franceses e espanhóis eram os locais para onde eram enviados os refugiados detidos por tentarem passar as fronteiras ilegalmente sendo, por isso, zonas onde a violência e a privação de liberdade reinavam. Houve, inclusive, alguns destes campos de internamento que, na década de 1940, se converteram em zonas de concentração, à semelhança dos campos alemães: caso do campo francês de Gurs, na zona dos Pireneus, que serviu como local de internamento de refugiados espanhóis, sobretudo republicanos, a partir de 1939<sup>62</sup>. Em Portugal, os refugiados ilegais ou os estrangeiros que, por razões diversas ainda não haviam conseguido sair do país, como anteriormente se viu, foram enviados para zonas de «residência fixa» onde, apesar da limitação de movimentos, viviam uma vida calma e detinham liberdades diversas, situação em nada comparável à dos campos de internamento europeus.

<sup>62</sup> Para um maior aprofundamento acerca dos campos de internamento de espanhóis em França veja-se, VILLEGAS, Jean-Claude (Coord.) – *Plages d’ exil: les camps de refugies espagnols en France – 1939*. Dijon: Bibli. de Documentation Internationale Contemporaine, 1989.

Portugal distinguia-se - apesar do seu caráter autoritário e repressivo – de regimes como os da Alemanha, Itália e Espanha, surgindo aos olhos dos refugiados como «(...) uma ditadura mais reconfortante entre as ditaduras de direita»<sup>63</sup>, como sugere Patrick Mühlen. Assim e ainda nas palavras deste autor, «compreende-se assim que, malgrado algumas divergências de opinião dos refugiados, este país tenha sido predominantemente visto como uma terra simpática por aqueles para quem representou apenas uma etapa na fuga a um perigo mortal»<sup>64</sup>. Deste modo, e apesar da posição de neutralidade assumida pelo governo português logo após o início da guerra, este pequeno país periférico viu-se lançado na teia de interesses internacionais e concedeu auxílio a um elevado número de estrangeiros<sup>65</sup>. No entanto, o Estado português – o Estado de direito pretendido por Salazar que progressivamente se transformou num feroz Estado policial<sup>66</sup> - não deixou de dificultar sempre que possível a entrada a estes estrangeiros, considerados pelo próprio Salazar, como pelo MNE e pela polícia política como «indesejáveis».

Tal como refere Susana Chalante, «com a consolidação do Estado Novo e do seu ideário nacionalista, verificou-se uma consciencialização do perigo que o ‘outro’ representava para os valores que o regime de Oliveira Salazar pretendia instituir (...) Os ‘outros’ eram não só os nacionais que discordavam da ideologia salazarista, mas também os refugiados apresentados muitas vezes como criminosos e considerados ‘indesejáveis’ ou ‘invasores’»<sup>67</sup>. No entanto, os refugiados não-políticos eram mais facilmente tolerados que os restantes, constatação que nos permite afirmar, na senda de muitos autores, de que em Portugal era melhor ser-se refugiado judeu do que refugiado político. Também por isto, muitos refugiados contrários ao regime português, judeus ou não, se abstinham de comentar a vida política portuguesa com receio de futuras repressões e perseguições.

Como se viu, a maioria dos refugiados adquiria os vistos necessários à fuga e, simultaneamente, por via da obrigação, comprava antecipadamente passagens de navio

---

<sup>63</sup> MÜHLEN, Patrik von zur – *Caminhos de fuga Espanha-Portugal...*, 2012, p. 171.

<sup>64</sup> MÜHLEN, Patrik von zur – *Caminhos de fuga Espanha-Portugal...*, 2012, p. 171.

<sup>65</sup> No entanto, é extremamente difícil saber qual o volume de emigração em Portugal para este período, devido a «(...) casos não contabilizados de refugiados ilegais e, por isso, não registados, fontes pouco rigorosas [deparámo-nos com esta situação no caso específico da «residência fixa» das Caldas da Rainha que aqui se analisará mais aprofundadamente] ou pouco credíveis, possíveis contagens duplas (...)», entre outras dificuldades», MÜHLEN, Patrik von zur – *Caminhos de fuga Espanha-Portugal...*, 2012, p. 222.

<sup>66</sup> CRUZ, Manuel Braga da – Notas para uma caracterização política do salazarismo. *Análise Social*. Vol. XVIII (1982), p. 779.

<sup>67</sup> CHALANTE, Susana - O discurso do Estado Salazarista perante o «indesejável»..., 2011, p. 62.

de modo a prosseguirem a sua viagem para fora da Europa até chegarem aos seus destinos. Porém, muitos foram aqueles que permaneceram no país de forma prolongada e, nestas situações, tiveram dificuldades redobradas na sua estadia pois o governo português impedia-os de trabalhar. Acontecia, no entanto, que muitos destes estrangeiros haviam perdido tudo aquando da sua fuga enquanto outros já tinham gasto o pouco que tinham conseguido trazer. Os restantes, sempre que possível, foram sendo ajudados pelas organizações internacionais de auxílio judaicas e não-judaicas, como se viu no capítulo anterior. Exceções houve de famílias refugiadas que conseguiram manter-se às suas próprias expensas durante o tempo que permaneceram no país. É o caso da família Liberman, residente nas Caldas da Rainha desde 1942, que nunca necessitou do auxílio financeiro das organizações judaicas de apoio<sup>68</sup>, contrariamente à grande maioria dos refugiados, até mesmo nas zonas de «residência fixa», onde apesar da proibição do exercício de trabalho, muitos estrangeiros subsistiam, dando aulas de inglês, de francês e até de ginástica e de ténis. No entanto, na prática, o quotidiano ao qual se viram forçados determinou uma vivência marcada pela ociosidade. Situação, muitas das vezes, censurada pelos portugueses no que concernia à presença assídua e contínua dos estrangeiros nas esplanadas dos cafés.

Por seu turno, a boa vontade demonstrada por Salazar no acolhimento dos refugiados deve ser desmistificada, pois não foi extensível a todos os que lhe imploraram por auxílio e que a ele acorreram na esperança de salvação. Um exemplo da recusa clara de ajuda a refugiados é o do comboio do Luxemburgo que foi impedido de entrar pela fronteira portuguesa de Vilar Formoso, com cerca de 300 judeus a bordo, em novembro de 1940. Estes estrangeiros estiveram retidos dentro das carruagens cerca de uma semana em condições desumanas e degradantes, tendo subsistido do pouco que os portugueses lhes ofereciam. Os judeus deveriam ter seguido para a zona do Luso mas, por razões desconhecidas, Salazar negou-lhes a entrada e, com isso, empurrou-os de novo para o palco de guerra e, em alguns casos, para a morte nos campos de extermínio. Como refere

---

<sup>68</sup> Renée Liberman referiu numa entrevista dada à *Gazeta das Caldas*, em 1991, o seguinte: «(...) nós não dependíamos do comité [dos judeus]. O meu pai era judeu. Parte dos estrangeiros eram do Comité, eram sustentados pelo Comité. Até porque muitos deles tinham perdido tudo. Mas nós não (...) nós pagávamos. Nós tínhamos conta própria. Os ingleses quando nos davam dinheiro, era o dinheiro que vinha da nossa conta da Inglaterra», MAMEDE, Adelino et alli – *Página de História*. 13. In SUPLEMENTO da *Gazeta das Caldas*. Coord. de Carlos CIPRIANO. Caldas da Rainha: Gazeta das Caldas, 1991, p. 6-7. Todavia, este é um caso *sui generis* no que concerne à situação global dos refugiados em Portugal à época, desde logo, pelo facto de esta família ir recebendo parceladamente dinheiro vindo diretamente das contas que detinham fora do país. Era, pois, uma família rica, como a própria Renée admitiu.

Margarida Ramalho, «o eterno receio do ditador em encher o país de estrangeiros, provenientes de países democráticos e culturalmente mais evoluídos, sobretudo quando estes eram maioritariamente apátridas e por isso com mais dificuldade em obter vistos definitivos, o que poderia implicar uma longa estada em território nacional»<sup>69</sup> foi uma das questões que pesou na decisão final do governo português.

Ainda assim, é um facto que esta emigração marcou a sociedade portuguesa da época. Porém, quantos refugiados terão efetivamente passado por Portugal neste período? Calcula-se que o número de refugiados em trânsito no território português durante a guerra tenha atingido um valor superior a 100.000, todavia, o verdadeiro número de estrangeiros acolhidos por Portugal não se encontra ainda determinado. Para Irene Pimentel o mais correto é apontar para 50.000 refugiados, considerando o verão de 1940 como o momento principal deste fluxo emigratório. Como refere a mesma autora, «saber exactamente quantos refugiados passaram por Portugal durante a II Guerra Mundial é (...) difícil, devido à ausência de fontes. Não se sabe, em particular, se existe ou não a documentação do Serviço de Estrangeiros da PVDE, que poderia fornecer dados importantes sobre as entradas legais [muitos foram os refugiados ilegais, como se viu] dos refugiados neste período. Por outro lado, os “verdadeiros” refugiados misturavam-se com os estrangeiros em geral e é difícil saber ao certo quem era quem»<sup>70</sup>.

Lisboa tornou-se, neste período, no principal porto de embarcação de milhares de refugiados e, apesar da neutralidade, foi uma cidade que viveu em função da guerra. A influência dos estrangeiros – tão temida por Salazar – tirou Lisboa do seu entorpecimento secular e transformou-a numa cidade vibrante onde predominavam as mais variadas línguas e culturas.

---

<sup>69</sup> PIMENTEL, Irene Flunser e RAMALHO, Margarida de Magalhães – *O comboio do Luxemburgo. Os refugiados judeus que Portugal não salvou em 1940*. Lisboa: A esfera dos Livros, 2016, p. 148.

<sup>70</sup> PIMENTEL, Irene Flunser - *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial...*2015, p. 353.

## 2.1. O «paraíso» lisboeta em contraste com o cenário apocalítico da Europa

«Para aqueles que conhecem esta cidade é impossível imaginar como ela mudou em pouco tempo. A vida aqui intensifica-se dia após dia. Cada vez mais emigrantes, chegam de França e das zonas ocupadas pelos alemães. No Rossio, no centro da cidade, praticamente não se ouve falar português. Em contrapartida, ouvem-se praticamente todas as línguas e idiomas, sobretudo francês, inglês, alemão. Mas também polaco, neerlandês e flamengo. Lisboa está esgotada. Pode comparar-se com as semanas do festival de Salzburgo: os hotéis cheios, alugam-se casas de banho e colocam-se colchões nos corredores. Os cafés e restaurantes estão repletos. Há muitos anos que não acontece assim. A cidade renasce. Somas enormes de dinheiro estrangeiro chegam ao país e estão a ser postas em circulação pelos estrangeiros»<sup>71</sup>.

A situação que se vivia na capital portuguesa é assim descrita por Eugène Tillinger, em outubro de 1940. Volvidos quatro meses da queda da França, Lisboa - outrora uma cidade isolada - era invadida por milhares de estrangeiros que enchiam por completo os hotéis, pensões, cafés e esplanadas da cidade. O espírito de modernidade que os acompanhava era alvo de espanto e curiosidade por parte da tradicional sociedade portuguesa. A cidade estava sobrelotada o que agradava especialmente aos donos de pensões, hotéis, cafés e a todo o comércio local, pois foram estes que mais lucraram com a presença destes estrangeiros endinheirados que não reclamavam dos preços praticados.

Nas suas memórias, os refugiados recordam a hospitalidade e a amabilidade do povo português, mas não deixam de relatar o choque cultural provocado pela mentalidade paternalista e conservadora portuguesa. Ainda assim, «(...) muitos dos exilados descrevem a diferença entre a população empobrecida e faminta numa Espanha destruída pela guerra civil e um Portugal limpo e bem cuidado, com a sua gente alegre e comunicativa»<sup>72</sup>. Poucos meses depois da sua chegada, tudo se alterou por completo. As estrangeiras sentam-se nos cafés e nas esplanadas de perna traçada sem meias, sem chapéu, sem luvas e a fumar, por vezes, sem acompanhamento masculino (o que, para o pensamento português da época era um atentado ao pudor) e passeiam livre e

---

<sup>71</sup> Escreveu Eugène Tillinger em outubro de 1940, num artigo intitulado «Lissabon – 1940. Beim portugiesisches Flüchtlings-Kommissar» (trad. «Lisboa 1940. Uma visita ao Comissário dos refugiados»), *Aufbau*, 18/10/1940, fl. 5. Agradecemos, penhoradamente, ao Prof. Doutor Hans-Richard Jahnke pela amabilidade na tradução do original em alemão.

<sup>72</sup> TEIXEIRA, Christina Heine – Refugiados nos anos 40. A ociosidade forçada. *Revista de Estudos Judaicos*. 5 (2001), p. 63.



descontraidamente pela cidade. É certo que a sua presença veio modificar os hábitos do quotidiano das mulheres e homens portugueses, no entanto, o comportamento descontraído dos imigrantes não deixava de ser visto pelos setores mais conservadores como um perigo para a estrutura familiar portuguesa.

Porém, tal como refere Christina Heine, «(...) hoje em dia, é difícil de precisar se esta alteração de hábitos foi passageira ou se iniciou mesmo um processo contínuo de modificação de hábitos e de mentalidades»<sup>73</sup>. É igualmente legítimo questionar a longevidade do regime português caso estes refugiados tivessem permanecido no país após o término do conflito e tivessem impregnado nas mentalidades portuguesas os ideais democráticos e de modernidade que defendiam. Pode dizer-se, contudo, que os refugiados introduziram um novo padrão de vida e, por isso, se afirma que a sua presença determinou um antes e um depois na vida dos portugueses.

Os locais mais frequentados pelos estrangeiros eram os cafés que se situavam entre o Chiado, a Baixa Pombalina, o Rossio, a Praça dos Restauradores e a Avenida da Liberdade, visto que era aí que se encontravam os consulados e as companhias aéreas que tratavam dos vistos e das passagens para a América do Norte e do Sul, segundo afirma Irene Pimentel<sup>74</sup>. Entre os cafés mais frequentados estava a Pastelaria Suíça que, pela altura da chegada dos estrangeiros, abriu uma esplanada, segundo relata o narrador do romance de Alves Redol intitulado *O Cavalo Espantado* (1960):

«Foi, então, aí por 1939, que do outro lado da praça, e a pedido dos estrangeiros sem sol para os aquecer na vida, se puseram mesas no passeio. Cheirava a Primavera. O ar era ainda fresco, mas vinha carregado de doçura – de uma doçura primária e resignada. O gerente acedera, contrafeito, com receio de perder uma clientela que desconhecia os preços e não os regateava. E as estrangeiras sentaram-se por ali, a ler e a conversar, matando o tempo de ansiedade naquele trampolim que tanto podia levá-las mais depressa ao lar abandonado, como atirá-las para um exílio em terras americanas, se o fogo da guerra não rompesse e as cercasse antes de novo salto»<sup>75</sup>.

Em dezembro de 1940, o escritor Antoine de Saint-Exupéry passou por Lisboa. Poucos anos depois, deixou-nos uma descrição da atmosfera que presenciou em Lisboa e

---

<sup>73</sup> TEIXEIRA, Christina Heine – Refugiados nos anos 40..., 2001, p. 68.

<sup>74</sup> PIMENTEL, Irene Flunser – Refugiados entre Portugueses (1933-1945). *Vértice*. 69. II série (1995), p. 106.

<sup>75</sup> REDOL, Alves – *O Cavalo Espantado*. Lisboa: Portugália Editora, 1960, p. 83.

no Estoril – local onde esteve hospedado, mais precisamente, no Hotel Palácio – num texto intitulado *Lettre à un Otage* (trad. *Carta a um Refém*):

«Quando, em dezembro de 1940, atravessei Portugal de passagem para os Estados Unidos, Lisboa surgiu-me como uma espécie de paraíso luminoso e triste. Falava-se então muito de uma invasão iminente, e Portugal apegava-se à ilusão da sua felicidade. Lisboa, que organizara a mais encantadora exposição que já se vira no mundo [refere-se à Exposição do Mundo Português, de 1940], sorria com um sorriso um tanto pálido (...). Mas Portugal tentava acreditar na felicidade, mantendo-lhe o lugar e conservando os seus candeeiros e a sua música. Em Lisboa, representava-se a felicidade, para que Deus acreditasse mesmo nisso»<sup>76</sup>.

Lisboa acolheu algumas das mais importantes figuras políticas e culturais deste tempo e foi, sobretudo, uma plataforma de salvação para muitos intelectuais que graças ao governo português e ao trabalho das organizações internacionais, conseguiram chegar a salvo ao continente americano. A presença destas celebridades encontra-se esplanada em diversos romances e livros de memórias. Recorde-se a obra do jornalista Fernando Fragoso, *Hollywood em Lisboa* (1942), no qual este testemunha o seguinte:

«A guerra trouxe a Portugal algumas das mais célebres vedetas mundiais. Lisboa, cais da Europa, assistiu, dêste modo, à luzida parada das figuras que se habituara a admirar, imaterializadas em sombra e luz. Quando menos se esperava, desfeito o equilíbrio do sistema ‘astral’ euro-americano, presenciámos, surpreendidos e interessados, o espectáculo duma chuva de estrêlas, sôbre as ruas e hotéis da cidade – estrêlas de todos os tamanhos e feitos, com a luz própria do seu talento (...)»<sup>77</sup>.

Mas a presença dos estrangeiros nem sempre seria vista de forma aprazível por parte da população lisboeta que, em alguns casos, associou a sua estadia à escassez de géneros essenciais, como o pão e o azeite. Esta situação provocou comentários desagradáveis e acusações por parte dos lisboetas, que culpabilizavam os refugiados pelo aumento de preços e pela escassez de alimentos. O que sucedia muitas das vezes era o açambarcamento por parte dos comerciantes e dos empresários dos hotéis e pastelarias que, a seu belo prazer, inflacionavam os preços e, com isso, obtinham lucros superiores. No entanto, as culpas recaíam em cima dos refugiados. Se é verdade que a população portuguesa foi, na generalidade, bastante hospitaleira e simpática para com os refugiados

---

<sup>76</sup> SAINT-EXUPÉRY, Antoine de – *Carta a um refém*. Lisboa: Relógio D’Água, 2015, p. 13-15.

<sup>77</sup> FRAGOSO, Fernando – *Hollywood em Lisboa*. Porto: Vida Mundial Editora, 1942, p. 7.

é também verdade que, por vezes, ainda que raramente, se hostilizavam. Porém, os eventuais conflitos eram depressa abafados pela polícia política e censurados de forma a não chegarem ao conhecimento público. Ainda assim, a posição assumida pelo povo português no acolhimento dos estrangeiros pautou-se mais por uma atitude positiva que negativa, em oposição ao governo português que criou, sempre que pôde, obstáculos legais à sua estadia no país.

O receio constante da penetração de ideais democráticos e vanguardistas no seio da população portuguesa que contactava, direta e indiretamente, no seu quotidiano com a modernidade europeia trazida por estes refugiados, foi um dos fatores que levou o governo português, em articulação com a polícia política, a desviar os estrangeiros para estâncias balneares e termas que dispunham de capacidades logísticas – o que compensava a falta de turismo e fomentava o desenvolvimento destas localidades e, por outro lado, afastava estes «indesejados» da capital. Pode afirmar-se que Portugal, apesar de tudo, lucrou bastante com a emigração em trânsito. Os estrangeiros que fossem considerados perigosos politicamente, que não possuíssem vistos e/ou que tivessem os mesmos caducados, seriam colocados em zonas de «residência fixa».

Como refere Patrick Mühlen, «(...) com estes locais de internamento [diferentes, como se viu, dos campos de internamento franceses e espanhóis], as autoridades portuguesas resolviam vários problemas em simultâneo. A polícia podia observar melhor os emigrantes, aplacando dessa forma o seu receio – notório nas ditaduras – de conspirações e subversões. Por outro lado, resolvia também problemas do mercado laboral. Embora os emigrantes em trânsito não tivessem, obviamente, autorização de trabalho, muitos comerciavam peças de vestuário, peças de prata e outros objectos que tinham conseguido trazer e salvar, ou então tentavam complementar o seu quase sempre magro pecúlio com trabalhos pagos ao dia. Além do mais, com a sobrelotação de hotéis, pensões, pousadas e alojamentos particulares também os preços da indústria da restauração tinham disparado. As ‘residências fixas’ ajudaram a controlar melhor todos estes fenómenos decorrentes da presença dos estrangeiros»<sup>78</sup>.

---

<sup>78</sup> MÜHLEN, Patrik von zur – *Caminhos de fuga Espanha-Portugal...*, 2012, p. 236-237.

## 2.2. As «residências fixas»

O receio da propagação dos ideais de modernidade e de emancipação dos refugiados e a sobrelotação da capital portuguesa obrigaram o governo português a agir no sentido de dispersar os estrangeiros e de os distribuir por localidades onde estes fossem mais facilmente vigiados. A criação das «residências fixas» (1940-1942) - localidades de permanência obrigatória – trouxe alguma liberdade aos estrangeiros e proporcionou-lhes melhores condições de vida, ainda que estivessem proibidos de se movimentarem sem autorização da polícia política local num raio superior a 3 km e de estarem obrigados a revalidar e/ou requerer nova autorização de residência junto da PVDE/PIDE de trinta em trinta dias<sup>79</sup>. Este regulamento vigorou até ao final da guerra. Os locais mais conhecidos eram as Caldas da Rainha, a Curia, a Ericeira, o Estoril e a Figueira da Foz. No entanto, para além destes, regiões como Lousa de Cima, Luso, Vilar Formoso, entre outras, também acolheram alguns refugiados durante este período. Os indocumentados, os refugiados considerados perigosos politicamente e todos aqueles que tinham visto os seus documentos caducados eram colocados nestes locais de permanência em regime de «férias forçadas» até que lhes fosse possível deixar o país.

Não se conhece qualquer documento que ateste a criação das zonas de «residência fixa». Contudo, e segundo Irene Pimentel, a ideia de desviar os refugiados para estas localidades balneares e termais deve-se ao chefe da PVDE, o capitão Agostinho Lourenço. Segundo esta autora: «ao dirigir-se, em Junho de 1940, à fronteira de Vilar Formoso para escoar a torrente de refugiados que vindos de França, após a ocupação do país pelos alemães, aí se amontoavam e que as autoridades espanholas recusavam receber de volta, o chefe da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE), o capitão Agostinho Lourenço, teve a ideia de desviar muitos deles para zonas balneares e termais, onde havia hotéis e pensões. Foi assim que a maioria dos fugidos ao regime nazi e à guerra foi directamente colocada em locais turísticos dos arredores de Lisboa e do Centro de Portugal»<sup>80</sup>. Veja-se o seguinte mapa (Mapa 2).

---

<sup>79</sup> Como refere Christa Heinrich, «a PVDE controlava as autorizações de permanência e prolongava-as – o que muitas vezes era necessário devido a dificuldades na partida», HEINRICH, Christa - Preservar do esquecimento. Refugiados na região de Coimbra e da Curia. *Vértice*. 69. II série (1995), p. 17.

<sup>80</sup> PIMENTEL, Irene Flunser; MILGRAM, Avraham – Refugiados na Segunda Guerra Mundial. In *DICIONÁRIO do judaísmo português...*, 2009, p. 449-450.



**Mapa 2:** Zonas de «residência fixa» na zona centro e litoral do país

Se os lisboetas sentiram no seu quotidiano a presença dos refugiados, o impacto por estes causado fez-se sentir mais profundamente nestas zonas de permanência imposta, desde logo, pelo facto de serem localidades periféricas e mais pequenas onde praticamente todos se conheciam. Tal como afirma Irene Pimentel, «nesses microcosmos onde o governo concentrou os refugiados, as populações sentiram muito a presença dos

estrangeiros»<sup>81</sup>. Também aqui, a ociosidade reinava entre os refugiados e a angústia da partida continuava a ser uma das suas preocupações.

O prazo para a autorização de residência rapidamente expirava o que representava um problema para os estrangeiros. A determinada altura, a PVDE deixou de renovar essas autorizações e pressionou os refugiados a obterem provas em como a sua partida para um outro país (um terceiro país) estava garantida, impedindo-os de ganhar tempo e se irem fixando definitivamente em Portugal. Assim, «essa prova passava pela obtenção de um visto de um país terceiro, válido por três meses, que podia, por exemplo, ser comprado no consulado da Costa Rica em Lisboa»<sup>82</sup>. Porém, «os cônsules, bem como os refugiados, sabiam que estes documentos de nada serviam (uma vez que, não existiam ligações de Lisboa para a Costa Rica), representando unicamente uma «farsa legal» para comprovarem a sua suposta intenção de partir. Ao mesmo tempo, estes documentos foram uma forma dos refugiados irem ganhando tempo de permanência num país seguro e pacato»<sup>83</sup>.

A polícia política fiscalizava regularmente os hotéis, pensões e cafés que tivessem hóspedes ou estrangeiros ao seu serviço, mantendo um controlo apertado destes e dos locais onde se encontravam. A proibição de trabalho criava dificuldades aos foragidos, mas muitos torneavam esta proibição e exerciam trabalhos clandestinos: davam aulas particulares de inglês, de francês, de ténis, entre outros. Ou então, como se viu, exerciam trabalhos no comércio local, onde eram intensamente vigiados. Portugal tinha, efetivamente, interesse na proibição do trabalho, uma vez que, com esta medida as autoridades portuguesas acreditavam ser mais fácil obrigar os refugiados a sair do país<sup>84</sup>. Todavia, é importante não esquecer que no final da década de 1930 a Ordem dos Médicos – tendo em vista interesses corporativos - pressionou o governo no sentido de este proibir os estrangeiros de trabalhar, uma vez que o desemprego havia atingido níveis elevados e estes recebiam a concorrência externa<sup>85</sup>.

---

<sup>81</sup> PIMENTEL, Irene Flunser – Refugiados entre Portugueses..., 1995, P. 107.

<sup>82</sup> PIMENTEL, Irene Flunser - *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial...*, 2015, p. 134.

<sup>83</sup> PEREIRA, Carolina Henriques – A presença de refugiados nas Caldas da Rainha durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). *Cadernos de Estudos Leirienses*. 8 (2016), p. 330.

<sup>84</sup> PIMENTEL, Irene Flunser - *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial...* 2015, p. 238.

<sup>85</sup> CHALANTE, Susana - O discurso do Estado Salazarista perante o «indesejável»..., 2011, p. 48-49.

No entanto, estas situações não impediram que alguns refugiados permanecessem no país, mesmo após o término da guerra.

Quando os estrangeiros se encontravam em situações de desespero, sem trabalho e sem forma de sustento, sobreviviam vendendo o que ainda lhes restava de valor, muitas vezes, por *tuta e meia*. Outras vezes, e quando já não tinham dinheiro, pagavam a sua estadia nos hotéis com joias e outros pertences de valor que tinham conseguido trazer consigo na fuga. No romance de Dejan Tiago-Stanković, *Estoril, um romance de guerra* (2016), é narrada, a determinada altura, a tentativa de um refugiado que não possuía dinheiro de pagar a sua estada no Hotel Palácio Estoril com objetos pessoais:

«Desculpe o incómodo, Sr. Director, mas parece-me tratar-se de um assunto delicado. Receio que não pode passar sem o seu aval...

Lino era um funcionário experiente e não era por dá cá aquela palha que pediria auxílio. No entanto, situações como esta, antes raríssimas, nos últimos tempos tornaram-se diárias. Era sempre o mesmo: os hóspedes pediam para pagar a conta do hotel com objectos de valor cujo preço era preciso negociar. As decisões só podiam ser tomadas pelo director, cujo dilema era de natureza ética e não comercial. Ele sabia que seria sempre mais limpo receber notas e não se meter em negociatas com jóias, peças de arte e antiguidades. Se assim o fizesse, ninguém o poderia acusar de nada. Mas como é que podia recusar hospitalidade a pessoas sem abrigo só porque não tinham dinheiro vivo?»<sup>86</sup>

Contudo, poucos foram os que conseguiram escapar com alguns dos seus bens. A generalidade sobrevivia com recurso ao auxílio das organizações internacionais que todos os meses lhes garantia a subsistência. Não se pode esquecer que a grande maioria dos refugiados fugiu apenas com a roupa que tinha vestida, não conseguindo salvar nada e, muitas vezes, tendo assistido à pilhagem dos seus bens por parte das tropas alemãs. As «residências fixas» para onde centenas de estrangeiros seriam desviados permitiriam, apesar de todas as dificuldades, que estes vivessem em paz e dispusessem de uma acalmia social em nada comparável àquela à qual se haviam habituado desde o início da guerra.

---

<sup>86</sup> TIAGO-STANKOVIĆ, Dejan – *Estoril, um romance de guerra*. Lisboa: Book Builders, 2016, p. 15.

## Capítulo 3 - Caldas da Rainha: de cidade termal a porto de abrigo

Caldas da Rainha é uma cidade termal portuguesa localizada não muito longe de Lisboa pertencendo, em simultâneo, à sub-região oeste e à região centro do país. É uma localidade pacata, ainda que acostumada à agitação dos meses de verão que trazem consigo os veraneantes à cidade e às suas zonas limítrofes, sobretudo, às praias da Foz do Arelho, de Salir do Porto e à lagoa de Óbidos. A sociedade local sempre conviveu bem com esta realidade. Ainda assim, nada fazia prever o afluxo de refugiados que começou a chegar à cidade a partir do verão de 1940. Caldas já conhecera a presença de desalojados com a vinda dos emigrados Boers, em inícios de 1901. Mas, volvidos alguns anos, a sociedade caldense que sempre soube receber estrangeiros e lidou bem com a contrastante diversidade cultural perpetuada pela sua frequência na cidade, sofreria um abalo interno e uma maior abertura ao exterior com a chegada de centenas de novos refugiados fugidos dos horrores da guerra. Tal como refere António José Telo ao prefaciar a obra de José C. Júnior, *Ericeira 50 anos depois...os refugiados estrangeiros da 2ª Guerra Mundial*, «os refugiados são a ‘escola primária’ desta abertura, a primeira experiência de larga escala de contacto com o exterior»<sup>87</sup>.

Em 1940, ano em que começaram a chegar à cidade os primeiros refugiados, o concelho das Caldas da Rainha tinha uma população de 33.523 habitantes, sendo que destes 16.749 eram homens e 16.774 eram do sexo feminino<sup>88</sup>. Nesse mesmo período, o número total dos estrangeiros que residia no concelho era de 87<sup>89</sup>. Comparativamente a estes dados, destaca-se um claro aumento populacional nos anos de 1950. A população residente neste concelho aumenta para 37.165 (18.371 eram homens e 18.794 eram mulheres) e, relativamente à presença de estrangeiros, o crescimento mantém-se em todo

---

<sup>87</sup> JÚNIOR, José Caré – *Ericeira 50 anos depois...os refugiados estrangeiros da 2ª Guerra Mundial*. 3ª ed. Ericeira: Mar de Letras, 1998, p. 20.

<sup>88</sup> *VIII Recenseamento Geral da População no continente e ilhas adjacentes em 12 de Dezembro de 1940*. Distrito de Leiria. Vol. XI. Lisboa: INE, Sociedade Astória Limitada, 1944, p. 18. Para um maior aprofundamento consulte-se ainda SERRA, João B. – *Introdução à história das Caldas da Rainha*. 2ª ed. Caldas da Rainha: Património Histórico, 1995, p. 119-121.

<sup>89</sup> *VIII Recenseamento Geral da População no continente e ilhas adjacentes em 12 de Dezembro de 1940*. Distrito de Leiria..., 1944, p. 52.



o distrito de Leiria com um total de 275 estrangeiros residentes há mais de cinco anos<sup>90</sup>. Ainda assim, os refugiados habitavam fundamentalmente na cidade. A presença de refugiados e de estrangeiros estimulou o desenvolvimento citadino das Caldas e permitiu um crescimento populacional de 2.189 nos anos que vão de 1940 a 1950<sup>91</sup>. Veja-se o quadro seguinte (Quadro II) onde se apresentam os dados referentes ao número de habitantes (no concelho e na cidade) nos anos de 1940 a 1950.

## Quadro II

Número de habitantes no concelho e cidade das Caldas da Rainha (1940-1950)

| Anos | Concelho | Cidade |
|------|----------|--------|
| 1940 | 33.523   | 9.632  |
| 1950 | 37.165   | 11.821 |

**Fonte:** *VIII Recenseamento Geral da População no continente e ilhas adjacentes em 12 de Dezembro de 1940*. Distrito de Leiria (1944) e *IX Recenseamento Geral da População no continente e ilhas adjacentes em 15 de Dezembro de 1950*. Distrito de Leiria (1952)

A publicação anual *American Jewish Year Book* destaca a importância das Caldas no acolhimento de refugiados judeus da seguinte forma: «Durante o Verão de 1941, a pedido das agências de ajuda humanitária em Lisboa, o Governo designou a cidade turística das Caldas da Rainha, a cerca de 55 milhas [cerca de 88,5 km] de Lisboa, como lugar de residência forçada para os refugiados que viram os seus vistos de trânsito caducados e para aqueles que por outro lado tinham sido presos»<sup>92</sup>. Com base na documentação crê-se que determinados estrangeiros enviados para esta zona de «residência fixa» tinham entrado ilegalmente no país, mas a maioria dos que aí foram colocados entraram em Portugal com vistos válidos que, por vezes, caducavam impossibilitando-os de seguir o seu caminho. Outro entrave à sua saída era a falta dos

---

<sup>90</sup> *IX Recenseamento Geral da População no continente e ilhas adjacentes em 15 de Dezembro de 1950*. Distrito de Leiria. Tomo I. Lisboa: INE, Sociedade Astória Limitada, 1952, p. 26-27 e p. 580.

<sup>91</sup> Ao longo do tempo as atividades económicas que mais marcaram o imaginário caldense, além do comércio e do turismo, foram as fábricas de porcelana e de faianças sendo a mais conhecida a pertencente a Bordalo Pinheiro. As mesmas fábricas, empregavam alguns estrangeiros qualificados, de forma a, atingir um grau de desenvolvimento superior pois algumas técnicas trazidas por estes eram inovadoras comparativamente às utilizadas pelos portugueses. No entanto, desconhece-se se algum dos estrangeiros por nós identificado se encontrava nas Caldas da Rainha exclusivamente como trabalhador de alguma destas fábricas.

<sup>92</sup> AJYB, Vol. 44 (1942-1943), Review of the year 5702 – Portugal, p. 232 (trad. minha).

meios de transporte para os EUA, sobretudo para aqueles que se encontravam mais afastados da capital como era o caso destes estrangeiros que necessitavam de autorização da polícia política para saírem do perímetro ao qual estavam confinados e ir a Lisboa tentar obter passagens.

Nestas circunstâncias, os estrangeiros encontravam-se em rotação entre as «residências fixas» da zona centro que possuíam condições estruturais para os acolher – Curia, Figueira da Foz, Ericeira, Lousa de Cima, Caldas da Rainha – revalidando mensalmente os seus vistos de residência numa destas localidades. Quando nos referimos aos refugiados das Caldas não queremos necessariamente dizer que estes se encontraram sempre nesta zona durante a sua estada em Portugal: a grande maioria permaneceu em movimento durante a sua presença no país. A análise que se faz é sempre limitada pois muitas vezes as fontes são inexistentes ou incompletas não permitindo, por isso, a construção de um quadro consistente e esclarecedor acerca da permanência dos estrangeiros nesta zona de «residência fixa».

No entanto, sabe-se que dezenas de refugiados escolheram permanecer nas Caldas optando, por vezes, por residir na cidade ou em zonas mais costeiras, como a Foz do Arelho. A sua principal residência nesta última localidade era o Hotel do Facho<sup>93</sup>, propriedade da família Grandella e que foi explorado por um espanhol, natural de Sottomayor, Domingos Losquiños Garrido, de 1935 a 1944<sup>94</sup>. Este já se encontrava nas Caldas da Rainha antes do enorme afluxo de refugiados da Segunda Guerra Mundial começar a chegar à localidade. Numa carta remetida pelo presidente da Câmara Municipal das Caldas da Rainha, Júlio Lopes, a um veraneante lisboeta, António Barbosa Sobrinho, informa-se o seguinte:

«Respondendo á carta de V. Ex<sup>a</sup>. datada de 17 do corrente, informo que na Praia da Foz do Arêlho, mesmo junto ao mar, existe a Pensão – “O Facho” – de Domingos Losquinhos Garrido. As diárias, por pessoa, vão desde 27\$50 a 50\$ e para casal desde 50\$00 a 80\$00. Dirigindo-se V. Ex<sup>a</sup>. directamente ao dono da pensão, obterá todas as mais informações que desejar.

Com a maior consideração, me subscrevo.

---

<sup>93</sup> Ver Figs. 8 e 9 em anexo.

<sup>94</sup> TAVARES, Mário – *Caldas da Rainha no tempo da II Guerra Mundial*. Caldas da Rainha: Património Histórico, 2009, p. 49-50. Para mais informações relativas a este estrangeiro ver ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 39. Viria a falecer nas Caldas, a 1 de outubro de 1967, com 80 anos, sendo sepultado no Cemitério de Nossa Senhora do Pópulo, ACMCR, Cemitério, Registo de Enterramentos, 1966-1969, l. 33, p. 43.

A Bem da Nação. Caldas da Rainha, 19 de Agosto de 1938 [seguido do nome do presidente, Júlio Lopes]»<sup>95</sup>.

Esta zona recebeu muitos espanhóis nos finais de 1920 e durante a década seguinte que vinham à procura de melhores condições de vida e, sobretudo, republicanos foragidos da Guerra Civil de Espanha (1936-1939)<sup>96</sup>. A maioria dos espanhóis mencionados na documentação consultada já se encontrava nas Caldas da Rainha quando uma nova vaga de refugiados - provocada pela guerra fratricida que assolava a Europa e o mundo logo após o fim da guerra de Espanha - começou a penetrar na sociedade local. Raros seriam os que viriam para esta zona costeira após 1945 e, nos casos em que tal sucedeu, deveu-se uma vez mais à procura de melhores condições de vida sobretudo porque depois do conflito a cidade se tornou de novo numa localidade turística<sup>97</sup>.

Mas quando é que os refugiados começaram efetivamente a chegar às Caldas da Rainha? Os estrangeiros que vinham para Portugal fundiram-se com a sociedade caldense a partir de 1940. Numa minuta enviada pelo Presidente da Câmara das Caldas da Rainha para o Comandante Geral da Polícia de Segurança Pública de Lisboa é possível identificar uma clara preocupação na necessidade de vigiar e controlar os refugiados que começavam a chegar à cidade. O presidente da Câmara pede um aumento do contingente policial no posto da PSP das Caldas da Rainha de forma a dar solução «(...) às exigências do momento». Escreve-se o seguinte, em junho de 1940: «A circunstancia de se encontrarem aqui, com residencia marcada nesta cidade, grande numero de refugiados por motivo da guerra, numero que vai dia a dia aumentando, obriga a um cuidadoso serviço de policiamento da cidade e tambem à necessária vigilância sobre êsses mesmos

---

<sup>95</sup> AHBMCRC, cx. Correspondência Expedida Turismo (1937-1942), doc. avulso. Um outro documento em que este é referido como gerente do Hotel do Facho (Foz do Arelho), está datado de 8 de agosto de 1939, AHBMCRC, cx. Correspondência Expedida Turismo (1937-1942), doc. avulso.

<sup>96</sup> Os espanhóis fugidos da perseguição franquista e da Guerra Civil que assolava o país, vinham fundamentalmente das províncias da Estremadura (Cáceres, Badajoz) e das zonas a Norte da Península Ibérica (Ourense e Pontevedra). Tal como refere José Campos, «a evolução das operações militares permitiu que os chamados nacionalistas tivessem ocupado rapidamente a quase totalidade da zona que faz fronteira com Portugal, as províncias da Estremadura espanhola, bem como uma parte de Castela, Leon e Galiza», levando a população a fugir e a atravessar a fronteira ibérica, CAMPOS, José Torres – *Memória do Portugal no meu tempo (1932-2010)*. Lisboa: Companhia das Cores, 2011, p. 21.

<sup>97</sup> Numa carta do vice-presidente da Câmara Municipal das Caldas da Rainha dirigida ao diretor da PIDE a propósito do preenchimento dos boletins modelo 320, o primeiro refere que a maioria dos estrangeiros presentes nas Caldas da Rainha em 1950 são espanhóis, AHBMCRC, cx. Estrangeiros, pasta Estrangeiros (1950), doc. avulso.

refugiados»<sup>98</sup>. Os estrangeiros eram constantemente vigiados. Ainda assim, a sua permanência nas Caldas trazia-lhes menos preocupações do que se estivessem em Lisboa. Todavia, levantava outro problema: a sua presença inflacionaria o nível populacional neste território o que criou, desde logo, problemas gerais de provisão.

### 3.1. O abastecimento nas Caldas da Rainha (1942-1945)

A questão do abastecimento e da carência alimentar foram preocupações constantes da governação municipal logo após a chegada de refugiados. A câmara enfrentou o problema e, por diversas vezes, se correspondeu com o Governo Civil de Leiria e com os Grémios dos Armazenistas nacionais solicitando ajuda. Porém, e devido à escassez que se fazia sentir por todo o país, sobretudo após o racionamento, os grémios nem sempre atenderam de forma positiva a uma maior distribuição de produtos nas Caldas da Rainha. Numa carta enviada pelo Presidente da Comissão Reguladora do Comércio do concelho das Caldas ao Delegado do Governo no Grémio dos Armazenistas de Merceria, a 20 de abril de 1942, dois anos após a vinda dos primeiros refugiados, o primeiro queixa-se do desconhecimento deste grémio relativamente ao número total de habitantes do concelho e de ignorar por completo a presença de estrangeiros que, de forma inevitável, vieram aumentar o consumo. Veja-se um pequeno excerto desta carta:

«O concelho das Caldas está bastante prejudicado com a distribuição que lhe foi feita, não só em relação ao numero total os seus habitantes, mas ainda, por que contando com uma população flutuante bastante consideravel, e sendo como é, uma zona de turismo importante, terá que cuidar não só da sua propria população, mas ainda daquela [que] pela força das circunstancias aqui permanece temporariamente.

Na presente ocasião estão residindo nesta cidade cêrca de 400 estrangeiros, cuja permanencia aqui foi fixada obrigatoriamente pelo Governo, e por isso, desejo chamar a atenção de V. Ex.<sup>a</sup> para este facto, em reforço do meu pedido, e contando com a aquiescencia de V. Ex.<sup>a</sup> no sentido de nos ser atribuido maior contingente de productos, levando em linha de conta que se trata dum

---

<sup>98</sup> Carta enviada pela Câmara Municipal das Caldas da Rainha ao Comandante Geral da Polícia de Segurança Pública de Lisboa, datada de 28 de junho de 1940, AHBMCR, cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Câmara Municipal das Caldas da Rainha, Serviços Policiais, doc. avulso. Ver fig. 5 em anexo.

aumento de consumidores, com o que se não contou em estatísticas anteriores e em situações normais»<sup>99</sup>.

Após diversos contactos no sentido de se aumentarem as provisões destinadas às Caldas da Rainha, a questão foi provisoriamente tratada tendo sido autorizado um contingente extraordinário de mercadorias de forma a prover a toda a população – local e flutuante<sup>100</sup>.

Todavia, a manifesta escassez de determinados géneros alimentares continuou a representar um problema. De tal modo que, em agosto de 1943, o Presidente da Câmara reúne com os proprietários dos hotéis e pensões da localidade para se delinear um plano alimentar mais económico e onde não houvesse esbanjamento de alimentos sobretudo, dos que rareavam. Na ata da reunião, lê-se o seguinte: «Em face da escassez manifesta de alguns generos de alimentação, há necessidade de restringir quanto se possa o consumo dos mesmos nos hotéis e pensões, isto é, acabar com o supérfluo. Cada Hotel e cada Pensão, sem deixar de ‘servir bem’, tem que adoptar um regime de alimentação que melhor se coadune com esta necessidade, que é já hoje norma consagrada: poupar». Após breve debate entre os proprietários ficou estabelecido um regime de alimentação comum que deveria entrar em vigor daí em diante, e que era o seguinte: «(...) almoço e jantar: sôpa ou aperitivo de dois pratos – um de peixe e outro de carne. Sôbremesa: ao arbitrio de cada um e de acôrdo com as suas disponibilidades»<sup>101</sup>.

Apesar destas restrições alimentares – sentidas de igual modo pelos portugueses, sobretudo, após o racionamento – os estrangeiros encontraram nas Caldas da Rainha uma abundância apenas comparável ao que existia antes da guerra. Recorde-se o testemunho de uma refugiada, Renée Liberman Costa e Silva ao afirmar que quando chegou a esta cidade, em 1942, tinha caído num paraíso onde havia de tudo: «(...) quando nós chegámos

---

<sup>99</sup> Carta datada de 20 de abril de 1942, AHBMCRC, cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Géneros Alimentícios (1939-1945), doc. avulso, fl. 1-2.

<sup>100</sup> Numa carta enviada a 18 de maio de 1942, pelo Presidente da Câmara Municipal das Caldas da Rainha para o Governador Civil de Leiria - em resposta a um ofício do dia 9 de maio - lê-se o seguinte: «Agradeço a informação prestada por V. Ex.<sup>a</sup> de que o Delegado do Governo do Grémio dos Armazenistas e Retalhistas do Norte, Centro e Sul, autorizou um contingente extraordinario de mercadorias a este concelho, atendendo ao grande numero de estrangeiros actualmente nesta cidade, com residencia fixada obrigatoriamente pelo Governo», AHBMCRC, cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Géneros Alimentícios (1939-1945), doc. avulso. Veja-se igualmente, o ofício L.<sup>o</sup> - C, N<sup>o</sup> 776 dirigido ao Presidente da Câmara Municipal das Caldas da Rainha pelo Governo Civil de Leiria de 9 de maio de 1942, AHBMCRC, cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Géneros Alimentícios (1939-1945), doc. avulso.

<sup>101</sup> Ata de reunião datada de 3 de agosto de 1943, AHBMCRC, cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Géneros Alimentícios (1939-1945), doc. avulso.

às Caldas parecíamos parvinhas, com os olhos muito abertos a olhar para as montras cheias de coisas. Que em França não havia nada nas montras (...). Então aqui!...As montras estavam cheias de chocolates, estavam cheias de bolachas, estavam cheias de tudo quanto era bom»<sup>102</sup>.

O município estava obrigado a informar o Governo Civil de Leiria do total de habitantes que aí residiam - tanto os habitantes locais como os flutuantes - para que fosse atribuído ao concelho um contingente alimentar que provesse a toda a população, até porque, neste período Portugal se encontrava numa situação de racionamento devido à escassez geral. Numa breve minuta datada de 3 de março de 1944, o Presidente da Câmara das Caldas informa o Delegado de Intendência de Leiria do seguinte: «Resposta circular 12 Vossa Excelencia informo estão inscritas racionamento trinta e sete mil duzentos setenta quatro pessoas»<sup>103</sup>. Um mês depois, a ajuda veio da Comunidade Israelita de Lisboa que autorizou o envio de 60 kg de carne de vaca e vitela destinada aos refugiados residentes na cidade das Caldas da Rainha. Pode ler-se o seguinte excerto:

«A Comunidade Israelita, foi auctorizada a, por intermédio do seu delegado Snr.º Guilherme Silberman, a trazer de Lisboa para a cidade das Caldas da Rainha 60 Kilos de carne de vaca e vitela (carnes verdes) destinada a refugiados com residência fixada nas Caldas da Rainha, sob o patrocínio da referida Comunidade (...)»<sup>104</sup>.

O esforço empreendido pela Câmara Municipal no acolhimento dos refugiados foi reconhecido pelas mais altas instâncias de auxílio nacionais. A Cruz Vermelha Portuguesa demonstra a sua gratidão para com a atitude humanitária do Presidente das Caldas numa carta datada de 28 de agosto de 1942, onde se lê o seguinte:

«Extremamente reconhecida vem a Cruz Vermelha Portuguesa agradecer a grande honra que V. Ex.<sup>a</sup> lhe dá, tendo aceite o cargo de Representante Extraordinário da mesma Instituição na área do Concelho das Caldas da Rainha para, durante a actual guerra, podermos prestar os serviços que de todo o Mundo nos sejam solicitados. Ainda esta Instituição manifesta o seu grande reconhecimento pela gentileza da Camara da digna Presidência de V. Ex.<sup>a</sup> em desejar colaborar em beneficio dos que sofrem»<sup>105</sup>.

---

<sup>102</sup> MAMEDE, Adelino et alli – *Página de História*. 13. In SUPLEMENTO da *Gazeta das Caldas*. Coord. de Carlos CIPRIANO. Caldas da Rainha: Gazeta das Caldas, 1991, p. 7, col. 4.

<sup>103</sup> Minuta datada de 3 de março de 1944, AHBMCRC, cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Géneros Alimentícios (1939-1945), doc. avulso.

<sup>104</sup> Carta datada de 5 de abril de 1944, AHBMCRC, cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Géneros Alimentícios (1939-1945), doc. avulso.

<sup>105</sup> Carta datada de 28 de agosto de 1942, AHBMCRC, cx. Estrangeiros (1939-1955), doc. avulso.

## 3.2. Espaços habitacionais dos refugiados nas Caldas da Rainha

Nas Caldas da Rainha, os estrangeiros foram bem recebidos pela população caldense e, nos casos em que havia necessidade, puderam recorrer à ajuda de algumas organizações que se estabeleceram na cidade, como foi o caso do American Jewish Joint Distribution, instalado no 1º andar do nº 30 da Travessa da Cova da Onça<sup>106</sup>, que serviu igualmente de Sinagoga improvisada para os judeus que pretendessem praticar o seu culto e realizar celebrações religiosas<sup>107</sup>. Estes ficavam hospedados em hotéis, pensões ou em casas particulares durante a sua estada forçada nas Caldas. Os principais hotéis eram: Grande Hotel Lisbonense, Hotel Central, Hotel da Copa, Hotel do Facho e o Hotel Rosa. Enquanto que as pensões mais procuradas foram a Pensão Estremadura, a Pensão Leiriense e a Pensão Parque (Quadro III).

### Quadro III

Principais hotéis e pensões nas Caldas da Rainha que hospedaram estrangeiros e refugiados (décadas de 1930-1950)

|                |                         | <b>Gerência/Proprietário</b>                    | <b>Morada</b>               |
|----------------|-------------------------|---|-----------------------------|
| <b>Hotéis</b>  | Grande Hotel Lisbonense | Paulino de Figueiredo                           | Avenida Dr. Manuel Figueira |
|                | Hotel Central           | Manuel Gomes                                    | Largo Dr. José Barbosa      |
|                | Hotel da Copa           | Manuel Saudade e Silva/<br>Luiz Saudade e Silva | Rua Dr. Miguel Bombarda     |
|                | Hotel do Facho          | Domingos Garrido                                | Praia da Foz do Arelho      |
|                | Hotel Rosa              | Manuel Cardoso                                  | Rua do Diário de Notícias   |
| <b>Pensões</b> | Pensão Estremadura      | Paulino de Figueiredo                           | Largo Dr. José Barbosa      |
|                | Pensão Leiriense        | Maria Justina                                   | Rua Dr. Miguel Bombarda     |
|                | Pensão do Parque        | Elisa Fitas                                     | Rua de Camões               |

**Fonte:** AHBMCR, cx. Correspondência Expedida Turismo (1937-1942) e AHBMCR, cx. Ofícios Recebidos (1941-1943)

Apesar da preferência habitacional dos refugiados pender fundamentalmente para os hotéis e pensões, muitos indivíduos residiram em casas particulares sozinhos ou

<sup>106</sup> TAVARES, Mário – *Caldas da Rainha no tempo da II Guerra Mundial*. Caldas da Rainha: Património Histórico, 2009, p. 17.

<sup>107</sup> Ver Figs. 6 e 7 em anexo. Fig. 6: Grupo de judeus num momento de oração nas Caldas da Rainha, em 1942. Fig. 7: Fotografia de um grupo de refugiados judeus a celebrar o Bar Mitzvah nas Caldas da Rainha, em dezembro de 1943.

acompanhados das suas famílias e, em certos casos, das suas criadas. Foi-nos impossível descobrir todas as casas particulares que acolheram refugiados durante este período e, nos casos em que nos foi possível obter algumas indicações, as moradas nem sempre estavam completas. Contudo, muitas casas albergaram estrangeiros ao longo da guerra e, inclusive, após o fim da mesma. No Quadro IV referem-se as casas particulares que receberam estrangeiros e onde alguns permaneceram mesmo depois de 1945.

#### Quadro IV

Casas particulares arrendadas por refugiados nas Caldas da Rainha (1941-1953)

|                           | <b>Morada</b>                           |
|---------------------------|---|
| <b>Casas Particulares</b> | Largo João de Deus, nº 4                |
|                           | Quinta do Sandre (Avenal)               |
|                           | Rua 31 de Janeiro                       |
|                           | Rua Almirante Reis, nº 98, 2º           |
|                           | Rua dos Artistas, nº 31                 |
|                           | Rua do Diário de Notícias, nº 11        |
|                           | Rua Dr. Miguel Bombarda                 |
|                           | Rua Emídio Jesus Coelho                 |
|                           | Rua Fonte Pinheiro, nº 6, 3º            |
|                           | Rua Henrique Sales, nº 31, 1º           |
|                           | Rua Heróis da Grande Guerra, nº 129, 2º |
|                           | Rua do Sacramento, nº 4, 6º             |
|                           | Travessa da Cova da Onça, nº 7          |

**Fonte:** AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955) e Cx. Estrangeiros

No entanto, temos conhecimento dos respetivos proprietários de três dos locais onde se arrendaram casas, em 1941: na Praça 5 de outubro, na Rua General Queiroz e na Rua Henrique Sales. Tal como é referido num documento de 29 de maio desse ano, «todas as casas que indico (...) teem a mobília precisa, loiças de meza e de cosinha, não fornecendo porem roupas. Como em geral todas as casas que aqui se alugam [nas Caldas], são limpas e aceiadas, tendo agua encanada e luz eléctrica (...)»<sup>108</sup>, sendo que, umas casas estavam melhor localizadas do que outras. Veja-se o quadro seguinte (Quadro V).

<sup>108</sup> Carta datada de 29 de maio de 1941, AHBMCR, cx. Correspondência Expedida Turismo (1937-1942), doc. avulso.



## Quadro V

Localização e respetivos proprietários das casas particulares que recebiam refugiados nas Caldas da Rainha (maio de 1941)

|                           | <b>Arrendatário</b> | <b>Morada</b>       |
|---------------------------|---------------------|---------------------|
| <b>Casas Particulares</b> | António Elias       | Rua Henrique Sales  |
|                           | Francisco do Couto  | Praça 5 de outubro  |
|                           | Inácio Perdigão     | Rua Henrique Sales  |
|                           | José Pina           | Rua Henrique Sales  |
|                           | Viúva Diniz         | Rua General Queiroz |

**Fonte:** AHBMCR, cx. Correspondência Expedida Turismo (1937-1942)

A chegada e a presença contínua destes refugiados marcaram para sempre o imaginário da sociedade caldense. De tal modo que, décadas volvidas da sua célere passagem pela cidade, ainda há quem recorde com carinho e nostalgia esses tempos. O que mais se relembra é a mudança de hábitos e a leveza de espírito que estes trouxeram à sociedade local, possibilitando a abertura de uma ligeira brecha no tradicional modo de vida e arejando a cidade com zéfiros de modernidade. Aquando de uma entrevista cedida à *Gazeta das Caldas*, em 1991, o caldense Hermínio de Oliveira recordou a chegada dos estrangeiros que tinham trazido consigo «(...) um vento de descontração e de amor pela vida», referindo que com eles «desapareçam os embiocados xailes e lenços de cabeça [usados pelas mulheres portuguesas]». Contrariando estes comportamentos, as estrangeiras apareciam com as suas «pernas arejadas, de joelhos ao léu (...) jogavam ténis e bebiam café de perna traçada, desinibidas e alegres. Fruiam o prazer da vida e não tardaram a ser imitadas (...)». No fundo, «o que fica como verdade foi a profunda mudança das regras da nossa vivência, a liberdade dos gestos e do pensamento, também a amizade que votámos áqueles que por aqui passaram alguns anos (...)»<sup>109</sup> e com os quais, muitos caldenses se continuariam a corresponder após a sua partida, segundo relatou este local.

A sua estada era sentida profundamente, mas a sua presença foi, raras vezes, alvo de interesse por parte da imprensa devido à censura instaurada pelo regime a fim de evitar penetrações ideológicas indesejáveis. No entanto, o periódico nacionalista da localidade – *Gazeta das Caldas* – não deixou de publicar algumas notícias que davam conta da

---

<sup>109</sup> Entrevista de Hermínio de Oliveira à *Gazeta das Caldas*, publicada em conjunto com outras no suplemento nº 13 deste periódico, a 24 de maio de 1991, MAMEDE, Adelino et alli – *Página de História*. 13..., 1991, p. 2, col. 5.

chegada e da frequência destes estrangeiros na cidade, mas fê-lo sobretudo de modo a enaltecer o regime pela sua atitude humanitária. Um exemplo disto foi a publicação de um artigo escrito por um jornalista de Rio Maior, no qual este refere que duas estrangeiras – francesa e americana – estavam encantadas com a receção que lhes havia sido feita nas Caldas e que, por isso, afirmaram que «se os portugueses querem ser felizes, conservem Salazar».

Este mote serviu para que os redatores deste periódico nacionalista enaltecessem a hospitalidade do regime português e exaltassem a figura de Salazar: «Estas palavras, na boca de estrangeiros que, possivelmente, até ha pouco, admiravam principios muito diferentes dos seguidos pelo nosso Presidente do Conselho, constituem a melhor e mais imparcial apreciação da obra do Estado Novo e do seu eminente Chefe, e, podem servir de exemplo para alguns maus portugueses que sofrem da pior das cegueiras – a dos que não querem ver»<sup>110</sup>.

### 3.3. Os estrangeiros vistos pela imprensa periódica: o caso da *Gazeta das Caldas*

A *Gazeta das Caldas* – jornal trimestral – publicava-se nos dias 1, 10 e 20 de cada mês, nos concelhos de Caldas da Rainha, Óbidos, Peniche, Cadaval, Lourinhã e Bombarral. Era um periódico nacionalista e raramente divulgava informações relativas aos refugiados alojados nas Caldas da Rainha. A imprensa regional, aliás, designava-os quase sempre como «estrangeiros», ainda que, por vezes estes tenham sido referenciados como «refugiados»<sup>111</sup>.

A 1 de julho de 1940, este periódico publicou um artigo intitulado «Ecos da Guerra. Os emigrados em Caldas da Rainha» onde se pode ler o seguinte:

«Inesperadamente automoveis estrangeiros começaram a parar nas ruas da cidade, enquanto muitos outros, atulhados de bagagem, se dirigiam para o sul. Os últimos actos da guerra, reflectiam-se assim na vida portuguesa, trazendo até ás nossas províncias tranquilas, o éco dos últimos acontecimentos internacionais. Os

---

<sup>110</sup> ADLRA, GC, 01/08/1940, fl. 1.

<sup>111</sup> Vejam-se os casos dos artigos «Refugiados Estrangeiros em Caldas da Rainha» (GC, 20/07/1940, fl. 2) e «Refugiados nas Caldas» (GC, 01/08/1940, fl. 1).

hoteis ficaram cheios de estrangeiros: austriacos, ingleses, franceses, americanos, belgas e holandeses.

Os portugueses, os eternos sentimentais com a sua tradição de hospitalidade, logo acudiram curiosos do espectáculo, a intervir, a informar, a servir de interpretes, a ajudar de qualquer forma os que se encontravam longe da sua pátria.

Logo recolheram dos fugitivos a noticia do bom acolhimento feito pela Polícia Internacional na fronteira, alojando-os em tendas, fornecendo-lhes alimentação, distribuindo-lhes alojamentos, amáveis, atenciosos humanos»<sup>112</sup>.

O artigo não surpreendeu os caldenses que já se haviam habituado a receber deslocados. No entanto, a publicação reforçou a ideia de que um novo ciclo se vislumbrava na sociedade local. Os estrangeiros começaram a chegar à cidade e logo os hotéis, pensões, casas particulares<sup>113</sup>, cafés e esplanadas ficaram superlotados. Os cafés foram sendo progressivamente dominados por línguas de toda a Europa - austríaco, alemão, francês, inglês – passando os refugiados a ocupar os lugares até aí reservados aos caldenses e, sobretudo, aos homens. Um mês volvido desta publicação, um articulista local que assinava com a letra «M» redigiu um pequeno texto intitulado «Estrangeiros», que demonstra como os habitantes e o município das Caldas da Rainha acolheram os refugiados e que, pela sua importância, se transcreve abaixo.

«A cidade tem-nos oferecido, ultimamente, uma nota de vida cosmopolita, em virtude dos numerosos estrangeiros que nela, vieram acolher-se, foragidos da tormenta que assola a maior parte da Europa. Dir-se-ia que estamos numa estação de turismo internacional, porquanto a cada passo, são aos nossos ouvidos diálogos e exclamações em várias línguas e dialectos.

Se a aparência desses praticantes de um turismo involuntario, não denota a alegre despreocupação do viajante em férias, não deixamos de neles observar um ar de tranquilidade, após o êxodo aflitivo. Esta permanência nas Caldas, é, para eles, uma alta de repouso, aliviadora e reconfortante, da qual alguns, pela vida adiante, conservarão uma recordação amável. Já muitos deles, publicamente expressaram a sua admiração pela linda terra caldense e a sua gratidão pela fidalga hospitalidade que nela lhe dispensaram. Mais uma vez – agora em condições imprevistas – esta terra bemfazeja aliviou gente aflita.

---

<sup>112</sup> ADLRA, GC, 01/07/1940, fl. 1.

<sup>113</sup> Num edital realizado a pedido do Governador Civil de Leiria, Mário de Vasconcelos, datado de 4 de julho de 1941, determina-se o seguinte em relação aos estabelecimentos de acolhimento: «Art. 3.º, 1.º Hotéis – Os estabelecimentos que satisfaçam as condições e como tais sejam classificados, nos termos do decreto 19.101, de 4 de Dezembro de 1930 (...) 4.º Casas de Hóspedes e Pensões – O domicílio de particulares onde se recebam quatro ou mais hóspedes com carácter de permanência, com ou sem mobiliário, fornecendo-lhes ou não alimentação», AHBMCR, cx. Estrangeiros (1939-1955), doc. avulso desdobrável.

Estes emigrantes foragidos dos horrores da guerra, alcançaram um país, não somente em plena paz, mas, até mesmo, em plena festa. Esta linda terra para onde tantos têm sido conduzidos, é a que mais se coaduna com as circunstâncias em que a maioria deles se encontram: uma cidade ao mesmo tempo alegre e tranquila, por seu natural e tradição, singularmente acolhedora, e dispondo de todos os recursos para bem receber forasteiros, os ricos, os remediados e, até mesmo, os pobres.

Especialmente aos estrangeiros, as Caldas oferece um dos mais típicos aspectos regionais da vida portuguesa; e, num meio farto, uma vida fácil. Esses que por aqui vão estacionando, não encontrariam local onde melhor distrair o espírito, repousar os nervos e retemperar o ânimo. Quasi todos abalarão em breve, retomando a sua triste marcha a caminho de novos destinos, mais ou menos incertos»<sup>114</sup>.

Todavia, é importante mencionar que o grosso dos artigos levados a prelo se destacavam não pela preocupação de relatar a presença efetiva dos estrangeiros, mas antes, orientavam-se pela relevância do seu caráter institucional e informativo. Fundamental era informar e encaminhar aqueles que estavam na situação de «residência fixa» da necessidade e impreteribilidade de renovação de documentos de residência. Na sequência de diretrizes camarárias, a *Gazeta das Caldas* fazia publicar nos meses de janeiro uma mensagem destinada aos estrangeiros na qual os exortava a validar os seus vistos sob pena de multa. Atente-se ao seguinte exemplo:

«Estrangeiros. Muito importante. Todos os estrangeiros com residência neste concelho tem de apresentar, nesta repartição, no mês de janeiro próximo, os seus documentos de residência para o 'Visto' sob pena de multa. Os documentos são: Para espanhóis, unicamente o certificado de nacionalidade passado nos respectivos consulados e válido até 31 de Dezembro de 1940. Para súbditos de outras nacionalidades, o bilhete de identidade ou autorização de residência por 180 dias, aqui passada (...).»<sup>115</sup>

Não obstante, outros artigos que diziam respeito aos refugiados foram sendo publicados. A 1 de julho de 1940, no pico da chegada de refugiados a Portugal, publicava-se um anúncio intitulado «Casas para refugiados»<sup>116</sup>, que oferecia a estes casas mobiladas (ou não) com espaço para cultivo, referindo ainda, que estas se encontravam em zonas com fácil acessibilidade a transportes públicos o que não era de somenos. Um outro artigo relacionado com o alojamento dos refugiados intitula-se «Alojamento de Estrangeiros»<sup>117</sup>. Neste texto específico, os estrangeiros tomam conhecimento da legislação à qual estão sujeitos, sobretudo, da obrigatoriedade dos proprietários de hotéis,

---

<sup>114</sup> ADLRA, GC, 01/08/1940, fl. 1.

<sup>115</sup> ADLRA, GC, 01/01/1940, fl. 3.

<sup>116</sup> ADLRA, GC, 01/07/1940, fl. 2.

<sup>117</sup> ADLRA, GC, 01/02/1944, fl. 1.

pensões e casas de hóspedes comunicarem à polícia política a sua estadia nesses mesmos espaços. Estes editais compunham o universo de vigilância e de superintendência ao qual os refugiados estiveram sujeitos de forma permanente por parte da PVDE<sup>118</sup>.



Fig. 1: Rua de Camões, onde durante algum tempo se situou a Polícia Política. Placas de vidro de António Passaporte (Fonte: Património Histórico – Grupo de Estudos)

No entanto, e à parte deste universo de vigia constante, os caldenses lidaram bem com a presença dos estrangeiros e estimularam o contacto entre eles integrando-os de forma afável na sociedade local. Os anúncios publicados neste periódico são exemplo dessa espécie de cumplicidade indeclinável. A 10 de julho de 1943, a Faculdade de Letras de Lisboa publicou um anúncio no periódico *Gazeta das Caldas* no qual anunciou a realização de um curso de férias destinado a estrangeiros que teria início no mês seguinte. A organização do curso era a seguinte:

«1º- Curso de português elementar; 2º- curso de português complementar; 3º- curso de filologia portuguesa; 4º- curso de literatura portuguesa; 5º - curso de história de Portugal. Haverá também visitas a monumentos e museus»<sup>119</sup>.

---

<sup>118</sup> A Polícia Política destacada nas Caldas da Rainha tinha a sua morada na Rua de Camões, perto do parque. Porém, há testemunhos de que devido há quantidade de estrangeiros residentes nas Caldas chegou a funcionar por cima do café Bocage uma delegação da PVDE (Testemunho de Adelino Mamede na sequência de uma entrevista para a *Gazeta das Caldas*, em 1991), MAMEDE, Adelino et alli – *Página de História*. 13..., 1991, p. 10, col. 1.

<sup>119</sup> ADLRA, GC, 10/07/1943, fl. 1.

Este artigo explana, de certa forma, o esforço empreendido pelos portugueses para uma maior inclusão e ambientação dos refugiados ao território nacional. No caso das Caldas da Rainha, refugiados e caldenses desenvolveram relações pessoais e estabeleceram laços de amizade que determinaram um ambiente amistoso e conciliador nesta região. A forma como foram recebidos nesta localidade e o modo como foram constantemente integrados – recorde-se que o antissemitismo, salvo raras exceções, era inexistente – deixaram nos refugiados que por aqui passaram recordações de felicidade e de liberdade que permaneceram inscritas na sua memória e na memória comum de todos aqueles que com eles contactaram.

Outro tema que nos aparece de forma recorrente são as notícias relacionadas com desporto, sobretudo, o ténis. Nos meses de agosto a outubro de 1943 destacam-se seis artigos que respeitam a vários torneios de *Lawn-Tennis* realizados nas Caldas da Rainha e no qual, competiram caldenses e refugiados. Os estrangeiros estavam habituados a um estilo de vida vistoso e requintado sendo, fundamentalmente, indivíduos com posses. Nesta época, o ténis era o seu principal entretenimento e caminhava a par com outras formas de sociabilidade. Explorar-se-á esta temática adiante.

Por fim, e ao percorrer as páginas deste periódico, há algo que é impossível passar despercebido: poucos são os textos que referenciam e exploram a situação internacional. De maneira que «quase que, se não fosse a presença de refugiados, se pudesse ficar com a ligeira impressão de que as Caldas da Rainha desconhecia a guerra»<sup>120</sup>. Um dos raros artigos onde se relata a situação de catástrofe a nível internacional, provocada pela guerra, é datado de 10 de agosto de 1940 e é da autoria de Raymond Recouly. Este jornalista escreveu um breve artigo após a sua passagem por Portugal que publicaria no *Gringoire* e onde a *Gazeta das Caldas* foi recuperar alguns trechos. Recouly refere em «Óasis na Europa atormentada» que «ao sair dessa terra vigorosa (a Espanha), eis, por um extraordinário contraste, o Portugal com os seus verdejantes e risonhos campos que o fazem aparecer, nos confins de uma Europa devastada pela guerra, como um óasis de opulencia e prosperidade (...). Tal é o espectáculo que acabo de ver»<sup>121</sup>.

---

<sup>120</sup> PEREIRA, Carolina Henriques – A presença de refugiados nas Caldas da Rainha durante a Segunda Guerra Mundial..., 2016, p. 333.

<sup>121</sup> ADLRA, GC, 10/08/1940, fl. 3.

## Capítulo 4 – «Isto é o meu país, eu considero as Caldas a minha terra»: algumas histórias de vida de «turistas acidentais»

### 4.1. Regime de rotação e estadia forçada

O número concreto de refugiados que passaram e permaneceram em regime de residência nas Caldas da Rainha entre 1940 e 1945 permanece desconhecido, podendo afirmar-se apenas que, no total, centenas terão transitado por esta localidade. Ainda assim, a sua presença é marcada por uma rotatividade imposta pelas autoridades. Os estrangeiros renovavam mensalmente os seus vistos e era-lhes imposto um regime de rotação entre as localidades termais e balneares do litoral centro – Ericeira, Caldas da Rainha, Figueira da Foz e Curia<sup>122</sup> - quiçá por se acreditar que a volubilidade os incentivava a sair mais depressa do país. Ao mesmo tempo, esta era uma medida preventiva impulsionada pelas autoridades portuguesas de forma a evitar a penetração de ideias de modernidade no seio da população portuguesa. Nestas circunstâncias, é possível afirmar-se que as «residências fixas» da zona centro possuem uma história comum, na medida em que permitiram a estadia e a transitoriedade de centenas de refugiados durante a guerra.

Os estrangeiros estavam obrigados a apresentações mensais no posto local da PVDE e, na falta deste, na Câmara Municipal da cidade. Nas Caldas da Rainha houve um posto permanente da polícia política onde os refugiados entregavam os seus impressos – boletins modelo A, B, C – de modo a poderem obter a autorização de residência. A circular nº 26.992 da PIDE dirigida à Câmara Municipal desta cidade refere o seguinte relativamente ao preenchimento destes impressos: «(...) Boletins modelo A, para serem preenchidos pelos estrangeiros, a quem pela primeira vez forem concedidos documentos de residência em Portugal; (...) Boletins modelo B, para serem preenchidos pelos estrangeiros que renovam os seus documentos de residência, ou que apresentam êsses

---

<sup>122</sup> Veja-se o Mapa 2, capítulo 2. Um refugiado que esteve na Ericeira vindo da Casa de Saúde de Lousa (Loures), em 1943, e depois foi colocado nas Caldas da Rainha foi Siegfried Frederick Bernheim, um apátrida proveniente de Munique (Alemanha). Há referências da sua estada no Livro de Registos de Hóspedes da Pensão Morais, na Ericeira e referências à sua presença nas Caldas em janeiro de 1946. Era realizador de cinema e, nesta data, tinha 41 anos. Em fevereiro de 1946, este foi autorizado pela secção da PVDE da Ericeira a permanecer em Lisboa. Veja-se JÚNIOR, José Caré – *Ericeira 50 anos depois...os refugiados estrangeiros da 2ª Guerra Mundial...*, 1998 e AHBMCR, cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), docs. avulsos.

documentos para novos vistos; (...) Boletins modelo C, para serem preenchidos, exclusivamente no mês de Janeiro, pelos estrangeiros maiores de 14 anos, que não possuam documentos de residência, mas habitem em Portugal há mais de três meses»<sup>123</sup>. Consoante a situação de cada estrangeiro, este apenas teria que completar um destes impressos e esperar por uma autorização da polícia para permanecer na localidade. Por sua vez, os hotéis, pensões e casas particulares que acolhessem ou empregassem refugiados eram obrigados ao preenchimento de um Boletim de Alojamento de Estrangeiro. Estas determinações policiais mantiveram-se mesmo após 1945.

O casal Jean Schurer e Lucie Gross Schurer<sup>124</sup>, o primeiro de nacionalidade holandesa e a segunda francesa, entraram em Portugal a 6 de janeiro de 1940 pela fronteira de Vilar Formoso. Este trabalhava como industrial na companhia belga Société Foraky e abandonou a Bélgica juntamente com a mulher antes da ocupação alemã ocorrida no início de maio desse ano. Estes estrangeiros transitaram por Leiria, Figueira da Foz e Óbidos entre 1940 e 1945, residindo, em janeiro de 1946, nas Caldas da Rainha<sup>125</sup>. Após esta data, o seu rasto desaparece. Outro casal que residiu de forma itinerante entre estas localidades, aparecendo, em julho de 1946, nas Caldas da Rainha, foi Pierre Tricot e a mulher, Denise Loubère Tricot<sup>126</sup>, ambos de nacionalidade francesa. Estes estrangeiros receberam vistos de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, a 6 de novembro de 1939<sup>127</sup>.



---

<sup>123</sup> Circular nº 26.992 enviada à Câmara Municipal das Caldas da Rainha pelo diretor da PIDE, Agostinho Lourenço, a 3 de dezembro de 1945, AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), doc. avulso.

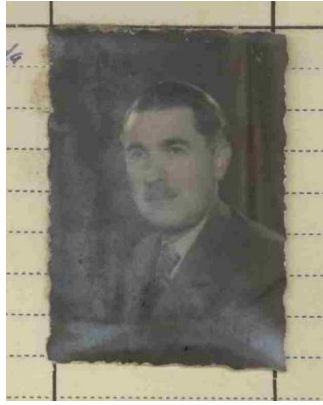
<sup>124</sup> Veja-se a Fig. 10 em anexo – Boletim de Mod. B preenchido por Jean Schurer em Leiria. Estes requereram título de Residência Temporária nas Caldas da Rainha à polícia política, em janeiro de 1946, AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), doc. avulso.

<sup>125</sup> ADLRA, Governo Civil de Leiria, Registo de Estrangeiros (1927-1945), fls. 123-124.

<sup>126</sup> ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros (1927-1945), fls. 125-126 e AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), docs. avulsos (5 fevereiro, 1 e 3 julho 1946).

<sup>127</sup> Veja-se <http://sousamendesfoundation.org/family/tricot> (consultado a 23/02/2017 às 16h44).





Figs. 2 e 3: Jean e Lucie Schurer em cima. Figs. 3 e 4: Pierre e Denise Tricot (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros (1927-1945), fls. 123-124 e fls. 125-126)

Em 1940, cinquenta e dois estrangeiros legalizaram a sua residência nas Caldas da Rainha, com predominância para os homens (36) em detrimento das mulheres (16). Na sua esmagadora maioria eram de nacionalidade espanhola (31), seguidos de ingleses (8), americanos (7), franceses (5) e brasileiros (1)<sup>128</sup>. Desconhecem-se, contudo, as legalizações de residência de estrangeiros nas Caldas para 1941. Em 1942, o mesmo número de estrangeiros legalizou a sua residência nesta cidade, ainda que menos homens tenham requerido a permanência (32) e o número de mulheres que solicitou a legalização tenha aumentado (20). Para este ano, encontram-se dois suecos – Edmund Takman e a mulher Anna Takman - e um apátrida não identificado<sup>129</sup>. No ano de 1944, a Câmara das Caldas dá conta ao Governo Civil de Leiria da legalização, no ano anterior, de sessenta e seis estrangeiros, dos quais quarenta e quatro eram homens e vinte e duas eram mulheres, com predomínio dos espanhóis (68,2%). O número de apátridas aumentou para 3 (4,5%) e aparecem cinco indivíduos de nacionalidade alemã (7,6%) e um polaco (1,5%)<sup>130</sup>. Por fim, em 1944, legalizaram a sua situação cinquenta e três estrangeiros – homens (35) e

---

<sup>128</sup> Carta expedida pela Câmara Municipal das Caldas da Rainha para o Governo Civil de Leiria, a 21 de fevereiro de 1941, ADLRA, GCL, Correspondência recebida sobre Estrangeiros radicados no Distrito de Leiria (1937-1946), pasta Estrangeiros – 1941-1942, doc. avulso.

<sup>129</sup> Carta expedida pela Câmara Municipal das Caldas da Rainha para o Governo Civil de Leiria, a 28 de janeiro de 1943, ADLRA, GCL, Correspondência recebida sobre Estrangeiros radicados no Distrito de Leiria (1937-1946), pasta Estrangeiros - 1943, doc. avulso.

<sup>130</sup> Cópia de nota enviada ao Governo Civil de Leiria dos estrangeiros que legalizaram a sua residência nas Caldas em 1943, datada de 22 de janeiro de 1944, AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), doc. avulso.

mulheres (18) – mantendo-se a predominância dos indivíduos de nacionalidade espanhola (40) e de ingleses e franceses<sup>131</sup>, números que se podem verificar no Quadro VI.

### Quadro VI

Legalizações de residência de estrangeiros no concelho das Caldas da Rainha:  
por nacionalidade (1940-1944)

|             | 1940 | %     | 1942 | %     | 1943 | %     | 1944 | %     | Total | %     |
|-------------|------|-------|------|-------|------|-------|------|-------|-------|-------|
| <b>País</b> |      |       |      |       |      |       |      |       |       |       |
| Alemanha    |      |       |      |       | 5    | 7,6%  | 1    | 1,9%  | 6     | 2,7%  |
| Apátrida    |      |       | 1    | 1,9%  | 3    | 4,5%  | 1    | 1,9%  | 5     | 2,2%  |
| Brasil      | 1    | 1,9%  | 1    | 1,9%  | 1    | 1,5%  | 1    | 1,9%  | 4     | 1,8%  |
| Espanha     | 31   | 59,6% | 38   | 73,1% | 45   | 68,2% | 40   | 75,5% | 154   | 69,1% |
| EUA         | 7    | 13,5% | 2    | 3,8%  | 2    | 3,0%  | 1    | 1,9%  | 12    | 5,4%  |
| França      | 5    | 9,6%  | 3    | 5,8%  | 4    | 6,1%  | 4    | 7,5%  | 16    | 7,2%  |
| Inglaterra  | 8    | 15,4% | 5    | 9,6%  | 5    | 7,6%  | 4    | 7,5%  | 22    | 9,9%  |
| Polónia     |      |       |      |       | 1    | 1,5%  | 1    | 1,9%  | 2     | 0,9%  |
| Suécia      |      |       | 2    | 3,8%  |      |       |      |       | 2     | 0,9%  |
| Total       | 52   | 100%  | 52   | 100%  | 66   | 100%  | 53   | 100%  | 223   | 100%  |

**Fonte:** ADLRA, GCL, Correspondência recebida sobre estrangeiros radicados no distrito de Leiria (1937-1946) e AHBMCRC, cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros apresentados e pasta Estrangeiros (1944-1947)

No entanto, os dados do Arquivo Distrital de Leiria que se reportam aos anos de 1940 e 1942 diferem dos recolhidos na análise à documentação do Arquivo Histórico da Biblioteca Municipal das Caldas da Rainha. Ao observarmos esta documentação deparámo-nos com algumas discrepâncias, sobretudo, se compararmos as legalizações anuais de estrangeiros apresentadas pela Câmara Municipal das Caldas ao Governo Civil de Leiria com os números anuais de estrangeiros residentes na cidade, sobretudo, para os anos anteriormente referidos: em 1940 e 1942, os números de legalizações anuais de residência ultrapassam, de forma significativa, os números anuais de estrangeiros residentes na cidade nesses anos. Contudo, convém não esquecer que a documentação camarária era organizada de forma a servir a instituição e, ao mesmo tempo, a questão dos refugiados devia ser evitada e não destacada. Veja-se o quadro e o gráfico seguintes

<sup>131</sup> Cópia de nota enviada ao Governo Civil de Leiria dos estrangeiros que legalizaram a sua residência nas Caldas em 1944, datada de 24 de janeiro de 1945, AHBMCRC, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), doc. avulso.

(Quadro VII e Gráfico 1) onde se apresentam os números e as percentagens anuais dos estrangeiros residentes na cidade de 1940 a 1950.

### Quadro VII

Números anuais de estrangeiros residentes nas Caldas da Rainha (1940-1950)

| Anos         | Número | %     |
|--------------|--------|-------|
| 1940         | 22     | 4,0%  |
| 1941         | 57     | 10,5% |
| 1942         | 27     | 5,0%  |
| 1943         | 63     | 11,6% |
| 1944         | 56     | 10,3% |
| 1945         | 42     | 7,7%  |
| 1946         | 70     | 12,9% |
| 1947         | 60     | 11,0% |
| 1948         | 65     | 11,9% |
| 1949         | 34     | 6,3%  |
| 1950         | 48     | 8,8%  |
| <b>Total</b> | 544    | 100%  |

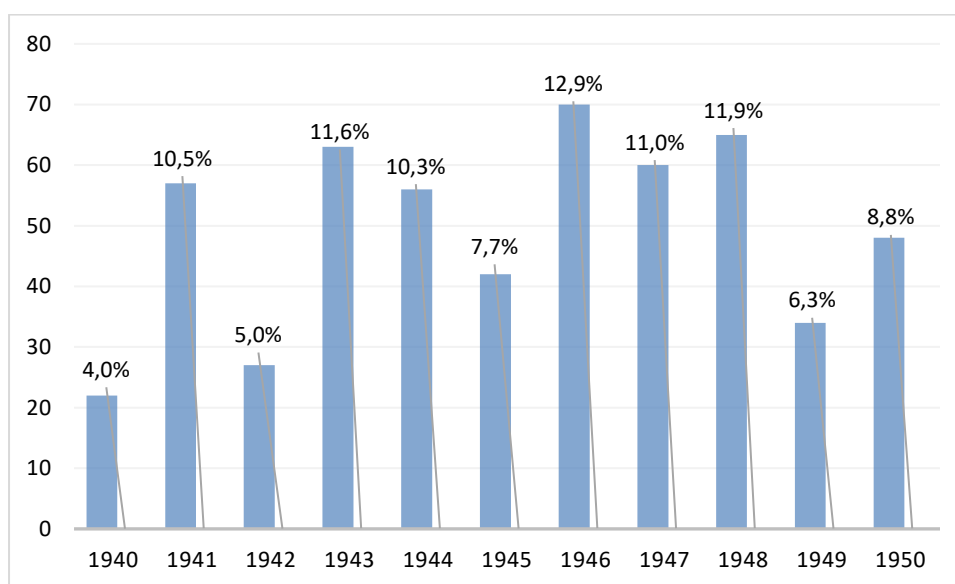
**Fonte:** AHBMCR e listas do Archives JDC e de Aristides de Sousa Mendes Foundation

Os refugiados começaram a chegar à cidade em 1940, mas o pico da sua presença dá-se nos anos de 1941 (10,5%), 1943 (11,6%) e 1944 (10,3%). Até ao fim da guerra, só em 1942 é que se deu uma regressão significativa da presença de estrangeiros na cidade (5,0%): alguns permaneceram em rotação entre as zonas de «residência fixa» da zona centro e litoral e outros conseguiram vistos para sair de Portugal. Em 1945, a percentagem de estrangeiros, que até aí representava cerca de 10% e 11%, volta a baixar para 7,7%, uma vez que a guerra tinha terminado e os refugiados continuaram o seu caminho para fora do país. Em muitos casos, os estrangeiros aparecem-nos indicados na documentação depois da guerra o que permite afirmar que estes permaneceram e/ou vieram para as Caldas após o fim do conflito e, em alguns casos, até à década de 1950. Outros, sabe-se que acabariam por falecer nesta localidade ainda durante o conflito ou mais tarde, na década de 1960. Ainda assim, é importante não esquecer que as listas de estrangeiros, no geral, se encontram profundamente incompletas, uma vez que se sabe que centenas de refugiados passaram pelas Caldas da Rainha durante este período, ainda que na lista que se elaborou – mais extensa –, também existam dúvidas quanto à presença de alguns

refugiados na região. No entanto, por ordem decrescente de número de casos, a maioria dos estrangeiros era de nacionalidade espanhola (28,0%), seguindo-se refugiados de origem ou proveniência inglesa (24,6%), apátridas (9,5%), franceses (8,3%) e alemães (6,8%). Estes dados estão expressos numericamente no Quadro VIII.

### Gráfico 1

Percentagens anuais de estrangeiros residentes nas Caldas da Rainha (1940-1950)



**Fonte:** AHBMCR e listas do Archives JDC e de Aristides de Sousa Mendes Foundation

### Quadro VIII

Estrangeiros residentes nas Caldas da Rainha (por sexo e por ordem decrescente de casos) (1940-1950)

| Países         | Sexo Masculino | Sexo Feminino | Total | %     |
|----------------|----------------|---------------|-------|-------|
| Espanha        | 63             | 28            | 91    | 28,0% |
| Inglaterra     | 38             | 42            | 80    | 24,6% |
| Apátrida       | 12             | 19            | 31    | 9,5%  |
| França         | 10             | 17            | 27    | 8,3%  |
| Alemanha       | 11             | 11            | 22    | 6,8%  |
| Polónia        | 6              | 5             | 11    | 3,4%  |
| Áustria        | 6              | 4             | 10    | 3,1%  |
| Bélgica        | 3              | 3             | 6     | 1,8%  |
| Checoslováquia | 3              | 2             | 5     | 1,5%  |

|              |     |     |     |      |
|--------------|-----|-----|-----|------|
| Luxemburgo   | 2   | 3   | 5   | 1,5% |
| Holanda      | 3   | 1   | 4   | 1,2% |
| Rússia       | 3   | 1   | 4   | 1,2% |
| Suécia       | 2   | 2   | 4   | 1,2% |
| Brasil       | 1   | 2   | 3   | 0,9% |
| EUA          | 2   | 1   | 3   | 0,9% |
| Hungria      | 3   |     | 3   | 0,9% |
| Roménia      | 1   | 2   | 3   | 0,9% |
| Canadá       | 1   | 1   | 2   | 0,6% |
| Chile        |     | 2   | 2   | 0,6% |
| Itália       | 1   | 1   | 2   | 0,6% |
| Suíça        | 1   | 1   | 2   | 0,6% |
| Austrália    |     | 1   | 1   | 0,3% |
| Filipinas    | 1   |     | 1   | 0,3% |
| Jugoslávia   |     | 1   | 1   | 0,3% |
| Lituânia     | 1   |     | 1   | 0,3% |
| Noruega      | 1   |     | 1   | 0,3% |
| <b>Total</b> | 175 | 150 | 325 | 100% |

**Fonte:** AHBMCR e listas do Archives JDC e de Aristides de Sousa Mendes Foundation

## 4.2. Estrangeiros na «residência fixa» das Caldas da Rainha: quem eram e de onde vinham?

Na globalidade, conseguimos identificar trezentos e quarenta e nove estrangeiros residentes nas Caldas da Rainha entre a década de 1930 e os anos de 1960<sup>132</sup>. Porém, o que mais nos interessou analisar foram aqueles que passaram por esta localidade nos anos da guerra e, em alguns casos, no pós-guerra. Veja-se o quadro seguinte (Quadro IX), que regista a passagem de estrangeiros pelas Caldas entre 1940 e 1946, bem como a sua nacionalidade e/ou proveniência<sup>133</sup>.

<sup>132</sup> Veja-se em anexo, a lista da Relação dos Estrangeiros e Refugiados nas Caldas da Rainha (1930-1960).

<sup>133</sup> Atente-se apenas ao facto de que, os números aqui apresentados se referem unicamente aos estrangeiros identificados através das fontes consultadas e não ao número total dos que passaram por esta cidade nestes anos e que, inevitavelmente se encontram omissos. Porém, não se conseguiu identificar a nacionalidade ou proveniência de vinte e sete estrangeiros (s/inf..).

## Quadro IX

### Passagem de estrangeiros pelas Caldas da Rainha (1940-1946)

| <b>Naturalidade e/ou Proveniência</b> | <b>1940</b> | <b>1941</b> | <b>1942</b> | <b>1943</b> | <b>1944</b> | <b>1945</b> | <b>1946</b> | <b>Total</b> | <b>%</b>    |
|---------------------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|--------------|-------------|
| Alemanha                              | 5           | 1           | 2           | 5           | 1           | 1           |             | 15           | 4,5%        |
| Apátrida                              | 5           |             |             |             | 2           | 9           | 22          | 38           | 11,4%       |
| Áustria                               |             |             | 2           | 2           | 6           |             |             | 10           | 3,0%        |
| Bélgica                               | 1           | 1           | 2           | 2           | 4           | 3           | 3           | 16           | 4,8%        |
| Brasil                                |             | 1           | 1           | 1           | 1           | 1           | 1           | 6            | 1,8%        |
| Canadá                                |             | 1           |             |             |             |             |             | 1            | 0,3%        |
| Checoslováquia                        | 5           | 5           |             |             |             |             |             | 10           | 3,0%        |
| Chile                                 |             |             |             |             |             |             | 2           | 2            | 0,6%        |
| Espanha                               | 2           | 33          | 8           | 14          | 15          | 15          | 14          | 101          | 30,2%       |
| EUA                                   |             |             |             |             |             |             | 1           | 1            | 0,3%        |
| França                                | 1           | 2           | 2           | 5           | 6           | 2           | 4           | 22           | 6,6%        |
| Holanda                               |             | 1           |             |             | 1           |             | 1           | 3            | 0,9%        |
| Hungria                               |             |             |             | 1           | 1           | 1           |             | 3            | 0,9%        |
| Inglaterra                            |             | 6           | 2           | 5           | 3           | 6           | 16          | 38           | 11,4%       |
| Itália                                |             |             |             | 1           |             |             | 1           | 2            | 0,6%        |
| Jugoslávia                            |             |             |             |             |             |             | 1           | 1            | 0,3%        |
| Lituânia                              |             |             |             |             | 1           |             |             | 1            | 0,3%        |
| Luxemburgo                            | 3           | 3           | 4           | 1           | 1           | 1           | 1           | 14           | 4,2%        |
| Noruega                               |             | 1           |             |             |             |             |             | 1            | 0,3%        |
| Polónia                               |             |             |             | 2           | 9           |             |             | 11           | 3,3%        |
| Roménia                               |             |             |             | 1           | 1           |             |             | 2            | 0,6%        |
| Rússia                                |             |             |             |             | 3           |             |             | 3            | 0,9%        |
| Suécia                                |             | 2           |             |             |             |             | 2           | 4            | 1,2%        |
| Suíça                                 |             |             |             | 1           |             |             | 1           | 2            | 0,6%        |
| S/inf.                                |             |             | 4           | 19          | 1           | 3           |             | 27           | 8,1%        |
| <b>Total</b>                          | <b>22</b>   | <b>57</b>   | <b>27</b>   | <b>60</b>   | <b>56</b>   | <b>42</b>   | <b>70</b>   | <b>334</b>   | <b>100%</b> |

**Fonte:** ADLRA, AHBMCRC e listas do Archives JDC e de Aristides de Sousa Mendes Foundation

Por outro lado, se se analisar a repartição de estrangeiros por país destaca-se uma clara predominância de espanhóis (37,5%) e de refugiados oriundos e/ou provenientes de Inglaterra (14,1%), França (8,2%), Bélgica (5,9%) e Alemanha (5,6%) (Quadro X). Neste quadro não se incluem os estrangeiros dos quais não se tem praticamente nenhuma informação – país de origem e ou proveniência, estado civil, onde esteve hospedado e, em alguns casos, os anos em que estiveram nas Caldas da Rainha - nem os apátridas de

quem, por vezes, se conhecem dados relativos ao seu estado civil e à sua residência na cidade.

### Quadro X

Síntese da repartição por nacionalidade dos refugiados estrangeiros nas Caldas da Rainha (1940-1946)

| País           | Números | %     |
|----------------|---------|-------|
| Espanha        | 101     | 37,5% |
| Inglaterra     | 38      | 14,1% |
| França         | 22      | 8,2%  |
| Bélgica        | 16      | 5,9%  |
| Alemanha       | 15      | 5,6%  |
| Luxemburgo     | 14      | 5,2%  |
| Polónia        | 11      | 4,1%  |
| Aústria        | 10      | 3,7%  |
| Checoslováquia | 10      | 3,7%  |
| Brasil         | 6       | 2,2%  |
| Suécia         | 4       | 1,5%  |
| Holanda        | 3       | 1,1%  |
| Rússia         | 3       | 1,1%  |
| Hungria        | 3       | 1,1%  |
| Chile          | 2       | 0,7%  |
| Itália         | 2       | 0,7%  |
| Roménia        | 2       | 0,7%  |
| Suíça          | 2       | 0,7%  |
| Canadá         | 1       | 0,4%  |
| EUA            | 1       | 0,4%  |
| Jugoslávia     | 1       | 0,4%  |
| Lituânia       | 1       | 0,4%  |
| Noruega        | 1       | 0,4%  |
| <b>Total</b>   | 269     | 100%  |

**Fonte:** ADLRA, AHBMCR e listas do Archives JDC e de Aristides de Sousa Mendes Foundation

A análise da passagem de estrangeiros pelas Caldas da Rainha, nos anos de 1940 a 1946, reforça a ideia anteriormente exposta relativamente à disparidade existente entre os números anuais de legalização de residência apresentados pela Câmara Municipal das Caldas da Rainha ao Governo Civil de Leiria, nos anos de 1940 a 1944 (Quadro VI), em comparação com o número de estrangeiros que residiram na cidade ao longo destes anos

(Quadros IX e X). Em muitos casos, afigura-se poder-se concluir que a sua passagem era tão fugaz que nem chegaram a ser identificados de forma devida pelas autoridades, ficando apenas como testemunho da sua presença uma breve estadia nos hotéis e nas pensões da cidade.

Um casal inglês que legalizou a sua residência nesta localidade em 1940 foi Edward Whaley Billyard Leake e a esposa Elisabeth Billyard Leake. Este estrangeiro tinha sido comandante da marinha de guerra inglesa e terá sido um espião a favor dos Aliados. Em junho de 1940, o Embaixador Britânico em Lisboa, Sir Walford H. Montague Selby, dirige uma carta à Câmara Municipal das Caldas da Rainha dizendo ter sido «(...) informado pelo Comandante Billyard Leake a respeito dos admiráveis preparativos que, sob a direcção de V. Exa. [João Botelho Moniz, Delegado da Câmara das Caldas da Rainha] foram levados a efeito para o alojamento (...) dos refugiados ingleses vindos de Espanha» e que «se mais refugiados chegarem, poderei contar com a sua grande bondade no sentido de minorar tanto quanto possível as suas dificuldades»<sup>134</sup>.

Um dos poucos relatos da sua presença nas Caldas da Rainha é dado pela *Gazeta das Caldas* a propósito do afundamento do navio «Avoceta», intercetado e abatido por um submarino alemão a 25 de setembro de 1941 e que transportava refugiados para Inglaterra. Alguns dos passageiros dessa embarcação haviam residido nesta localidade, o que viria a causar alguma consternação no seio da população caldense e dos restantes estrangeiros. Refere-se o seguinte: «Causou profunda emoção nos refugiados ingleses que se encontram nesta cidade o afundamento do «Avoceta», que transportava para Inglaterra um elevado número de pessoas. Ao luto inglês se associou a população das Caldas, onde vários dos naufragos desse barco deixaram grandes simpatias por aqui terem vivido algum tempo [eram, sobretudo, refugiados franceses] (...). O Sr. Embaixador de Inglaterra fez-se representar [nas cerimónias religiosas de homenagem às vítimas] pelo Sr. Comandante Leack, que envergava o grande uniforme de antigo oficial da Marinha Real Inglesa»<sup>135</sup>.

A família alemã Kaufmann recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, a 24 de maio de 1940. No entanto, o seu visto seria recusado por Salazar num

---

<sup>134</sup> Carta datada de 24 de junho de 1940, AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta queixas à polícia e correspondência da Embaixada Inglesa, doc. avulso.

<sup>135</sup> ADLRA, GC, 01/11/1941, fl. 3. Notícia publicada por MAMEDE, Adelino et alli – *Página de História*. 13. In SUPLEMENTO da *Gazeta das Caldas*. Coord. de Carlos CIPRIANO. Caldas da Rainha: Gazeta das Caldas, 1991, p. 5.



telegrama que visava a proibição da entrada de várias famílias em Portugal. Ainda assim, a família em causa conseguiu entrar em Portugal e foi colocada pelas autoridades nas Caldas da Rainha. Max Kaufmman e Friedrich Joseph Koch partiram de Lisboa rumo a Nova Iorque no avião *Dixie Clipper*, em outubro desse ano. A mulher de Max, Grete Née Rothschild Kaufmann, e os seus filhos Annelies Kaufmann Hans Herbert Kaufmann teriam que esperar até dezembro para se juntarem aos restantes, partindo de Lisboa no navio *Siboney*<sup>136</sup>.



Fig. 5: Da esq. para a dir.: Hans, Grete e Max Kaufmman (Fonte: Aristides de Sousa Mendes Foundation, visas)



Fig. 6: Annelies Kaufmman (Fonte: Aristides de Sousa Mendes Foundation, visas)

---

<sup>136</sup> Veja-se <http://sousamendesfoundation.org/family/kaufmann-koch> (consultado a 23/02/2017 às 17h28). Veja-se ainda o visto de Annelies Kaufmann passado pelo cônsul de Bordéus (Fig. 11 em anexo) e o telegrama de Salazar a recusar a concessão de vistos a várias famílias de refugiados, incluindo a família Kaufmann (Fig. 12 em anexo).

A família Ermann – Heinrich/Henri Ermann, Elisabeth Née Rosenbaum Ermann, e a filha do casal, Renée - oriunda do Luxemburgo, manteve-se unida durante a sua evasão. Receberam em conjunto vistos do cônsul de Bordéus a 12 de junho de 1940 - após escaparem do Luxemburgo que tinha sido ocupado pelas tropas alemãs - e foram colocados pelas autoridades portuguesas nas Caldas da Rainha, onde residiram até 1942. Nesse ano, viajaram de Lisboa para a Jamaica e depois para as Índias Ocidentais Britânicas onde residiram dois anos. Em 1944, foram para Havana (Cuba) onde permaneceram por mais um ano. Em 1946, estiveram em Miami e em Nova Iorque, antes de regressarem em definitivo ao seu país de origem<sup>137</sup>. Esta família travou amizade com os caldenses durante a sua estadia, sobretudo, Renée Ermann, a filha do casal com 10 anos de idade que se tornou amiga da filha do diretor da escola das Caldas da Rainha, Maria Cristina Morais do Valle<sup>138</sup>.



Fig. 7: Da esq. para a dir.: Henri Ermann, Elisabeth Ermann (pais), proprietária de uma loja de tecidos das Caldas, Renée Ermann (filha) e mulher desconhecida, numa excursão à Foz do Arelho em 1940-1941 (Fonte: Aristides de Sousa Mendes Foundation, visas)

<sup>137</sup> Veja-se <http://sousamendesfoundation.org/family/ermann> (consultado a 23/02/2017 às 17h55).

<sup>138</sup> Veja-se uma fotografia de Renée Ermann e de Maria Cristina M. do Valle, a andarem de bicicleta nas Caldas da Rainha, em 1941 (Fig. 13 em anexo).

Outra família de estrangeiros que passou de forma fugaz pelas Caldas da Rainha foi a família Boeken – Hanna Boeken, o casal Joseph e Johanna Née Stas Boeken, e, possivelmente, a sua filha recém-nascida Joanna Boeken. Receberam, à semelhança das duas famílias anteriores, vistos do cônsul português em Bordéus a 14 de junho de 1940. Atravessaram Portugal, mas separaram-se provisoriamente. O pai, Joseph, partiu em julho para Nova Iorque a bordo do navio *Exeter*, enquanto as restantes só partiriam em agosto a bordo do navio português *Quanza*. Não há certezas da sua presença nas Caldas da Rainha. No entanto, esta família é mencionada pela Aristides de Sousa Mendes Foundation como uma das que permaneceu nas Caldas à espera de poder embarcar para os EUA. A terem residido nesta cidade, a sua estada foi bastante efémera o que não permitiu a criação de laços afetivos com a sociedade local<sup>139</sup>.

Os Simsovic, originários da Europa de Leste (à exceção de Rachel que nasceu em Lille, em 1931), mais precisamente da Checoslováquia, mas estabelecidos em França, residiram nas Caldas da Rainha de 1940 a dezembro de 1941. Josef Simsovic era proprietário de uma loja em Lille mas com a chegada dos alemães à cidade decidiu partir de carro juntamente com a sua família. Após receberem vistos em Bordéus, em junho de 1940, partiram e atravessaram a fronteira portuguesa estando cerca de uma semana no Porto, como recordou Rachel Simsovic numa entrevista em 2015<sup>140</sup>. Saíram do Porto e foram colocados nas Caldas partindo, uns meses depois, em dezembro de 1941, a bordo do navio *Serpa Pinto* para Nova Iorque.

No entanto, a grande maioria dos estrangeiros surge-nos referenciada na documentação como residente nas Caldas nos últimos anos da guerra ou no pós-guerra. Possivelmente, muitos destes refugiados já se encontravam nesta localidade antes de 1945, porém a falta de documentação não o permite confirmar. Tal situação pode suscitar várias explicações: os documentos podem ter-se extraviado em períodos de reformulação e reordenação institucionais; podem ter-se deteriorado por mau acondicionamento e, ainda, podem mesmo ter sido destruídos propositadamente. Ao mesmo tempo, apenas se sabe da existência de grande parte destes estrangeiros com base em documentos avulsos e em listas manuscritas sem qualquer tipo de informação. Ainda assim, acredita-se que

---

<sup>139</sup> Veja-se <http://sousamendesfoundation.org/family/boeken> (consultado a 23/02/2017 às 18h25).

<sup>140</sup> Veja-se <http://sousamendesfoundation.org/family/simsovic> (consultado a 24/02/2017 às 18h00). Pode visualizar-se nesta plataforma a entrevista cedida por Rachel, em 2015. Uma fotografia desta família encontra-se em anexo (Fig. 14).

muitos dos refugiados que nos aparecem a partir de 1946 tenham requerido residência e permanecido nas Caldas durante a guerra ou, quando tal não aconteceu, residiam em zonas de proximidade sendo posteriormente colocados pelas autoridades nesta localidade.

Roger Georges Langlois, estrangeiro de nacionalidade francesa, é dado como residente nas Caldas desde maio de 1943 e a sua presença está documentada até março de 1944, uma vez que a PVDE autorizou a sua estadia por mais três meses, a 18 de dezembro de 1943<sup>141</sup>. Em julho do mesmo ano, Ronald Molton, um missionário inglês, é autorizado a residir nesta cidade por mais 180 dias<sup>142</sup>. Este é indicado como solteiro até janeiro de 1949. Nesta data, figuram dois «títulos de residência temporária de estrangeiro» pertencentes a Ronald Molton e à sua esposa, Lily Violet Molton, ambos residentes na Rua Fonte Pinheiro, nº 6 - 3º. Os Molton permaneceriam nas Caldas até 1953<sup>143</sup>. Outra refugiada também referenciada em 1944 é a francesa Louise de la Villefronoy<sup>144</sup>. Foi-lhe autorizada a residência em fevereiro desse ano por mais seis meses, ou seja, até agosto desse ano. Deste ano em diante, não se detetam mais informações relativas a esta estrangeira.

A análise de listas de passageiros que embarcaram no porto de Lisboa a caminho dos EUA, Canadá, Cuba e Jamaica, disponibilizadas online pelo Archive American Jewish Joint Distribution Committee (JDC), contribuiu de forma valiosa para a ampliação e consolidação do conhecimento relativo à presença de refugiados nas Caldas da Rainha. A família apátrida Aufgang, originária de Varsóvia - Icek Wolf (42 anos), Estera (43 anos), Lea Rachel (13 anos) e Emil (5 anos) – tinha residido nas Caldas até março de

---

<sup>141</sup> Veja-se o Ofício nº 32225/SE expedido pela PVDE à Câmara Municipal das Caldas da Rainha, a 6 de dezembro de 1943, AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros apresentados, doc. avulso. Um carimbo apostado neste documento refere o seguinte: «Sem efeito, se não fôr procurado pelo interessado dentro do prazo de 15 dias», ou seja, caso este refugiado não fosse levantar o seu título de residência por 3 meses dentro desse prazo, este ficaria sem efeito. Veja-se ainda o documento em anexo (Fig. 15).

<sup>142</sup> AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros apresentados, doc. avulso de 23 de julho de 1943. Permaneceu, segundo a documentação, nas Caldas da Rainha até julho de 1950, docs. avulsos datados de 14 de janeiro de 1944, 16 de março de 1945, 4 de janeiro de 1946, 3 de janeiro de 1946 (nesta data, aparece juntamente com a sua mulher, Lily Violet Molton), 30 de março de 1949 e 5 de julho de 1950. Veja-se documento em anexo (Fig. 16).

<sup>143</sup> Títulos de residência temporária passados a Ronald Molton e à mulher, Lily Molton, a 12 de janeiro de 1953. Veja-se o Ofício nº 134 de 12 de janeiro de 1953, enviada pela Câmara Municipal das Caldas à PIDE, AHBMCR, Cx. Estrangeiros, pasta Estrangeiros (1953-1954), doc. avulso.

<sup>144</sup> Veja-se o Ofício nº 5223/SE expedido pela PVDE à Câmara Municipal das Caldas da Rainha, a 25 de dezembro de 1944, AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), doc. avulso.

1944. Nesse mesmo mês, no dia 23, partiram de Lisboa no navio *Serpa Pinto* com destino ao Canadá. Na mesma embarcação viajou o casal apátrida e ex-húngaro Berger – Etienne (44 anos) e Edith (43 anos) – que havia residido nas Caldas no mesmo período que a família anterior<sup>145</sup>. Um total de 29 pessoas vindas desta «residência fixa» embarcaram no *Serpa Pinto* com destino ao Canadá, passando por Filadélfia. Destes, apenas cinco não eram apátridas: o casal de nacionalidade russa Elias e Tania Lissan e a família alemã Seifman – Kurt (31 anos), Sara (30 anos) e Maria (59 anos)<sup>146</sup>. Os apátridas Glicksman (Luzer e Riuke) e Irrgang (Abraham, Niklama, Nadina e Norbert), originários da Polónia, a família Kerbel da Rússia (Emilio, Sara, Jacques e Mireille), os ex-austríacos Leitner (Emanuel e Frieda), os ex-romenos Rosenstock (Bernhard, Ida e Sylvia) e a família Teichthal (Sigmund, Gertrude e Edith), originária da Áustria, tinham residido nas Caldas até março de 1944, data em que se despedem de Portugal e prosseguem a sua viagem<sup>147</sup>. Estes refugiados tinham obtido vistos canadenses a 12 de fevereiro desse ano e partiram um mês depois<sup>148</sup>. De todas estas pessoas, apenas o casal Seifman aparece referenciado pelas Caldas da Rainha, mais propriamente, no periódico *Gazeta das Caldas*, pois ambos participaram nos Torneios de *Lawn-Tennis* disputados entre caldenses e refugiados, nos meses de agosto a setembro de 1943.

No último dia de dezembro de 1945, a polícia política envia um ofício à Câmara Municipal das Caldas, no qual comunica a concessão de vistos de 30 dias requeridos pelo ofício nº 2852 de 21 do mesmo mês, por parte de catorze estrangeiros: Elias e Jenny Seidel, Leib e Tenia Feigenbaum, Martha Burgheimer, Helen e Thomas Wilding, Mieczylaus e Marie Langberg, Joseph Graf, Julia Surrey, Claude Pemberton e Muriel Wooler e Friedrich Lehmann<sup>149</sup>. Apesar da guerra ter terminado há poucos meses, alguns

---

<sup>145</sup> Veja-se «List of refugees included in Canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS «Serpa Pinto», March 23, 1944», p.1, [http://archives.jdc.org/\(consultado a 10/12/2016 às 19h00\)](http://archives.jdc.org/(consultado a 10/12/2016 às 19h00)).

<sup>146</sup> Veja-se «List of refugees included in Canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS «Serpa Pinto», March 23, 1944», p. 4 e p. 6. A família Seifman é erradamente referenciada como «polaca» neste documento, uma vez que, numa outra lista datada de 12 de fevereiro de 1944 estes estão indicados como alemães. Aliás, indicam-se ainda algumas informações relativas aos seus locais de nascimento que são, neste caso, Berlim e Colónia, veja-se «List of persons who have received Canadian visas in Portugal as of February 12, 1944», p. 4.

<sup>147</sup> Veja-se «List of refugees included in Canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS «Serpa Pinto», March 23, 1944», p. 2-6.

<sup>148</sup> Veja-se «List of persons who have received Canadian visas in Portugal as of February 12, 1944», p. 1-5, [http://archives.jdc.org/\(consultado a 10/12/2016 às 19h30\)](http://archives.jdc.org/(consultado a 10/12/2016 às 19h30)).

<sup>149</sup> Ofício nº 28770/SE da polícia política para a Câmara Municipal das Caldas da Rainha, datado de 31 de dezembro de 1945, AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947),

refugiados ainda não haviam conseguido sair do país. Tal situação levou a que as autoridades portuguesas atuassem no sentido de se averiguar os motivos da sua permanência nas Caldas. Num ofício de 4 de dezembro de 1946, a polícia política questiona a Câmara Municipal das Caldas da Rainha relativamente a este facto, explicitando o seguinte:

«Tenho a honra de comunicar a V.Ex<sup>a</sup>. que a cada um dos estrangeiros constantes do ofício dessa Câmara nº 3245 de 2 do corrente, pode ser concedido mais um visto de permanência válido por 30 dias [os estrangeiros eram: Alice Doreen Topuz, Vicenta Ferrer de Valero e filha, Julia Surrey, Muriel Wooler, Joseph Graf, Baron Fergusson Lethbridge e Eva Kathleen Lethbridge].

Solicito ainda a V.Ex<sup>a</sup>. se digne mandar averiguar sobre quando pensam os indivíduos abaixo mencionados sair de Portugal, visto já estarem normalizadas as circunstâncias que os trouxeram para aqui e nada actualmente justificar a sua permanência no País (...)»<sup>150</sup>.

Todavia, e apesar da guerra ter terminado, alguns refugiados permaneceram nesta localidade por mais alguns anos para desagrado das autoridades portuguesas. Nestas circunstâncias, os estrangeiros visados nesta minuta foram instigados a justificar a sua continuidade na cidade, visto que a conjuntura internacional estaria normalizada e estes já poderiam regressar aos seus países. Os argumentos invocados para a sua presença são diferentes: enquanto uns alegaram que a sua vida ainda não se encontrava normalizada para partir e atestavam a sua preferência por Portugal, outros referiram que a falta de saúde ainda não havia permitido prosseguir viagem. No fundo, o receio de regressar aos seus países de origem e a incerteza do futuro fora de Portugal foram as principais razões para que muitos ex-refugiados adiassem a sua partida. Alguns, nunca chegaram a partir tendo vivido nas Caldas da Rainha até falecerem (Quadro XI).

---

doc. avulso. Elias Seidel e a esposa permaneceram nas Caldas por mais anos, uma vez que, a 31 de dezembro de 1947 este casal apátrida foi autorizado a permanecer na cidade por mais 30 dias, AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), doc. avulso.

<sup>150</sup> Ofício nº 32419/SI da polícia política para a Câmara Municipal das Caldas da Rainha, datado de 4 de dezembro de 1946, AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), doc. avulso.

## Quadro XI

Estrangeiros, por ordem alfabética, falecidos nas Caldas da Rainha (1941-1967)

| Nome                       | País       | Data da morte/sepultamento |
|----------------------------|------------|----------------------------|
| Arthur Henry Childs        | Inglaterra | 19 de novembro de 1964     |
| Betry Freundlich           | Holanda    | 1944                       |
| Carmen Rodriguez Martins   | Espanha    | 22 de novembro de 1941     |
| Daniel Woudhuysen          | Holanda    | 1941                       |
| Domingos Losquiños Garrido | Espanha    | 1 de outubro de 1967       |
| George Rubensohn           | Alemanha   | 14 de agosto de 1945       |
| Kanter Nartyc Wondlmysen   | Holanda    | 31 de dezembro de 1941     |
| Ladislau Velische          | Hungria    | 19 de dezembro de 1945     |
| Margaret Adams Rose        | Inglaterra | 9 de abril de 1965         |
| Morteu Lejug Lossins       | Noruega    | 8 de setembro de 1941      |

**Fonte:** ACMCR, Cemitério, Registo de Enterramentos do Cemitério de Nossa Senhora do Pópulo, ls. 11-33

Alice Doreen Topuz, de nacionalidade inglesa (por vezes, aparece referida como sendo grega), casada e residente na Rua Henrique Sales, nº 10, r/c, referiu o seguinte quando questionada relativamente à sua permanência na cidade:

«Dear Sir,

As requested i beg to inform you that my affairs are not as yet normalized for me to leave this country. Also I have lived abroad for the las[t] 30 years.

Faithfully yours, Alice Doreen Topuz»<sup>151</sup>.

---

<sup>151</sup> Carta manuscrita e assinada por Alice Doreen Topuz, sem data, mas possivelmente, de dezembro de 1946, AHBMCRC, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), doc. avulso.

Segundo consta da documentação, esta refugiada manteve-se nas Caldas da Rainha até 1949, ainda que a sua morada se tenha alterado por duas vezes<sup>152</sup>. Em dezembro de 1947, a estrangeira em questão residia na Rua Emídio Jesus Coelho, nº 20, e, mais tarde, em janeiro de 1949, habitava na Travessa da Cova da Onça, nº 7. A 3 de março de 1948, o presidente da Câmara Municipal das Caldas envia uma carta para Lisboa, dirigida ao diretor da PIDE, no qual comunica o seguinte: «(...) foi visado o passaporte da estrangeira (nacionalidade grega) Alice Doreen Topuz, única ex-refugiada aqui residente. A interessada remeteu, diretamente, em vale de correio, a importância de 15\$00 [para pagamento do emolumento]»<sup>153</sup>. Apesar de o presidente afirmar às autoridades policiais de forma perentória que esta inglesa era a única ex-refugiada ainda residente nas Caldas, a verdade é que outros ex-refugiados ainda se encontravam nesta cidade nessa data. Ou o presidente não tinha conhecimento da presença dos restantes ex-refugiados, o que não se crê, ou então ocultou propositadamente a existência de outros estrangeiros da polícia política. De qualquer modo, saber exatamente o porquê de tal declaração permanece um mistério. O seu marido, Maurice Topuz, foi o árbitro principal dos torneios de ténis disputados entre caldenses e refugiados, em 1943.

Vicenta Ferrer Iglesias de Valero e a filha, Vicenta Valero Ferrer, ambas de nacionalidade chilena e residentes na Rua Heróis da Grande Guerra, nº 129 – 2º, permaneceram nesta cidade até 1947. Quando interrogada sobre a presença de ambas na cidade, a primeira escreve o seguinte:

«Exmo. Snr. Director da Policia de Vigilancia e Defesa do Estado

Vicenta Ferrer e su hija Vicenta Valero, com resposta a nossa existência em Portugal devemos comunicar que estamos fazendo os transmites necessários para a nossa saída para a Argentina.

Vicenta Ferrer de Valero

Caldas da Rainha, 21.XII. 946»<sup>154</sup>.

---

<sup>152</sup> Esta refugiada chegou a estar internada no Hospital de Santo Isidoro, nas Caldas, em maio de 1947, segundo consta num documento expedido pela secretaria do referido hospital para a Câmara Municipal da cidade, AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), doc. avulso.

<sup>153</sup> AHBMCR, Cx. Estrangeiros, pasta Estrangeiros. Legislação, impressos e guias de receita, doc. avulso, datado de 3 de março de 1948. Veja-se ainda em anexo (Fig. 17), o guia de receita eventual onde se encontra o pagamento de quinze escudos realizado por esta estrangeira aos serviços policiais – este emolumento era dirigido ao cofre da PIDE, em Lisboa.

<sup>154</sup> AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), doc. avulso.



Por sua vez, a americana Julia Surrey, residente no Largo João de Deus, nº 4, permaneceria nesta localidade até 1951<sup>155</sup>. A 1 de janeiro de 1947, dirige a seguinte minuta para a polícia política:

«Excelente Señor Director de la Policia de Vigilancia y Defensa del Estado, Lisboa

Excelencia: Tengo el honor de constar que mi, Querida Señora Madre, murió de repente aqui, en Portugal, y fué sepultada en, Alta São João, de Lisboa.

Jazigo Câmara Municipal – número 1029 – y mi salud sempre sigue demasiada quebrada para viajar (...)»<sup>156</sup>.

Afeita à cidade e sem vontade de partir para o seu país, Inglaterra, Muriel Wooler, esposa de Claude Pemberton Wooler, residiu juntamente com o marido no Hotel da Copa. Em 1943, o seu marido participou à semelhança de outros refugiados nos torneios de *Lawn-Tennis* já indicados. Permaneceu nas Caldas, segundo a documentação, até 1950<sup>157</sup>. Ao ser questionada acerca da sua permanência na cidade esta clarificou a Carlos Correia da Silva, funcionário da secretaria da Câmara Municipal e responsável pelo cumprimento das ordens da polícia política nesta cidade, as suas razões:

«(...) em primeiro lugar gosto de aqui viver, tenho aqui as minhas alunas e alunos por os lições em ingles. Em segunda, não [sublinha] poderia viver em pais como a Inglaterra, por ser demasiado humido, por causa de uma bronquite. Os pais muitos humidos são insuportável para mim, e, não tenho vivido na Inglaterra há 30 anos. Sinto-me bem aqui, pois já tenho pessoas amigas que fazem parte da minha maneira de viver, e sou uma boa amiga de Portugal e que não tem na Inglaterra nem parentes, nem relações nem interêsses de qualquer especie (...)»<sup>158</sup>.

---

<sup>155</sup> Veja-se o Ofício nº 864/SI expedido pela PIDE à Câmara Municipal das Caldas da Rainha, a 16 de janeiro de 1951, AHBMCR, Cx. Estrangeiros, pasta Estrangeiros (1950), doc. avulso.

<sup>156</sup> AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), doc. avulso. Contactados os serviços de informação do cemitério do Alto de São João e investigados os vários jazigos municipais aí existentes, não se encontrou qualquer referência ao sepultamento da mãe de Julia Surrey. Uma outra hipótese era esta ter sido sepultada em Portugal num cemitério protestante, uma vez que era inglesa, e a filha ter indicado à polícia política o cemitério do Alto São João apenas como forma de agradar a um regime claramente cristão. Porém, desconhece-se, igualmente, se esta senhora foi sepultada num cemitério protestante – no Porto ou em Lisboa.

<sup>157</sup> Títulos de residência temporária passados a Ronald Molton e a Muriel Wooler datados de 30 de março de 1950, AHBMCR, Cx. Estrangeiros, pasta Estrangeiros (1950), doc. avulso.

<sup>158</sup> Carta manuscrita e assinada por Muriel Wooler, a 17 de dezembro de 1946, AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), doc. avulso. Esta estrangeira aprendeu minimamente português, como se pode verificar pela carta que escreveu.

O casal inglês Lethbridge residente na Rua do Diário de Notícias, nº 11, explica que o prolongamento da sua estada nas Caldas se deve à doença de Baron Henry Fergusson. Os Lethbridge viram os seus vistos renovados até maio de 1947, desconhecendo-se até quando ficaram na cidade. A mulher, Eva Kathleen Lethbridge, escreve o seguinte:

«(...) nos não podemos sair de Portugal, há só uma razão. A doença do Sr. Lethbridge é tão grave que é absolutamente impossível desloca-nos das Caldas o Portugal (...)»<sup>159</sup>.

Leon Rosenthal, indicado na documentação como «súbdito palestinese» ou «súbdito inglês» - recorde-se que a Palestina esteve sob domínio britânico até 1948, data da criação e formalização do Estado de Israel – residia na Rua dos Artistas, nº 31 e era engenheiro químico. Esteve nesta cidade até 1950, data em que lhe foi autorizada a concessão de um novo título de residência temporária por parte da PIDE<sup>160</sup>. Um outro engenheiro morador nesta localidade em regime de estada forçada foi o sueco Rudolf Billiström, que se encontrava acompanhado pela sua esposa, Anna Kristina Billiström. No ofício da PIDE nº 17925/SI de 8 de julho de 1946, dirigido à Câmara Municipal das Caldas da Rainha pode ler-se o seguinte: «Tenho a honra de comunicar a V. Ex<sup>a</sup>. que por essa Câmara pode ser aposto um visto válido por 90 dias no passaporte do engenheiro sueco Rudolf Billistrom, logo que ele aí se apresente para esse fim»<sup>161</sup>. No entanto, e por razões desconhecidas, o pedido de autorização de residência concretizado pela sua mulher à polícia política foi indeferido, tendo os serviços policiais das Caldas recebido a seguinte ordem: «(...) foi indeferido o pedido de autorização de residência da súbdita sueca Anna Kristina Billiström, pelo que no seu passaporte deverão continuar a ser apostos vistos consecutivos de 30 dias»<sup>162</sup>. A determinada altura, as autorizações de estadia temporária

---

<sup>159</sup> Carta manuscrita datada de 17 de dezembro de 1946 e assinada pelos dois refugiados, AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), doc. avulso. Esta carta, tal como a anterior, encontra-se escrita em português o que pode significar que esta estrangeira aprendeu a língua portuguesa ou então que teve ajuda de alguém para a escrever.

<sup>160</sup> Ofício nº 1408 da Câmara Municipal das Caldas da Rainha para a PIDE, datado de 6 de julho de 1950, AHBMCR, Cx. Estrangeiros, pasta Estrangeiros (1950), doc. avulso.

<sup>161</sup> Ofício nº 17925/SI de 8 de julho de 1946, expedido pela PIDE à Câmara Municipal das Caldas da Rainha, AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), doc. avulso.

<sup>162</sup> Ofício nº 26885/SI de 25 de setembro de 1946, expedido pela PIDE à Câmara Municipal das Caldas da Rainha, AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), doc. avulso.

passaram a ser recorrentes, ainda que, os vistos por trinta dias se mantivessem dominantes.

Os apátridas Elias e Jenny Seidel, Hildegard Marie Luise Velische (viúva de Ladislau Velische, judeu húngaro, falecido nas Caldas em dezembro de 1945<sup>163</sup>) e Rosa Bauer dos quais nada se sabe, além da sua presença nesta cidade, foram autorizados a permanecer nas Caldas até janeiro de 1948<sup>164</sup>. Aos apátridas Max e Edita Riesenfeld, foi concedido um visto de permanência válido por trinta dias em fevereiro de 1947<sup>165</sup>.

Os ingleses Murray e Beryl Cecilia Robertson, residentes na Quinta do Sandre (Avenal, Caldas da Rainha), requereram à PIDE autorização de residência nesta localidade em 1948, sendo esta deferida pelas respetivas autoridades até 31 de dezembro desse ano<sup>166</sup>. A 24 de janeiro de 1949, contudo, é-lhes passada nova autorização de residência<sup>167</sup>.



Fig. 8: Murray Robertson e Beryl Cecilia Robertson, estrangeiros de nacionalidade inglesa residentes na Quinta do Sandre, Caldas da Rainha (Fonte: AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros apresentados, dois docs. avulsos)

---

<sup>163</sup> Ladislau Velische, judeu húngaro nascido em Kapósvár, foi sepultado no Cemitério de Nossa Senhora do Pópulo (Caldas da Rainha) a 19 de dezembro de 1945, ACMCR, Cemitério de Nossa Senhora do Pópulo, Registo de Enterramentos, 1945, l. 14, p. 23.

<sup>164</sup> O ofício nº 27098/SI expedido pela PIDE à Câmara Municipal das Caldas da Rainha a 31 de dezembro de 1947, autorizava estes apátridas a permanecerem na cidade e no país por mais trinta dias, AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), doc. avulso.

<sup>165</sup> Ofício nº 2476/SI expedido pela PIDE à Câmara Municipal das Caldas da Rainha a 5 de fevereiro de 1947, AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), doc. avulso.

<sup>166</sup> Duas autorizações de residência passadas pela PIDE a Murray e Beryl Cecilia Robertson com validade até 31 de dezembro de 1948, AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros apresentados, dois docs. avulsos.

<sup>167</sup> Ofício nº 1357/SI expedido pela PIDE à Câmara Municipal das Caldas da Rainha, a 24 de janeiro de 1949, AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros apresentados, doc. avulso. Segundo nota manuscrita no referido documento, os títulos foram entregues aos interessados no dia 1 de fevereiro desse ano.

Um outro casal inglês que residiu de forma prolongada nesta cidade, mais precisamente no Bairro das Amieiras, foi Arthur Henry Childs e a esposa, Elisabeth Sarah Childs, cujos vistos eram renovados mensalmente, tal como o atesta um documento de julho de 1947, no qual se pode ler o seguinte: «Tenho a honra de solicitar a V. Ex<sup>a</sup>. se digne informar os súbditos britânicos Arthur Henry Childs e esposa, de que em referência ao requerimento que enviaram directamente a esta Policia, estão autorizados a permanecer mais trinta dias em Portugal, isto é, até ao dia 16 de Agosto próximo futuro»<sup>168</sup>. Mais tarde, em 1954, este casal passou a regime de Residência Anual, quando tal situação lhes foi proposta pela PIDE<sup>169</sup>. Arthur H. Childs faleceu nas Caldas da Rainha a 19 de novembro de 1964 e foi sepultado no cemitério de Nossa Senhora do Pópulo<sup>170</sup>. Uma outra inglesa, Iny Fifine Dundas, residiu no Hotel do Facho em 1949. Porém, crê-se que a verdadeira grafia do nome desta estrangeira é Lady Iris Winifred Dundas (nome de solteira, Hanley), falecida em 1969, e esposa do Lorde inglês George Heneage Lawrence Dundas, falecido em 1968<sup>171</sup>. Não se sabe se esta estrangeira se encontrava nas Caldas anteriormente, contudo, acredita-se que tenha permanecido em regime de residência forçada nesta localidade antes de 1945. Refira-se que, centenas de ingleses passaram pela cidade durante a guerra, de tal modo que estes representaram 24,7% dos estrangeiros residentes nas Caldas entre 1940 e 1950. Em 1943, e tal como recorda o caldense Adelino Mamede, chegaram às Caldas da Rainha por via ferroviária cerca de 600 ingleses que haviam sido expulsos de Itália por Mussolini, e aí se mantiveram «(...)

---

<sup>168</sup> Ofício nº 16717/SI expedido pela PIDE à Câmara Municipal das Caldas da Rainha, a 17 de julho de 1947, AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), doc. avulso. Relativamente a estes estrangeiros, vejam-se duas cartas manuscritas e assinadas pelos mesmos enviadas ao diretor da PIDE a 13 de maio de 1947, onde estes pedem deferimento dos seus títulos de residência, AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), dois docs. avulsos.

<sup>169</sup> Ofício nº 442/SI expedido pela PIDE à Câmara Municipal das Caldas da Rainha, a 11 de janeiro de 1954, AHBMCR, Cx. Estrangeiros, pasta Estrangeiros (1953-1954), doc. avulso. Neste documento lê-se o seguinte: «Rogo a V. Ex<sup>a</sup>. se digne informar, se aos súbditos ingleses Arthur Henry Childs e esposa, interessa passarem ao régimen de Residência Anual. Em caso afirmativo, devem os mesmos requererem-na e enviar a importância de 65\$00 por cada (...)».

<sup>170</sup> ACMCR, Cemitério de Nossa Senhora do Pópulo, Registo de Enterramentos, 1964-1966, l. 32, p. 10.

<sup>171</sup> Veja-se em anexo Fig. 18, um negativo onde estes aparecem juntos, datado de 23 de outubro de 1935, retirado da National Portrait Gallery, <http://www.npg.org.uk/collections/about/photographs-collection> (consultado a 05/03/2017 às 19h00). Veja-se ainda, <http://www.thepeerage.com/p53061.htm> (consultado a 01/11/2016 às 20h00).

até serem repatriados para Inglaterra»<sup>172</sup>. Porém, saber quem foram os ingleses expulsos de Itália e colocados pelas autoridades nesta «residência fixa» torna-se uma tarefa difícil.

Pelas Caldas passaram ainda algumas personalidades importantes. Foi o caso de Adolf Stieglitz, membro do Hehalutz, movimento sionista que promovia a colonização judaica do território de Israel. Residiu em 1943 no Hotel da Copa, de onde enviava mantimentos para judeus das zonas ocupadas e para guetos<sup>173</sup>. A presença de Isaac Weissman neste mesmo ano foi de igual modo notória. Weissman, também ele refugiado, foi bastante ativo na defesa dos judeus e dos refugiados em geral, sendo ainda, o representante da Relico, em Lisboa<sup>174</sup>. Isaac Ben-Seef Margosis, judeu nascido em Odessa (Ucrânia), permaneceu nas Caldas de 1940 a 1946. A sua vida é marcada pela intervenção como editor e publicista de periódicos destacando-se dois semanários, o «Yiddishe Voch» (judeu) e o «Notre Opinion» (francês)<sup>175</sup>. Um outro caso de permanência nesta localidade é o do jornalista alemão e antifascista Hermann Lewy. Entrou na Península Ibérica em 1940, mas como não conseguiu continuar o seu trajeto foi colocado nas Caldas da Rainha. No entanto, nos últimos anos da guerra mudou-se para Lisboa e daí partiria, no fim da guerra, com destino ao seu país de origem. Tal como refere Patrick Mühlen, este é um dos poucos casos em que há um retorno à Alemanha no pós-guerra<sup>176</sup>.

Os refugiados mais célebres que passaram pelas Caldas talvez tenham sido a atriz Helga Liné, nascida em Berlim a 14 de julho de 1932, o apátrida e russo-branco George Dobrynine, apelidado de «Papa Urso» e o pugilista italiano Tino Clavari. A primeira, esteve nesta cidade ainda em criança em datas que não conseguimos precisar e depois foi para Lisboa onde iniciou a sua carreira de atriz. Contudo, viveu a maior parte da sua vida

---

<sup>172</sup> MAMEDE, Adelino et alli – *Página de História*. 13. In SUPLEMENTO da *Gazeta das Caldas*. Coord. de Carlos CIPRIANO. Caldas da Rainha: *Gazeta das Caldas*, 1991, p. 10, col. 5.

<sup>173</sup> Para mais informações consultar a obra de MILGRAM, Avraham, *Portugal, Salazar e os Judeus*. Lisboa: Gradiva, 2010, p. 265-266; 271, nota de rodapé 630.

<sup>174</sup> Informações retiradas de MÜHLEN, Patrik von zur – *Caminhos de fuga Espanha-Portugal...*, 2012, p. 5-216, nota de rodapé 469.

<sup>175</sup> Para mais informações acerca deste refugiado ver em United States Holocaust Memorial Museum. Sabe-se que este recebeu ajuda para pequenas despesas por parte da HICEM, em Lisboa, em outubro de 1941, «List of refugees aided by the HIAS-ICA EMIGRATION ASSOCIATION (HICEM) Lisbon», p. 7.

<sup>176</sup> Informações retiradas de MÜHLEN, Patrik von zur – *Caminhos de fuga Espanha-Portugal...*, 2012, p. 243.

em Espanha e reside atualmente na Argentina<sup>177</sup>. O segundo residiu nas Caldas a partir de 1940 e, em 1941, foi preso pela PVDE por não ter saído do país no prazo que lhe tinha sido imposto. No seu processo da polícia política (nº 1458/41), consta o seguinte: «Foi preso no dia 1 de Julho de 1941, por ordem do Cap. Amado, por não ter abandonado o país no prazo que lhe foi marcado. Embarcou no vapor Holmbury, a 13 de Fevereiro de 1942»<sup>178</sup>. Criou nesta cidade um clube de ginástica que se tornou num autêntico sucesso designado de «Clube Urso Branco» que funcionava no salão do Montepio Rainha D. Leonor. Na memória dos caldenses ficou para sempre a imagem deste célebre professor de ginástica que desapareceu da forma como havia aparecido, como um «relâmpago»<sup>179</sup>. O terceiro era um célebre pugilista italiano que o destino empurrou para esta cidade. Este era, segundo Mário Tavares, uma «estrela de dimensão europeia (...) e treinava, no seu ring montado no Hotel Lisbonense»<sup>180</sup>. Viria a participar nos torneios de ténis realizados em 1943 nas Caldas da Rainha, tendo saído vencedor juntamente com o português Pinto Basto num dos jogos de pares.

Salientam-se também dois outros casos que, curiosamente, têm pontos em comum: o do apátrida e ex- austríaco Paul Stricker e da sua esposa, Adelaide dos Santos (Stricker) e o da luxemburguesa Renée Mariette Liberman (Costa e Silva). Desde logo, tanto Paul como Renée se viram forçados a fugir dos seus países na sequência das invasões perpetradas pelos nazis. Depois, quis o destino que ambos fossem colocados pelas autoridades portuguesas nas Caldas da Rainha, e por fim, apesar de o terem feito em circunstâncias diferentes quer um quer outro se vieram a casar com cidadãos portugueses.

Paul Stricker casou com Adelaide dos Santos em 1941 (esta veio a adotar o seu apelido) e residiu nas Caldas de 1942 até 1943. Tal como refere Christa Heinrich, «em 1943 o casal teve autorização para se mudar para Coimbra, porque a Sra. Adelaide,

---

<sup>177</sup> Informações retiradas do artigo intitulado «Caldas da Rainha num documentário sobre os refugiados da II Guerra», publicado pela *Gazeta das Caldas* a 18 de outubro de 2015, <http://gazetacaldas.com/sociedade/caldas-da-rainha-num-documentario-sobre-os-refugiados-da-ii-guerra/> (consultado a 02/11/2016 às 14h45).

<sup>178</sup> Informações retiradas de TAVARES, Mário – *Caldas da Rainha no tempo da II Guerra Mundial*. Caldas da Rainha: Património Histórico – Grupo de Estudos, 2009, p. 29.

<sup>179</sup> TAVARES, Mário – *Caldas da Rainha no tempo da II Guerra Mundial...*, 2009, p. 32.

<sup>180</sup> TAVARES, Mário – *Caldas da Rainha no tempo da II Guerra Mundial...*, 2009, p. 33. Veja-se ainda Fig. 19 em anexo, onde se pode ver a Avenida Dr. Manuel Figueira e o Hotel Lisbonense (este edifício foi renovado e alberga atualmente o SANA Silver Coast Hotel).

entretanto grávida, não suportava o clima nas Caldas. Paul Stricker, como já nos anos antecedentes, dava aulas de alemão e inglês, oferecia-se para traduções, fazia saias plissadas juntamente com sua mulher e iniciou um negócio de lâminas de barba, facas, óculos de sol, pilhas, gaitas e outras coisas»<sup>181</sup>. Contudo, seria com um negócio de material de escrita que este teria sucesso. Fundou a firma, ainda existente, «Paul Stricker e Filhos» e veio a falecer em Coimbra em outubro de 1987. Quanto a Renée Liberman, sabe-se que fugiu do Luxemburgo, juntamente com a família, em 1940, e que veio para as Caldas da Rainha em 1942 (um pouco a contragosto conta, pois o seu pai teria preferido ir para o Estoril). Quando a guerra terminou, em 1945, viria a casar-se com o médico português que atendia a comunidade judaica nesta localidade, o Dr. Luís Costa e Silva. Por opção viveu nas Caldas até falecer, em 2005. Em 1991, numa entrevista concedida à *Gazeta das Caldas*, quando questionada se considerava que Portugal era o seu país responde «(...) já aqui estou há 48 anos em Portugal. Desde 1942. Isto é o meu país, eu considero as Caldas a minha terra»<sup>182</sup>.

Para as Caldas vieram, igualmente, muitos espanhóis. Alguns chegaram a esta localidade durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e, após 1942, crê-se, à semelhança do que sucedeu na Ericeira, juntar-se-lhes-iam espanhóis ex-combatentes da guerra. Neste período, tal como viria a acontecer uns meses depois, esta localidade acolheu de forma hospitaleira os refugiados que fugiam das perseguições do regime de Franco, sobretudo, os republicanos. Segundo alguns autores, incluindo Dulce Simões, são identificáveis quatro momentos de exílios massivos de refugiados espanhóis para o território português: «o primeiro exílio massivo ocorreu na última semana de Julho de 1936, quando se refugiaram no norte de Portugal carabineiros e milicianos que haviam resistido às forças sublevadas a sul da província de Pontevedra e Ourense, juntamente com civis provenientes de Tuy e Vigo, na ordem das centenas de pessoas (...). O segundo momento ocorre na fronteira do Caia, resultando no êxodo republicano provocado pelos bombardeamentos e ocupação de Badajoz (...). O terceiro fluxo verificou-se a 12 de Agosto, quando os habitantes de Encinasola (afectos ao golpe militar) procuraram refúgio em Barrancos, e são acolhidos pelas autoridades locais (...)» e, por fim, «o quarto êxodo

---

<sup>181</sup> HEINRICH, Christa - Preservar do esquecimento. Refugiados na região de Coimbra e da Curia. *Vértice*. 69. II série (1995), p. 21.

<sup>182</sup> MAMEDE, Adelino et alli – *Página de História*. 13..., 1991, p. 10, col. 2 (continuação das páginas centrais).

massivo ocorreu na fronteira de Barrancos, após a ocupação de Oliva de la Frontera pelos sublevados, a 21 de Setembro de 1936»<sup>183</sup>.

É ainda necessário compreender que, neste período, os espanhóis não eram considerados refugiados, mas tão só turistas e, de forma geral, nunca foram vistos como um perigo pelo Estado Novo. Tal como refere Irene Vaquinhas, para o caso específico da Figueira da Foz, «incluso las propias instituciones de la villa, acostumbradas a sua presencia anual [devido ao veraneio] acusan vacilación a la hora de clasificar a los españoles, no identificándolos nunca como refugiados o como exilados, sino simplemente como turistas, eventualmente ‘accidentales’ o ‘forzados’»<sup>184</sup>. Apesar de desconhecermos as datas concretas da chegada da grande maioria dos espanhóis às Caldas da Rainha, sabemos que estes provinham fundamentalmente da zona da Estremadura espanhola (Cáceres e Badajoz) e da Galiza (Pontevedra e Ourense). Ainda assim, e com o intuito de compreender melhor quem eram estes refugiados espanhóis, consultaram-se algumas fontes de vítimas de la Guerra Civil y represaliados del Franquismo pertencentes ao espólio do Centro Documental de la Memoria Historica de Salamanca. Todavia, a pesquisa revelou-se infrutífera.

Como anteriormente se mencionou, os hotéis, pensões e casas particulares que acolhessem ou empregassem refugiados eram obrigados ao preenchimento de um Boletim de Alojamento de Estrangeiro. A partir da análise destes boletins – quando eles existem – é possível reconstituir a história dos estrangeiros fixados forçosamente nas Caldas. Os refugiados frequentavam os cafés e as esplanadas de forma a combater a ociosidade em que viviam. Nas Caldas da Rainha, os cafés mais frequentados pelos estrangeiros e caldenses eram o Café Bocage<sup>185</sup> e o Café Central. Os hotéis foram alvo de movimentações constantes e, em determinados períodos, encontravam-se completamente lotados. Irene Pimentel ao consultar os Anuários Estatísticos para os anos de 1940 a 1945, elaborou uma lista de «Movimento de estrangeiros em hotéis e pensões por localidades», a partir da qual é possível constatar a afluência aos hotéis e pensões nas Caldas da Rainha. Segundo o estudo desta autora, em 1940 encontravam-se 340 estrangeiros nos hotéis desta cidade, em 1941 o número subia para 498, vindo a descer para 441 no ano seguinte e

---

<sup>183</sup> SIMÕES, Dulce – *A Guerra de Espanha na raia luso-espanhola. Resistências, solidariedades e usos da memória*. Lisboa: Edições Colibri, 2016, p. 198-199.

<sup>184</sup> VAQUINHAS, Irene – Huyendo de la Guerra Civil: los refugiados españoles en Figueira da Foz (1936-1939). *Actas del XII Congreso de la Asociación de Historia Contemporánea* (2015), p. 4839.

<sup>185</sup> Veja-se Fig. 20 em anexo – Café Bocage.



atingindo um número baixíssimo em 1943 (5 estrangeiros). Número esse que só se viria a alterar com o crescimento brusco de 1945, onde se constata a presença de 197 estrangeiros. No que toca às pensões, só existem registos oficiais para 1940 (37 estrangeiros) e para 1943 (5 estrangeiros)<sup>186</sup>. Ainda assim, denota-se uma clara preferência pelos hotéis nesta localidade, o que se justifica pela elevada capacidade financeira da maioria dos refugiados que aqui vieram a residir. Por vezes, acontecia os refugiados não receberem a tempo as mensalidades provenientes das organizações de auxílio, o que lhes causava embaraços no pagamento das suas estadias nos hotéis e nas pensões. No entanto, e de um modo geral, o comércio local lucrou bastante com a presença destes estrangeiros. Como recorda Maria Ludovice, «o comércio [local] ganhou bem com esta estadia dos refugiados, mas também os ajudaram muito, até nos hotéis, pelo menos no da ‘Copa’, que era de um grande amigo meu, Luís Saudade e Silva, que chegava a ter lá estrangeiros a dormir e nada recebia, porque às vezes eles não recebiam a tempo as suas mensalidades»<sup>187</sup>. Veja-se um exemplo do picotado (frente e verso) de um destes boletins do Hotel Central pertencente ao inglês Raymond Laurence Hunter e datado de 1947.



Fig. 9: Talão da declaração de alojamento no Hotel Central de Raymond Laurence Hunter (frente e verso), em novembro de 1947. Assinado pelo funcionário Joaquim Pires Machado com o carimbo da Câmara Municipal das Caldas da Rainha, atestando a presença desse estrangeiro (Fonte: AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), doc. avulso)

<sup>186</sup> PIMENTEL, Irene Flunser e NINHOS, Cláudia - *Salazar, Portugal e o Holocausto...*, 2013, p. 493.

<sup>187</sup> MAMEDE, Adelino et alli - *Página de História*. 13. In SUPLEMENTO da *Gazeta das Caldas*. Coord. de Carlos CIPRIANO. Caldas da Rainha: *Gazeta das Caldas*, 1991, p. 11, col. 4. Encontrou-se ainda, um cartão de boas festas enviado pelo proprietário do Hotel da Copa – Luiz Saudade e Silva - ao presidente da Câmara das Caldas da Rainha, em dezembro de 1941 (Fonte: AHBMCR, cx. Ofícios recebidos, pasta Ofícios recebidos (1941)).

Os refugiados que aportaram nas Caldas da Rainha nos anos fatídicos que flagelaram a Europa e o mundo foram recebidos pelos caldenses com compaixão e hospitalidade. Neste período, apesar de tudo, os portugueses apenas presenciaram a guerra nos semblantes descrentes dos deslocados que residiam, por força das autoridades, nesta cidade. Portugal e as Caldas eram, tal como lhes chamou Raymond Recouly, «um oásis na Europa atormentada»<sup>188</sup>.

No entanto, embora a solidariedade sido uma realidade, é necessário desmistificar a ambiência de «beatitude» e de total tolerância criada em torno das relações interpessoais entre caldenses e refugiados. Em determinados momentos, ainda que raros, a polícia local deparou-se com queixas de parte a parte, sobretudo, motivadas por maledicências, faltas de pagamentos e roubos. Ainda que não tenha sido possível verificar os registos dos serviços policiais desta localidade, analisaram-se alguns documentos que revelaram a existência de algumas desavenças. Excetuando um ou outro caso, os autores que estudaram o fenómeno de refúgio neste período concordam, de forma unânime, que as relações estabelecidas entre os refugiados e os locais se pautaram pela coexistência pacífica e pela tentativa constante de aproximação e integração.

### 4.3. Querelas entre refugiados e caldenses (1943)

A presença de refugiados nas Caldas da Rainha marcou um novo ciclo na sociedade local, de tal forma que é possível identificar-se um antes e um depois a partir da sua chegada à cidade. Historicamente são quase inexistentes relatos de desentendimentos entre os moradores das «residências fixas» e a população flutuante aí acolhida. Todavia, deteta-se na documentação alguns casos de conflitos que conduziram a queixas na polícia local e, mais raramente, a agressões. Trata-se, no entanto, de epifenómenos que não puseram em causa o bom relacionamento da cidade com os refugiados. Atente-se a três documentos aos quais tivemos acesso e que se reportam ao ano de 1943.

A 27 de maio de 1943, uma estrangeira de nacionalidade polaca acusou a sua antiga criada de lhe ter «(...) furtado lenços, gravatas, laranjas, ovos, uma toalha turca, uma malha (couro), digo, uma mala de pelica e pão com manteiga». A casa onde a acusada residia (na Estrada da foz, nos arredores da cidade) foi alvo de buscas e esta foi notificada

---

<sup>188</sup> ADLRA, GC, 10/08/1940, fl. 3.

a comparecer no posto policial a fim de se formalizar a queixa do delito de que era acusada. Porém, no momento em que era interrogada sobre o delito, a polaca agrediu-a «(...) com um sôco na face, dando provas de pouca educação. Por este facto a agressora deu entrada no calabouço deste posto onde aguarda as ordens de V. Ex<sup>a</sup>.»<sup>189</sup>. Não se tem conhecimento de quanto tempo terá esta estrangeira permanecido nos calabouços da prisão local, apenas se sabe que esta situação não mereceu qualquer menção na imprensa local.

Em junho desse ano, uma moradora da localidade queixou-se à polícia de duas senhoras, uma estrangeira e outra portuguesa, dizendo que estas a tinham difamado, acusando-a injustificadamente de roubo. No seu depoimento pode ler-se que: «(...) à cerca de 15 dias as arguidas abusivamente me difamaram com falsas testemunhas e sem fundamento algum; que roubara uns vestidos, joias e tualhas, a uma senhora estrangeira». Ao mesmo tempo reclama o pagamento em dívida dessas duas senhoras a propósito do arrendamento de sua casa: «Tambem me estão em debito e recuzaram pagar-me 150\$00 porque tendo-lhe arrendado a minha casa pelo mez corrente pela quantia de 300\$00, só me deram 150\$00 (...)»<sup>190</sup>. Terá esta estrangeira sido alvo de roubo? Ou será que a mesma não tinha possibilidade de pagar a tranche da mensalidade em falta e forjou um falso roubo de modo a abafar o incumprimento? São perguntas para as quais não temos resposta.

Por último, note-se a delação efetuada em setembro pelo refugiado húngaro Wavrek Kalman János: «cumpre-me participar a V. Ex<sup>a</sup>. [escrito por um agente policial ao vice-presidente da Câmara Municipal da cidade] que hoje pelas 13 horas, apresentou-se-me no Posto da Policia Wavrek Kalman János, de 38 anos de idade, solteiro, refugiado, natural de Bundapeste e acidentalmente residente nesta cidade na Avenida Visconde de Sacavém, n° 23, queixando-se que um cão malhado de prêto e branco (...) no dia 19 do corrente pelas 19 horas, na Estrada da Foz, junto a um pinhal na ocasião que se dirigia para esta cidade foi mordido pelo referido animal na perna esquerda»<sup>191</sup>. Este refugiado

---

<sup>189</sup> Carta datada de 27 de maio de 1943 e assinada por Joaquim Vieira Cordeiro, AHBMCRC, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta queixas à polícia e correspondência da Embaixada Inglesa, doc. avulso.

<sup>190</sup> Carta datada de 19 de junho de 1943 e assinada por Baltazar Martins, AHBMCRC, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta queixas à polícia e correspondência da Embaixada Inglesa, doc. avulso

<sup>191</sup> Carta datada de 20 de setembro de 1943, assinado por Manuel Sibério, AHBMCRC, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta queixas à polícia e correspondência da Embaixada Inglesa, doc. avulso.

solicitava que o cão fosse observado pelo veterinário da cidade para se certificar se estava vacinado e se não possuía doenças. Neste caso, não há uma queixa direta contra o dono do animal, mas uma atitude preventiva de saúde pública.

Em certa medida, não convinha ao estado português valorizar estas situações uma vez que, se o fizesse, estaria a chamar a atenção para a presença dos refugiados – algo que Salazar pretendia evitar a todo o custo, sobretudo, na capital – e, em simultâneo, passava para o exterior a imagem de um país débil, incapaz de conseguir a concórdia da população nacional com os estrangeiros que encontraram refúgio no país. Além destas situações, muitas outras devem ter ocorrido. Porém, a hospitalidade e o clima de concertação social entre caldenses e refugiados contribuíram para o desenvolvimento amistoso de relações interpessoais que perduraram mesmo após o fim da guerra. Apesar da visível distância «civilizacional» exibida pelos estrangeiros, a sua integração na sociedade local ocorreu de forma pacífica e serena e a sua convivência com os caldenses possibilitou um interconhecimento que se traduziu no crescimento sociocultural de ambas as partes.

## Capítulo 5 – Refugiados e caldenses: hospitalidade e sociabilidade

### 5.1. O desporto como estratégia de convivência: o caso dos torneios de ténis

A cidade ressentiu-se profundamente com o impacto causado pela Segunda Guerra Mundial quer por motivos políticos e económicos como, sobretudo, a nível sociocultural devido à presença de refugiados provenientes da Europa Central e de Leste. A partir de 1940, data em que começaram a chegar às Caldas os primeiros refugiados da guerra, a cidade sofre uma transformação social tremenda. Na rua ouvia-se inglês, francês, alemão, austríaco e viam-se senhoras maquilhadas a caminhar sozinhas e a fumar, de perna traçada, nos cafés e esplanadas. Em contraste com este clima de abertura de espírito, observavam-se os costumes tradicionais e conservadores das mulheres e dos homens portugueses. As estrangeiras eram olhadas com espanto pelas portuguesas que nelas viram um exemplo de modernidade e emancipação. Aos poucos, a imitação tendeu a surgir e as relações entre a população local e a flutuante estreitaram-se de tal maneira que o quotidiano nas Caldas se alterou por completo. A concertação sociocultural foi-se estabelecendo. No entanto, o auge da sociabilidade deu-se com a realização de uma série de torneios de ténis nos meses de agosto a setembro de 1943, disputados por caldenses e refugiados.

O ténis caracterizava-se por ser uma modalidade apenas acessível às altas camadas sociais – às elites, no fundo - sendo ainda um desporto muito em voga na Europa. Em Portugal, contudo, a prática do ténis não tinha ainda atingido uma evolução comparável à de outros países europeus onde constituía uma modalidade de vanguarda. O seu sistema de pontuação divide-se em jogos e em sets<sup>192</sup>. No Clube do Parque das Caldas da Rainha realizaram-se, entre agosto e outubro de 1943, alguns torneios e campeonatos de ténis disputados entre caldenses e refugiados. A *Gazeta das Caldas* de 20 de agosto desse ano

---

<sup>192</sup> O ténis tem o seguinte sistema de pontuação: os jogos constituem-se por pontos (15-30-40 e jogo) e os sets representam o conjunto de jogos (1-2-3-4-5-6). Para que um atleta vença um set tem que conseguir concretizar o número de jogos suficientes até atingir uma diferença de dois jogos do adversário. A partida só é finalizada quando um dos desportistas vence os sets exigidos consoante as regras estipuladas para a partida em questão. Por exemplo, se a partida for à melhor de 3 sets – que é o mesmo que dizer, o máximo de sets possíveis de realizar – e o atleta A concretizar dois sets ganha ao atleta B. No caso em que a partida é realizada à melhor de 5 sets o sistema é o mesmo com a diferença de que, neste particular, o atleta A para ganhar ao Atleta B teria que ganhar 3 sets.

divulgou uma notícia intitulada «Campeonatos de Verão de *Lawn-Tennis* nas Caldas da Rainha» onde se pode ler que:

«O Clube do Parque, com o patrocínio da Comissão Municipal de Turismo e dos jornais ‘Diário de Notícias’, ‘Os Sports’ e ‘Gazeta das Caldas’, organiza os Campeonatos de Verão das Caldas da Rainha e os respectivos Torneios de Consolação [foram três torneios reservados aos jogadores não finalistas das provas anteriores]. A Comissão Dirigente deste Torneio será constituída pelos srs. Alberto Ferreira Maia, delegado do Director do Hospital Rainha D. Leonor e do Clube do Parque, que presidirá; Dr. F. Q. Calheiros Viegas e Dr. S. Sithawaja, que será o Director Técnico (...). Somente poderão disputar estas provas as pessoas permanentemente residentes nas Caldas da Rainha, os estrangeiros que cá se encontram por causa da guerra, os veraneantes e os que habitual e assiduamente aqui costumam vir jogar (de Peniche e Gaeiras)»<sup>193</sup>.

Os jogos realizaram-se nos *courts* de ténis Rainha D. Leonor, contíguos ao principal hotel da cidade, o Hotel Lisbonense (atual Silver Coast Hotel). Seguiram-se as regras da Federação Portuguesa de Ténis e os regulamentos definidos pela Comissão Dirigente. A primeira fase dos campeonatos de verão de *Lawn-Tennis* realizou-se nos meses de agosto a setembro de 1943 e os resultados foram os seguintes (Quadro XII).



Fig. 9: Campo de ténis Rainha D. Leonor e ao fundo o Grande Hotel Lisbonense. Placas de vidro de António Passaporte (Fonte: Património Histórico – Grupo de Estudos)

<sup>193</sup> ADLRA, GC, 20/08/1943, fl. 2.

## Quadro XII

Torneio de Pares Masculinos (1ª e 2ª série) e Torneio de Repescagem (1ª e 2ª série),  
realizados em agosto e setembro de 1943

| Pares Masculinos (1ª série)                             |    |  | Resultado (à melhor de 5 Sets)   | Vencedores                             |
|---|----|--|--|--|
| Dr. Costa Silvério e J. Pina                            | vs | Schneider e Eric Weill                 | 5-7; 1-6; 7-9  | Schneider e Eric Weill                 |
| José Ramos e José Fernandes                             | vs | Kurt Seifman e Nordmann                | 1-6; 6-0; 3-6; 7-9   | Kurt Seifman e G. Nordmann             |
| <b>Final Pares Masculinos 1ª série/Série A</b>          |    |  | <b>Vencedores:</b> Sithawaja e J. de Almeida Bernardo                      |  |
| Sithawaja e J. de Almeida Bernardo                      | vs | Georges Nordmann e Kurt Seifman        |  |  |
| <b>Repescagem Pares Masculinos 1ª série/Série A</b>     |    |  | <b>Vencedores:</b> Jorge Ramos e J. Schneider                              |  |
| Jorge Ramos e J. Schneider                              | vs | José Pina e Eric Weill                 |  |  |
|   |    |  |  |  |
| Pares Masculinos (2ª série)                             |    |  | Resultado (à melhor de 5 Sets)   | Vencedores                             |
| Fernando Ribeiro e Octávio Barrosa <sup>194</sup>       | vs | Dr. Henrique Mineiro e Abílio Pinheiro | 1-6; 4-6; 2-6  | Dr. Henrique Mineiro e Abílio Pinheiro |
| Dr. Francisco Quental Calheiros Viegas e José Lança     | vs | A. Tennenbaum e Mikhail Tanowski       | 6-3; 6-2; 8-6  | Dr. Calheiros Viegas e José Lança      |
| Dr. Calheiros Viegas e José Lança                       | vs | Alberto Maia e C. P. Wooler            | 7-9; 6-4; 6-3; 6-2   | Dr. Calheiros Viegas e José Lança      |
| <b>Final Pares Masculinos 2ª série/Série B</b>          |    |  | <b>Vencedores:</b> Dr. Henrique Mineiro e Abílio Pinheiro                  |  |
| Dr. Henrique Mineiro e Abílio Pinheiro                  | vs | Alberto Maia e C. P. Wooler            |  |  |
| <b>Repescagem Pares Masculinos 2ª série/Série B</b>     |    |  | <b>Vencedores:</b> Dr. Calheiros Viegas e Conde Armand de la Rochefoucauld |  |
| Dr. Calheiros Viegas e Conde Armand de la Rochefoucauld | vs | Fernando Ribeiro e José Lanças         |  |  |

**Fonte:** ADLRA, *Gazeta das Caldas*, 01/09/1943, fl. 4 e 10/09/1943, fl. 4

<sup>194</sup> Octávio dos Santos Barrosa (1920-2001), vencedor da 2ª série de singulares masculinos era defesa da equipa de futebol do Sporting Clube de Portugal. Foi atleta da equipa principal do Sporting entre os anos de 1940/1941 a 1949/1950 e chegou a fazer parte da histórica equipa leonina dos Cinco Violinos. Para mais informações ver [http://www.forumscp.com/wiki/index.php?title=Oct%C3%A1vio\\_Barrosa](http://www.forumscp.com/wiki/index.php?title=Oct%C3%A1vio_Barrosa) (consultado a 11/04/2017 às 19h00).

À época, ainda não existia no ténis a regra do «Tie-Break»<sup>195</sup> o que possibilitou que se jogassem até nove jogos, uma vez que tinha que existir diferença de dois jogos para se ganhar a partida. Por exemplo, na 1ª série dos Pares Masculinos disputada pelo Dr. Costa Silvério e por José Pina contra os estrangeiros Schneider e Eric Weill, o primeiro set foi até aos sete jogos (5-7): tal aconteceu porque houve um empate a 5-5 em jogos e para que os estrangeiros conseguissem vencer o set tiveram que realizar dois jogos de diferença relativamente aos adversários. O mesmo aconteceu, nesta partida, no último set que foi até aos nove jogos (7-9). Para além dos campeonatos de Pares Masculinos (1ª e 2ª série) realizaram-se, nestes meses, os campeonatos de Pares Femininos (série única), Pares Mistos (1ª e 2ª série), Singulares Masculinos e Femininos (1ª e 2ª séries) – Quadros XIII, XIV, XV e XVI. As partidas masculinas eram realizadas à melhor de 5 sets – ou seja, o máximo de sets (conjunto de jogos) possíveis de realizar - e as partidas que incluíssem mulheres realizavam-se à melhor de 3 sets.

### Quadro XIII

Torneio de Pares Femininos (única série), realizado em agosto e setembro de 1943

| Pares Femininos (única série)  |    |                                   |   |
|--------------------------------|----|-----------------------------------|---|
| Madame Seifman e Jetty Pillier | vs | Madame René Rêgo e Madame Clauber | <b>Vencedoras:</b> Madame Seifman e Jetty Pillier |

**Fonte:** ADLRA, *Gazeta das Caldas*, 10/09/1943, fl. 4

### Quadro XIV

Torneio de Pares Mistos (1ª e 2ª série), realizados em agosto e setembro de 1943

| Pares Mistos (1ª série)           |    | Resultado (à melhor de 3 Sets) | Vencedores                                  |
|-----------------------------------|----|--------------------------------|---|
| Madame Nicole Botez e Pinto Basto | vs | Madame Roth e Sithawaja        | 4-6; 9-7; 6-4<br>Madame Botez e Pinto Basto |
|                                   |    |                                |   |

<sup>195</sup> A regra do «Tie-Break» só foi desenvolvida mais tarde, em 1972, de forma a combater o anormal prolongamento das partidas de ténis. Esta regra impossibilitava que se ultrapassassem sete jogos, norma que existe ainda hoje. Quando os jogadores empatam 6-6 em jogos disputam o «Tie-Break» de forma a desempatar o set. Assim, no momento em que um dos jogadores atinge sete pontos primeiro, com uma diferença de dois pontos do adversário, vence o set com o parcial final de 7-6. Para um maior aprofundamento ver VAZ, Fonseca – *História do Lawn-Tennis*. Lisboa: Impretipo, 1976, p. 40.



| Pares Mistos (2ª série)                    |    |   | Resultado (à melhor de 3 Sets)                         | Vencedores                         |
|--|----|---|--|------------------------------------|
| Madame Clauber e Mikhail Tanowski          | vs | Silly Seifman e Tino Clavari                        | 2-6; 5-7   | Silly Seifman e Tino Clavari       |
| Madame Jetty Piller e C. P. Wooler         | vs | Madame René Rêgo e Conde Armand de la Rochefoucauld | 3-6; 6-3; 6-2  | Madame Jetty Piller e C. P. Wooler |
| <b>Final Pares Mistos 2ª série/Série B</b> |    |   | <b>Vencedores:</b> Madame Silly Seifman e Tino Clavari |                                    |
| Madame Silly Seifman e Tino Clavari        | vs | Madame Jetty Pillier e C. P. Wooler                 |  |                                    |

**Fonte:** ADLRA, *Gazeta das Caldas*, 01/09/1943, fl. 4 e 10/09/1943, fl. 4

### Quadro XV

Torneio de Singulares Masculinos (1ª e 2ª série) e Torneio de Repescagem (1ª e 2ª série), realizados em agosto e setembro de 1943

| Singulares Masculinos (1ª série)                         |    |                        | Resultado (à melhor de 5 Sets)                  | Vencedores           |
|--|----|------------------------|---|----------------------|
| Eric Weill   | vs | Kurt Seifman           | 2-6; 4-6 (Weill abandonou a partida)            | Kurt Seifman         |
| Nordmann   | vs | Dr. Costa Silvério     | 6-3; 6-4  | Nordmann             |
| Sithawaja  | vs | J. de Almeida Bernardo | 2-6; 3-6; 1-6                                   | Bernardo             |
| Schneider  | vs | José Fonseca           | 1-6; 8-8  | Indefinido           |
| <b>Final Singulares Masculinos 1ª série/Série A</b>      |    |                        |   |                      |
| J. de Almeida Bernardo                                   | vs | Dr. Costa Silvério     | <b>Vencedor:</b> J. de Almeida Bernardo         |                      |
| <b>Repescagem Singulares Masculinos 1ª série/Série A</b> |    |                        |   |                      |
| Eric Weill   | vs | José Fonseca           | <b>Vencedor:</b> Eric Weill                     |                      |
|  |    |                        |   |                      |
| Singulares Masculinos (2ª série)                         |    |                        | Resultado (à melhor de 5 Sets)                  | Vencedores           |
| Abílio Pinheiro  | vs | Octávio Barrosa        | 1-5 (deve estar errado, deve ser 1-6); 6-8; 3-6 | Octávio Barrosa      |
| Dr. Calheiros Viegas                                     | vs | José Lança             | 6-1; 6-2; 6-2                                   | Dr. Calheiros Viegas |
| Schomberg  | vs | Mikhail Tanowski       | 6-4; 5-7; 4-6; 2-6                              | Tanowski             |
| Salter Cid   | vs | Sammy Rubin            | 6-2; 6-3; 6-1                                   | Salter Cid           |
| C. P. Wooler   | vs | Dr. Henrique Mineiro   | 4-6; 1-6; 1-6                                   | Dr. Henrique Mineiro |
| Mikhail Tanowski   | vs | Salter Cid             | 6-2; 6-2; 6-0                                   | Tanowski             |

|  |    |                      |                                   |                                  |
|--|----|----------------------|-----------------------------------|----------------------------------|
| Dr. Henrique Mineiro                                     | vs | Tino Clavari         | 6-1; 6-4; 6-1                     | Dr. Henrique Mineiro             |
| Conde Armand de la Rochefoucauld                         | vs | A. Tennenbaum        | 6-2; 6-2; 6-1                     | Conde Armand de la Rochefoucauld |
| <b>Final Singulares Masculinos 2ª série/Série B</b>      |    |                      |                                   |                                  |
| Salter Cid   | vs | Dr. Henrique Mineiro | <b>Vencedor:</b> Salter Cid       |                                  |
| <b>Repescagem Singulares Masculinos 2ª série/Série B</b> |    |                      |                                   |                                  |
| Mikhail Tanowski   | vs | Dr. Calheiros Viegas | <b>Vencedor:</b> Mikhail Tanowski |                                  |

**Fonte:** ADLRA, *Gazeta das Caldas*, 01/09/1943, fl. 4 e 10/09/1943, fl. 4

## Quadro XVI

Torneio de Singulares Femininos (1ª e 2ª série), realizados em agosto e setembro de 1943

|  |    |                     |                                       |                  |
|--|----|---------------------|---------------------------------------|------------------|
| <b>Final Singulares Femininos 1ª série/Série A<sup>196</sup></b> |    |                     | <b>Vencedora:</b> Madame Margot Weill |                  |
| Madame Margot Weill  | vs | Madame Nicole Botez |                                       |                  |
|  |    |                     |                                       |                  |
| <b>Singulares Femininos (2ª série)</b>                           |    |                     | <b>Resultado (à melhor de 3 Sets)</b> | <b>Vencedora</b> |
| Madame Clauber   | vs | Silly Seifman       | 6-2; 2-6; 2-6                         | Silly Seifman    |
| René Rêgo  | vs | Jetty Piller        | 6-2; 6-8; 6-4                         | R. Rêgo          |
| <b>Final Singulares Femininos 2ª série/Série B</b>               |    |                     | <b>Vencedora:</b> René Rêgo           |                  |
| René Rêgo  | vs | Silly Seifman       |                                       |                  |

**Fonte:** ADLRA, *Gazeta das Caldas*, 01/09/1943, fl. 4 e 10/09/1943, fl. 4

Terminada a primeira etapa dos campeonatos de verão de *Lawn-Tennis* disputados por caldenses e refugiados, entre agosto e setembro de 1943, a *Gazeta das Caldas* produziu algumas considerações relativas aos campeões de série dos vários torneios. Apesar de se destacarem alguns ilustres caldenses como Joaquim de Almeida Bernardo

<sup>196</sup> Relativamente ao torneio de Singulares Femininos (1ª série) apenas se conhecem a vencedora (Margot Weill) e a finalista (Nicole Botez), uma vez que, a *Gazeta das Caldas*, talvez por lapso, não noticiou os grupos e os resultados dos apuramentos anteriores como o fez para os outros casos, como se pode verificar.

(campeão da série A de Singulares Masculinos) e a dupla composta pelo Dr. Henrique Mineiro e Abílio Pinheiro (campeões da série B de Pares Masculinos), os elogios penderam sobretudo para as extraordinárias capacidades desportivas dos estrangeiros. Refere-se o seguinte: «dos estrangeiros, que nas Caldas encontraram meio propício à prática do seu desporto favorito temos a melhor impressão. Madame Margot Weill, campião da série A de singulares femininos, é ágil, boa tenista e sem dúvida a melhor de entre as senhoras. A campião da série B, Madame René Rêgo, satisfaz, sendo um pouco prejudicada no jôgo pela falta de agilidade (...). Tino Clavari, foi, com Madame Seifman, o campeão de pares mixtos, série B. Clavari trouxe do box[e] para o ténis estas duas boas dualidades: agilidade e força. Finalmente Eric Weill e Georges Nordman, que não conseguiram grande posição nos resultados finais mas que, no entanto, são tenistas de longa prática e jôgo são»<sup>197</sup>.

Ao mesmo tempo, o periódico portuense *O Primeiro de Janeiro* destacou a impressionante destreza dos estrangeiros, mas sem nunca descurar as exibições de alguns portugueses: «o resultado mais sensacional foi a vitória do português Bernardo sobre o dr. Sithawaja, excelente jogador siamês, formado em França, que era o favorito geral e fôra quem fizera daquele jovem caldense o muito bom jogador que ele já é»<sup>198</sup>.

Terminada a primeira fase dos campeonatos de ténis, realizaram-se nas Caldas da Rainha outros campeonatos. No início de setembro, a Comissão de Ténis do Clube do Parque organizou «(...) um torneio de ténis em homenagem ao periódico local e ao jornal portuense ‘O Primeiro de Janeiro’, que tanto tem pugnado pelas Caldas da Rainha», onde se disputaram duas provas – Pares Masculinos e Pares Mistos<sup>199</sup>. Os prémios foram os seguintes: «duas taças ‘Primeiro de Janeiro’ para os vencedores em pares masculinos; Duas taças ‘Gazeta das Caldas’ para os vencedores em pares mixtos; quatro medalhas para os pares vencedores de encontros entre os semi-finalistas vencidos» (Quadros XVII e XVIII)<sup>200</sup>.

---

<sup>197</sup> ADLRA, GC, 10/09/1943, fl. 4.

<sup>198</sup> BGUC, OPJ, 25/08/1943, fl. 3.

<sup>199</sup> O periódico portuense *O Primeiro de Janeiro* acompanhou diariamente a realização dos torneios de ténis nas Caldas da Rainha, que decorreram entre os meses de agosto e setembro de 1943. Ao todo, este jornal publicou vinte e três notícias relativas aos campeonatos de ténis das Caldas. Destacam-se as notícias seguintes: «Os campeonatos das Caldas da Rainha. As primeiras jornadas», BGUC, OPJ, 25/08/1943, fl. 3 e «Torneio de Ténis nas Caldas da Rainha», BCUC, OPJ, 08/09/1943, fl. 3.

<sup>200</sup> ADLRA, GC, 10/09/1943, fl. 4.

## Quadros XVII e XVIII

Torneios do «Primeiro de Janeiro» e da «Gazeta das Caldas», realizados em setembro de 1943

| <b>Torneio de Pares Masculinos (Taças «Primeiro de Janeiro»), em setembro de 1943</b> |
|---|
| <b>1º:</b> S. Sithawaja e Pitz  |
| <b>2º:</b> A. de Almeida Bernardo e Alberto Maria (filho)                             |
| <b>3ºs e 4ºs ex aequo:</b> C. P. Wooler e Dr. Henrique Mineiro e E. Cabrita e Weinreb |

| <b>Torneio de Pares Mistos (Taças «Gazeta das Caldas»), em setembro de 1943</b> |
|---|
| <b>1º:</b> Madame Grete Roth e Eric Brodheim                                    |
| <b>2º:</b> Madame Margot Weill e Dr. Calheiros Viegas                           |
| <b>3º:</b> Madame Clauber e Georges Nordmann                                    |
| <b>4º:</b> Madame Schummer e Eric Weill   |

**Fonte:** ADLRA, *Gazeta das Caldas*, 01/09/1943, fl. 4

Ainda em setembro, decorreram os torneios de singulares e pares masculinos disputados entre as Caldas e São Pedro de Moel (de 13 a 30 de setembro)<sup>201</sup> – Quadros XIX e XX - e dois torneios relâmpagos, um de pares e um de singulares (Quadro XXI e XXII). A *Gazeta das Caldas* publicou um anúncio a 20 de setembro desse ano onde se podia ler o seguinte: «TÉNIS. De 21 a 24 dêste mês realizam-se os Torneios ‘Eléctrica das Caldas’, com valiosos prémios. No dia 27 efectuam-se os encontros. ‘Portugues-Estrangeiros, em todas as modalidades»<sup>202</sup>. Relativamente a resultados, apenas se conhecem os vencedores e os finalistas dos torneios relâmpagos, desconhecendo-se, porém, os quadros e os apuramentos anteriores. Os vencedores do torneio de pares da «Electrica das Caldas» foram Frederico Pinto Basto, pertencente à antiga e próspera família Pinto Basto detentora da Vista Alegre e de outras empresas e o refugiado italiano Tino Clavari. Relativamente ao torneio de singulares, o vencedor foi o estrangeiro Georges Nordmann. Quanto ao outro campeonato, não se possuem mais referências do que as indicadas.

<sup>201</sup> BGUC, OPJ, 11/09/1943, fl. 3 e BGUC, OPJ, 13/09/1943, fl. 3.

<sup>202</sup> ADLRA, GC, 20/09/1943, fl. 2 e BGUC, OPJ, 22/09/1943, fl. 3.

## Quadros XIX e XX

Torneio de Pares e de Singulares Masculinos disputados pelas Caldas da Rainha e São Pedro de Moel (13 a 30 de setembro de 1943)

| Pares Masculinos (1ª série)              |    |  | Resultado (à melhor de 3 Sets) | Vencedores  |
|--|----|--|--------------------------------|---|
| A. Quintanilha e Tamagnini Barbosa (SPM) | vs | Sithawaja e E. Cabrita (CR)              | s/inf.                         | «Empataram no número de 'sets' e de jogos» (ADLRA, GC, 10/10/1943, fl. 4) |
| A. Quintanilha e V. Galo (SPM)           | vs | Joaquim Bernardo e Georges Nordmann (CR) | s/inf.                         |   |

| Singulares Masculinos     |    |                       | Resultado (à melhor de 3 Sets) | Vencedor                  |
|---------------------------|----|-----------------------|--------------------------------|---------------------------|
| Mário Braga (SPM)         | vs | E. Cabrita (CR)       | 6-2; 6-3                       | Mário Braga (SPM)         |
| Dr. Henrique Mineiro (CR) | vs | Martins Correia (SPM) | 6-0; 6-2                       | Dr. Henrique Mineiro (CR) |

**Fonte:** ADLRA, *Gazeta das Caldas*, 10/10/1943, fl. 4

A *Gazeta das Caldas*, contudo, não havia publicado os resultados do Torneio de Pares Masculinos (2ª série) disputado entre as Caldas e São Pedro de Moel. Assim, a 20 de outubro de 1943, informou que «(...) em Pares de Série 'B', o Engenheiro Vasco Quintanilha, J. C. Mota e J. D. Alves, de Marinha Grande, dominaram dr. Henrique Mineiro-Brodheim e dr. Calheiros Viegas-Abílio Pinheiro, após superior exibição. Por lapso, no nosso último número, não demos êstes resultados, o que hoje remedeamos como nos cumpre»<sup>203</sup>.

## Quadros XXI e XXII

Torneio de Pares e de Singulares da «Elétrica das Caldas» (21 a 24 de setembro de 1943)

| Torneio de Pares da «Elétrica das Caldas» (Taças e Medalhas)        |
|---|
| <b>1ºs:</b> Pinto Basto e Tino Clavari                              |
| <b>2ºs:</b> Botez e Rubin   |
| <b>3ºs:</b> C. P. Wooler e Mikhail Tanowski                         |
| <b>4ºs:</b> Dr. Calheiros Viegas e Conde Armand de la Rochefoucauld |

<sup>203</sup> ADLRA, GC, 20/10/1943, fl. 4.

| <b>Torneio de Singulares da «Eléctrica das Caldas» (Taças e Medalhas)</b> |
|---|
| <b>1º:</b> Georges Nordmann   |
| <b>2º:</b> S. Sithawaja   |
| <b>3º:</b> José Fernandes   |
| <b>4º:</b> Eric Weill   |

**Fonte:** ADLRA, *Gazeta das Caldas*, 10/10/1943, fl. 4

A cidade das Caldas da Rainha ganhou um novo impacto com a prática do ténis<sup>204</sup>. Segundo as contas da Comissão de Ténis relativas à época de 1943 e, portanto, a estes torneios, as receitas e as despesas não apresentaram nem saldo positivo nem negativo pois a soma de ambas deu o mesmo valor: 3.697\$00. Para a realização destes campeonatos e torneios a comissão dirigente contou com dois donativos: do Turismo (1.150\$00) e da empresa «Eléctrica das Caldas, Limitada» (200\$00). Relativamente às despesas, apresentam-se as seguintes: 16 bolas ‘Slazengers’ novas, os prémios (taças e medalhas), telegramas, papelaria geral e publicidade, brindes e ainda a realização de um quadro de honra emoldurado<sup>205</sup>.

O desporto foi, no geral, um agente fundamental no desenvolvimento de teias de sociabilidade e de amizades entre a população local e os refugiados que se encontravam na localidade. Além do ténis, outras práticas desportivas se revelaram cruciais no interconhecimento, como é o caso do boxe e da ginástica. A prática do boxe foi consagrada pelo refugiado e pugilista italiano, Tino Clavari (que também participou nos campeonatos de ténis), e os treinos tinham lugar num ring montado no Hotel Lisbonense. A ginástica, por sua vez, foi impulsionada pelo célebre «Papa Urso», o refugiado George Dobrynine. O seu clube de ginástica – Clube do Urso Branco - funcionou no salão do Montepio Rainha D. Leonor de 1940 a 1941<sup>206</sup>. Caldenses e refugiados conviveram lado a lado durante longos anos, porém, quando os estrangeiros partiram e seguiram o seu

---

<sup>204</sup> Além da cidade das Caldas da Rainha outras «residências fixas» beneficiaram da prática do ténis para criar laços e amizades entre locais e refugiados. Um outro caso foi a Curia que, em agosto de 1943, realizou torneios de ténis onde participaram portugueses e estrangeiros, possivelmente, refugiados que aí se encontravam em residência forçada (não se encontraram referências dos estrangeiros mencionados nas notícias referentes ao ténis na Curia, publicadas pelo Diário de Lisboa, na Aristides de Sousa Mendes Foundation), FMS, Diário de Lisboa, 09/08/1943, fl. 2 e Diário de Lisboa, 11/08/1943, fl. 7.

<sup>205</sup> ADLRA, GC, 10/11/1943, fl. 4. Este quadro de honra encontra-se exposto na sede do Clube de Ténis das Caldas da Rainha.

<sup>206</sup> A *Gazeta das Caldas* publicou entre janeiro e novembro de 1941 uma dezena de artigos relacionados com a prática da ginástica e da nervocultura na cidade destacando, fundamentalmente, o fundador do Clube do Urso Branco, o refugiado Georges Dobrynine. Veja-se a entrevista cedida pelo professor Dobrynine à *Gazeta das Caldas* em março de 1941, BGUC, GC, 10/03/1941, fl. 6.

caminho, a cidade ficou mais vazia e o clima sentido nas ruas era de saudade. Para trás ficaram os rostos daqueles que um dia chegaram como desconhecidos e partiram como amigos. Restaram as memórias de um tempo passado, mas tão presente.

## Conclusão

O estudo que aqui se apresenta resulta de uma expressa vontade em recuperar a memória dos refugiados que encontraram nas Caldas da Rainha o seu porto de abrigo, entre os anos de 1940 a 1946. Num momento em que a crise dos refugiados enche as manchetes dos jornais e regressa impetuosamente às agendas europeias e mundiais, considerou-se fundamental fazer emergir das profundezas esse passado tão presente. As perseguições, a guerra e as dificuldades que experimentaram na sua fuga até conseguirem aportar com segurança nesta cidade portuguesa, bem como as vivências que aí foram desenvolvendo ao longo dos anos, compuseram os alicerces que edificam este trabalho. Procurou-se responder a uma série de perguntas - quem eram? de onde vinham? de que fugiam? como foram recebidos pela população caldense? - de forma a contribuir para a análise da sua presença e do impacto que esta causou na localidade. Contudo, e devido a limitações diversas, como é o caso da inexistência de documentação mais esclarecedora, nem sempre se conseguiu responder, com precisão, a todas as questões. Todavia, apesar de muitas histórias terem ficado por contar e muitos rostos terem permanecido ocultos, outros tantos viram o horizonte revelar as suas narrativas pessoais.

Os «turistas acidentais» ou «turistas forçados», como muitas vezes eram designados, determinaram uma mudança brusca de comportamentos na sociedade portuguesa que neles vislumbrava os ares da modernidade e da emancipação tão avessos ao regime português. Frise-se que a sua presença era tão-só tolerada pelas autoridades nacionais apenas porque convinha ao regime preservar uma aparência de hospitalidade. É uma ilusão pensar que Salazar recebeu refugiados por misericórdia ou por considerar que estes «pobres deambulantes» europeus careciam de uma mão amiga. Esses princípios filantrópicos não determinaram o seu acolhimento, até porque os estrangeiros traziam consigo ideais subversivos, liberais e democratas que o estado português abominava. Fê-lo, simplesmente, por ter perfeita noção que tal atitude o faria cair nas boas graças dos países aliados no fim da guerra. Aliás, é indispensável desmistificar a ideia, muitas vezes perpetuada por leituras desatentas, que Salazar auxiliou todos os refugiados que aportaram a Portugal. A documentação atesta, exemplarmente, a frieza e as sistemáticas prescrições impostas pelo Estado aos estrangeiros numa tentativa constante de impor e de fazer valer a ordem nacional.



A população, por outro lado, foi sempre acolhedora para com os refugiados auxiliando-os sempre que estes necessitavam – em termos de alimentação, estadia, informações de carácter geral, traduções – adotando uma posição mais afável, contrária à burocracia estatal e aos seus agentes, e para quem o vocábulo «hospitalidade» assumiu a sua verdadeira aceção. No entanto, o auxílio direto e indireto a estes deslocados partia de uma entejuda sustentada pelos cônsules nas fronteiras, pelas populações – muitas vezes, impedidas e até mesmo proibidas de apoiar – e pelas organizações nacionais e internacionais de ajuda. Neste estudo, analisou-se, de forma breve, o trabalho de algumas das mais importantes organizações de auxílio durante este período, e ainda, a atitude do cônsul de Bordéus responsável pela sobrevivência de centenas de pessoas, Aristides de Sousa Mendes. Concluiu-se que a figura de Sousa Mendes repousa sob o princípio da heroicidade da qual certos autores se demarcam. Todavia, o bem que é a vida permite-nos valorizar e enaltecer o sacrifício por este empreendido em prol dos que, em fuga, imploravam pela oportunidade de prosseguir caminho. Ainda assim, apesar deste possuir um valor inegável quando nos confrontamos com a temática do refúgio, nem todos os estrangeiros que entraram em Portugal ao tempo da Guerra o conseguiram através de vistos concedidos por si. Chegaram de comboio, de camioneta, de carro, de bicicleta e até mesmo a pé, sobretudo, atravessando as fronteiras de forma ilegal. O facto dos refugiados se misturarem com os estrangeiros no geral dificulta a análise e não permite afirmar com exatidão, em alguns casos, quem era quem.

Milhares de estrangeiros atravessaram Espanha e entraram em Portugal através da fronteira dos Pireneus. A «rota ibérica» de fuga, como é designada, permitiu a entrada destes refugiados em Portugal, sobretudo, após a queda de França às mãos das tropas alemãs no verão de 1940. Lisboa, capital neutra e conservadora, tornara-se num porto de abrigo e de salvação para todos aqueles que fugidos da guerra a ela aportavam. A sociedade portuguesa sofreria um irreversível abalo com a presença destes estrangeiros. O comportamento padrão e conservador deu lugar à imitação e, conseqüentemente, deu-se uma profunda alteração nos hábitos dos portugueses. Todavia, o receio constante da penetração de ideais democráticos no seio da população portuguesa levou o Estado português a afastá-los da capital e a desviá-los, estrategicamente, para localidades termas e balneares que tivessem capacidade logística para os acolher - zonas de «residência fixa». A localidade das Caldas da Rainha foi, à semelhança de outras zonas, local de residência forçada e de acolhimento destes «indesejáveis».

Se é verdade que a localidade das Caldas já conhecera a realidade da presença de deslocados – os emigrados Boers, em inícios de 1901 e espanhóis fugidos da Guerra Civil – a partir de 1940, a sociedade local ganha novo fôlego com a maior abertura ao exterior provocada pela frequência destes novos estrangeiros na cidade. Contudo, é importante esclarecer que, quando nos referimos aos refugiados das Caldas da Rainha, não queremos dizer que estes permaneceram ininterruptamente nesta cidade durante a sua estada no país. A rotatividade imposta pelas autoridades levou a que os estrangeiros se mantivessem em movimento pelas várias zonas de «residência fixa», sobretudo, do litoral e centro português – caso da Curia, Ericeira, Estoril e Figueira da Foz. A sua presença estimulou desde cedo o desenvolvimento cidadão desta localidade, situação que se constata, logo à partida, pelo crescimento demográfico da urbe nos anos de 1940 a 1950.

No entanto, saber o número preciso e concreto dos refugiados que passaram pelas Caldas da Rainha durante a guerra é bastante difícil, se não mesmo impossível. Sabe-se, porém, que terão sido centenas os que estiveram nesta cidade durante este período. Com base na documentação e na bibliografia consultada conseguimos identificar 349 estrangeiros. Ainda assim, o que mais nos interessou foi analisar aqueles que aí residiram entre 1940 e 1946 (334 refugiados). Quando a guerra terminou, a grande maioria partiu e seguiu o seu caminho para territórios além-mar. Contudo, alguns deles optaram por permanecer na cidade para desagrado das autoridades e, mais raras vezes, aí se fixaram até falecer. A cidade, por sua vez, voltou a assumir o seu papel de localidade termal.

Deve, ainda, dar-se atenção à compaixão demonstrada pelos caldenses no acolhimento destes desalojados. A sociabilidade desenvolvida marcou a comunidade local e permitiu a alteração de comportamentos. É curioso que, contrariamente a zonas como a Figueira da Foz (onde os refugiados ocupavam o seu tempo em festas glamorosas sendo muitos os que jogavam no casino), a convivência pautava-se pela prática do desporto, fundamentalmente, da ginástica, do boxe e do ténis. No último capítulo deste estudo, analisou-se uma série de torneios de ténis realizados entre agosto e setembro de 1943, noticiados pela *Gazeta das Caldas* e pelo periódico português *O Primeiro de Janeiro*, artigos que revelam o quanto a estadia dos refugiados transformou a sossegada vida nas Caldas da Rainha. No entanto, e apesar deste clima de concertação social, existiram momentos em que a paz generalizada foi interrompida e deu lugar a fugazes desentendimentos protagonizados pelos locais e pelos estrangeiros. Mesmo não tendo sido possível consultar a documentação dos serviços policiais das Caldas da Rainha,

verificou-se, com base nas fontes examinadas, que nem sempre a relação entre estes se pautou pela «beatitude» protelada. Quando tais situações vinham à tona, rapidamente as autoridades se aprontavam a abafar o sucedido, pois não convinha ao estado português dar atenção e visibilidade a estes «turistas forçados», nem mesmo, transmitir uma imagem de debilidade e de ineficácia para o exterior.

Por fim, manifesto a consciência de que os resultados alcançados nesta dissertação acusam as limitações próprias de uma investigação histórica de tão pequena escala. Ainda assim, e apesar das lacunas, espero que este trabalho seja um contributo para a história local e para o estudo dos refugiados em Portugal durante o segundo quartel do século XX. O nosso propósito foi, desde início, analisar a presença de refugiados da Segunda Guerra Mundial nas Caldas da Rainha, cidade que carecia de um estudo aprofundado que valorizasse o papel preponderante que assumiu no acolhimento daqueles que fugiam ao sofrimento e à guerra. De facto, como se pôde verificar, a hospitalidade e a comiseração demonstradas pelos caldenses mantiveram-se na memória dos que por lá passaram para todo o sempre. Nas Caldas, o receio e a desconfiança da circunstância deram lugar ao ânimo e à esperança no futuro.

## ANEXOS

### ANEXO 1 – Fotografias e documentos relacionados com a presença de refugiados nas Caldas da Rainha (1940-1948)

**Fontes:** United States Holocaust Memorial Museum, Aristides de Sousa Mendes Foundation, JDC Archives, National Portrait Gallery, Photographs collection, AHBMCR, Estrangeiros (1939-1955), C.M.C.R., Serviços Policiais, AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), AHBMCR, Cx. Estrangeiros, pasta Estrangeiros. Legislação, impressos e guias de receita, Património Histórico – Grupo de Estudos e ADLRA, Governo Civil de Leiria, Correspondência sobre Estrangeiros (1937-1946), pasta Estrangeiros – 1944.



**Fig. 1:** Retrato de um grupo de judeus refugiados recém-chegados à estação de Santa Apolónia, em Lisboa, a 1 de setembro de 1941 (Fonte: United States Holocaust Memorial Museum).



**Fig. 2:** Dois colaboradores da JOINT a trabalharem no escritório de Lisboa, 1941 (Fonte: United States Holocaust Memorial Museum).

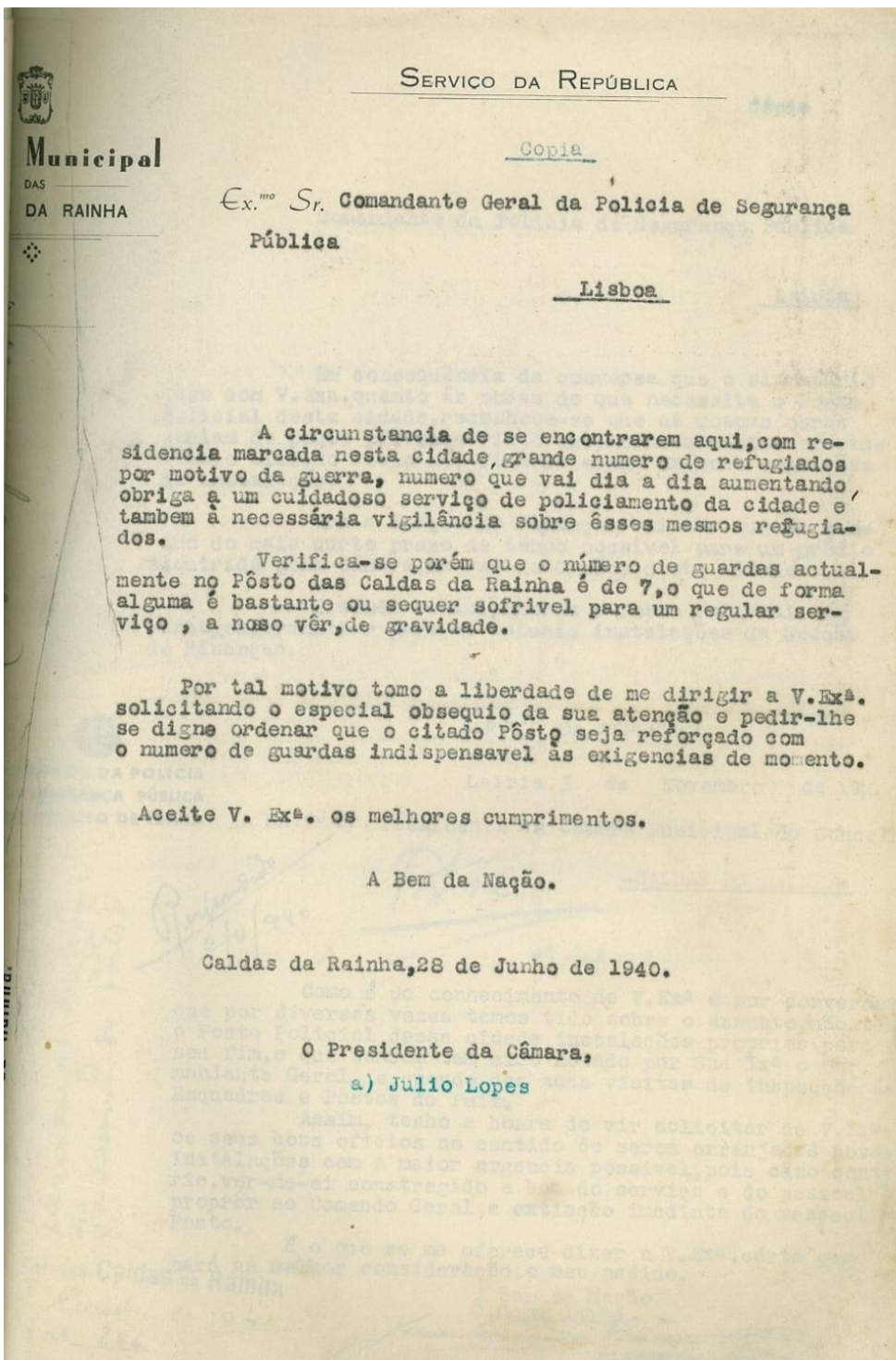


**Fig. 3:** O Cônsul português em Bordéus e «Justo entre as Nações», Aristides de Sousa Mendes, s/data (Fonte: Aristides de Sousa Mendes Foundation).

24 MAI 1940

|     |   |
|-----|---|
| 941 | Visto em declaração de carga                  |
| 942 | - d: - - d: -                                 |
| 943 | - d: - - d: -                                 |
| 944 | - d: - - d: -                                 |
| 945 | Visto em passaporte de Harry Kanter           |
| 946 | - d: - - d: - de Yvonne Kanter                |
| 947 | - d: - - d: - de George Kanter                |
| 948 | - d: - - d: - de Della S. Hoass               |
| 949 | - d: - - d: - Verne Hoass                     |
| 950 | - d: - - d: - Helene Schwarz                  |
| 951 | Certificado de ins. Domingos Ribeiro Ferreira |
| 952 | Passaporte de - d: -                          |
| 953 | Visto em passaporte Maria Kaufmann            |
| 954 | - d: - Hans Kaufmann                          |
| 955 | - d: - Grete Kaufmann                         |
| 956 | - d: - Annelies Kaufmann                      |
| 957 | - d: - Koch Friedrich Joseph                  |
| 958 | - d: - Maurice Surmagne                       |
| 959 | - d: - Denise - d: -                          |
| 960 | - d: - Simon - d: -                           |
| 961 | - d: - Rozenfeld Abraam                       |
| 962 | - d: - Rozenfeld Eugenia                      |
| 963 | - d: - Paul Seldouff                          |
| 964 | - d: - Eva Seldouff                           |
| 965 | - d: - Albert Clement Concoran                |
| 966 | - d: - Anna E. Flanagan                       |
| 967 | - d: - James William Flanagan                 |
| 968 | Certificado de ins. de Januario Correia Braga |
| 969 | Contrato de trabalho de José Berqueira        |
| 970 | - d: - de José da Costa                       |
| 971 | - d: - de Fernando Amifal                     |
| 972 | - d: - de José Joaquim da Silva               |
| 973 | - d: - de José Fernandes                      |
| 974 | - d: - de José Almeida Rocha                  |
| 975 | - d: - de José Teófilo Leite Caldas           |
| 976 | - d: - de Joaquim da Silva                    |

**Fig. 4:** Página do livro de registos de Sousa Mendes, onde se encontra grafada uma das listas de famílias e pessoas que receberam vistos deste, em Bordéus, na Primavera/Verão de 1940. (Fonte: Aristides de Sousa Mendes Foundation, visas).



**Fig. 5:** Minuta enviada pelo Presidente da Câmara Municipal das Caldas da Rainha ao Comandante Geral da PSP de Lisboa a propósito do policiamento efetuado aos refugiados residentes nessa cidade (Fonte: AHBMCR, Estrangeiros (1939-1955), C.M.C.R., Serviços Policiais, doc. avulso).





**Fig. 6:** Grupo de judeus num momento de oração nas Caldas da Rainha, em 1942 (Fonte: JDC Archives, File 14670).



**Fig. 7:** Grupo de refugiados judeus a celebrar um Bar Mitzvah nas Caldas da Rainha, em dezembro de 1943 (Fonte: JDC Archives, File 14674).



**Fig. 8:** Hotel O Facho na Foz do Arelho, s/ data. Negativo da autoria de Neto Pereira (Fonte: Património Histórico – Grupo de Estudos).



**Fig. 9:** Praia da Foz do Arelho – Hotel do Facho (Fonte: Património Histórico – Grupo de Estudos).

**P. V. D. E.** BOLETIM INDIVIDUAL DE **Mod. B**  
**ESTRANGEIRO RESIDENTE**

Serviço de Estrangeiros Nacionalidade Holandaise

Nome completo Jean Schurer  
 Filho de (pai) Willelm Schurer e de (mãe) Elsa Bruinma  
 Natural de Gerolact Nascido em 3 de 6 de 1900 Estado civil casado  
 Casado com Lucie Gross Schurer Residente em (a) Seixis

**Filhos residentes em Portugal (menores de 14 anos) (b):**

| NOMES DOS FILHOS | NASCIMENTO |       | ONDE RESIDEM (c) |
|------------------|------------|-------|------------------|
|                  | Data       | Local |                  |
| 1.º              | / /        |       |                  |
| 2.º              | / /        |       |                  |
| 3.º              | / /        |       |                  |
| 4.º              | / /        |       |                  |
| 5.º              | / /        |       |                  |

(a) — Indicar se o outro cônjuge reside no País ou no Estrangeiro. (b) — Se os dois cônjuges residirem em Portugal, os filhos devem constar do Boletim do marido. (c) — Indicar onde residem habitualmente.

(PREENCHER O VERSO)

Mod. 246 - Ex. 50.000 - 51954

**ACTIVIDADE QUE EXERCE EM PORTUGAL**

(No comércio, indústria, agricultura, trabalhos domésticos, arte, ensino, etc.)

QUAL? Indústria

Trabalha por conta própria? (sim ou não) non

Nomes das firmas ou sociedades a que pertence: Societe Torahy

Estabelecidas em: (Nome da localidade e endereço) a Bruxelles Belgique

Trabalha por conta de outrem? (sim ou não) oui

Nome das firmas ou pessoas a quem presta serviço: Societe Torahy

Estabelecidas ou residentes em: a Bruxelles

---

**DOCUMENTO DE RESIDÊNCIA**

Cert.<sup>da</sup> de Nac.<sup>da</sup> N.º \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

Aut.<sup>da</sup> de Resid.<sup>da</sup> vá: Tirado em (localidade) \_\_\_\_\_

lida por \_\_\_\_\_ meses Apresentado ao «VISTO»: \_\_\_\_\_

Bilhete de identidade Data \_\_\_\_\_

(d) Localidade \_\_\_\_\_

(d) — Riscar o que não interessa.

(Assinatura do estrangeiro)  
Jean Schurer

Residente em Seixis

---

Em que data entrou a última vez em Portugal? 06 de Janeiro de 1940 Pela Fronteira de Wattignies pelo vapor

**Importante:** — Sempre que o estrangeiro saiba escrever, este Boletim deve ser preenchido pelo seu próprio punho com letra bem legível.

Desistiu-se ao estrangeiro que no mês de Janeiro de cada ano apresenta ao «VISTO» o seu documento de residência, conforme determina o § 5.º do Art. 4.º do Decreto N.º 16.386, de 18 de Janeiro de 1929.

Multado em \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ Art.º \_\_\_\_\_ N.º \_\_\_\_\_

Mod. 246

**Fig. 10:** Boletim Modelo B preenchido pelo refugiado Jean Schurer, residente com a mulher em Leiria e, mais tarde, nas Caldas da Rainha (Fonte: ADLRA, Governo Civil de Leiria, Correspondência sobre Estrangeiros (1937-1946), pasta Estrangeiros – 1944, doc. avulso).



**Fig. 11:** Visto de Annelies Kaufmann concedido por Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, a 24 de maio de 1940 (Fonte: Aristides de Sousa Mendes Foundation, visas).

MINISTÉRIO  
DOS  
NEGÓCIOS ESTRANGEIROS  
Repartição da Administração  
Consular

Cll 1401 Cll N.º 32

## TELEGRAMA EXPEDIDO

Para a { Embaixada } de Portugal em Bordens  
 { Legação }  
 o { Consulado }

Ostensivo } em 13 de VI de 194  
 Cifrado }

Recusado vistos M<sup>lle</sup> de Mey, Kardorff,  
 Norden, Mendels esposa e filha,  
 Groen e esposa, Silberfeld e esposa,  
 Blitz e esposa, Wepper e esposa,  
 Steeman Romancin e esposa, M<sup>lle</sup>  
 Selepine, Leo Tuit e família, Rabino  
 Krüeger, Schipper e esposa e filha,  
 Fany Haskel, família Kaufman e  
 Koch, Cohen e esposa, Hyman e  
 Lorie e Gitla e Kasser e famílias,  
 Boas e esposa, Farra e esposa, Forget  
 e família, Maurice Brandet e Moresco  
 e família e Fabrigas Ministro  
 e família Brandel

1493-40 Cópia à Repartição competente em 15-6-40 - Ad. Consular  
 RP 156-156-3,90-1,56-1,56-3,90-1,56-1,56-1,56-1,56,390

**Fig. 12:** Telegrama de António de Oliveira Salazar a recusar a concessão de vistos a famílias de refugiados, incluindo, a família Kaufmann (Fonte: Aristides de Sousa Mendes Foundation, visas).

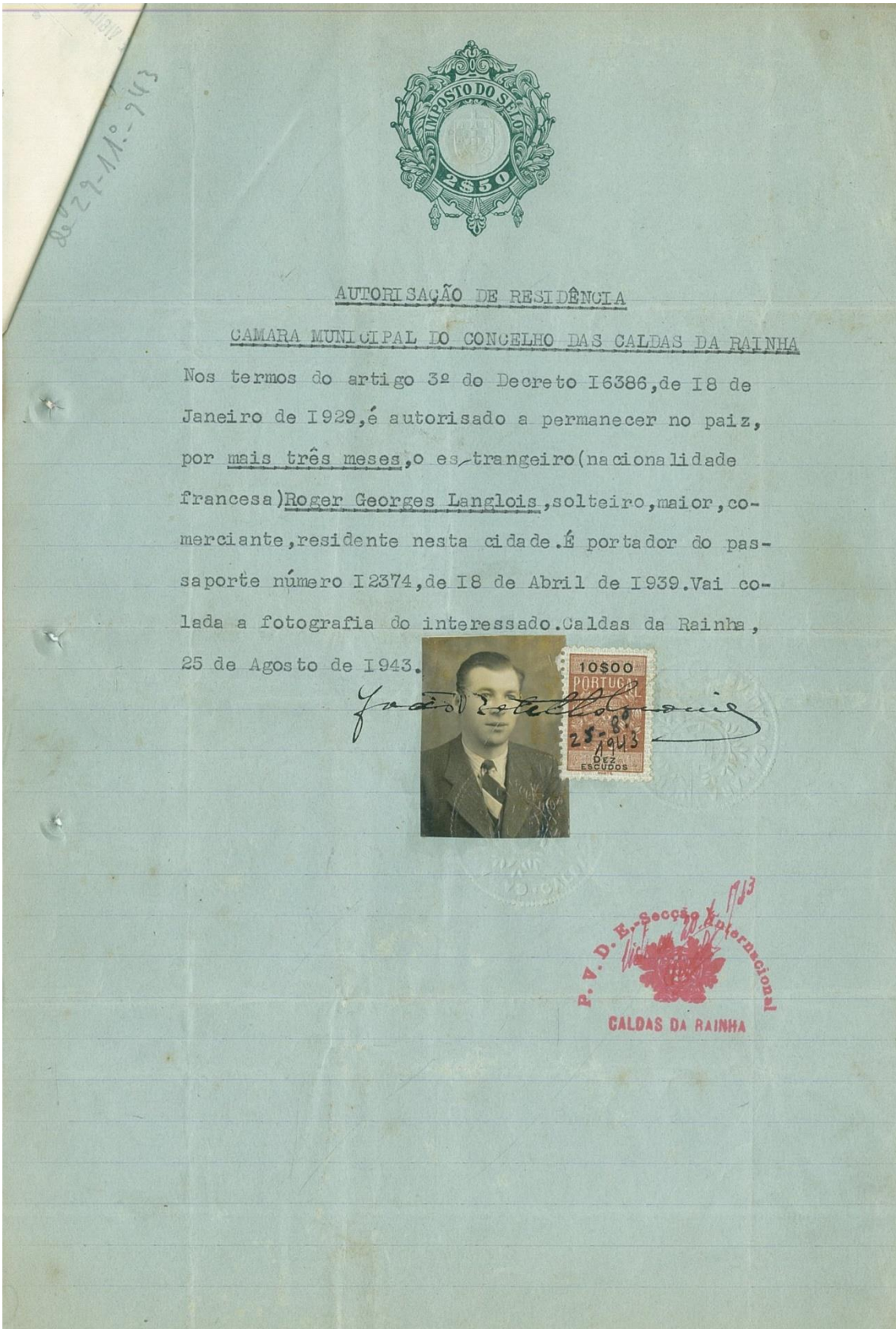


**Fig. 13:** A refugiada Rénee Erman (à esquerda) e a caldense Maria Cristina M. do Valle (à direita) a andarem de bicicleta nas Caldas da Rainha, em 1941 (Fonte: Aristides de Sousa Mendes Foundation, visas).

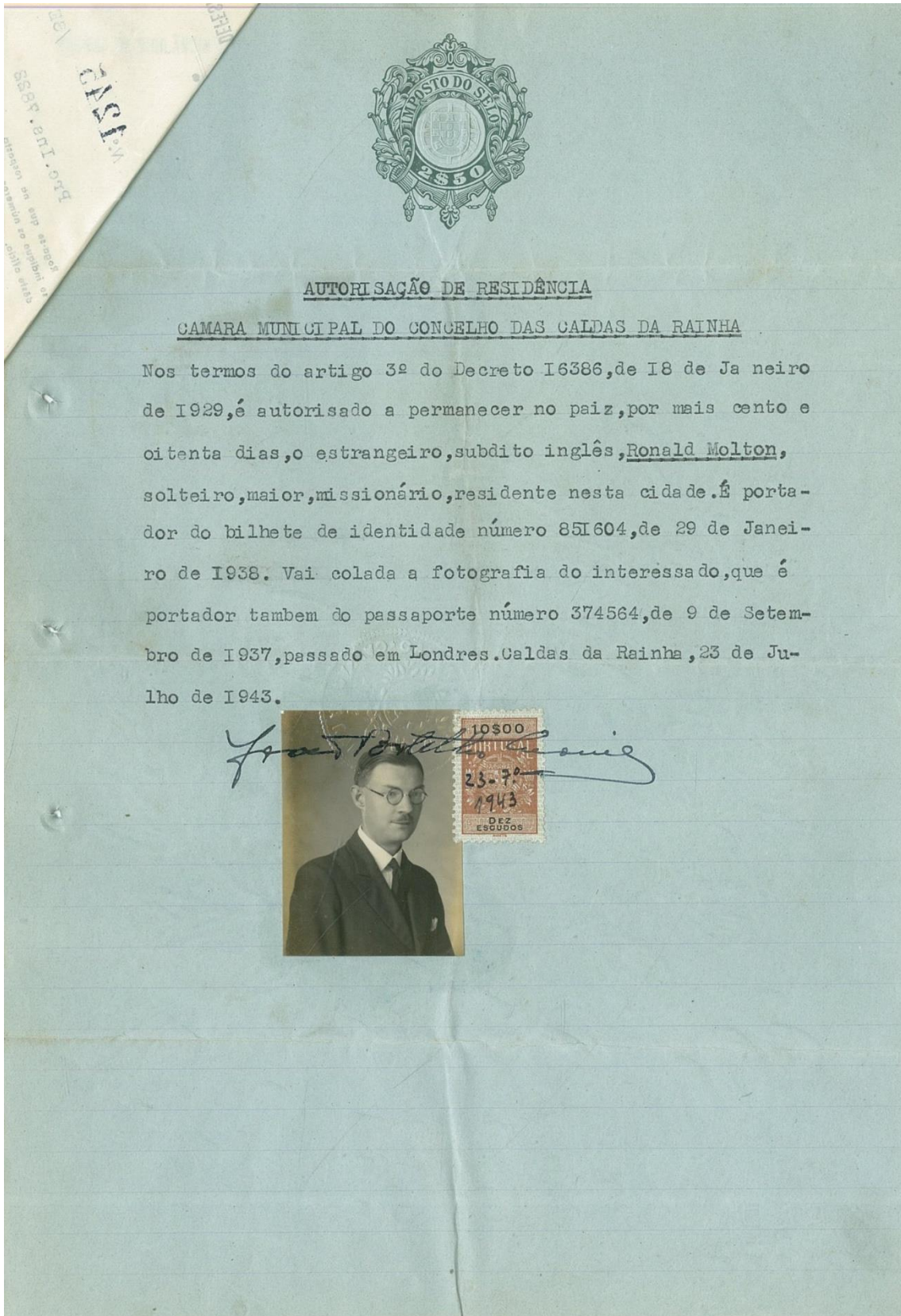




**Fig. 14:** Família Simsovic, originária da Checoslováquia, esteve nas Caldas da Rainha de 1940 a 1941 (Fonte: Aristides de Sousa Mendes Foundation, visas).



**Fig. 15:** Autorização de residência por 3 meses concedida ao refugiado Roger Georges Langlois pela PVDE das Caldas da Rainha, em agosto de 1943 (Fonte: AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), doc. avulso).



**Fig. 16:** Autorização de residência por 180 dias concedida ao inglês Ronald Molton pela PVDE das Caldas da Rainha, em julho de 1943 (Fonte: AHBMCR, Cx. Estrangeiros (1939-1955), pasta Estrangeiros (1944-1947), doc. avulso).





**Fig. 18:** Lord George Heneage Lawrence Dundas e Lady Ivy Winifred Dundas, a 23 de outubro de 1935, local desconhecido (Fonte: National Portrait Gallery, Photographs collection).



**Fig. 19:** Grande Hotel Lisbonense na Avenida Dr. Manuel Figueira, Caldas da Rainha (Fonte: Património Histórico – Grupo de Estudos).



**Fig. 20:** Café Restaurante Bocage, Caldas da Rainha. Negativo da autoria de Neto Pereira (Fonte: Património Histórico – Grupo de Estudos).

## ANEXO 2 - Lista da Relação dos Estrangeiros e Refugiados nas Caldas da Rainha (1930-1960)

**Fontes:** JDC Archives, United States Holocaust Memorial Museum, Aristides de Sousa Mendes Foundation, ADLRA, Governo Civil de Leiria, Correspondência sobre Estrangeiros (1937-1946), ADLRA, Governo Civil de Leiria, estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, ACMCR, Cemitério de N<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> do Pópulo, ls. 11-33, Suplemento *Gazeta das Caldas*, n<sup>o</sup> 13 (24 de maio de 1991), *Gazeta das Caldas* (1939-1950), *O Primeiro de Janeiro* (1943), documentário «Lissabon, hafen der Hoffnung (Lisboa, porto de esperança)» e bibliografia diversa.

| Relação dos Estrangeiros e Refugiados nas Caldas da Rainha (1930-1960) <sup>207</sup> |                     |                                |               |   |
|---|---------------------|--------------------------------|---------------|---|
| Sexo  | Nome                | Naturalidade e/ou proveniência | Residência(s) | Observações   |
| SM  | André Tennenbaum    | s/inf.                         | s/inf.        | Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943   |
| SM  | Abraham Irrgang     | Polónia                        | s/inf.        | Nasceu em Przemsyl, Polónia, a 27 de fevereiro de 1900. Profissão: Mercador. Apátrida (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC) |
| SF  | Ada Beatrice Jenner | Inglaterra                     | s/inf.        | s/inf.  |

<sup>207</sup> Esta tabela resulta da consulta de documentação e bibliografia diversa e nela se encontram listados 349 estrangeiros. Contudo, nesta época, os «verdadeiros» refugiados misturavam-se com os estrangeiros em geral o que torna difícil saber quem era quem. Todavia, em relação à maioria dos estrangeiros aqui identificados sabe-se que eram refugiados fugidos da guerra e das perseguições. É então por este motivo que a listagem se intitula «relação dos estrangeiros e refugiados nas Caldas da Rainha (1930-1960)».



|    |                             |         |  |  |
|----|-----------------------------|---------|--|--|
| SF | Adelina dos Santos Bernardo | França  | s/inf.                                 | s/inf.   |
| SM | Adol Pina y Casas           | Espanha | s/inf.                                 | Natural de Badajoz, Espanha. Profissão: Topógrafo. Filiação: Fernando e Manuela. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADL, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 41).  |
| SM | Adolf Stieglitz             | Áustria | Hotel da Copa, Caldas da Rainha (1943) | Membro do Hehalutz, movimento sionista que promovia a colonização judaica do território de Israel. Encontrava-se nas Caldas da Rainha, de onde enviava mantimentos para judeus das zonas ocupadas e para guetos. Para mais informações consultar a obra de Avraham Milgram, «Portugal, Salazar e os Judeus», p. 265-266; 271, nota de rodapé 630. Entrou em Portugal por Vigo, em novembro de 1941, segundo uma lista intitulada «Vigo», de novembro de 1941 (informações retiradas de Archives JDC) |
| SM | Alessandro Rippa            | Itália  | s/inf.                                 | Natural de Nápoles, Itália. Profissão: Fotógrafo. Filiação: Giovanni e Anna. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 42).  |
| SM | Alfredo Vidal Amoedo        | Espanha | s/inf.                                 | s/inf.   |

|    |                        |            |  |   |
|----|------------------------|------------|--|---|
| SF | Alice Doreen Topuz     | Inglaterra | Rua Henrique Sales, 10, r/c, Caldas da Rainha (1946); Rua Emídio Jesus Coelho, n° 20 (1947); Travessa da Cova da Onça, 7., Caldas da Rainha (1949) | Por vezes, aparece referenciada na documentação como sendo «grega».   |
| SF | Alina A. Hunter        | Inglaterra | Hotel Central, Caldas da Rainha (1947)   | s/inf.  |
| SM | Amadeu Rocha Rodriguez | Espanha    | Travessa do Cais (1950)  | Veio para as Caldas em setembro de 1949, com o seu título de residência visado em Lisboa, onde residia  |
| SM | Amado Imsalam Salem    | Inglaterra | s/inf.   | s/inf.  |
| SF | Amelia Perez Noriega   | Espanha    | s/inf.   | Natural de Badajoz, Espanha. Profissão: Criada de servir. Filiação: Francisco e Teresa. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 46) |
| SM | Angel Seoane Barros    | Espanha    | s/inf.   | s/inf.  |
| SF | Angelina Santos        | Espanha    | s/inf.   | s/inf.  |

|    |                           |            |  |   |
|----|---------------------------|------------|--|---|
| SF | Anna Kristina Billström   | Suécia     | s/inf.   | s/inf.  |
| SF | Anna Matilda Takman       | Suécia     | s/inf.   | s/inf.  |
| SF | Annelies Kaufmann         | Alemanha   | Apenas há a referência de que esteve num hotel (segundo um testemunho escrito) | Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, a 24 de maio de 1940. Porém, o visto seria rejeitado por Salazar. No entanto, esta conseguiu entrar em Portugal, onde foi colocada pelas autoridades nas Caldas da Rainha. Partiu no navio Siboney, juntamente com o irmão e a mãe, em dezembro de 1940 (informações retiradas da Fundação Aristides de Sousa Mendes) |
| SF | Anny Marie Beatrice Punt  | Canadá     | s/inf.   | Aparece referenciada como «refugiada» na documentação do ADLRA, Governo Civil de Leiria, Estrangeiros em Portugal, correspondência recebida (1937-1946)   |
| SF | Anthea Mary Branwell Hunt | Inglaterra | s/inf.   | s/inf.  |
| SM | Antonio Alonso Andrade    | Espanha    | s/inf.   | s/inf.  |
| SM | António Dias Alonso       | Espanha    | s/inf.   | s/inf.  |

|    |   |            |        |   |
|----|---|------------|--------|---|
| SM | Antonio Gil Gonzalez                            | Espanha    | s/inf. | s/inf.  |
| SM | António Urdinlair (ou Antoine Bellando Graille) | Espanha    | s/inf. | Não tinha muito mais de 20 anos e era louro. Era de San Sebastián, mas dizia ser francês para não serem devolvidos à Espanha de Franco. Um dia, apareceu afogado, misteriosamente, no Buraco Azuk, próximo de Óbidos. É recordado por José de Sousa, em entrevista publicada pelo Suplemento Gazeta das Caldas, nº 13, a 24 de maio de 1991, p. 3 e José A. Pimentel, numa entrevista publicada pelo no mesmo Suplemento p. 9 |
| SM | Aquilino Horsa Lepo                             | Espanha    | s/inf. | Natural de Ourense, Espanha. Profissão: Amolador. Filiação: Francisco e Rosinda. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 42).   |
| SM | Arthur Gillespie Ingleby                        | Inglaterra | s/inf. | Natural de Birkenhead, Inglaterra. Profissão: ?. Filiação: James e Henrietta. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 43).  |
| SM | Arthur Harold Bligl Harbord                     | Inglaterra | s/inf. | s/inf.  |

|    |                        |            |  |   |
|----|------------------------|------------|--|---|
| SM | Arthur Henry Childs    | Inglaterra | Bairro das Amieiras,<br>Caldas da Rainha | Adquiriu, juntamente com a esposa, título de residência anual no início de janeiro de 1954. Faleceu a 19 de novembro de 1964, nas Caldas da Rainha, sendo sepultado no dia seguinte no coval nº 82. Residia no Bairro das Amieiras, Caldas. Filiação: William Henry e Alice Martha. Refere o seguinte: «Transferida a ossada em 11 de maio de 1971, para o Ossário Geral». Fonte: ACMCR, Cemitério, Registo de Enterramentos, 1964-1966, l. 32, p. 10 |
| SF | Aurora Gomes Marques   | Espanha    | s/inf.                                   | Natural de Parada, Pontevedra, Espanha. Profissão: Doméstica. Filiação: Roman e Maria. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 43).   |
| SF | Aurora Gomez Martins   | Espanha    | s/inf.                                   | s/inf.  |
| SM | Avelino Cendon Portela | Espanha    | s/inf.                                   | s/inf.  |

|    |                                  |            |  |  |
|----|----------------------------------|------------|--|--|
| SF | Balbina Martines Contador        | Espanha    | s/inf.   | Natural de Badajoz, Espanha. Profissão: Criada de servir. Filiação: Alfredo e Antónia. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 46)   |
| SM | Baron Henry Fergusson Lethbridge | Inglaterra | Rua do Diário de Notícias, nº 11, Caldas da Rainha (1946,1947) | s/inf.   |
| SM | Belasmino Castelhana Vidal       | Espanha    | s/inf.   | Natural de Coruba, Pontevedra, Espanha. Profissão: Criado de mesa. Filiação: Manuel e Maria. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 44)   |
| SM | Benito Barcia Pombo              | Espanha    | s/inf.   | Residente nas Caldas da Rainha. Profissão: Cozinheiro. O seu certificado de nacionalidade foi passado pela Viceconsulado de Espanha em Peniche. No entanto, o seu certificado de nacionalidade (passado em agosto de 1947) foi rejeitado pela PIDE e esta obrigou a Câmara das Caldas a anular os documentos, não permitindo que este permanecesse mais de 3 meses em Portugal |

|    |                         |            |  |  |
|----|-------------------------|------------|--|--|
| SM | Bernhard Rosenstock     | Polónia    | s/inf.   | Nasceu em Sniatin, Polónia, a 27 de janeiro de 1894. Profissão: Mercador. Apátrida (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC) |
| SF | Beryl Cecilia Robertson | Inglaterra | Quinta do Sandre, Avenal, (Caldas da Rainha (1948) | s/inf.   |
| SF | Betry Freundliah        | Holanda    | s/inf.   | Filiação: H. Van Lanlar e Else Sopsio Van Lanlar. Veio da Guarda onde estava em tratamento no Sanatório Sousa Martins. Viria a falecer nas Caldas. Tinha 37 anos. Nº do coval, 24. Fonte: ACMCR, Cemitério, Registo de Enterramentos, 1944, l. 13, p. 8  |
| SF | Blanchette Fleur        | Bélgica    | s/inf.   | Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus. Depois da guerra, regressou à Bélgica onde viria a casar e onde vive atualmente. Visitou, em junho de 2016, as Caldas da Rainha 71 depois de aí ter estado como refugiada  |
| SM | Nicka Boutez            | Roménia    | s/inf.   | Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943  |

|    |                          |            |  |   |
|----|--------------------------|------------|--|---|
| SM | Brian George Wallis      | Inglaterra | Hotel o Facho (1947)                           | s/inf.  |
| SF | Bridget Assheton         | Inglaterra | Hotel o Facho (1947)                           | s/inf.  |
| SF | Carmen Rodriguez Martins | Espanha    | Rua do Diário de Notícias,<br>Caldas da Rainha | Natural de Pontevedra, Espanha.<br>Filiação: Domingos Rodrigues e Maria Martinez. Faleceu nas Caldas da Rainha, a 22 de novembro de 1941. Jazigo nº 41.<br>Fonte: ACMCR, Cemitério, Registo de Enterramentos, 1941, l. nº 11, folha avulsa, p. 1 e ACMCR, Cemitério, Registo de Enterramentos, 1941, l. 11, p. 23 |
| SF | Catherine [Christmas]    | EUA        | Hotel o Facho (1947)                           | Em 1947, tinha estado em Salir do Porto acompanhada pelo marido, Joseph Christmas   |
| SM | Caytano Perez Martins    | Espanha    | s/inf.   | Natural de Cáceres, Espanha. Profissão: Comerciante. Filiação: Vicente e Agustina. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 45                   |



|    |                           |            |        |  |
|----|---------------------------|------------|--------|--|
| SM | Cesar Gomez Marquez       | Espanha    | s/inf. | Natural de Parada, Pontevedra, Espanha. Profissão: Empregado. Filiação: Ramon e Maria. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 40).      |
| SM | Chaim Wirth               | Apátrida   | s/inf. | s/inf.   |
| SM | Charles Christian Gerfaux | França     | s/inf. | Entrada em Valença, a 26 de julho de 1948  |
| SM | Charles Lindley Nord      | Inglaterra | s/inf. | Natural de Londres, Inglaterra. Tinha nacionalidade canadiana. Profissão: Técnico de minas. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 42). |
| SF | Christina Elisabeth       | Inglaterra | s/inf. | Natural de Londres, Inglaterra. Profissão: Doméstica. Filiação: James e Margaret. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 42).           |

|    |                                  |            |                      |   |
|----|----------------------------------|------------|----------------------|---|
| SF | Cicely Caroline Hicks Maclellan  | Inglaterra | Hotel o Facho (1947) | s/inf.  |
| SM | Claude Pemberton Wooler          | Inglaterra | Hotel da Copa        | Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943   |
| SF | Claudina Barros Valiño           | Espanha    | s/inf.               | s/inf.  |
| SM | Coderey Vassal Webster           | Inglaterra | s/inf.               | s/inf.  |
| SM | Conde Armand de la Rochefoucauld | França     | s/inf.               | Nasceu a 27 de setembro de 1870 e morreu em Paris, em 1963. Casou, em 1894, com a Duquesa Louise Radziwill que morreu em Paris, em 1942 (informações retiradas de Bibliothèque nationale de France). Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943. Proveniente da alta nobreza francesa, segundo testemunho de Emília Calheiros Viegas, numa entrevista publicada pelo Suplemento Gazeta das Caldas, nº 13, a 24 de maio de 1991, p. 5 |
| SM | Cumersindo Gonzalez Dominguez    | Espanha    | s/inf.               | s/inf.  |

|    |                      |                |                         |   |
|----|----------------------|----------------|-------------------------|---|
| SM | Daniel Samuel Gross  | Polónia        | s/inf.                  | Tinha, em 1943, 20 anos e era estudante. Referenciado no Livro de Registo de Hóspedes da Pensão Morais (1943-1946), na Ericeira. Informação retirada da obra de José Caré Júnior, «Ericeira 50 anos depois...os refugiados estrangeiros da 2ª Guerra Mundial (Mar de Letras: Ericeira, 3ª ed., 1998)  |
| SM | Daniel Simsovic      | Checoslováquia | s/inf.                  | Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, em junho de 1940. Esteve, primeiramente, no Porto e depois nas Caldas da Rainha (onde permaneceu até partir, em 1941). Partiu, juntamente com a mãe e os três irmãos, em dezembro de 1941, de Lisboa para Nova Iorque, no navio Serpa Pinto. Depois viajou para o Canadá, onde permaneceu (informações retiradas de Aristides de Sousa Mendes Foundation) |
| SM | Daniel Woudhuysen    | Holanda        | Rua Sangreman Henriques | Encontrado um cartão de apresentação pessoal com a seguinte informação «D. [Daniel] Woudhuysen. Administrateur délégué Royal Manufacturing Co. Soc. Na. 1. rue Moniteur, Bruxelles [acrescentado a lápis: 13 Rua Sangreman Henriques]. Fonte: ACMCR, Cemitério, Registo de Enterramentos, 1941, l. 11, doc. avulso  |
| SF | Delia Pereira Gaspar | Brasil         | s/inf.                  | Entrada de barco, a 14 de maio de 1948  |

|    |                                  |            |        |  |
|----|----------------------------------|------------|--------|--|
| SM | Delmiro Losada Rodriguez         | Espanha    | s/inf. | s/inf.   |
| SF | Denise Dunlap                    | França     | s/inf. | Não se encontrou qualquer documento que referisse a sua presença. Apenas sabemos que esteve nas Caldas da Rainha, em 1943, devido a informações retiradas do catálogo <i>Marcas da II Guerra em Caldas da Rainha</i> . Caldas da Rainha: PH, 1998, p. 16   |
| SF | Denise Loubère Tricot            | França     | s/inf. | Profissão: Doméstica. Anteriormente, no ano de 1944, havia passado pela Figueira da Foz e Leiria. Fonte. ADLRA, Governo Civil de Leiria, Estrangeiros em Portugal, correspondência recebida (1937-1946). Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, a 6 de novembro de 1939 (informação retirada de Aristides de Sousa Mendes Foundation) |
| SF | Diana Mary Christian Hicks Beach | Inglaterra | s/inf. | Entrada em Valença, a 24 de julho de 1948  |
| SM | Diego Gomez Martinez             | Espanha    | s/inf. | s/inf.   |

|    |                            |            |               |  |
|----|----------------------------|------------|---------------|--|
| SM | Diogo Gomes Martins        | Espanha    | s/inf.        | Natural de Parada, Pontevedra, Espanha. Profissão: Comerciante. Filiação: Joaquim Gomes e Maria Martins. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 40).  |
| SF | Dolores Serrano Lassalle   | Espanha    | s/inf.        | Entrada em Beirã (concelho de Marvão), a 1 de agosto de 1948   |
| SM | Domingos Losquiños Garrido | Espanha    | Hotel O Facho | Natural de Sottomayor, Pontevedra, Espanha. Profissão: Gerente do «Hotel O Facho». Filiação: Francisco Losquiños Lourenço e Conceição. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 39). Faleceu a 1 de outubro de 1967, nas Caldas da Rainha, sendo sepultado no dia seguinte. Tinha 80 anos. Sepultado no coval nº 82. Fonte: ACMCR, Cemitério, Registo de Enterramentos, 1966-1969, l. 33, p. 43 |
| SF | Dona Rogeris               | Inglaterra | s/inf.        | Tinha, em 1943, 25 anos e era costureira. Referenciada no Livro de Registo de Hóspedes da Pensão Morais (1943-1946), na Ericeira. Informação retirada da obra de José Caré Júnior, «Ericeira 50 anos depois...os refugiados estrangeiros da 2ª Guerra Mundial (Mar de Letras: Ericeira, 3ª ed., 1998)  |

|    |                       |            |                      |  |
|----|-----------------------|------------|----------------------|--|
| SM | Donald William Wallis | Inglaterra | Hotel o Facho (1947) | s/inf.   |
| SF | Edita Riesenfeld      | Apátrida   | s/inf.               | s/inf.   |
| SF | Edith Berger          | Áustria    | s/inf.               | Nasceu em Viena, Áustria, a 16 de março de 1901. Apátrida (ex-húngara) (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC)                             |
| SF | Edith Teichtal        | Áustria    | s/inf.               | Nasceu em Viena, Áustria, a 30 de dezembro de 1936. Filha de Sigmund e Gertrude Teichtal. Apátrida (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC) |
| SM | Edmund Berger Takman  | Suécia     | s/inf.               | s/inf.   |

|    |                              |            |        |  |
|----|------------------------------|------------|--------|--|
| SM | Edward Whaley Billyard Leake | Inglaterra | s/inf. | <p>Natural da Tasmânia, colónia de Inglaterra. Nasceu em 1895 e morreu a 1956. Profissão: Comandante da marinha de guerra inglesa. Filiação: Charles e Letitie. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 42). Almirante «Leack», como por vezes é designado, um espião que esteve nas Caldas da Rainha. A sua presença nas CR é testemunhada no artigo «O afundamento do 'Avoceta'» na Gazeta das Caldas (1 de novembro de 1941, fl. 3) e este episódio é ainda recordado pela D. Emília Calheiros Viegas, numa entrevista publicada pelo Suplemento Gazeta das Caldas, nº 13, a 24 de maio de 1991, p. 5</p> |
| SF | Egidia Pereira Pina          | Espanha    | s/inf. | <p>Natural de Espanha. Profissão: Doméstica. Filiação: José e Maria Perpétua. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 40).</p>   |
| SF | Eileen Myfanny Sheaf         | Inglaterra | s/inf. | s/inf.   |

|    |                           |            |                      |  |
|----|---------------------------|------------|----------------------|--|
| SF | Elena Bernasconi di Carlo | Itália     | s/inf.               | Profissão: Modista   |
| SM | Elias Lissan              | Rússia     | s/inf.               | Nasceu em Mokileff, Rússia, a 18 de março de 1898. Profissão: Contabilista (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC) |
| SM | Elias Seidel              | Apátrida   | s/inf.               | s/inf.   |
| SF | Elinor Minnie Orr         | Inglaterra | Hotel o Facho (1947) | s/inf.   |
| SF | Elisabeth Billyard Leake  | Inglaterra | s/inf.               | Natural de Torquay, Inglaterra. Profissão: Doméstica. Filiação: Charles e Luary. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 43). Casada com Edward Whaley Billyard Leake                  |



|    |                                |            |        |   |
|----|--------------------------------|------------|--------|---|
| SF | Elisabeth Cockburn             | Inglaterra | s/inf. | s/inf.  |
| SF | Elisabeth Née Rosenbaum Ermann | Luxemburgo | s/inf. | <p>Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, a 12 de junho de 1940. Veio até Portugal e residiu nas Caldas da Rainha até 1942. Nesse ano, viajou de Lisboa para a Jamaica, depois para as Índias Ocidentais Britânicas, onde esteve dois anos. Mais tarde, foi para Cuba (Havana) durante um ano. Chegou a Miami, em 1946, e rapidamente se mudou para Nova Iorque. Logo depois, regressou ao Luxemburgo. A família Ermann, manteve-se sempre junta nesta jornada (informações retiradas de Aristides de Sousa Mendes Foundation)</p> |
| SF | Elisabeth Sarah Childs         | Inglaterra | s/inf. | <p>Adquiriu, juntamente com o marido, título de residência anual no início de janeiro de 1954</p>   |
| SF | Else Salomon                   | Apátrida   | s/inf. | s/inf.  |

|    |                   |            |        |   |
|----|-------------------|------------|--------|---|
| SF | Elsie Ingleby     | Inglaterra | s/inf. | Natural de Londres, Inglaterra.<br>Profissão: Doméstica. Filiação: Frederick e Emoly. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 44).  |
| SF | Elsie Suay Dicker | Inglaterra | s/inf. | Natural de Alton, Hampshire, Inglaterra.<br>Profissão: Dama de companhia. Filiação: Thomas e Luisa. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 43).  |
| SM | Emanuel Leitner   | Áustria    | s/inf. | Nasceu em Viena, Áustria, a 21 de maio de 1915. Profissão: Fabricante de artigos de malha. Apátrida (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC) |

|    |                            |         |        |  |
|----|----------------------------|---------|--------|--|
| SM | Emil Aufgang               | França  | s/inf. | Nasceu em Paris, França, a 2 de janeiro de 1939. Apátrida e antes detinha nacionalidade polaca, pois os seus pais e irmã - Icek, Estera e Lea-Rachel Aufgang eram polacos) - (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC) |
| SM | Emiliano Rodriguez Galsena | Espanha | s/inf. | Natural de Ribera, Badajoz, Espanha. Profissão: Estudante. Filiação: Leonardo e Teodora. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 45)   |
| SM | Emilio Kerbel              | Rússia  | s/inf. | Nasceu em Wozenak, Rússia, a 31 de agosto de 1897. Profissão: Alfaiate. Apátrida (ex-russo) (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC)  |

|    |                          |            |        |  |
|----|--------------------------|------------|--------|--|
| SM | Emilio Rodriguez Vasquez | Espanha    | s/inf. | Trabalhava no Café Bocage  |
| SF | Emily Dandson Cannell    | Inglaterra | s/inf. | s/inf.   |
| SM | Eric Watson Sheaf        | Inglaterra | s/inf. | s/inf.   |
| SM | Eric Weill               | s/inf.     | s/inf. | Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943  |
| SM | Erich Brodheim           | s/inf.     | s/inf. | Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943  |
| SF | Estera Aufgang           | Polónia    | s/inf. | Nasceu em Varsóvia, Polónia, a 28 de fevereiro de 1901. Apátrida (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC) |

|    |                         |            |   |   |
|----|-------------------------|------------|---|---|
| SM | Etienne Berger          | Hungria    | s/inf.  | Nasceu em Hungria, a 13 de março de 1900. Profissão: Engenheiro. Apátrida (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC) |
| SF | Eva Kathleen Lethbridge | Inglaterra | Rua do Diário de Notícias, nº 11, Caldas da Rainha (1946, 1947) | s/inf.  |
| SM | Felcissimo Sobral       | Espanha    | s/inf.  | s/inf.  |
| SF | Felisa Marta Salomeo    | Espanha    | s/inf.  | Natural de Badajoz, Espanha. Profissão: Doméstica. Filiação: José e Teresa. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 45)   |

|    |                                |            |        |   |
|----|--------------------------------|------------|--------|---|
| SM | Fernando Mendez Leite von Hafe | Espanha    | s/inf. | Entrada em Beirã (concelho de Marvão), a 1 de agosto de 1948  |
| SF | Florence Hellie Rowe           | Inglaterra | s/inf. | Natural de Londres, Inglaterra. Profissão: Doméstica. Filiação: William e Elisabeth. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 42).                                   |
| SM | Francisco Barreiro Lourido     | Espanha    | s/inf. | Natural de Sottomayor, Pontevedra, Espanha. Profissão: Criado de mesa. Filiação: Camilo e Rosa. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 41).                        |
| SM | Francisco Gameso Galvan        | Espanha    | s/inf. | Natural de Mérida, Badajoz, Espanha. Profissão: Proprietário. Filiação: Cipriano Gameso Orantes e Filipa Galvan Pinto. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 40). |

|    |                          |          |        |   |
|----|--------------------------|----------|--------|---|
| SM | Francisco Losquinhos Cal | Espanha  | s/inf. | Natural de Coruba, Pontevedra, Espanha. Profissão: Criado de mesa. Filiação: Juan e Manuela. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 44)  |
| SM | Francisco Rivas Alonso   | Espanha  | s/inf. | s/inf.  |
| SF | Frieda Leitner           | Roménia  | s/inf. | Nasceu em Stramtura, Roménia, a 1 de setembro de 1916. Profissão: Costureira. Apátrida (ex-austríaca) (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC) |
| SM | Friedrich Joseph Koch    | Alemanha | s/inf. | Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, a 24 de maio de 1940. Porém, o visto seria rejeitado por Salazar. No entanto, este conseguiu entrar em Portugal, onde foi colocado pelas autoridades nas Caldas da Rainha. Partiu de Lisboa para Nova Iorque, no avião Dixie Clipper, em outubro de 1940 (informações retiradas de Aristides de Sousa Mendes Foundation)    |

|    |                                |          |        |  |
|----|--------------------------------|----------|--------|--|
| SM | Friedrich Lehmann              | Apátrida | s/inf. | s/inf.   |
| SM | Fritz Herbert Thiemig          | Alemanha | s/inf. | s/inf.   |
| SM | Fructuoso Gayte Fuentes        | Espanha  | s/inf. | Natural de Montijo, Badajoz, Espanha. Profissão: Proprietário. Filiação: José e Matilde. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADL, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 44)                         |
| SM | Garmersindo Gonzalez Dominguez | Espanha  | s/inf. | Natural de Villarino, Ourense, Espanha. Profissão: Taberneiro. Filiação: Manuel Gonzalez e Benfina Dominguez. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 39). |



|    |                          |            |                                     |   |
|----|--------------------------|------------|-------------------------------------|---|
| SM | George Dobrynine         | Rússia     | s/inf.                              | <p>Figura célebre das Caldas da Rainha, apelidado de «Papa Urso», devido à sua origem russa. Este refugiado esteve nas Caldas da Rainha no período da guerra, mais precisamente, entre 1940 e 1941, ano em que foi preso pela PVDE em Caxias. Partiu, em 1942, para Inglaterra (informações retiradas do catálogo <i>Marcas da II Guerra em Caldas da Rainha</i>. Caldas da Rainha: PH, 1998, p. 17 e TAVARES, Mário – Caldas da Rainha no tempo da II Guerra Mundial. Caldas da Rainha: Património Histórico – Grupo de Estudos, 2009, p. 19-32.</p> |
| SM | George Rubensohn         | Alemanha   | Rua 31 de janeiro, Caldas da Rainha | <p>Filiação: John Hediug e Max Rubensohn. Foi sepultado a 14 de agosto 1945 e tinha 56 anos. Refere o seguinte: «Trasladadas as ossadas para o Ossário Geral». Nº do coval, 68. Fonte: ACMCR, Cemitério, Registo de Enterramentos, 1945, l. 14, p. 16</p>   |
| SM | George William Grounsell | Inglaterra | s/inf.                              | s/inf.  |
| SM | Georges Nordmann         | s/inf.     | s/inf.                              | <p>Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943</p>  |
| SF | Gertrud Cecilia Burt     | Inglaterra | Hotel o Facho (1947)                | s/inf.  |

|    |                       |            |        |  |
|----|-----------------------|------------|--------|--|
| SF | Gertrude Teichtal     | Áustria    | s/inf. | Nasceu em Troppaul, Áustria, a 8 de agosto de 1907. Apátrida (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC)   |
| SF | Gladys Christine Hill | Inglaterra | s/inf. | Entrada no Aeroporto, a 2 de agosto de 1948  |
| SF | Gladys Lucy Ingleby   | Inglaterra | s/inf. | s/inf.   |
| SF | Grete Friman          | Áustria    | s/inf. | Foi enviada para as Caldas da Rainha, juntamente com o marido, em 1942 (informação retirada de PIMENTEL, Irene Flunser e NINHOS, Cláudia - Salazar, Portugal e o Holocausto. Lisboa: Temas e Debates-Círculo de Leitores, 2013). Veja-se, igualmente, o documentário realizado em Lisboa nos anos 1990, intitulado «Lissabon, hafem der Hoffnung (Lisboa, porto de esperança)», onde esta refugiada aparece a contar a sua estadia em Portugal |
| SF | Grete Model           | Apátrida   | s/inf. | s/inf.   |

|    |                               |          |  |  |
|----|-------------------------------|----------|--|--|
| SM | Grete Née Rothschild Kaufmann | Alemanha | Apenas há a referência de que esteve num hotel (segundo um testemunho escrito) | <p>Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, a 24 de maio de 1940. Porém, o visto seria rejeitado por Salazar. No entanto, esta conseguiu entrar em Portugal, onde foi colocada pelas autoridades nas Caldas da Rainha. Partiu no navio Siboney, juntamente com os dois filhos, Annelies e Hans Herbert, em dezembro de 1940 (informações retiradas de Aristides de Sousa Mendes Foundation)</p> |
| SF | Grete Roth                    | s/inf.   | s/inf.   | <p>Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943</p>   |
| SF | Hanna Boeken                  | Apátrida | s/inf.   | <p>Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, a 14 de junho de 1940. Veio até Portugal, e em agosto desse ano partiu a bordo do navio Quanza de Lisboa para Nova Iorque. Pode ter estado nas Caldas da Rainha, em determinado momento, entre este período (informações retiradas de Aristides de Sousa Mendes Foundation)</p>   |

|    |                        |            |  |  |
|----|------------------------|------------|--|--|
| SM | Hans Herbert Kaufmann  | Alemanha   | Apenas há a referência de que esteve num hotel (segundo um testemunho escrito) | Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, a 24 de maio de 1940. Porém, o visto seria rejeitado por Salazar. No entanto, este conseguiu entrar em Portugal, onde foi colocado pelas autoridades nas Caldas da Rainha. Partiu no navio Siboney, juntamente com a irmã e a mãe, em dezembro de 1940 (informações retiradas de Aristides de Sousa Mendes Foundation) |
| SM | Harsichy               | Áustria    | s/inf.   | Profissão: Decano da Faculdade de Viena e Doutor Honoris Causa de Sorbonne. Fonte: ADLRA, GC, 20/07/1940, fl. 2  |
| SF | Hedwig Kleczewski      | Apátrida   | s/inf.   | s/inf.   |
| SF | Helen Lizzie Grounsell | Inglaterra | s/inf.   | s/inf.   |
| SF | Helen Martorie Harbord | Inglaterra | s/inf.   | s/inf.   |
| SF | Helen Wilding          | Inglaterra | s/inf.   | s/inf.   |

|    |                            |            |                      |   |
|----|----------------------------|------------|----------------------|---|
| SF | Helena Rosamund Wallis     | Inglaterra | Hotel o Facho (1947) | s/inf.  |
| SF | Helga Liné                 | Alemanha   | s/inf.               | Nasceu em Berlim, Alemanha, a 14 de julho de 1932 .Contudo, viveu a maior parte da sua vida em Espanha, estando atualmente a viver na Argentina. Profissão: Atriz. Esteve nas Caldas, em datas que não conseguimos precisar e depois foi para Lisboa onde iniciou a sua carreira de atriz   |
| SF | Henriberta Perez Vaquerizo | Espanha    | s/inf.               | s/inf.  |
| SM | Henrich/Henri Ermann       | Luxemburgo | s/inf.               | Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, a 12 de junho de 1940. Veio até Portugal e residiu nas Caldas da Rainha até 1942. Nesse ano, viajou de Lisboa para a Jamaica, depois para as Índias Ocidentais Britânicas, onde esteve dois anos. Mais tarde, foi para Cuba (Havana) durante um ano. Chegou a Miami, em 1946, e rapidamente se mudou para Nova Iorque. Logo depois, regressou ao Luxemburgo. A família Ermann, manteve-se sempre junta nesta jornada (informações retiradas deAristides de Sousa Mendes Foundation) |

|    |                                |            |                      |  |
|----|--------------------------------|------------|----------------------|--|
| SF | Henriette Atlas                | Apátrida   | s/inf.               | s/inf.   |
| SF | Henriette Regambat Gallean     | França     | s/inf.               | Entrada em Valença, a 26 de julho de 1948  |
| SM | Henry Channon                  | Inglaterra | s/inf.               | s/inf.   |
| SM | Henry Ludwig                   | Inglaterra | Hotel o Facho (1947) | s/inf.   |
| SM | Hermann Lewy                   | Alemanha   | s/inf.               | Nasceu em Berlim, Alemanha.<br>Profissão: Jornalista. Entrou na Península Ibérica em 1940, mas como não conseguiu continuar o seu trajeto, foi direcionado para as Caldas da Rainha. No entanto, nos últimos anos de guerra mudou-se para Lisboa de onde, no fim da guerra, partiria de novo para a Alemanha - caso raro de retorno a este país (informações retiradas de MÜHLEN, Patrik von zur – Caminhos de fuga Espanha-Portugal. A emigração alemã para fora da Europa de 1933-1945. Coimbra, 2012, p. 243) |
| SF | Hildegard Marie Luise Velische | Apátrida   | s/inf.               | Casada com Ladislau Velische, judeu húngaro  |

|    |                      |            |                                      |   |
|----|----------------------|------------|--------------------------------------|---|
| SM | Icek Wolf Aufgang    | Polónia    | s/inf.                               | Nasceu em Varsóvia, Polónia, a 4 de fevereiro de 1902. Profissão: Agente de viagens. Apátrida (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC) |
| SF | Ida Rosenstock       | Alemanha   | s/inf.                               | Nasceu em Reichenau, Alemanha, a 23 de março de 1915. Apátrida (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC)                                |
| SF | Inocenta Henero Pana | Espanha    | s/inf.                               | Natural de Badajoz, Espanha. Profissão: Doméstica. Filiação: Francisco e Isabel. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADL, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 46)  |
| SF | Iny Fifine Dundas?   | Inglaterra | Hotel do Facho, Foz do Arelho (1949) | Julgamos que a verdadeira grafia do nome desta estrangeira é Lady Iris Winifred Dundas (nome de nascimento: Hanley), falecida em 1969. Esposa de Lord George Heneage Lawrence Dundas (nasce a 1 de julho de 1882 e morre a 30 de setembro de 1968)  |

|    |                         |           |  |   |
|----|-------------------------|-----------|--|---|
| SF | Irma Owzarzark          | Alemanha? | Rua Almirante Reis, nº 98,<br>2º, Caldas da Rainha<br>(1949) | Aparece-nos uma referência a este nome na obra conjunta de Michael Hepp e Hans George Lehmann, intitulada «Die Ausbürgerung deutscher Staatsangehöriger 1933-45 : nach den im Reichsanzeiger veröffentlichten Listen. Expatriation lists as published in the "Reichsanzeiger" 1933-45». Vol. 2: namensregister. München: Saur, 1985, p. 236   |
| SM | Isaac Ben-Seef Margosis | Bélgica   | s/inf.   | Nasceu em Odessa, Ucrânia. Foi editor de dois semanários, intitulados «Yiddische Voch» (judeu) e «Notre Opinion» (francês). Para mais informações acerca deste refugiado, ver em <i>United States Holocaust Memorial Museum</i> . Sabe-se que este recebeu ajuda para pequenas despesas por parte da HICEM, em Lisboa, em outubro de 1941 (informação retirada de «list of refugees aided by the HIAS-ICA EMIGRATION ASSOCIATION (HICEM) Lisbon», Archives JDC) |
| SM | Isaac Weissman          | Alemanha  | s/inf.   | As referências à presença de Isaac Weissman nas Caldas da Rainha - refugiado que foi bastante ativo na defesa dos judeus e dos refugiados em geral. Foi o representante da Relico, em Lisboa - encontram-se na obra de Avraham Milgram, intitulada «Portugal, Salazar e os Judeus» (Lisboa: Gradiva, 2010, p. 215-216, nota de rodapé 469)  |



|    |                       |         |        |  |
|----|-----------------------|---------|--------|--|
| SM | Izidoro Gomez Marques | Espanha | s/inf. | Natural de Parada, Pontevedra, Espanha. Profissão: Padeiro. Filiação: Ramon e Maria. Irmão de Cesar Gomez Marques, também residente nas CR. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADL, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 40). |
| SM | Jacinto Perez Barros  | Espanha | s/inf. | Natural de Aceredo - Lorios, Ourense, Espanha. Profissão: Criado de mesa. Filiação: Domingos e Maria. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADL, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 44)  |
| SM | Jacque Gringon        | França  | s/inf. | Mais tarde, foi viver para Lisboa (na Avenida de Berna). Porém, teria um final infeliz: foi preso em Caxias e, anos depois, foi fuzilado no Norte de África (há dúvidas quanto a isto) segundo relatos de José A. Pimentel, numa entrevista publicada pelo Suplemento Gazeta das Caldas, nº 13, a 24 de maio de 1991, p. 9-12                            |
| SM | Jacques Gerfaux       | França  | s/inf. | Entrada em Valença, a 26 de julho de 1948  |

|    |                  |            |                      |  |
|----|------------------|------------|----------------------|--|
| SM | Jacques Kerbel   | França     | s/inf.               | Nasceu em Paris, França, a 23 de janeiro de 1927. Filho de Emilio e Sarah Kerbel. Apátrida (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC) |
| SM | James            | Inglaterra | s/inf.               | Profissão: Adido comercial à Embaixada de Inglaterra em Paris. Fonte: ADLRA, GC, 20/07/1940, fl. 2   |
| SM | James Sydney     | Inglaterra | Hotel o Facho (1947) | s/inf.   |
| SM | Jarais(?) Kerner | Polónia    | s/inf.               | Tinha, em 1943, 43 anos e era advogado. Referenciado no Livro de Registo de Hóspedes da Pensão Morais (1943-1946), na Ericeira. Informação retirada da obra de José Caré Júnior, «Ericeira 50 anos depois...os refugiados estrangeiros da 2ª Guerra Mundial (Mar de Letras: Ericeira, 3ª ed., 1998)  |

|    |                    |            |   |   |
|----|--------------------|------------|---|---|
| SM | Jarohsen Maximo    | Lituânia   | s/inf.                                    | Tinha, em 1944, 57 anos e era maestro. Referenciado no Livro de Registo de Hóspedes da Pensão Morais (1943-1946), na Ericeira. Informação retirada da obra de José Caré Júnior, «Ericeira 50 anos depois...os refugiados estrangeiros da 2ª Guerra Mundial (Mar de Letras: Ericeira, 3ª ed., 1998)  |
| SM | Jean Marc Duparant | França     | s/inf.                                    | s/inf.  |
| SM | Jean Schneider     | Apátrida   | s/inf.                                    | Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943   |
| SM | Jean Schurer       | Holanda    | s/inf.                                    | Anteriormente, em 1944, havia passado pela Figueira da Foz, Leiria e Óbidos. Fonte: ADLRA, Governo Civil de Leiria (GCL), Estrangeiros em Portugal, correspondência recebida (1937-1946)  |
| SM | Jean Sinasilim     | Luxemburgo | Rua Dr. Miguel Bombarda, Caldas da Rainha | Segundo testemunhos de Adelino Mamede (numa entrevista publicada pelo Suplemento Gazeta das Caldas, nº 13, a 24 de maio de 1991, p. 10-12), este jovem viu a família morrer na sequência de disparos de metralhadoras dos aviões Stukas alemães e foi acolhido por um casal amigo que cuidou dele e, mais tarde, o trouxe para as CR. Não se sabe quando, mas foi viver para os EUA |

|    |                                 |                |        |   |
|----|---------------------------------|----------------|--------|---|
| SF | Jeanne Machin da Silva Nogueira | França         | s/inf. | Natural de Villiers, Côte d' Or, França.<br>Profissão: Doméstica. Filiação: Dominique e Gabriella. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 43). Mais tarde, encontrava-se em Alcobaça.  |
| SF | Jenny Seidel                    | Apátrida       | s/inf. | s/inf.  |
| SM | Jeruchem Simsovic               | Checoslováquia | s/inf. | Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, em junho de 1940. Esteve, primeiramente, no Porto e depois nas Caldas da Rainha (onde permaneceu até partir, em 1941). Partiu, juntamente com a mãe e os três irmãos, em dezembro de 1941, de Lisboa para Nova Iorque, no navio Serpa Pinto. Depois viajou para o Canadá, onde permaneceu (informações retiradas de Aristides de Sousa Mendes Foundation) |
| SM | Jesus Rousou Losquinhos         | Espanha        | s/inf. | Natural de Coruba, Pontevedra, Espanha. Profissão: Criado de mesa. Filiação: Romeu e Marcelina. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 44)   |

|    |                        |          |        |   |
|----|------------------------|----------|--------|---|
| SF | Jetty Pilier           | s/inf.   | s/inf. | Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943   |
| SF | Joanna Boeken          | Apátrida | s/inf. | Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, a 14 de junho de 1940. Veio até Portugal, e em agosto desse ano partiu a bordo do navio Quanza de Lisboa para Nova Iorque. Pode ter estado nas Caldas da Rainha, em determinado momento, entre este período (informações retiradas de Aristides de Sousa Mendes Foundation) |
| SM | Joaquim Romero Marques | Espanha  | s/inf. | Natural de Lisa, Pontevedra, Espanha. Profissão: Criado de mesa. Filiação: Ceferino e Socorro. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 42).                       |
| SF | Joaquina d' Assunção   | Espanha  | s/inf. | s/inf.  |

|    |                         |            |        |   |
|----|-------------------------|------------|--------|---|
| SF | Johanna Boeken Née Stas | Apátrida   | s/inf. | Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, a 14 de junho de 1940. Veio até Portugal, e em agosto desse ano partiu a bordo do navio Quanza de Lisboa para Nova Iorque. Pode ter estado nas Caldas da Rainha, em determinado momento, entre este período (informações retiradas de Aristides de Sousa Mendes Foundation) |
| SM | John Carl Flugel        | Inglaterra | s/inf. | Entrada no Aeroporto, a 26 de agosto de 1948  |
| SM | John Kennedy Cockburn   | Inglaterra | s/inf. | s/inf.  |
| SM | José Alvarez Gonzalez   | Espanha    | s/inf. | s/inf.  |
| SM | José Alvarez Novilla    | Espanha    | s/inf. | Natural de Lorios, Ourense, Espanha. Profissão: Comerciante. Filiação: Demas e Felicidad. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 46                              |
| SM | José Estevez            | Espanha    | s/inf. | s/inf.  |

|    |                         |         |        |   |
|----|-------------------------|---------|--------|---|
| SM | José Fernandez Perez    | Espanha | s/inf. | s/inf.  |
| SM | José Gomes Rodrigues    | Espanha | s/inf. | Natural de Pasada das Achas, Pontevedra, Espanha. Profissão: Comerciante. Filiação: Diogo Gomes e Carmen Rodrigues. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 39).                  |
| SM | José Maria Gomes Rivera | Espanha | s/inf. | Poderá ser José Gomes, falecido nas Caldas da Rainha a 28 de novembro de 1941, uma vez que, não se conhece mais nada que testemunhe a sua presença após 1941. Natural de Corunha, Espanha, tinha 45 anos quando morreu. Nº do coval 93. Faleceu no Hospital de Santo Isidoro. Fonte: ACMCR, Cemitério, Registo de Enterramentos, 1941, l. 11, p. 24 |
| SM | José Perez Gonzalez     | Espanha | s/inf. | s/inf.  |
| SM | José Pregal Pregal      | Espanha | s/inf. | s/inf.  |

|    |                 |                |        |  |
|----|-----------------|----------------|--------|--|
| SM | Josef Friman    | s/inf.         | s/inf. | Foi enviado para as Caldas da Rainha, juntamente com a mulher, Grete Friman, em 1942 (informação retirada de HEINRICH, Christa et alli – Fugindo a Hitler e ao Holocausto. Refugiados em Portugal entre 1933-1945. Lisboa: Goethe-Institut Lissabon, 1994, p. 12).   |
| SM | Josef Simsovic  | Checoslováquia | s/inf. | Era proprietário de uma loja em Lille, França. Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, em junho de 1940. Esteve, primeiramente, no Porto e depois nas Caldas da Rainha (onde permaneceu até partir, em 1941). A sua família partiu, no navio Serpa Pinto, de Lisboa para Nova Iorque, em dezembro de 1941. No entanto, este viajou até ao Reino Unido, onde combateu juntamente com os Aliados, durante a guerra. No fim da guerra, estabeleceu-se em França (informações retiradas de Aristides de Sousa Mendes Foundation) |
| SM | Josef Zlabinger | Áustria        | s/inf. | Natural de Viena, Áustria. Profissão: Técnico de automóveis. Filiação: Josef Zlabinger e Aloisias Zlabinger. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 39).  |



|    |                              |          |                      |  |
|----|------------------------------|----------|----------------------|--|
| SF | Josefina Roiz de las Caseras | Espanha  | s/inf.               | Natural de Santander, Espanha. Profissão: Doméstica. Filiação: Angel e Jesusa. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 46  |
| SM | Joseph Boeken                | Apátrida | s/inf.               | Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, a 14 de junho de 1940. Veio até Portugal, e em julho desse ano partiu a bordo do navio Exeter de Lisboa para Nova Iorque. Pode ter estado nas Caldas da Rainha, em determinado momento, entre este período (informações retiradas de Aristides de Sousa Mendes Foundation) |
| SM | Joseph Christmas             | EUA      | Hotel o Facho (1947) | Em 1947, tinha estado em Salir do Porto acompanhado pela mulher, Catherine   |
| SM | Joseph Graf                  | Bélgica  | s/inf.               | s/inf.   |
| SF | Josquina de la Assuncion     | Espanha  | s/inf.               | s/inf.   |

|    |                                   |            |   |   |
|----|-----------------------------------|------------|---|---|
| SM | Juan Alier Muniesa                | Espanha    | s/inf.  | Natural de Barcelona, Espanha.<br>Profissão: Comerciante. Filiação: António Alier e Beatriz Muniesa. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 39). |
| SM | Juan Alvarez Orge                 | Espanha    | Hotel o Facho (1947). Rua Henrique Sales, 31, 1º, Caldas da Rainha (1950) | Veio para as Caldas a 25 de maio de 1949, com o seu título de residência visado em Lisboa, onde residia   |
| SM | Juan Francisco Vitor Ablier Laban | Espanha    | s/inf.  | Natural de Barcelona, Espanha.<br>Profissão: Estudante. Filiação: Juan e Joaquina. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl.40).                    |
| SF | Julia Surrey                      | Inglaterra | Largo João de Deus, nº 4, Caldas da Rainha (1947, 1950)                   | s/inf.  |
| SF | Juliette Damian Gerfaux           | França     | s/inf.  | Encontrava-se acompanhada de dois menores, Christian e Michel. Entrada em Valença, a 26 de julho de 1948  |

|    |                          |          |                         |   |
|----|--------------------------|----------|-------------------------|---|
| SM | Kanter Nartyc Wondlmysen | Holanda  | Rua Sangreman Henriques | Natural de Amsterdão, Holanda e residente na rua Sangreman Henriques nas Caldas da Rainha. Faleceu a 30 de dezembro de 1941. Tinha 50 anos. Sepultura parcial nº 104. Fonte: ACMCR, Cemitério, Registo de Enterramentos, 1941, l. 11, folha avulsa, p. 3 e ACMCR, Cemitério, Registo de Enterramentos, 1941, l. 11, p. 27 |
| SM | Karl Glauber             | Alemanha | s/inf.                  | Informação retirada de PIMENTEL, Irene - <i>Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial</i> . 4º ed. Lisboa: A esfera dos livros, 2015, p. 234   |
| SM | Kleber Lannes            | França   | s/inf.                  | Natural de França. Profissão: Sucateiro. Filiação: Velmont e Piedade. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 42).                                      |
| SM | Kurt Model               | Apátrida | s/inf.                  | s/inf.  |

|    |                   |            |  |  |
|----|-------------------|------------|--|--|
| SM | Kurt Seifman      | Alemanha   | s/inf.                                       | Nasceu em Berlim, a 26 de fevereiro de 1913. Profissão: encadernador. Recebeu visto do Canadá e partiu de Lisboa no navio <i>Serpa Pinto</i> a 23 de março de 1944, passando pelos EUA, com destino ao Canadá (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC). Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943 |
| SM | Ladislau Velische | Hungria    | Rua Emídio Jesus Coelho,<br>Caldas da Rainha | Nasceu em Kapósvar, Hungria. Filiação: Andal Velische e Therese Maritener Velische. Foi sepultado a 19 de dezembro de 1945 e tinha 62 anos. Refere o seguinte: «Trasladadas as ossadas para a Gaveta nº 2, do primeiro Mausoléu». Fonte: ACMCR, Cemitério, Registo de Enterramentos, 1945, l. 14, p. 23. Encontra-se nesta página, um cartão de visita de Mme. Hilde Velische, esposa do falecido, com a morada Clube Ingles, Rua das Virtudes, nº 11, Porto   |
| SF | Lady Grant        | Inglaterra | Hotel o Facho (1947)                         | Encontrava-se acompanhada por dois filhos  |

|    |                     |            |   |  |
|----|---------------------|------------|---|--|
| SM | Mieczylaus Langberg | Apátrida   | s/inf.  | s/inf.   |
| SM | Leandro Rodriguez   | Espanha    | s/inf.  | Natural de Lorios, Ourense, Espanha.<br>Profissão: Criado de mesa. Filiação:<br>Feliciano e Maria. Irmão de Manuel<br>Rodriguez. Há referência à sua<br>legalização de residência nas CR, ainda<br>que a data seja desconhecida (Fonte:<br>ADL, GCL, Registo de Estrangeiros que<br>legalizaram a sua situação nos vários<br>concelhos do Distrito, fl. 45               |
| SF | Lea-Rachel Aufgang  | Polónia    | s/inf.  | Nasceu em Varsóvia, Polónia, a 23 de<br>novembro de 1930. Apátrida<br>(informações retiradas de «List of<br>persons who received canadian visas in<br>Portugal as of February 12, 1944» e<br>«List of refugees included in canadian<br>project who embarked in Lisbon for<br>Philadelphia in transit to Canada on SS<br>"Serpa Pinto", March 23, 1944»,<br>Archives JDC) |
| SM | Leib Feigenbaum     | Apátrida   | s/inf.  | s/inf.   |
| SM | Leon Rosenthal      | Inglaterra | Rua dos Artistas, nº 31,<br>Caldas da Rainha (1946) | Deve ter vindo da Palestina, território<br>inglês à época, e depois veio para<br>Portugal. Possivelmente, será por esta<br>razão que este é por vezes referenciado<br>como «súbdito palestiniano» na<br>documentação das Caldas da Rainha.<br>Profissão: Engenheiro químico  |

|    |                          |             |   |  |
|----|--------------------------|-------------|---|--|
| SM | Leonard Brand            | Inglatterra | s/inf.  | s/inf.   |
| SF | Léonie Koessler          | França      | s/inf.  | Profissão: Médica. Entrada no Aeroporto, a 30 de julho de 1948   |
| SM | Leopoldo Alvarez Bullosa | Espanha     | s/inf.  | Nascido em Sottomayor, Pontevedra, Espanha a 29 de outubro de 1930.<br>Residente nas Caldas da Rainha.<br>Profissão: empregado. O seu certificado de nacionalidade foi passado pela Viceconsulado de Espanha em Peniche.<br>No entanto, o seu certificado de nacionalidade (passado em agosto de 1947) foi rejeitado pela PIDE e esta obrigou a Câmara das Caldas a anular os documentos, não permitindo que este permanecesse mais de 15 dias em Portugal |
| SF | Lily Violet Molton       | Inglatterra | Rua Fonte Pinheiro, 6-3°, Caldas da Rainha (1949) | s/inf.   |
| SF | Lindsay John Aeneas      | Austrália   | s/inf.  | Entrada no Aeroporto, a 26 de julho de 1948  |
| SF | Louise Augustine Seguin  | França      | s/inf.  | s/inf.   |

|    |                          |         |        |   |
|----|--------------------------|---------|--------|---|
| SF | Louise de la Villefronoy | França  | s/inf. | s/inf.  |
| SF | Lucie Gross Schurer      | França  | s/inf. | Profissão: Doméstica. Anteriormente, em 1944, havia passado pela Figueira da Foz, Leiria e Óbidos. Fonte: ADLRA, Governo Civil de Leiria, Estrangeiros em Portugal, correspondência recebida (1937-1946)  |
| SF | Luisa Aguilar y Aguilar  | Espanha | s/inf. | Natural de Cordova, Espanha. Profissão: Modista. Filiação: Luiz e Natalia. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 41). |
| SF | Luiza Aguilar Caro       | Espanha | s/inf. | s/inf.  |

|    |                               |         |  |  |
|----|-------------------------------|---------|--|--|
| SM | Luzer Glicksman               | Polónia | s/inf.                                 | Nasceu em Lódz, Polónia, a 5 de julho de 1903. Profissão: Trabalhador de couro. Apátrida (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC) |
| SF | Madame Clauber (ou Glauber?)  | s/inf.  | s/inf.                                 | Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943  |
| SF | Madame Popper                 | s/inf.  | s/inf.                                 | A única referência à sua presença provém de uma entrevista à D. Emília Calheiros Viegas, publicada pelo Suplemento <i>Gazeta das Caldas</i> , nº 13, a 24 de maio de 1991, p. 5  |
| SM | Manuel Alvarez Orge           | Espanha | Hotel Central, Caldas da Rainha (1946) | s/inf.   |
| SM | Manuel Cerqueira Dominguez    | Espanha | s/inf.                                 | s/inf.   |
| SM | Manuel Deolindo Duran Couñago | Espanha | s/inf.                                 | s/inf.   |



|    |                           |         |  |  |
|----|---------------------------|---------|--|--|
| SM | Manuel Duran Garrido      | Espanha | Hotel do Facho, Foz do Arelho (1950)   | Nascido em 28 de fevereiro de 1897, em Calvos (Espanha). Filiação: Francisco Duran e Dolores Garrido. Casado com Maria Couñago Iglesias. Entrou em Portugal por Valença do Minho, a 17 de dezembro de 1949. Profissão: Empregado do Hotel Facho (1950). O seu certificado de nacionalidade foi passado pelo Viceconsulado de Espanha em Peniche. |
| SM | Manuel Gonzalez Fernandez | Espanha | Hotel Central, Caldas da Rainha (1947) | s/inf.   |
| SM | Manuel Pasada Losquinhos  | Espanha | s/inf.                                 | Natural de Coruba, Pontevedra, Espanha. Profissão: Cozinheiro. Filiação: Hipolito e Maria. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 44)   |
| SM | Manuel Perez Gonzalez     | Espanha | s/inf.                                 | s/inf.   |
| SM | Manuel Riez Bartolomé     | Espanha | s/inf.                                 | Natural de Fermoselle, Zamora, Espanha. Profissão: Comerciante. Filiação: Manuel e Angeles. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 43).                                       |

|    |                            |                |        |   |
|----|----------------------------|----------------|--------|---|
| SM | Manuel Rodriguez           | Espanha        | s/inf. | Natural de Lorios, Ourense, Espanha.<br>Profissão: Comerciante. Filiação: Feleciano e Maria. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 45 |
| SM | Manuel Rodriguez de Diós   | Espanha        | s/inf. | s/inf.  |
| SM | Marcelino Gonzalez Gomez   | Filipinas/EUA? | s/inf. | s/inf.  |
| SF | Margaret Adams Rose        | Inglaterra     | s/inf. | Faleceu a 9 de abril de 1965 e foi sepultada no dia seguinte, nas Caldas da Rainha. Filiação: David Adams e Jane Ann Adams. Fonte: ACMCR, Cemitério, Registo de Enterramentos, 1966-1969, l. 33, p. 90  |
| SF | Margarida Gülden           | Brasil         | s/inf. | Brasileira de origem russa, segundo a documentação  |
| SF | Margot Brill-Vanden Bemden | Bélgica        | s/inf. | s/inf.  |

|    |                                 |         |        |   |
|----|---------------------------------|---------|--------|---|
| SF | Margot Weill                    | s/inf.  | s/inf. | Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943   |
| SF | Maria Antónia Marquez Gomez     | Espanha | s/inf. | Natural de Parada, Pontevedra, Espanha. Profissão: Doméstica. Filiação: José e Maria Rosa. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 41). |
| SF | Maria Argentina Rodriguez Pino  | Espanha | s/inf. | s/inf.  |
| SF | Maria de Jesus Santos Gomez     | Espanha | s/inf. | s/inf.  |
| SF | Maria Gertrudes Tavares Garrido | Espanha | s/inf. | s/inf.  |
| SF | Maria Laura Alonso Alonso       | Espanha | s/inf. | s/inf.  |

|    |                               |            |        |   |
|----|-------------------------------|------------|--------|---|
| SF | Maria Puerto Lorano           | Espanha    | s/inf. | Natural de Mérida, Badajoz, Espanha. Profissão: Criada de servir. Filiação: Pedro e Antónia. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 46 |
| SF | Maria Salem                   | Inglaterra | s/inf. | s/inf.  |
| SF | Maria Vasquez Perez           | Espanha    | s/inf. | s/inf.  |
| SF | Maria Walburga Duarte Thiemig | Alemanha   | s/inf. | s/inf.  |
| SF | Marie Langberg                | Apátrida   | s/inf. | s/inf.  |
| SF | Marie Louise Pierrat          | França     | s/inf. | Natural de Saint-Marie, França. Profissão: Professora. Filiação: Yieslas e Elisabeth. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 41).      |

|    |                      |                    |  |   |
|----|----------------------|--------------------|--|---|
| SF | Marie Palmer Auriol  | Inglaterra         | s/inf.   | s/inf.  |
| SF | Martha Burgheimer    | Apátrida           | s/inf.   | s/inf.  |
| SF | Martha Muller        | Apátrida           | s/inf.   | s/inf.  |
| SF | Mary Anderson Lucas  | Inglaterra         | Hotel o Facho (1947)   | s/inf.  |
| SF | Mary Joyeuse Hacking | Inglaterra         | Hotel o Facho (1947)   | s/inf.  |
| SM | Maurice Topuz        | Inglaterra/Grécia? | Rua Henrique Sales, 10, r/c, Caldas da Rainha (1946); Rua Emídio Jesus Coelho, nº 20 (1947); Travessa da Cova da Onça, 7., Caldas da Rainha (1949) | Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943. Foi o árbitro principal do torneio de 1943 |

|    |                          |            |        |   |
|----|--------------------------|------------|--------|---|
| SM | Max Kaufmann             | Alemanha   | s/inf. | Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, a 24 de maio de 1940. Porém, o visto seria rejeitado por Salazar. No entanto, este conseguiu entrar em Portugal, onde foi colocado pelas autoridades nas Caldas da Rainha. Partiu de Lisboa para Nova Iorque, no avião Dixie Clipper, em outubro de 1940 (informações retiradas de Aristides de Sousa Mendes Foundation)                    |
| SM | Max Riesenfeld           | Apátrida   | s/inf. | s/inf.  |
| SM | Maxime Pilsa             | s/inf.     | s/inf. | Profissão: Doutor em Letras e Professor do Liceu Francês do Cairo. Fonte: ADLRA, GC, 20/07/1940, fl. 2  |
| SM | Mcalister Bexon          | Inglaterra | s/inf. | Entrada no Aeroporto, a 17 de agosto de 1948  |
| SM | Michael John Hicks Beach | Inglaterra | s/inf. | Neto do 1º Visconde de Earl St. Aldwyn (Gloucester, Reino Unido), o político conservador Michael Edward Hicks Beach. Herdou, muito jovem (3 anos) a titulação. Nasceu a 9. out. 1912 e morreu a 29. jan.1992. Títulos nobiliárquicos que possuiu: 1- Ordem do Império Britânico; 2 - Ordem da Decoração territorial; 3 - Conselho Privado do Reino Unido. Entrada em Valença, a 24 de julho de 1948 |

|    |                              |                |        |   |
|----|------------------------------|----------------|--------|---|
| SM | Mickail Tarnowsky            | Roménia        | s/inf. | Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943   |
| SF | Milan Babie                  | Jugoslávia     | s/inf. | Tinha, em 1946, 31 anos e era estudante. Referenciada no Livro de Registo de Hóspedes da Pensão Morais (1943-1946), na Ericeira. Informação retirada da obra de José Caré Júnior, «Ericeira 50 anos depois...os refugiados estrangeiros da 2ª Guerra Mundial (Mar de Letras: Ericeira, 3ª ed., 1998)  |
| SF | Minna Freudenthal            | Alemanha       | s/inf. | Possuía um «certificado de identidade e viagem» de Angola (30 de agosto de 1949)  |
| SF | Minora Née Schnabel Simsovic | Checoslováquia | s/inf. | Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, em junho de 1940. Esteve, primeiramente, no Porto e depois nas Caldas da Rainha (onde permaneceu até partir, em 1941). Partiu, juntamente com os três filhos, em dezembro de 1941, de Lisboa para Nova Iorque, no navio <i>Serpa Pinto</i> . Depois viajou para o Canadá, onde permaneceu (informações retiradas de Aristides de Sousa Mendes Foundation) |

|    |                                 |            |                                      |   |
|----|---------------------------------|------------|--------------------------------------|---|
| SF | Mireille Kerbel                 | França     | s/inf.                               | Nasceu em Paris, França, a 28 de dezembro de 1932. Filha de Emilio e Sarah Kerbel. Apátrida (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC) |
| SF | Monica Violet Kathleen Mitchell | Inglaterra | Hotel do Facho, Foz do Arelho (1949) | s/inf.  |
| SM | Moritz Kleczewski               | Apátrida   | s/inf.                               | s/inf.  |
| SM | Morteu Lejug Lossins            | Noruega    | s/inf.                               | Natural de Froudhjen, Noruega. Faleceu a 8 de setembro de 1941. Sepultura parcial nº 74. Fonte: ACMCR, Cemitério, Registo de Enterramentos, 1941, l. 11, folha avulsa, p. 4 e A.C.M.C.R., Cemitério, Registo de Enterramentos, 1941, l. 11, p. 19   |
| SM | Mosés Atlas                     | Apátrida   | s/inf.                               | s/inf.  |



|    |                         |            |   |  |
|----|-------------------------|------------|---|--|
| SF | Moulinet Arlette Alsace | França     | s/inf.  | Tinha, em 1945, 25 anos e era estudante. Referenciada no Livro de Registo de Hóspedes da Pensão Morais (1943-1946), na Ericeira. Informação retirada da obra de José Caré Júnior, «Ericeira 50 anos depois...os refugiados estrangeiros da 2ª Guerra Mundial (Mar de Letras: Ericeira, 3ª ed., 1998)   |
| SF | Muriel Wooler           | Inglaterra | Hotel da Copa                                     | s/inf.   |
| SM | Murray Robertson        | Inglaterra | Quinta do Sandre, Avenal, Caldas da Rainha (1948) | s/inf.   |
| SF | Myriam Brodheim         | s/inf.     | s/inf.  | Mulher de Erich Brodheim. Não se encontrou nos documentos das CR qualquer informação relativa à sua presença. Contudo, sabe-se que era mulher de Erich a partir de um texto de Irene Pimentel. PIMENTEL, Irene Flunser - Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial. Em fuga de Hitler e do Holocausto. 4ª ed. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2015, p. 240-241 |

|    |                      |            |                      |   |
|----|----------------------|------------|----------------------|---|
| SF | Nadina Irrgang       | Bélgica    | s/inf.               | Nasceu em Antuérpia, Bélgica, a 12 de junho de 1932. Apátrida (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC) |
| SF | Natalia Aguilar Caro | Espanha    | s/inf.               | s/inf.  |
| SM | Nicholas Assheton    | Inglaterra | Hotel o Facho (1947) | s/inf.  |
| SF | Nicole/ Nika Botez   | s/inf.     | s/inf.               | Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943   |
| SF | Niklama Irrgang      | Polónia    | s/inf.               | Nasceu em Ozernikov, a 3 de outubro de 1907. Apátrida (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC)         |

|    |                    |            |        |  |
|----|--------------------|------------|--------|--|
| SM | Noel Montou        | Canadá     | s/inf. | Natural de Birma, Canadá. Profissão: Engenheiro de minas. Filiação: Bryce e Edith. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 44)   |
| SF | Nora Hope Bexon    | Inglaterra | s/inf. | s/inf.   |
| SM | Norbert Irrgang    | Bélgica    | s/inf. | Nasceu em Antuérpia, Bélgica, a 9 de março de 1937. Apátrida (ex-polaco) (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC) |
| SM | Norman Harry Theed | Inglaterra | s/inf. | s/inf.   |
| SF | Octavie Krache     | Alemanha   | s/inf. | s/inf.   |

|    |                                |            |        |  |
|----|--------------------------------|------------|--------|--|
| SF | Odette Duparant                | França     | s/inf. | s/inf.   |
| SM | Patrick Arthur Bronte Brawell  | Inglaterra | s/inf. | s/inf.   |
| SM | Paul Arnholý                   | Alemanha   | s/inf. | Referenciado no Livro de Registo de Hóspedes da Pensão Moraes (1943-1946), na Ericeira. Informação retirada da obra de José Caré Júnior, «Ericeira 50 anos depois...os refugiados estrangeiros da 2ª Guerra Mundial (Mar de Letras: Ericeira, 3ª ed., 1998)  |
| SM | Paul Stricker                  | Áustria    | s/inf. | Residiu nas Caldas da Rainha e era casado com a portuguesa Adelaide dos Santos, desde 1941. Devido à anexação da Áustria, perdeu a nacionalidade e tornou-se apátrida. Foi fundador da firma «Paul Stricker e Filhos» e faleceu em Coimbra, onde residiu após sair das Caldas da Rainha, em outubro de 1987. Algumas informações retiradas do texto de Christa Heinrich, intitulado «Preservar do esquecimento. Refugiados na região de Coimbra e da Curia» (Vértice. 69. II série (1995). Alguns dos seus filhos continuam a residir em Coimbra |
| SM | Paulino Harguindey y Sarmiento | Espanha    | s/inf. | s/inf.   |

|    |                        |            |        |   |
|----|------------------------|------------|--------|---|
| SM | Pedro Garcia Rodriguez | Espanha    | s/inf. | Natural de Pacios, Ourense, Espanha. Profissão: Comerciante. Filiação: José Garcia e Manuela Rodriguez. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 39).            |
| SM | Peter Daniel Coats     | Inglaterra | s/inf. | Entrada no Aeroporto, a 21 de agosto de 1948  |
| SM | Peter Watson           | Inglaterra | s/inf. | s/inf.  |
| SM | Philippe Greiner       | Áustria    | s/inf. | Natural de Viena, Áustria. Profissão: Agente comercial. Filiação: Josef e Ema. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 46                                       |
| SM | Pierre François Tricot | França     | s/inf. | Profissão: Sondador. Anteriormente, no ano de 1944, havia passado pela Figueira da Foz e Leiria. Fonte: ADLRA, GCL, Estrangeiros em Portugal, correspondência recebida (1937-1946). Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, a 6 de novembro de 1939 (informação retirada de Aristides de Sousa Mendes Foundation) |

|    |                           |            |                      |   |
|----|---------------------------|------------|----------------------|---|
| SM | Pitz                      | Suíça      | s/inf.               | Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943   |
| SF | Rachel Charlotte Simsovic | França     | s/inf.               | <p>Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, em junho de 1940. Esteve, primeiramente, no Porto e depois nas Caldas da Rainha (onde permaneceu até partir, em 1941). Partiu, juntamente com a mãe e os três irmãos, em dezembro de 1941, de Lisboa para Nova Iorque, no navio Serpa Pinto.</p> <p>Depois viajou para o Canadá, onde permaneceu (informações retiradas de Aristides de Sousa Mendes Foundation)</p> |
| SM | Ralph John Assheton       | Inglaterra | Hotel o Facho (1947) | s/inf.  |
| SM | Ralph Lucas               | Inglaterra | Hotel o Facho (1947) | s/inf.  |

|    |                             |         |        |   |
|----|-----------------------------|---------|--------|---|
| SM | Ramon Gomez Martinez        | Espanha | s/inf. | Natural de Parada, Pontevedra, Espanha. Profissão: Comerciante. Filiação: Joaquín e Maria. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 41).   |
| SM | Ramon Manuel Orge Pumar     | Espanha | s/inf. | Natural de Calvos Fernelas, Pontevedra, Espanha. Nasceu em 1905. Profissão: Empregado. Filiação: José e Carmen. Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros (1930-1938), fl. 99.   |
| SM | Ramon Varcercel Cachaldorra | Espanha | s/inf. | s/inf.  |
| SM | Raul da Silva Nogueira      | Brasil  | s/inf. | Natural de Recife, Pernambuco, Brasil. Profissão: Proprietário. Filiação: Manoel e Maria. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 43). Mais tarde, encontrava-se com a mulher em Alcobaça |
| SM | Raymond Gallean             | França  | s/inf. | Entrada em Valença, a 26 de julho de 1948   |

|    |                                       |            |  |   |
|----|---------------------------------------|------------|--|---|
| SM | Raymond Laurence Hunter               | Inglaterra | Hotel Central, Caldas da Rainha (1947) | s/inf.  |
| SF | Reca Brand                            | Inglaterra | s/inf.                                 | s/inf.  |
| SF | René Rêgo                             | s/inf.     | s/inf.                                 | Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943   |
| SF | Renée Ermann                          | Luxemburgo | s/inf.                                 | <p>Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, a 12 de junho de 1940. Veio até Portugal e residiu nas Caldas da Rainha até 1942. Nesse ano, viajou de Lisboa para a Jamaica, depois para as Índias Ocidentais Britânicas, onde esteve dois anos. Mais tarde, foi para Cuba (Havana) durante um ano. Chegou a Miami, em 1946, e rapidamente se mudou para Nova Iorque. Logo depois, regressou ao Luxemburgo. A família Ermann, manteve-se sempre junta nesta jornada (informações retiradas de Aristides de Sousa Mendes Foundation)</p> |
| SF | Renée Mariette Liberman Costa e Silva | Luxemburgo | Hotel Rosa (1942)                      | Fugiu do Luxemburgo, em 1940, para evitar a invasão alemã. Veio para as Caldas da Rainha, em 1942. Em Portugal, viria a casar-se com um médico português que acudia a comunidade judaica das Caldas da Rainha (em 1945, uns meses após o término da guerra)   |



|    |                     |                |        |  |
|----|---------------------|----------------|--------|--|
| SM | Richards John Major | EUA            | s/inf. | Entrada no Aeroporto, a 26 de julho de 1948  |
| SF | Rita Etul Simsovic  | Checoslováquia | s/inf. | <p>Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, em junho de 1940. Esteve, primeiramente, no Porto e depois nas Caldas da Rainha (onde permaneceu até partir, em 1941). Partiu, juntamente com a mãe e os três irmãos, em dezembro de 1941, de Lisboa para Nova Iorque, no navio Serpa Pinto. Depois viajou para o Canadá, onde permaneceu (informações retiradas de Aristides de Sousa Mendes Foundation)</p> |
| SF | Rita Luisa Salgado  | Espanha        | s/inf. | <p>Natural de Olivença, Badajoz, Espanha. Profissão: Doméstica. Filiação: António e Maria. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 45</p>  |
| SF | Riuke Glicksman     | Polónia        | s/inf. | <p>Nasceu em Jeroski, Polónia, a 3 de março de 1907. Apátrida (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC)</p>  |

|    |                        |            |  |  |
|----|------------------------|------------|--|--|
| SM | Roger Georges Langlois | França     | s/inf.   | s/inf.   |
| SM | Ronald Molton          | Inglaterra | Rua Fonte Pinheiro, 6-3º,<br>Caldas da Rainha (1949) | Aparece referido como solteiro até 1945/1946. Natural de Rodhill, Inglaterra. Profissão: Missionário. Filiação: Johu e Emily. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 43). |
| SF | Rosa Bauer             | Apátrida   | s/inf.   | s/inf.   |
| SF | Rosa Perez Lorenzo     | Espanha    | s/inf.   | Natural de Gondomar, Pontevedra, Espanha. Profissão: Doméstica. Filiação: Manuel e Pepa. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 40).                                      |
| SF | Rose Gleber            | Suíça      | s/inf.   | s/inf.   |

|    |                         |          |        |   |
|----|-------------------------|----------|--------|---|
| SM | Sammy Rubin             | s/inf.   | s/inf. | Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943   |
| SM | Rudolf Billström        | Suécia   | s/inf. | Profissão: Engenheiro   |
| SM | Sabino Alvarez Gonzalez | Espanha  | s/inf. | s/inf.  |
| SF | Saline M. Arnholý       | Alemanha | s/inf. | Referenciada no Livro de Registo de Hóspedes da Pensão Morais (1943-1946), na Ericeira. Informação retirada da obra de José Caré Júnior, «Ericeira 50 anos depois...os refugiados estrangeiros da 2ª Guerra Mundial (Mar de Letras: Ericeira, 3ª ed., 1998)   |
| SF | Sarah Kerbel            | Polónia  | s/inf. | Nasceu em Varsóvia, Polónia, a 30 de setembro de 1907. Apátrida (ex-polaca) (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC) |

|    |   |          |        |  |
|----|---|----------|--------|--|
| SM | Schomberg   | s/inf.   | s/inf. | Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943  |
| SF | Schomberg (Madame)  | s/inf.   | s/inf. | Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943  |
| SF | Schummer  | s/inf.   | s/inf. | Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943  |
| SM | Siegfried Frederich Bernheim (ou Fr d rico Berhneim da Costa) | Apátrida | s/inf. | Nasceu em Munique, Alemanha. Esteve na Ericeira, vindo de Lisboa, em dezembro de 1943. Volta a aparecer informa o sua no Livro de Registos de Hóspedes da Pensão Morais, Ericeira, em dezembro de 1945 e início de 1946 (tinha vindo da Casa de Saúde de Lousa). Era realizador de cinema alemão e, em 1946, tinha 41 anos. Em janeiro de 1946, passaria a fixar-se nas CR. Numa pequena adenda, encontrada na documenta o das CR (sem data), aparece-nos a referência a este indivíduo, nomeando-o como Fr d rico Berhneim da Costa e indicando que tinha estado na Casa de Saúde de Lousa de Cima (Loures) |

|    |                     |          |        |   |
|----|---------------------|----------|--------|---|
| SM | Siegfried Rosenthal | Alemanha | s/inf. | <p>Chegou a Portugal, em junho de 1938. Esteve em Coimbra uns meses, mais tarde, foi para Lisboa, onde trabalhou na HICEM. Em 1942, foi enviado para as Caldas da Rainha, onde permaneceu até data desconhecida. Informação retirada da obra de Esther Mucznik, intitulada «Portugueses no Holocausto» (Lisboa: A esfera dos livros, 2ª ed., p. 59). Este refugiado faz referência à sua estadia nas Caldas da Rainha (onde ensinou português a outros refugiados) num documentário realizado em Lisboa nos anos 1990, intitulado «Lissabon, hafen der Hoffnung (Lisboa, porto de esperança)»</p> |
| SM | Sigmund Teichtal    | Áustria  | s/inf. | <p>Nasceu em Viena, Áustria, a 22 de março de 1900. Profissão: Engenheiro. Apátrida (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC)</p>   |

|    |                                |            |                      |  |
|----|--------------------------------|------------|----------------------|--|
| SF | Silly/Sara Seifman             | Alemanha   | s/inf.               | Nasceu em Colónia, a 2 de fevereiro de 1914. Recebeu visto do Canadá e partiu de Lisboa no navio Serpa Pinto a 23 de março de 1944, passando pelos EUA, com destino ao Canadá (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC). Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943 |
| SF | Sofia Mabel Ingeborg Flugel    | Inglaterra | s/inf.               | Entrada no Aeroporto, a 26 de agosto de 1948   |
| SM | Songsiri Sithawaja             | s/inf.     | s/inf.               | Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943  |
| SF | Sybil Enid Elliot Radcliffe    | Inglaterra | s/inf.               | s/inf.   |
| SF | Sylvia Benita Frances Assheton | Inglaterra | Hotel o Facho (1947) | s/inf.   |

|    |                             |            |                                      |  |
|----|-----------------------------|------------|--------------------------------------|--|
| SF | Sylvia Rosenstock           | Apátrida   | s/inf.                               | Nasceu em Lisboa, Portugal, a 9 de janeiro de 1941. Filha de Bernhard e Ida Rosenstock. Apátrida (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC) |
| SF | Tania Lissan                | Rússia     | s/inf.                               | Nasceu em Kiev, Ucrânia, a 28 de fevereiro de 1896 (informações retiradas de «List of persons who received canadian visas in Portugal as of February 12, 1944» e «List of refugees included in canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS "Serpa Pinto", March 23, 1944», Archives JDC)   |
| SF | Tema (ou Tenia?) Feigenbaum | Apátrida   | s/inf.                               | s/inf.   |
| SM | Terech Stanislaw Janoslaw   | Apátrida   | Hotel do Facho, Foz do Arelho (1952) | s/inf.   |
| SM | Thomas Cuthbertson          | Inglaterra | s/inf.                               | Entrada no Aeroporto, a 2 de agosto de 1948  |
| SM | Thomas Wilding              | Inglaterra | s/inf.                               | s/inf.   |

|    |                     |          |        |  |
|----|---------------------|----------|--------|--|
| SM | Timóteo Moreno Roiz | Espanha  | s/inf. | Natural de Santilanez de Beja, Salamanca, Espanha. Profissão: Caixeiro Viajante. Filiação: Carlos Moreno e Doroteia Roiz. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 39). |
| SM | Tino Clavari        | Itália   | s/inf. | Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943. Era um famoso pugilista. Recordam-nos a D. Emília Calheiros Viegas, numa entrevista publicada pelo Suplemento Gazeta das Caldas, nº 13, a 24 de maio de 1991, p. 5, bem como, José A. Pimentel, numa entrevista publicada no mesmo suplemento, p. 9                 |
| SF | Valentine Kurow     | Apátrida | s/inf. | Recebeu visto de Aristides de Sousa Mendes, em Bordéus, a 5 de junho de 1940. Entrou em Portugal e saiu no navio Exeter de Lisboa para Nova Iorque, em agosto de 1940. Possivelmente, terá passado pelas Caldas da Rainha (informações retiradas de Aristides de Sousa Mendes Foundation)  |
| SM | Verner Majer        | Alemanha | s/inf. | Tinha, em 1944, 27 anos. Referenciado no Livro de Registo de Hóspedes da Pensão Morais (1943-1946), na Ericeira. Informação retirada da obra de José Caré Júnior, «Ericeira 50 anos depois...os refugiados estrangeiros da 2ª Guerra Mundial (Mar de Letras: Ericeira, 3ª ed., 1998)   |



|    |                                   |            |   |  |
|----|-----------------------------------|------------|---|--|
| SF | Vicenta Ferrer Iglesias de Valero | Chile      | Rua Heróis da Grande Guerra, nº 129 - 2º, Caldas da Rainha (1947) | s/inf.   |
| SF | Vicenta Valero Ferrer             | Chile      | Rua Heróis da Grande Guerra, nº 129 - 2º, Caldas da Rainha (1947) | s/inf.   |
| SM | Vicente Marti Clérigues           | Espanha    | Rua Alexandre Herculano, nº66, Caldas da Rainha (1953)            | s/inf.   |
| SF | Victorina (?)                     | Espanha    | s/inf.  | Natural de Loria, Espanha. Profissão: Doméstica. Filiação: Gabino e Juliana. Há referência à sua legalização de residência nas CR, ainda que a data seja desconhecida (Fonte: ADLRA, GCL, Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários concelhos do Distrito, fl. 45) |
| SM | Walter Scott                      | Inglaterra | Hotel o Facho (1947)  | s/inf.   |
| SM | Wavrek Kalman János               | Hungria    | Av. Visconde de Sacavém, nº 23                                    |  |

|    |                     |          |  |  |
|----|---------------------|----------|--|--|
| SM | Weinreb             | s/inf.   | s/inf.                                 | Participou no torneio de lawn-tennis, nas Caldas da Rainha, em 1943. Crê-se que a sua mulher, Ella (51 anos) e filha Jenny (16) tenham embarcado rumo à Jamaica no navio Serpa Pinto, a 24 de janeiro de 1942 (informações retiradas de «Passangers sailed SS Serpa Pinto Destination Jamaica», Archive JDC) |
| SF | Well Schneider      | Apátrida | s/inf.                                 |  |
| SF | Zélie da Cruz Maury | França   | Hotel Central, Caldas da Rainha (1947) | s/inf.   |

## Fontes e estudos

### Fontes Manuscritas

#### **Arquivo da Câmara Municipal das Caldas da Rainha (ACMCR):**

1. Livros de Registo de Enterramento do Cemitério de Nossa Senhora do Pópulo, ls. 11-33 (1940-1980).

#### **Arquivo do Clube de Ténis das Caldas da Rainha (ACTCR):**

1. Espólio Fotográfico.

#### **Arquivo Distrital de Leiria (ADLRA):**

1. Periódicos: *Gazeta das Caldas* (1939-1940; 1942-1950).
2. Governo Civil de Leiria: Registo de Estrangeiros (1927-1945); Registo de Estrangeiros que legalizaram a sua situação nos vários Concelhos do Distrito; Registo dos Bilhetes para residência dos Estrangeiros (1927-1929); Registo de Estrangeiros (1930-1938); Estrangeiros em Portugal. Correspondência recebida sobre Estrangeiros (1937-1946): Pasta Estrangeiros 1941 – 1942; Pasta Estrangeiros – 1942; Pasta Estrangeiros – 1943; Pasta Estrangeiros – 1944.

#### **Arquivo Histórico da Biblioteca Municipal das Caldas da Rainha (AHBMCR):**

1. Cx. Correspondência expedida do turismo (1937-1942);
2. Cx. Estrangeiros (1939-1955): Pasta Estrangeiros (1944-1947); Pasta Estrangeiros apresentados; Pasta Estrangeiros a aguardar instruções da Polícia Internacional; Pasta queixas à polícia e correspondência da Embaixada Inglesa; Pasta Câmara Municipal das Caldas da Rainha, Serviços Policiais; Pasta Géneros Alimentícios (1939-1945);
3. Cx. Estrangeiros: Pasta Estrangeiros. Legislação, impressos e guias de receita; Pasta Estrangeiros (1950); Pasta Estrangeiros (1951-1952); Pasta Estrangeiros

(1953-1954); Pasta Câmara Municipal das Caldas da Rainha, Declarações de nacionalidade e domicílio.

4. Cx. Ofícios recebidos (1941-1943): Ofícios recebidos (1941); Ofícios recebidos (1943).

#### **Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ATT):**

1. Arquivo da PIDE/DGS.

#### **Associação Património Histórico – Grupo de Estudos (PH):**

1. Espólio Fotográfico PH:
  - 1.1 Espólio Fotográfico Geral;
  - 1.2 Espólio de Alfredo Pinto (Sacavém)
  - 1.3 Espólio de António Passaporte;
  - 1.4 Espólio de Neto Pereira.

#### **Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC):**

1. Periódicos: *Gazeta das Caldas* (1941) e *O Primeiro de Janeiro* (1943).

#### **Centro Documental de la Memoria Histórica de Salamanca (CDMH):**

1. Víctimas de la Guerra Civil y Represaliados del Franquismo.

## Fontes Impressas

#### **Instituto Nacional de Estatística (INE):**

*VIII Recenseamento Geral da População no continente e ilhas adjacentes em 12 de Dezembro de 1940*. Distrito de Leiria. Vol. XI. Lisboa: INE, Sociedade Astória Limitada, 1944.

*IX Recenseamento Geral da População no continente e ilhas adjacentes em 15 de Dezembro de 1950.* Distrito de Leiria. Tomo I. Lisboa: INE, Sociedade Astória Limitada, 1952.

## Fontes disponíveis online

**Aristides de Sousa Mendes Foundation (ASMF), EUA**  
(<http://sousamendesfoundation.org/>):

1. Vistos, testemunhos e fotografias de famílias nas Caldas da Rainha.

**American Jewish Year Book Archive (AJC), EUA** (<http://www.ajcarchives.org/>):

1. AJYB, Vol. 42 (1940-1941), XV. The refugee Problem, p. 444-457;
2. AJYB, Vol. 43 (1941-1942), Review of the year 5701 – Portugal, p. 203-204;
3. AJYB, Vol. 44 (1942-1943), Review of the year 5702 – Portugal, p. 231-232.

**Archive American Jewish Joint Distribution Committee (JDC), EUA**  
(<http://archives.jdc.org/>):

1. Espólio Fotográfico.
2. Listas de saída de Portugal:
  - 2.1 Su Liste nr. 157 Dampfer «Serpa Pinto» Linie: Compania Colonial de Navegação, Lissabon. Abfahrt: 10 März 1941 ab Lissabon nach USA;
  - 2.2 Comissão Portuguesa de Assistência aos Judeus Refugiados: Specification (Berlin Account) SS «Serpa Pinto» sailed from Lisbon June 12, 1941;
  - 2.3 SS «Serpa Pinto», September 1941;
  - 2.4 List of refugees aided by the HIAS-ICA emigration association (HICEM) Lisbon, together with amount expended, October 10<sup>th</sup> 1941;
  - 2.5 Vigo, November 1941;
  - 2.6 Passengers sailed SS Serpa Pinto destination Jamaica, January 24<sup>th</sup>, 1942;
  - 2.7 Passenger list SS Serpa Pinto, June 1942;
  - 2.8 Passengers on the SS «Serpa Pinto», Nov. 29, 1942;

- 2.9 Passengers list, SS Serpa Pinto, January 9, 1943. Sailing from Lisbon;
- 2.10 Passengers list, SS Serpa Pinto, April 30, 1943;
- 2.11 List of Passengers SS Serpa Pinto, August 19, 1943;
- 2.12 Passengers list of S/S «Serpa Pinto», Arrived Oct. 14, 1943;
- 2.13 List of persons who have received Canadian visas in Portugal as of February 12, 1944;
- 2.14 List of refugees included in Canadian project who embarked in Lisbon for Philadelphia in transit to Canada on SS «Serpa Pinto», March 23, 1944;
- 2.15 JDC, General Letter No. 1030, May 16, 1944;
- 2.16 List of Polish passengers to Cuba or Jamaica [sem data].

**Bibliothèque nationale de France (BnF), França**  
[\(http://data.bnf.fr/16238732/la\\_rochefoucauld-doudeauville/\)](http://data.bnf.fr/16238732/la_rochefoucauld-doudeauville/).

**Fundação Mário Soares (FMS), Portugal** (<http://www.fmsoares.pt/>):

- 1. Diário de Lisboa (1 de setembro de 1939; janeiro a julho de 1940; agosto de 1943).

**Leo Baeck Institute (LBI), New York/Berlin** (<https://archive.org/details/aufbau/>):

- 1. Aufbau Journal (18 de outubro de 1940).

**National Portrait Gallery (NPG), UK** (<http://www.npg.org.uk/>):

- 1. Espólio Fotográfico.

**United States Holocaust Memorial Museum, USA** (<https://www.ushmm.org/>):

- 1. Espólio Fotográfico.

**Yad Vashem – The World Holocaust Remembrance Center, Israel**  
[\(http://www.yadvashem.org/\)](http://www.yadvashem.org/):

- 1. Espólio Fotográfico.

## Estudos

*A situação dos refugiados no mundo 2000: cinquenta anos de acção humanitária.*  
Nova Iorque: ACNUR, 2000.

ABREU, Leonor – *Roteiro toponímico da cidade.* Coord. de Victor GANCHO.  
Caldas da Rainha: Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1995.

AFONSO, Rui – *Injustiça. O caso Sousa Mendes.* Lisboa: Editorial Caminho,  
1990.

AFONSO, Rui – *Um homem bom. Aristides de Sousa Mendes, o «Wallenberg  
Português»?* Lisboa: Editorial Caminho, 1995

ALMEIDA, Pedro Ramos de – *O racismo, Salazar e a Segunda Guerra Mundial.*  
*Vértice.* Nº 69 (1995) 87-92.

ANTUNES, José Freire – *Judeus em Portugal, o testemunho de 50 homens e 50  
mulheres.* Lisboa: Edeline, 2002.

AULETE, Caldas – *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa.* 2º ed.  
Vol. 2. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1925.

BENARUS, Adolfo – *O Anti-semitismo.* Lisboa: Sociedade Nacional de  
Tipografia, 1937.

BIENENSTOCK, Myriam – *Dévoir de mémoire? Les lois mémorielles et  
l'histoire.* Paris: Éditions de l' éclat, 2014.

BLAUFUKS, Daniel – *Sob céus estranhos, uma história de exílio.* Lisboa: Tinta  
da China, 2007.

BROWNING, Christopher – *The Final Solution and the german foreign office.*  
Nova Iorque: Holmes & Meier, 1978.

CAMPOS, José Torres – *Memória do Portugal no meu tempo (1932-2010).*  
Lisboa: Companhia das Cores, 2011.

CHALANTE, Susana - *O discurso do Estado Salazarista perante o «indesejável»  
(1933-1939).* *Análise Social.* Vol. XLVI (2011) 41-63

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1309942602C0oPL0ev9En12LV7.pdf>.

[Consultado a 23/10/2016 às 16h00](#)).

CARVALHO, António e PACHECO, Cristina (coord.), *Tempo de guerra: Portugal, Cascais, Estoril e os refugiados na Segunda Guerra Mundial: catálogo da exposição*. Cascais: C.M., D. L., 2004.

CORREIA, Maria Assunção Pinto – Lisboa 1940 - escritores em trânsito. In O JUDAÍSMO *na cultura ocidental*. Colóquio Internacional. Lisboa: Acarte, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

CRUZ, Manuel Braga da – Notas para uma caracterização política do salazarismo. *Análise Social*. Vol. XVIII (1982) 773-794.

EMONTS, Anne Martina - *Mechtilde Lichnowsky – Sprachlust und Sprachkritik*. Alemanha: Königshausen & Neumann, 2009.

ERIKSEN, Trond Berg et alli – *História do anti-semitismo da antiguidade aos nossos dias*. Lisboa: edições 70, 2010.

FARIA, Eduardo de – *Novo Dicionario da Lingua Portuguesa*. 2ª ed. Vol. 4. Lisboa: Typographia Universal, 1853.

FORSADO, Rui – *As ruas das Caldas (achegas para uma toponímia caldense)*. Caldas da Rainha: Tipografia Gazeta das Caldas, 1969.

FRAGOSO, Fernando – *Hollywood em Lisboa*. Porto: Vida Mundial Editora, 1942.

FRANCO, Manuela – Os judeus em Portugal, 1926-1974. In DICIONÁRIO *da História de Portugal*. Suplemento, Vol. VIII. Coord. de Filomena MÓNICA e António BARRETO. Porto: ed. Figueirinha, 1999, p. 314-324.

FRANCO, Manuela (Dir. Científica) - *Vidas Pougadas. A acção de três diplomatas portuguesas na II Guerra Mundial*. Lisboa: Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2000.

FRANCO, Manuela – Diversão Balcânica, os israelitas portugueses de Salónica. *Análise Social*. Vol. XXXIX (2004) 119-147.



GILBERT, Martin – *A Segunda Guerra Mundial*. 6ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2010.

GUENO, Jean Pierre e PECNARD, Jerome – *Estrelas da Memória. Crianças do silêncio. Memória de crianças escondidas, 1939-1945*. Dir. de Esther MUCZNIK. Reborn, 2005.

GUTMAN, Israel - *Holocausto y Memoria*. ed. Espanhola. Jerusalém: Centro Zalman Chazar de Historia Judia, Yad Vashem, 2003.

HALEVY, Michael Studemund – Salvação no longínquo distante: o congresso sefardita de Amsterdão em 1938, Portugal e os portugueses de Hamburgo. *Revista de Estudos Judaicos*. N. 3 (1996) 61-82.

HAYOUN, Maurice-Ruben – *O Judaísmo*. Lisboa: Editorial Teorema, 2007.

HEINRICH, Christa et alli – *Fugindo a Hitler e ao Holocausto. Refugiados em Portugal entre 1933-1945*. Lisboa: Goethe-Institut Lissabon, 1994.

HEINRICH, Christa - Preservar do esquecimento. Refugiados na região de Coimbra e da Curia. *Vértice*. 69. II série (1995) 16-21.

HILBERG, Raul – *La destruction des Juifs d'Europe*. Paris: Fayard D. L., 1997.

JUDT, Tony - *Pós-Guerra. História da Europa desde 1945*. Lisboa: Edições 70, 2006.

JÚNIOR, José Caré – *Ericeira 50 anos depois...os refugiados estrangeiros da 2ª Guerra Mundial*. 3ª ed. Ericeira: Mar de Letras, 1998.

LIMA, Maria João e NEVES, José Soares – *Cascais e a 'memória dos exílios'*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 2005.

LITWINSKI, Leon e Samuel Schwarz – *Anti-semitismo*. Conferências realizadas em 27 de junho de 1944, sob os auspícios da Associação dos cidadãos polacos em Lisboa. Lisboa: 1944.

LOSA, Ilse – *À flor do tempo*. Porto: Edições Afrontamento, 1997.

LOSA, Ilse – *Sob Céus Estranhos*. 4ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 2000.

LOSA, Ilse – *O mundo em que vivi*. 35ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 2015.

LOUÇÃ, António; Eva Bán – O regime salazarista e os refugiados. *Política Internacional*. Vol. 1 (1994) 177-185.

MADEIRA, Lina Alves – *Alberto da Veiga Simões: esboço biográfico*. Coimbra: Quarteto, 2002.

MADEIRA, Lina Maria Gonçalves Alves – *O mecanismo de (des)promoção do MNE: o caso paradigmático de Aristides de Sousa Mendes*. 2 vols. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2013.

MAMEDE, Adelino et alli – *Página de História*. 13. In SUPLEMENTO da *Gazeta das Caldas*. Coord. de Carlos CIPRIANO. Caldas da Rainha: Gazeta das Caldas, 1991.

MANTELLI, Brunello – XX. As perseguições e o extermínio dos judeus na Europa. In *HISTÓRIA Universal*. Rev. Científica de António LOUÇÃ. Vol. 15. Lisboa: Planeta Deagostini, 2005, p. 713-744.

MARTINS, Maria João - *O paraíso triste: o quotidiano em Lisboa durante a II Guerra Mundial*. Lisboa: Veja, 1994.

MARUJO, António – *A lista do Padre Carreira. A história desconhecida do português de escondeu refugiados durante a Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Vogais, 2016.

MILGRAM, Avraham – Portugal, the consuls, and the Jewish Refugees, 1938-1941. *Shoah Resource Center* (1999) 1-31.

MILGRAM, Avraham – *Portugal, Salazar e os Judeus*. Lisboa: Gradiva, 2010.

MONTEIRO, Nuno Gonçalves – O anti-semitismo nazi e os anti-semitas portugueses. *História*. 7 (1979) 2-17.

MUCZNIK, Esther – A Comunidade de Lisboa e o apoio aos refugiados. *Revista de Estudos Judaicos*. Nº 5 (2001) 70-78.

MUCZNIK, Esther – Anti-semitismo: uma velha questão, sempre actual. In *DANÇA dos demónios, Intolerância em Portugal*. Coord. de António MARUJO e José F. FRANCO. Lisboa: Círculo de Leitores, 2009, p. 29-89.

MUCZNIK, Esther – *Portugueses no Holocausto. Histórias das vítimas dos campos de concentração, dos cônsules que salvaram vidas e dos resistentes que lutaram contra o nazismo*. 2ª ed. Lisboa: A esfera dos Livros, 2015.

MÜHLEN, Patrik von zur – Portugal, itinerário de fuga. *Vértice*. 69. II série (1995) 11-15.

MÜHLEN, Patrik von zur – *Caminhos de fuga Espanha-Portugal. A emigração alemã para fora da Europa de 1933-1945*. Coimbra: IUC, 2012.

NEVES, Jaime – *Roteiro antigo e actual das ruas das Caldas da Rainha*. Caldas da Rainha: Ed. de autor, 2004.

NUNES, João Paulo Avelãs - *Caminhos de fuga Espanha-Portugal. A emigração alemã para fora da Europa de 1933-1945*. Coimbra: IUC, 2012 (Prefácio).

PARNES, Livia – *Présences juives dans le Portugal contemporain (1820-1939)*. Paris: E.H.E.S.S., 2002.

PAYNE, Stanley G. – Autoritarisme portugais et autoritarismes européens. *Revista de História das Ideias*. Vol. 16 (1994) 7-18.

PEREIRA, Carolina Henriques – A presença de refugiados nas Caldas da Rainha durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). *Cadernos de Estudos Leirienses*. 8 (2016) 323-339.

PIMENTEL, Irene Flunser – Refugiados entre Portugueses (1933-1945). *Vértice*. 69. II série (1995) 102-111.

PIMENTEL, Irene Flunser – Refugiados. In *DICIONÁRIO de história do Estado Novo*. Dir. de Fernando ROSAS e J. M. Brandão de BRITO. Vol. II: M-Z. Venda Nova: Bertrand Editora, 1996, p. 823-825.

PIMENTEL, Irene Flunser – Portugal, porto de abrigo. *História*. 8 (1998) 16-25.

PIMENTEL, Irene Flunser – Anti-semitismo português na primeira metade do século XX. *História*. 15 (1999) 42-53.

PIMENTEL, Irene Flunser e MILGRAM, Avraham – Refugiados na Segunda Guerra Mundial. In *DICIONÁRIO do judaísmo português*. Coord. de Lúcia L. MUCZNIK, José Alberto R. S. TAVIM, Esther MUCZNIK e Elvira de Azevedo MEA. Lisboa: Editorial Presença, 2009, p. 439-451.

PIMENTEL, Irene Flunser e NINHOS, Cláudia - *Salazar, Portugal e o Holocausto*. Lisboa: Temas e Debates-Círculo de Leitores, 2013.

PIMENTEL, Irene Flunser - *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial. Em fuga de Hitler e do Holocausto*. 4ª ed. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2015.

PIMENTEL, Irene Flunser e RAMALHO, Margarida de Magalhães – *O comboio do Luxemburgo. Os refugiados judeus que Portugal não salvou em 1940*. Lisboa: A esfera dos Livros, 2016.

RAMALHO, Margarida de Magalhães - *Lisboa uma cidade em tempo de guerra*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012.

RAMALHO, Margarida de Magalhães – *Vilar Formoso – Fronteira da Paz*. Almeida: Câmara Municipal de Almeida, 2014.

REDOL, Alves – *O Cavalo Espantado*. Lisboa: Portugália Editora, 1960.

REMARQUE, Erich Maria – *Uma noite em Lisboa*. Parede: Camões e Companhia, 2010.

ROSAS, Fernando – *Portugal entre a Paz e a Guerra: estudo do impacte da II Guerra Mundial na economia e sociedade portuguesa: 1939-1945*. Lisboa: Editorial Estampa, 1990.

ROSAS, Fernando – O Estado Novo (1926-1974). In *HISTÓRIA de Portugal*. Dir. José MATTOSO. Vol. 7. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

RUY, José – *Aristides de Sousa Mendes. Herói do Holocausto*. Lisboa: Âncora Editora, 2005.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de – *Carta a um refém*. Lisboa: Relógio D'Água, 2015.

SCHAEFER, Ansgar – Obstáculos no caminho para a liberdade. In *ASPECTOS e tendências de Estudos Germanísticos em Portugal*. Ed. de António C. FRANCO e Eberhard A. WILHELM. Lisboa: Instituto Alemão, 1992, p. 85-94.

SCHAEFER, Ansgar – *Portugal e os refugiados judeus provenientes do território alemão (1933-1940)*. Coimbra: IUC, 2014.

SERRA, João B. – *Introdução à história das Caldas da Rainha*. 2ª ed. Caldas da Rainha: Património Histórico, 1995.

SERRA, João B. – *21 anos pela história: Caldas da Rainha, estudos, notas e documentos*. Caldas da Rainha: Património Histórico, 2003.

SIMÕES, Dulce – *A Guerra de Espanha na raia luso-espanhola. Resistências, solidariedades e usos da memória*. Lisboa: Edições Colibri, 2016.

SOURE, Dulce e XIMENES, Marina – *Marcas da II Guerra em Caldas da Rainha*. Caldas da Rainha: Património Histórico – Grupo de Estudos da Câmara Municipal das Caldas da Rainha, 1998.

TAVARES, Mário – *Caldas da Rainha no tempo da II Guerra Mundial*. Caldas da Rainha: Património Histórico, 2009.

TEIXEIRA, Christina Heine – Refugiados nos anos 40. A ociosidade forçada. *Revista de Estudos Judaicos*. 5 (2001) 62-69.

TELO, António José – *Portugal na Segunda Guerra (1941-1945)*. Vols. 1 e 2. Lisboa: Vega, 1991.

TELO, António José - *Ericeira 50 anos depois...os refugiados estrangeiros da 2ª Guerra Mundial*. 3ª ed. Ericeira: Mar de Letras, 1998 (Prefácio).

TEPPICH, Fritz – *Um refugiado na Ericeira*. Ericeira: Mar de Letras, 1999.

TIAGO-STANKOVIĆ, Dejan – *Estoril, um romance de guerra*. Lisboa: Book Builders, 2016.

VAQUINHAS, Irene - *O Casino da Figueira, sua evolução histórica desde o Teatro-Circo à actualidade (1884-1978)*. Coimbra: Palimage, 2012.

VAQUINHAS, Irene – Huyendo de la Guerra Civil: los refugiados españoles en Figueira da Foz (1936-1939). *Actas del XII Congreso de la Asociación de Historia Contemporânea* (2015) 4833-4856.

VAZ, Fonseca – *História do Lawn-Tennis*. Lisboa: Impretipo, 1976.

VILLEGAS, Jean-Claude (Coord.) – *Plages d' exil: les camps de refugies espagnols en France – 1939*. Dijon: Bibli. de Documentation Internationale Contemporaine, 1989.

VITAL, David – *A people apart. The jews in Europe 1789-1939*. Oxford: University Press, 1999.

WASSERSTEIN, Bernard – *On the eve. The Jews of Europe before the Second World War*. London: Profile Books, 2013.

WASSERSTEIN, Bernard - *Do Holocausto à salvação: a mulher que ajudou a salvar milhares de judeus*. Lisboa: Vogais, 2014.

WHEELER, Douglas L. – And who is my neighbor? A World War II Hero of Conscience for Portugal. *Revista de Estudos Judaicos* (1995) 19-35.

WILHELM, Eberhard Axel – 17 anos de exílio na Madeira – um casal alemão refugiado de Hitler chegou cá há 50 anos. *Atlântico*. 9 (1987), 27-31.

WILHELM, Eberhard Axel – Uma figura ilustre da antiga colónia alemã do Funchal: o médico judeu Walter Belmonte. *Isleña*. 15 (1994) 37-40.

WILHELM, Eberhard Axel – João Wexler: vendendo bordados e antiguidades, um refugiado judeu fez fortuna na ilha da Madeira. *Revista de Estudos Judaicos*. 3 (1996) 83-92.

WILHELM, Eberhard Axel – Ernesto Walther Boesser na Madeira (1937-1950): os treze anos de exílio de um pintor e botânico alemão. *Isleña*. 19 (1996) 119-123.